



**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
GIULIA CERQUEIRA MARES ESPOSITO**

**HOSPITALIDADE SOB A PERSPECTIVA DA DÁDIVA NAS CASAS DE  
UMBANDA EM SÃO PAULO**

São Paulo

**GIULIA CERQUEIRA MARES ESPOSITO**

**HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE SOB A PERSPECTIVA DA DÁDIVA NAS  
CASAS DE UMBANDA EM SÃO PAULO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi da Anima Educação, como requisito para obtenção do título de Mestre em Hospitalidade.

Orientador: Profa. Sênia Regina Bastos, Dra

São Paulo

2022

**GIULIA CERQUEIRA MARES ESPOSITO**

**HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE SOB A PERSPECTIVA DA DÁDIVA NAS  
CASAS DE UMBANDA EM SÃO PAULO**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Hospitalidade e aprovada e sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi da Ânima Educação.

São Paulo, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022

---

Profa. e orientadora Sênia Regina Bastos, Dra  
Universidade Anhembi Morumbi

---

Prof. Paulo Sergio Gonçalves de Oliveira, Dr  
Universidade Anhembi Morumbi

---

Prof. Leandro Beneditini Brusadin, Dr  
Universidade Federal de Ouro Preto

Ficha Bibliográfica elaborada pela biblioteca UAM  
Com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

E79h      Esposito, Giulia Cerqueira Mares  
Hospitalidade sob a perspectiva da dádiva nas casas de umbanda  
em São Paulo / Giulia Cerqueira Mares Esposito – 2023.  
208f.: 30 cm.

Orientador: Prof. Dra. Sênia Regina Bastos.  
Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) - Universidade Anhembí  
Morumbi, São Paulo, 2023.  
Bibliografia: f. 82-91.

1. Hospitalidade. 2 Dádiva. 3 Umbanda. 4. Ritual. 5. Mito.  
I. Título.

CDD 647.94

A meu avô (in memoriam), que sempre me incentivou a continuar aprendendo.

À umbanda, Saravá!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus amigos e familiares, que me incentivaram e apoiaram ao longo desses dois anos de mestrado.

À Jéssika por estar do meu lado desde o processo seletivo e, mesmo nos momentos desafiadores, me ouviu e incentivou.

Aos meus pais e avós, por serem meus exemplos de vida e me incentivarem a crescer e aprender mais. A Laura por me ouvir e acolher em todos os momentos.

À minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sênia Regina Bastos, por toda a paciência, o apoio e a confiança ao longo desses anos. Cujas aberturas e conhecimentos trouxeram importantes reflexões sobre a hospitalidade e abriram meus horizontes.

Agradeço também ao Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin, que me introduziu ao mundo da Hospitalidade, por confiar em mim e abraçar minha ousada proposta de estudar Umbanda em um curso de Turismo, me guiando para que eu chegasse aqui hoje.

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, por todos os conhecimentos compartilhados.

Aos meus colegas da Anhembi Morumbi, pelas trocas nas aulas e também fora delas.

Agradeço a Umbanda, por mudar os meus horizontes e me mostrar um mundo mágico e encantado.

Gostaria de agradecer também à acolhida e contribuição dos entrevistados desta pesquisa, que se abriram para compartilhar sua vida e jornada comigo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade Anhembi Morumbi, pelo fundamental apoio financeiro que viabilizou esse trabalho.

## RESUMO

A presente dissertação tem por finalidade compreender as relações de hospitalidade e hostilidade nas casas de umbanda em São Paulo-SP. A hospitalidade, que tem como subsídio epistemológico a perspectiva da dádiva e a fenomenologia do acolhimento, é um fato social total de caráter polissêmico que enfatiza as trocas realizadas entre diferentes atores. Permeando a tríade dar-receber-retribuir, encontra-se a ideia de sacrifício e dívida, associado aos seres sagrados, aos homens e às suas coisas. A umbanda é uma religião afro-brasileira cuja transmissão de saberes se dá por meio de seus rituais, mitos, festas e tradições. Para compreender as relações interpessoais e trocas realizadas entre os indivíduos dentro das casas de umbanda e suas interfaces com a hospitalidade e a hostilidade, foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório com relação ao objetivo. Este estudo adota pesquisa bibliográfica e documental, a realização de entrevistas com pais, mães e filhos de santo e a técnica de análise de conteúdo para a interpretação e análise do material. Essa pesquisa contribui com a área da hospitalidade por ampliar o campo de estudos sobre hospitalidade e religiosidade, refletindo sobre diferentes religiões para além da católica, onde se concentram os estudos atuais. Os resultados apontam que na dimensão simbólica e cultural umbandista, os diferentes ritos de passagem têm um importante papel na criação e manutenção de laços entre os sujeitos participantes dos rituais, especialmente na dimensão do acolhimento e sociabilidade. Tanto no cotidiano religioso como na mitologia e teologia da umbanda, é possível observar as interfaces com a hospitalidade e a hostilidade.

**Palavras-chave:** Hospitalidade. Dádiva. Umbanda. Ritual. Mito.

## ABSTRACT

This dissertation aims to understand the relations of hospitality and hostility in Umbanda houses in São Paulo-SP. Hospitality, whose epistemological subsidy is Mauss' perspective of the gift and the phenomenology of welcoming, is a *total social phenomenon* of a polysemic nature that emphasizes the exchanges conducted between different actors. Permeating the Theory of the Gift is the idea of sacrifice and debt, associated with sacred beings, men, and their things. Umbanda is an Afro-Brazilian religion whose transmission of knowledge takes place through its rituals, myths, and traditions. To understand the interpersonal relationships and gift exchanges carried out between individuals within the Umbanda *terreiros* and their interfaces with hospitality and hostility, a qualitative, exploratory research has been carried out. This study adopts bibliographic and documentary research, interviews, and content analysis technique for the interpretation and analysis of the material. This research contributes to the field of hospitality by expanding the field of studies on hospitality and religiosity, reflecting on different religions beyond Catholicism, where current studies are centered. The findings suggest that the numerous rites of passage play an important role in the creation and maintenance of bonds between the subjects participating in the rituals, particularly in the dimension of welcome and sociability, in the symbolic and cultural Umbanda dimension. Both in religious daily life and in Umbanda mythology and theology, the interfaces with hospitality and hostility are evident.

**Keywords:** Hospitality. Umbanda. Ritual. Gift. Myth.

## RESUMÉN

Esta disertación tiene como objetivo comprender las relaciones de hospitalidad y hostilidad en las casas de Umbanda en São Paulo-SP. La hospitalidad, cuyo subsidio epistemológico es la perspectiva maussiana del don y la fenomenología de la acogida, es un hecho social total de carácter polisémico que enfatiza los intercambios realizados entre diferentes actores. En la tríada dar-recibir- devolver está impregnada la idea de sacrificio y deuda, asociada a los seres sagrados, los hombres y sus cosas. Umbanda es una religión afrobrasileña cuya transmisión de conocimientos se realiza a través de sus rituales, mitos, fiestas y tradiciones. Para comprender las relaciones interpersonales y los intercambios realizados entre los individuos dentro de los *terreiros* de Umbanda y sus interfaces con la hospitalidad y la hostilidad, se realizó una investigación cualitativa exploratoria en relación con el objetivo. Este estudio adopta investigación bibliográfica y documental, entrevistas con padres, madres e hijos de santos y la técnica de análisis de contenido para la interpretación y análisis del material. Esta investigación contribuye al campo de la hospitalidad ampliando el campo de estudios sobre hospitalidad y religiosidad, reflexionando sobre diferentes religiones más allá del catolicismo, donde se concentran los estudios actuales. Los resultados indican que, en la dimensión simbólica y cultural de la Umbanda, los diferentes ritos de pasaje tienen un papel importante en la creación y mantenimiento de vínculos entre los sujetos participantes de los rituales, especialmente en la dimensión de acogida y sociabilidad. Tanto en la vida religiosa cotidiana como en la mitología y teología de Umbanda, es posible observar las interfaces con la hospitalidad y la hostilidad.

**Keywords:** Hospitalidad. Umbanda. Ritual. Don. Mito.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Roteiro da entrevista com pais e mães de santo e filhos de santo	26
Quadro 2 – Entrevistas realizadas .....	28
Quadro 3 – Matriz de Amarração Teórica.....	31

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>20</b>
2.1.	PROBLEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA.....	20
2.2	TIPO DE PESQUISA .....	20
2.3	COLETA DE DADOS.....	22
2.3.1	Pesquisas bibliográfica e pesquisa documental .....	22
2.3.2	Entrevistas.....	24
2.4	ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS.....	29
2.5	DESAFIOS DA PESQUISA .....	34
<b>3</b>	<b>HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM PROL DA MANUTENÇÃO DOS LAÇOS.....</b>	<b>36</b>
3.1	HOSPITALIDADE E DÁDIVA .....	36
<b>4</b>	<b>UMBANDA.....</b>	<b>45</b>
4.1.	Uma breve história da umbanda .....	45
4.2	Os mitos e arquétipos de umbanda.....	50
4.2.1	Os Orixás na umbanda e os Rituais de Hospitalidade e Hostilidade.....	56
<b>5</b>	<b>HOSPITALIDADE, RELIGIOSIDADE E UMBANDA .....</b>	<b>67</b>
5.1	Hospitalidade e religiosidade.....	67
5.2	Acolhimento e a sociabilidade: hospitalidade ou hostilidade? .....	72
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>83</b>
	<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1 .....</b>	<b>93</b>
	<b>APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2 .....</b>	<b>107</b>
	<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3 .....</b>	<b>128</b>
	<b>APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4 .....</b>	<b>144</b>
	<b>APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5 .....</b>	<b>154</b>

**APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6..... 178**

**APÊNDICE G – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 7 ..... 193**

## 1 INTRODUÇÃO

A umbanda é uma religião afro-brasileira que apresenta, em seu universo simbólico, elementos culturais, ritualísticos, valores e tradições resultantes de circularidades culturais e contatos de diferentes grupos sociais e religiões, formando um culto multifacetado e dinâmicos que faz interface com as principais matrizes brasileiras: a população negra escravizada, indígena e europeia, representados por aspectos associados ao culto aos orixás, as imagens de santos católicos e rezas e benzimentos, ao processo de transe e incorporação presente em diferentes cultos africanos, indígenas e no espiritismo kardecista, e aos saberes sobre a natureza e uso de ervas que correspondem aos saberes tradicionais (SIMAS, 2021, p. 9; NOGUEIRA, 2021, p. 48). Em virtude disso, a religião possui uma ritualística complexa composta por cantos, toques de atabaque, símbolos, vestimentas, crenças e códigos próprios, formando um grande universo cultural e simbólico (BASTIDE, 1978).

Os espaços religiosos onde ocorrem os rituais de umbanda, popularmente chamados de terreiros, centros ou tenda, são lugares de perpetuação da cultura e memória africana e afro-brasileira, permitindo a transmissão de saberes e propiciando as trocas sociais, culturais e religiosas. Sendo um espaço sagrado para as religiões de matriz africana, a transmissão de conhecimento por meio da oralidade e as tradições e rituais que nele ocorrem são marcadas pela circularidade da dádiva que permite a criação de vínculos sociais (PEREIRA, 2020).

As pesquisas em hospitalidade dialogam com diferentes áreas de estudo, como a Antropologia e a Sociologia, possuem abordagens que enfatizam as trocas realizadas em diferentes âmbitos e, conseqüentemente, a sociabilidade, da qual se evidencia a religiosidade (CAMARGO, 2008). Sendo sujeito de diferentes campos do conhecimento, a hospitalidade tem um caráter polissêmico (MOLZ; GIBSON, 2007) e possibilita a análise e compreensão de diversas facetas de nossa sociedade, sendo

considerada um fato social total<sup>1</sup> (MAUSS, 2003). Nos diferentes contextos em que há a relação entre hóspede e anfitrião, o acolhimento, um dos alicerces da hospitalidade, remete à inclusão do outro em seu espaço (GRINOVER, 2006).

A hospitalidade é um intercâmbio simbólico que abarca a dádiva. Na tríade da dádiva, as trocas envolvem presentes, comida, festas e outras amabilidades e possuem caráter assimétrico. Independente da forma que se dão as trocas, o foco é a relação humana propiciada por essas (BRUSADIN, 2016). A dádiva, que é essencial para a criação e manutenção de laços sociais, tem em sua essência dar-receber-retribuir, um ciclo de trocas de presentes e amabilidades estabelecido entre dois sujeitos, que acarreta uma dívida entre o hóspede e anfitrião, a quem se devem retribuir as dádivas recebidas (MAUSS, 2003). A dádiva não remete à ideia de igualdade, mas sim às incertezas e diferenças, circulando em prol desses laços (GODBOUT, 1998).

O acolhimento, assim como a dádiva, permeia a alteridade pois está relacionada à relação com o outro, com um estranho. Essa relação entre anfitrião e hóspede deve ser regida pela alteridade, pois, segundo Derrida (2003), deve-se receber o outro sem impor-se sobre ele, sem mesmo questionar antes de acolher. Ao compreender que somos sempre o outro do outro, desenvolvemos uma relação de alteridade. (BAPTISTA, 2008). Nesse sentido, inicia-se um processo de familiaridade, transformando o estranho em conhecido, uma relação marcada pelo respeito, acolhimento e comensalidade (SÍVERES; MELO, 2012).

A hospitalidade tem um forte vínculo com as religiões e seus fundamentos e está associada ao surgimento de ordens católicas e a fé cristã (SCHNEIDER; SANTOS, 2013). É importante destacar a transversalidade das obras de Marcel Mauss (2017), Gotman (2013) e Noguero (2019), que abordam hospitalidade, dádiva e religiosidade, sendo adotados na pesquisa como fundamentação teórica das duas áreas. Contudo, as pesquisas sobre hospitalidade e religiosidade centram-se principalmente na religião católica<sup>2</sup>, abrangendo rituais e celebrações. A baixa

---

<sup>1</sup> Conceito proposto por Marcel Mauss (2017), um fato social total são fenômenos que se exprimem em diferentes instâncias, como religiosa, jurídica, moral, econômica, política e familiar, entre outras.

<sup>2</sup> Com o pressuposto que existem lacunas a serem preenchidas no estudo de hospitalidade e religião, realizou-se um levantamento e análise dos artigos publicados sobre o tema. A partir desse levantamento foi possível compreender a atual produção acadêmica e identificar novas referências

incidência de estudos sobre as religiões de matriz africana é um fator limitante para a área, em razão de sua influência na cultura e identidade nacional, especialmente a umbanda, por ser uma religião genuinamente brasileira (REZENDE, 2014). Em detrimento da lacuna existente nas pesquisas que abordam hospitalidade e religiosidade com enfoque nas religiões afro-brasileiras, surge a oportunidade de desenvolvimento da presente pesquisa, que poderá incentivar outros pesquisadores a explorarem mais o tema, assim como demais aspectos ligados à essas religiões.

Nesse contexto coloca-se o questionamento que deu origem a essa pesquisa: quais são as relações e rituais da hospitalidade propiciados na Umbanda? Surgem então outros questionamentos acerca da existência de práticas de hospitalidade e hostilidade nos ritos da umbanda, a manifestação da dádiva nesse contexto social, o papel da ritualística e festas para a criação de vínculos sociais, e, por fim, a abertura ou resistência às alteridades na relação com os outros sujeitos nessa cena<sup>3</sup>, ou seja, pais e mães de santo, filhos de santo e consulentes/visitantes. O estudo a partir da perspectiva da hospitalidade, quando analisado por um olhar de alteridade e acolhimento, possui potencial para preencher uma lacuna científica derivada de um preconceito ainda existente em âmbito nacional acerca de religiões de matriz africana e, ademais, ressaltar o valor e a importância patrimonial da umbanda para a cultura nacional<sup>4</sup>.

Tendo em vista a estruturação e a ritualística da religião, assim como a atual carência de pesquisas sobre ela no âmbito da hospitalidade, é oportuno estudar a relação da dádiva e da hospitalidade nas relações sociais possibilitadas pelo contato interpessoal nas casas de umbanda. Ademais, a influência da umbanda na cultura e

---

relevantes para a pesquisa. Esses resultados foram incorporados no estudo na discussão sobre hospitalidade e religião, apresentada no capítulo 5.

<sup>3</sup> No que tange aos rituais de hospitalidade, a cena é a consequência das interações interpessoais entre anfitrião e hóspede, em um espaço e tempo delimitado, sendo um rito de passagem marcado pela circularidade da dádiva (CAMARGO, 2015). Nesse sentido, a cena constitui os rituais realizados nas casas de umbanda.

<sup>4</sup> Com a atualização da definição de patrimônio cultural da UNESCO (2016), patrimônio passa a considerar elementos intangíveis (imateriais) como história, saberes, práticas sociais, folclore, lendas, costumes, festas e tradições, preservando a ancestralidade e manifestações culturais. Por dialogar com diferentes religiões, saberes e culturas, a umbanda promove encontros interpessoais multi-religiosos (BALDIOTTI; SANTANA, 2020). Considerando o hibridismo e sincretismo, observa-se que a cultura brasileira possui elementos de diferentes tradições e culturas, uma espécie de circularidade cultural (FERRETTI, 2014). Apesar de não ser o foco do trabalho, compreender a importância da umbanda para a cultura nacional, como os aspectos ritualísticos que serão abordados ao longo dessa dissertação, pode despertar o interesse de pesquisadores para a área.

cotidiano brasileiro, como na música<sup>5</sup>, na comensalidade<sup>6</sup>, rituais em datas comemorativas<sup>7</sup>, ressalta a importância de aprofundar os estudos acadêmicos sobre essa religião. Portanto, o presente estudo que se situa na análise das relações entre o campo religioso e o campo intelectual, tem como objetivo geral compreender as relações de hospitalidade e hostilidade nas casas de umbanda. Seus objetivos específicos são:

- a) levantar e analisar os documentos que fundamentam a umbanda, a fim de compreender seus princípios e práticas religiosas;
- b) identificar os rituais de hospitalidade que ocorrem no âmbito da umbanda; e
- c) analisar como os rituais de hospitalidade propiciam as trocas e os vínculos sociais nas casas de umbanda.

Ao longo dessa dissertação a terminologia casa foi adotada para os espaços onde acontecem os rituais de umbanda, que também são comumente chamados de terreiros, tendas e centros. Essa escolha permite dialogar com a hospitalidade e os rituais de umbanda. Do ponto de vista religioso, as casas de umbanda são espaços sagrados onde acontecem os rituais de umbanda, sendo um espaço de convivência e interação social. O aspecto familiar associado à estrutura das casas de umbanda, onde os membros passam a integrar uma família religiosa, cujos rituais são guiados pelos pais de santo e têm como participantes os médiuns<sup>8</sup>, denominados como filhos de santo (CAMPELO, MONTEIRO, 2017; DUTRA, 2012).

A família umbandista é uma tentativa de construção de uma sociedade contínua solidária e estável emocionalmente, de forma que se constitua como

---

<sup>5</sup> Os pontos, cantigas utilizadas em casas de Umbanda e Candomblé em diferentes momentos de seus rituais, são popularizados por intérpretes da música brasileira, especialmente da MPB e Samba, como apresentado em Bakke (2007), Pinheiro (2018) e Teixeira Júnior (2004). Entre esses destacamos Martinho da Vila, Maria Bethânia, Margareth Menezes, Clara Nunes, Candeia e Jorge Aragão.

<sup>6</sup> Na culinária, ressalta-se a importância das comidas de santo, como acarajé e caruru, para a cultura e patrimônio imaterial brasileira. Essa temática vem ganhando destaque na área de Ciências Sociais Aplicadas como nas pesquisas de Silva e Freitas (2016), Gonthier (2018) Rocha (2022) e Saliba e Saliba (2022).

<sup>7</sup> Alguns rituais popularmente realizados em datas comemorativas no Brasil, como pular sete ondas, vestir-se de branco e comer uvas no Réveillon, são originários das tradições de religiões de matriz africanas (LIMA; OLIVEIRA, 2019).

<sup>8</sup> Os médiuns são as pessoas que participam dos rituais de transe mediúnico, podendo se comunicar com os desencarnados e realizar serviços terapêuticos e energéticos (passe), em diferentes religiões espiritualistas, como Kardecismo e Umbanda (PORTO, 2017).

um centro de apoio coletivo ou uma espécie de defesa aos seus problemas. [...] Tudo indica que o mundo religioso é um mundo familiar e por isso mesmo, os espíritos são transformados em entidades, ou seja, em guias familiares que compõe junto com os umbandistas uma grande família – a família umbandista (CAMPELO; MONTEIRO, 2017, p. 121).

Sob a perspectiva da hospitalidade, a casa é o espaço essencial para a relação com o outro, sendo o local de acolhimento, sociabilidade, comensalidade e dádiva, tendo início com o transpor da soleira (SÍVERES; MELO, 2012).

Para atingir os objetivos propostos foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, adotando os seguintes procedimentos: a) pesquisa bibliográfica, uma vez que a mesma propicia a investigação de novas áreas, além de fornecer meios para a definição e resolução de problemas já conhecidos (LAKATOS; MARCONI, 2003), baseando-se em buscas nas principais bases de dados, como Perseé, Scopus, Scielo e Google Acadêmico; b) pesquisa documental, utilizando fontes de diferentes naturezas, incluindo fotografias, documentos institucionais, diários e gravações, fornecendo uma rica fonte de dados a serem analisados (GIL, 2002); e c) entrevistas semiestruturadas com Pais, Mães e Filhos de Santo, buscando compreender comportamentos e práticas realizadas nas casas de umbanda e suas interfaces com a hospitalidade.

A criação das categorias, elaboradas a partir dos referenciais teóricos para fundamentação da pesquisa, visou a elaboração do roteiro de entrevistas e a análise de conteúdo destinada à interpretação das entrevistas. Dessa forma, a pesquisa de campo fornece bases para a compreensão social das relações de hospitalidade e, por conseguinte, da hostilidade, nas casas de umbanda, levando em consideração as trocas e os vínculos sociais possibilitados pelos rituais e festas.

Parte do *corpus* de pesquisa é constituído por sete entrevistas semiestruturadas em profundidade, com pais, mães e filhos de santo. A determinação desses como sujeitos aptos para a pesquisa se deu pelo conhecimento e vivências deles em casas de umbanda, sendo essencial para a realização da pesquisa. O acesso aos entrevistados se deu por conveniência, a partir de um contato inicial por e-mail e através de páginas de umbanda no Facebook. O papel da pesquisadora como estrangeira dialoga diretamente com a hospitalidade e a acolhida, sendo esse fator determinante para o sucesso da pesquisa. Na medida em que o convite é uma abertura para a dádiva, o interesse no estabelecimento do vínculo nem sempre está presente, uma vez que isso implica uma relação de dívida (MAUSS, 2017). Nesse

contexto apresenta-se um dos desafios da investigação, a disponibilidade de participação dos sujeitos. Ademais, o cenário de pandemia vivido durante o seu desenvolvimento impactou diretamente o funcionamento de algumas casas e a pesquisa de campo *in loco*.

O referencial teórico diz respeito à hospitalidade e à dádiva (MAUSS, 2017; GODBOUT, 1992, 1998; CAILLÉ, 2002; MONTANDON, 2011; CAMARGO, 2004; GOTMAN, 1998; GRASSI, 2011; PITT-RIVERS, 2012), e suas relações com a religiosidade (NOGUERO, 2019; BOFF, 2005; GOTMAN, 2013; PODSELYER, 2018), e umbanda (VERGER, 1997, 2018; PRANDI, 2001; SARACENI, 2017; SIMAS, 2020). A pesquisa documental foi realizada por intermédio de obras sobre a mitologia dos orixás (PRANDI, 2001; VERGER, 2018).

Pressupõe-se, teoricamente, que a dádiva e a fenomenologia do acolhimento são elementos fundamentais da hospitalidade. É por meio delas que se torna possível a compreensão do acolher humano, em suas diferentes interfaces, especialmente na relação de trocas simbólicas e afetivas entre os médiuns e membros da casa com os consulentes e visitantes, em um regime em que predominam as trocas assimétricas com o outro.

A definição da umbanda como objeto de pesquisa relaciona-se à familiaridade e interesse da autora no vasto universo simbólico umbandista, e também sobre o interesse em compreender o que esse universo poderia dizer sobre as relações interpessoais, a relação com os praticantes e não praticantes, e as alteridades presentes nessas relações. Somando ao fato de que a pesquisadora, natural de Minas Gerais, está no papel de estrangeira nas casas de Umbanda de São Paulo, além de ser pesquisadora da área de hospitalidade e ter desenvolvido um trabalho de conclusão do curso de Turismo sobre a hospitalidade em uma casa de Ouro Preto-MG.

No desenvolvimento da dissertação, optou-se por evidenciar a discussão dos resultados da pesquisa de campo com as discussões teóricas, apresentando de forma integrada as contribuições que compõe o embasamento teórico do trabalho, as entrevistas realizadas e os resultados da pesquisa documental acerca dos mitos dos orixás, permitindo alcançar os seus objetivos.

O segundo capítulo é composto dos procedimentos metodológicos, evidencia a classificação da pesquisa, sua abordagem, as técnicas de coleta e análise de dados aplicadas e o instrumento de pesquisa utilizado.

O capítulo três apresenta o referencial teórico que aborda a hospitalidade, a dádiva e a hostilidade. Esse capítulo visa uma conceituação teórica da hospitalidade, seus fundamentos, os rituais de hospitalidade e aplicações em diferentes contextos sociais. Já o capítulo quatro é dedicado à umbanda, abarcando as pesquisas bibliográfica e documental delineadas para evidenciar os fundamentos, mitos e rituais religiosos. Busca-se compreender a relação entre a religião e a circularidade da dádiva, identificando rituais e cenas de hospitalidade e hostilidade. O capítulo cinco centra-se na pesquisa de campo e sistematiza os resultados da análise das entrevistas.

## **2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

No presente capítulo são apresentados e detalhados os procedimentos metodológicos adotados para a realização do presente estudo, desde a definição dos objetivos geral e secundários da pesquisa e de seu problema, à definição da abordagem e método adotados.

### **2.1. PROBLEMA E OBJETIVOS DE PESQUISA**

A pesquisa aqui apresentada foi idealizada a partir do problema de pesquisa: quais são as relações e rituais de hospitalidade propiciados na Umbanda? O problema de pesquisa deu origem a outros questionamentos acerca da hospitalidade e hostilidade nas casas e ritos da umbanda, o papel da ritualística e festas para a criação de vínculos sociais e a abertura ou resistência às alteridades na relação com o outro.

A partir do problema de pesquisa e das questões que surgiram em decorrência dele, traçou-se o seu objetivo geral, que é: compreender as relações de hospitalidade e hostilidade nas casas de umbanda. Ademais, foram delineados objetivos específicos, que auxiliaram no desenvolvimento dessa dissertação. São eles:

- Compreender o papel dos mitos nos documentos textuais e rituais de umbanda.
- Identificar os rituais de hospitalidade que ocorrem na umbanda.
- Identificar como os rituais na umbanda propiciam as trocas e os vínculos sociais.

### **TIPO DE PESQUISA**

A abordagem de pesquisa selecionada, visando atingir os objetivos propostos, é a pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa é aquela que considera a relação entre o mundo e o sujeito, interpretando os fenômenos e a atribuição de significados (SILVA, MENEZES, 2005). Como este é um estudo da área das Ciências Sociais Aplicadas, compreende-se que os fenômenos pesquisados são frutos de uma criação social, estando relacionado a uma religião e seus rituais, sendo percebidos e criados em uma instância coletiva. A compreensão dos fenômenos é possível ao interpretar os significados simbólicos criados pela intersubjetividade e pelas interações sociais, podendo ser classificada como uma pesquisa interpretativista (Sacco, 2009). Ao longo do trabalho, busca-se compreender a hostilidade e as relações de hospitalidade sob a perspectiva da dádiva na umbanda. O resultado é, portanto, uma interpretação sobre as vivências e interpretações dos indivíduos entrevistados.

Segundo Creswell (2014), uma pesquisa qualitativa estuda e interpreta o mundo, buscando compreender os fenômenos e seus significados através dos sentidos a eles atribuídos. Ainda segundo o autor, existe uma série de características que compõem uma pesquisa qualitativa, incluindo o *locus* da pesquisa, que deve ser o *habitat* natural onde os fenômenos ocorrem, o papel do pesquisador na coleta e interpretação dos dados, os diferentes métodos que podem ser aplicados para obter os dados, o raciocínio lógico indutivo-dedutivo adotado nos diferentes processos da pesquisa, os significados atribuídos pelos participantes da pesquisa ao objeto de estudo, a flexibilidade da pesquisa, a reflexão dos autores e um relatório holístico que traz uma compreensão detalhada da questão.

Uma pesquisa também pode ser classificada em relação a seus objetivos, podendo ser classificadas como exploratórias, descritivas e explicativas. A presente pesquisa tem caráter exploratório, buscando compreender comportamentos e hábitos realizados nas casas de umbanda. Uma pesquisa exploratória “têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p. 41). Devido à baixa incidência de estudos sobre as religiões de matriz africana, em especial a umbanda, que as abordem a partir da perspectiva hospitalidade, observa-se uma grande oportunidade para desenvolvimento do campo acadêmico por meio de uma pesquisa exploratória. Dessa forma, é possível não apenas aumentar a familiaridade do

pesquisador com a temática, mas também desenvolver hipóteses e clarificar conceitos (LAKATOS; MARCONI, 2003).

## **2.2 COLETA DE DADOS**

Uma pesquisa interpretativista, e por conseguinte qualitativa, tem uma flexibilidade estrutural no processo de investigação e análise, permitindo a aplicação de uma variedade de procedimentos metodológicos. Apesar de não seguir métodos rigidamente estruturados e estatísticos como uma pesquisa quantitativa, é preciso seguir diversos critérios metodológicos para garantir sua robustez e profundidade (SACCOL, 2009).

O estudo da hospitalidade tange às Ciências Sociais, isso é, tem como objeto de estudo a sociedade e as relações interpessoais. Devido ao seu caráter interdisciplinar, o estudo da hospitalidade é importante para o entendimento das relações sociais nos diferentes campos de pesquisa, demandando uma adaptação metodológica por parte do pesquisador (SALLES, BUENO; BASTOS, 2010). Os critérios metodológicos de uma pesquisa dizem respeito a maneira como a pesquisa é organizada e orientada. A metodologia do presente estudo é dividida em três partes: desenvolvimento teórico, estudo de campo e análise dos resultados. O desenvolvimento teórico da pesquisa é a primeira etapa, uma vez que ele fornece bases para o desenvolvimento da pesquisa de campo. Após a coleta de dados na pesquisa de campo, foi realizada a análise e discussão dos dados, sistematizados na presente dissertação.

### **2.2.1 Pesquisas bibliográfica e documental**

Durante o desenvolvimento teórico foi realizada uma pesquisa bibliográfica, uma vez que a mesma oferece meios para a definição e resolução de problemas já conhecidos e identificação de novas hipóteses (LAKATOS; MARCONI, 2003). As fontes bibliográficas adotadas na pesquisa são livros, sendo tanto de referência como

de leitura corrente, utilizando as literaturas base para o estudo da hospitalidade, dádiva e acolhimento, assim como para a compreensão da umbanda, e também publicações periódicas, obtidas por meio de buscas nas principais bases de dados, como Persée, Scopus, Periódicos da CAPES, Scielo e Google Acadêmico. A busca nas bases de dados foi realizada em português, inglês e francês utilizando as palavras-chaves hospitalidade; dádiva; umbanda; Religião Afro-Brasileira; Orixá; Acolhimento; Hostilidade; além de outros termos relevantes à pesquisa.

Realizar uma pesquisa bibliográfica dá uma vantagem ao pesquisador, uma vez que permite a descoberta e compreensão de uma ampla quantidade de fenômenos para além do que ele teria contato em uma pesquisa de campo. Por meio da pesquisa bibliográfica também é possível conhecer e identificar dados históricos (GIL, 2008).

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.174), “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”. De acordo com Le Goff (1990), documentos/monumentos são produzidos por uma sociedade que dialoga com a memória coletiva. Sendo assim, para a pesquisa documental, foram utilizados registros escritos das lendas e mitos iorubás publicados nas obras de Prandi (2001) e Verger (1997; 2018), documentos de arquivos particulares das casas, como cartas, fotografias, vídeos e depoimentos disponíveis online, e também obras publicadas por teólogos da umbanda, como Saraceni (2012; 2017), Cumino e Queiroz (2017) e Barbieri (2021). As obras dos teólogos umbandistas serão analisadas como documentos devido ao seu distanciamento das metodologias científicas utilizadas em pesquisas acadêmicas. A análise documental visa compreender a representação, narrativa e fatos históricos acerca de cada mito e casa, buscando identificar cenas e rituais de hospitalidade e/ou hostilidade representados em cada documento analisado.

De acordo com Le Goff (1990), documentos/monumentos são produzidos por uma sociedade que dialoga com a memória coletiva. Sendo assim, alguns livros, como *A Mitologia dos Orixás* (PRANDI, 2001) e *Lendas Africanas dos Orixás* (VERGER, 1997), são tratados nesse trabalho como um documento, tendo em vista tratar-se da sistematização de mitos iorubás coletados de fontes primárias e secundárias. Visando extrair dos documentos informações relevantes para o campo da Umbanda, após uma análise inicial das obras supracitadas, foram identificados mitos de 32 orixás,

cultuados nas religiões de matriz africana, e privilegiou para a pesquisa a análise de mitos referentes a nove Orixás mais comumente cultuados na umbanda<sup>9</sup>: Ogum, Oxóssi, Nanã, Obaluaiê, Xangô, Iansã, Oxum, Iemanjá e Oxalá. Por meio da análise desses mitos buscou-se compreender a relação entre os mitos dos orixás, suas representações, símbolos e arquétipos, com a criação do imaginário umbandista, além de suas influências nos rituais de umbanda e a sua relação com a hospitalidade e a hostilidade.

Para a discussão do imaginário umbandista uma pesquisa nas bases de dados Persée, Scopus, SciELO e Periódicos CAPES foi realizada durante os meses de abril de 2021 a setembro de 2021, utilizando as palavras-chave umbanda, imaginário social, mitologia. Os artigos obtidos nessa busca, selecionados em virtude de sua relevância para a composição do referencial teórico do trabalho são: Bairrão (2002) e Leme (2006). Pela baixa incidência de resultados obtidos nessas bases de dados, optou-se por realizar uma nova busca, entre setembro de 2021 e março de 2022, no Google Scholar (Google Acadêmico), obtendo como resultados artigos e livros publicados sobre hospitalidade e sobre umbanda, de forma separada, mas que traziam conceitos que dialogavam sobre as áreas, como Lopes (2011), Dutra (2012), e Campelo e Monteiro (2017). Ademais buscou-se estabelecer um diálogo com os autores da religiosidade afro-brasileira como Simas (2021), Prandi (2001), Ortiz (1975) e Verger (2018).

### **2.2.2 Entrevistas**

A segunda fase da pesquisa corresponde a uma pesquisa de campo, que forneceu bases para a compreensão social das relações de hospitalidade e, por conseguinte, da hostilidade, no interior de casas de umbanda, levando em consideração os vínculos sociais possibilitados pelos rituais e festas.

---

<sup>9</sup> Esses orixás estão presentes nos diferentes terreiros de umbanda. É importante ressaltar que cada casa de umbanda possui uma estrutura própria, podendo haver mais orixás cultuados além desses 9. (SARACENI, 2012).

Para a obtenção e coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas cujo roteiro foi desenvolvido com questões abertas para evidenciar as percepções e vivências do entrevistado. As entrevistas semiestruturadas são compostas de questões previamente definidas que determinam um roteiro para o pesquisador, que deve conduzir a entrevista e a discussão ajudando a compor o seu contexto. Outra vantagem dessa modalidade de entrevista diz respeito à duração, pois sua flexibilidade permite um maior aprofundamento sobre o objeto de estudo, possibilitando a interação entre os participantes (BONI, QUARESMA; 2005).

Foram definidos dois grupos de sujeitos aptos para pesquisa, permitindo uma perspectiva maior sobre as relações interpessoais no âmbito da umbanda. São eles: pais e mães de Santo<sup>10</sup> que possuam Casas de umbanda em São Paulo – SP e filhos de santo<sup>11</sup> que já trabalharam ou participaram de cursos de desenvolvimento mediúnico em alguma casa de São Paulo - SP. A delimitação de casas de umbanda que foram pesquisados deu-se por questões de conveniência, em termos de facilidade de acesso aos entrevistados, e viabilização da pesquisa. A seleção dos sujeitos na pesquisa qualitativa está diretamente relacionada à compreensão da prática social, e permite perceber signos e sentidos próprios do grupo social em estudo (SILVA; SILVA, 2013; DUARTE, 2002). Para a seleção dos sujeitos, um primeiro contato foi realizado via *e-mail* e por meio das páginas de umbanda no Facebook, apresentando a pesquisa e seus objetivos e buscando voluntários. Devido ao isolamento social e as recomendações de saúde e segurança propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), o funcionamento de muitas casas foi alterado durante a pandemia, o que inviabilizou a visita aos locais para o contato inicial. Para a condução das entrevistas foi acordado com cada um dos entrevistados a forma de realização, de forma remota, utilizando aplicativos de videochamadas como o Google Meet e o Zoom, ou presencial.

Para a constituição do *corpus* da pesquisa, a coleta de dados foi realizada por entrevistas de forma a identificar padrões simbólicos, categorias de análise similares e compreender os significados, práticas, valores e sentimentos, identificando as redes de significados do 'outro' (DUARTE, 2002).

---

<sup>10</sup> Pai/mãe de santo são os líderes ritualísticos dos terreiros de Umbanda, os donos da casa.

<sup>11</sup> Filhos de santo são as pessoas que participam dos rituais, 'trabalham nos terreiros', também chamados de médiuns.

Considerando a importância da comunicação aberta que permita captar as percepções e vivências dos entrevistados, o roteiro foi desenvolvido considerando perguntas principais e secundárias que visam extrair um maior número de informações dos entrevistados. Essas perguntas foram adaptadas, utilizando termos mais simples de acordo com o contexto da entrevista com o objetivo de manter a clareza na comunicação e não confundir o entrevistado.

Tratando-se de uma entrevista semiestruturada, faz-se necessário a criação de um roteiro de perguntas, permitindo orientar o pesquisador ao longo da pesquisa de forma a conduzir a entrevista, tornando-a flexível na medida em que o entrevistado interage. Dessa forma, as entrevistas permitem compreender a perspectiva dos entrevistados sobre determinado assunto, a fala se torna o principal registro do dado, especialmente ao analisar o significado do conteúdo fruto dessa interação (LIMA, 2016).

Anterior ao desenvolvimento do roteiro de entrevista (Quadro 1), foram criadas categorias de análise desenvolvidas com base no referencial teórico (Quadro 3) e que abordam duas principais dimensões: a hospitalidade e a umbanda. O roteiro de entrevista para os Pais, Mães e Filhos de Santo é composto por questões que abordam sua trajetória na religião, perguntas sobre os rituais, mitos e práticas da sua casa, e sua relação com os filhos de santo, visitantes e comunidade no entorno, abordando o acolhimento, as trocas e as relações sociais nas casas. Logo, o quadro 1 apresenta as perguntas que constituem o roteiro de entrevista, desenvolvido a partir do referencial teórico e, conseqüentemente, alinhado às categorias definidas a priori.

Quadro 1 - Roteiro da entrevista com pais, mães de santo e filhos de santo

(continua)

Identificação da pergunta	Perguntas	Perguntas derivadas
1	Qual é a sua trajetória na umbanda	Como você entrou para a religião? Sua família frequenta a umbanda? O que eles acharam quando você começou a frequentar? Como você foi recebido?
2	O que é a umbanda para você?	
3	Qual é a dinâmica da casa? Vocês fazem oferendas?	Qual a função dessas oferendas? Qual é a hierarquia da casa? Quais são as funções de cada membro da casa?
4	Vocês realizam estudos sobre a religião, seus mitos e fundamentos?	Como funciona esse estudo?

(continuação)

<b>Identificação da pergunta</b>	<b>Perguntas</b>	<b>Perguntas derivadas</b>
5	Quais são os orixás e entidades da casa?	O que você sabe sobre as lendas dos orixás? Como vocês abordam as lendas dos orixás na casa?
6	Você considera importante documentar os rituais e festas realizadas na casa?	Vocês têm algum registro? Como costumam registrá-los? Como são armazenados esses registros e quem tem acesso a eles?
7	Quais são as festas realizadas na casa?	Quem costuma frequentar as festas realizadas na casa? Qual é a importância delas para a casa? Qual é o objetivo dessas festas para a casa e por que elas são realizadas?
8	Vocês têm alguma obra social na casa?	Qual a importância da comunidade e da vizinhança para a casa? Como vocês interagem com elas?
9	Como as pessoas conhecem a sua casa?	Como é a receptividade das pessoas ao ritual de umbanda na sua casa? As pessoas costumam voltar à casa?
10	Como funciona o acolhimento na casa?	Quem é o responsável por receber as pessoas que chegam? Como é organização dos atendimentos? Existe alguma forma de controle/monitoramento do acolhimento? Você acha que as pessoas se sentem à vontade/são bem-recebidas na casa? Por quê?
11	Qual é a relação que vocês têm com os filhos de santo? E com os consulentes?	Quais são as principais formas de contato com essas pessoas? As relações com os frequentadores vão além do laço espiritual/vocês mantêm contato fora da casa?
12	Como é a relação da vizinhança com a casa?	Você percebe hostilidade nessa relação? Você cria vínculos com a comunidade? A vizinhança frequenta as festas da casa?
13	Vínculos externos à casa proporcionam a integração dessas pessoas no casa?	Vocês costumam convidar amigos, conhecidos ou pessoas que vocês conhecem no dia a dia (banco, padaria etc.) à casa? Por quê?
14	Como o contexto pandêmico impactou a casa?	Vocês interromperam as atividades por algum período? Algum tipo de ritual foi realizado durante esse período? Se sim, como foi? Vocês mantiveram contato com os filhos de santo e consulentes durante o período em que permaneceram fechados? Como foi esse contato?

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

No dia 12 de fevereiro de 2022 foi realizado um pré-teste com um sujeito pertencente ao grupo estudado, pai de santo de uma casa de umbanda na região do Brooklyn, em São Paulo. A entrevista foi importante para a validação do roteiro desenvolvido e a forma de condução da entrevista, incluindo o ambiente selecionado. Tanto na entrevista teste quanto nas demais entrevistas realizadas buscou-se compreender o funcionamento das casas e as práticas ritualísticas presentes, bem como identificar quais as relações interpessoais e as trocas possibilitadas pelos rituais de umbanda; como se dão as relações de hospitalidade entre consulentes e praticantes da religião; e quais as relações com a comunidade ao entorno.

Cada entrevista teve uma dinâmica própria, de acordo com a abertura dos entrevistados. Para garantir a fluidez e a dinamicidade da entrevista, as perguntas foram adaptadas ou omitidas de acordo com as informações compartilhadas pelos participantes, evitando a duplicidade de conteúdo e melhorando a qualidade do dado coletado. As entrevistas foram concedidas utilizando o Google Meet como canal. O quadro 2 sistematiza as entrevistas realizadas e as datas:

Quadro 2 – Entrevistas realizadas

Entrevistado	Responsabilidade na casa	Data	Duração
Entrevistado 1	Pai-de-santo	12 de fevereiro de 2022	40 min 23s
Entrevistado 2	Mãe-de-santo	16 de maio de 2022	56 min 04s
Entrevistado 3	Pai-de-santo	6 de junho de 2022	43 min 34s
Entrevistado 4	Filho-de-santo	7 de junho de 2022	36 min 27s
Entrevistado 5	Filho-de-santo	28 de junho de 2022	1h 08min 33s
Entrevistado 6	Mãe-de-santo	14 de julho de 2022	35 min 14s
Entrevistado 7	Filho-de-santo	15 de julho de 2022	43 min 31s

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Das 23 pessoas contactadas, 19 responderam prontamente se dispendo a conceder entrevista por videoconferência ou pessoalmente. Contudo, apesar da resposta positiva inicial, para o agendamento e realização das entrevistas, 16 dessas não tiveram devolutiva ou não compareceram às entrevistas, apesar de um novo contato ter sido realizado passados 5 dias.

Todos os entrevistados foram informados antecipadamente sobre o propósito da pesquisa e deram consentimento oral para participar da pesquisa e para realizar a gravação da entrevista. As entrevistas realizadas durante o período de 12 de fevereiro de 2022 a 15 de julho de 2022 foram realizadas individualmente e transcritas na íntegra pela própria pesquisadora. Foram entrevistados 2 pais de santo, 2 mães de santo e 3 filhos de santo (quadro 2), com um tempo médio de duração de 45 minutos. As transcrições tiveram duração média de quatro horas, sendo necessário o uso de fone de ouvido e *softwares* específicos para transcrição, como o Nvivo e o Transkriptor. Para diferenciar as falas dos entrevistados no texto, adotou-se o recurso itálico.

### **2.3 ANÁLISE E TRATAMENTO DOS DADOS**

Para a análise dos dados, as entrevistas realizadas foram gravadas e transcritas. A análise dos resultados das entrevistas foi realizada utilizando a técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é realizada mediante uma análise sistemática que permite a criação de categorias, que contribuem para a interpretação do conteúdo da pesquisa.

Essa técnica de análise das conteúdo busca tratar as informações contidas nas mensagens, visando analisar os significados e significantes, criando núcleos de sentido e categorias de palavras-chave. A análise de conteúdo é organizada em três fases, sendo elas:

- 1) a pré-análise, que se inicia com a leitura flutuante, estabelecendo um contato com os documentos de análise e resultando na formulação de hipóteses e objetivos, a escolha dos documentos (*a priori* e *a posteriori*), e preparação dos materiais;

- 2) a exploração do material, onde há o tratamento dos dados, codificando e categorizando os dados brutos de forma sistêmica;
- 3) o tratamento dos resultados e interpretação, permitindo a interpretação das mensagens por meio da sistematização de significados (BARDIN, 1977; MINAYO, 1998).

A análise de conteúdo preserva as mesmas categorias que norteiam o desenvolvimento do roteiro de entrevistas, abordando duas principais dimensões: a hospitalidade e a umbanda. O quadro 3 apresenta um instrumento de análise, desenvolvido com base na Matriz de Amarração de Mazzon (1981), que foi produzido para avaliar a coerência do roteiro de pesquisa levando em consideração as conexões entre os objetos de pesquisa, as perguntas desenvolvidas, as categorias de análises e o referencial teórico que embasa essas categorias. Por um processo inferencial, buscou-se compreender o sentido da fala dos entrevistados, analisando a partir das categorias de análise determinadas. Os resultados obtidos pela pesquisa documental e análise das entrevistas foram inseridos e analisados ao longo dos próximos capítulos, com uma formatação específica em citações diretas em itálico, dialogando com o referencial teórico.

Quadro 3 – Matriz de Amarração Teórica

(continua)

Objetivo Geral	Objetivos específicos	Origem dos dados	Categoria	Pergunta	Referencial teórico		
Compreender a hostilidade e as relações de hospitalidade sob a perspectiva da dádiva na umbanda	Identificar como os rituais na umbanda propiciam as trocas e os vínculos sociais.	Entrevista, compilações, depoimentos orais e escritos	Acolhimento; Troca; Hospitalidade; Hostilidade	Pergunta 1	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)		
			Religião; Umbanda; Troca; Acolhimento; Ritual	Pergunta 2	Noguero (2019); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Saraceni (2017); Verger (2018); Prandi (2001); Montandon (2011); Boff (2005); Podselver (2018); Van Gennepe (2013)		
			Ritual; Hospitalidade	Pergunta 3	Camargo (2004); Pitt-Rivers (2012); Van Gennepe (2013); Godbout (1992; 1997); Mauss (2017); Derrida (2003); Grassi (2011)		
			Acolhimento; Troca; Hospitalidade; Hostilidade	Pergunta 12	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)		
	Compreender o papel dos mitos nos documentos textuais e rituais de umbanda				Acolhimento; Troca; Hospitalidade; Hostilidade	Pergunta 13	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)
					Ritual; orixá; mito; ritual	Pergunta 4	Saraceni (2017); Verger (2018); Prandi (2001); Azevedo (2008); Cumino e Queiroz (2017); Van Gennepe (2013)
					Ritual; orixá; mito; ritual	Pergunta 5	Saraceni (2017); Verger (2018); Prandi (2001); Azevedo (2008); Cumino e Queiroz (2017); Van Gennepe (2013)
					Ritual; festa; registro;	Pergunta 6	Gastal e Martins (2018); Van Gennepe (2013); Choay (2014)

--	--	--	--	--	--

Quadro 3 – Matriz de Amarração Teórica

(Continuação)

Objetivo Geral	Objetivos específicos	Origem dos dados	Categoria	Pergunta	Referencial teórico
Compreender a hostilidade e as relações de hospitalidade sob a perspectiva da dádiva na umbanda	Identificar os rituais de hospitalidade que ocorrem na umbanda	Entrevista, compilações, depoimentos orais e escritos	Festa; ritual; troca; comensalidade	Pergunta 5	Gastal e Martins (2018); Van Gennep (2013); Godbout (1992;1998); Mauss (2017)
			Dádiva; circularidade	Pergunta 7	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)
			Acolhimento; Troca;	Pergunta 9	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)
			Acolhimento; Troca;	Pergunta 10	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)
			Acolhimento; Troca; Hospitalidade; Hostilidade	Pergunta 11	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)
			Acolhimento; Troca; Ritual; Hospitalidade;	Pergunta 14	Mauss (2017); Godbout (1992;1998); Caillé (2002); Godelier (2001); Gotman (1997); Derrida (2003); Camargo (2004)

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Para a seleção e análise dos mitos e produção editorial utilizados na pesquisa documental, foi realizada uma leitura e análise cuidadosa, utilizando a produção editorial dos teólogos umbandistas como fonte primária, e as obras de Prandi (2001) e Verger (1997; 2018) como fonte secundária, uma vez que são os principais compilados de mitos dos orixás disponíveis. Levou-se em consideração a natureza do texto, uma vez que documentos de natureza teológica são, por vezes, estruturados de forma diferente e demandam um conhecimento prévio do leitor (CELLARD, 2008). O primeiro critério utilizado para a seleção dos mitos a serem analisados diz respeito a qual orixá o mito aborda<sup>12</sup>. Selecionou-se então mitos de 9 orixás cultuados mais frequentemente na umbanda: Oxalá, Iemanjá, Ogum, Oxum, Iansã, Obaluaíê, Oxóssi, Nanã e Xangô. Todo o material foi lido com profundidade, realizando leituras verticais e horizontais, permitindo a associação/confrontação entre as categorias e os textos analisados, assim como entre a categoria e todas as fontes. Para a análise desse conteúdo, as informações foram sintetizadas, utilizando a inferência para interpretação do texto e articulação com o referencial teórico.

Em relação às entrevistas realizadas, após a ordenação das transcrições e releitura do material, os dados foram classificados na sequência e, em seguida, estabeleceu-se articulações entre o referencial teórico e os dados das entrevistas. Esse processo, segundo Cruz Neto (2001), permite construir uma relação dinâmica entre a teoria sob a qual o estudo se embasa e a prática e realidade social vivenciada pelos entrevistados. Após uma leitura minuciosa, desenvolveu-se uma nova leitura do material coletado, organizando os dados de acordo com as categorias definidas, seguido da análise de conteúdo estabelecida por meio de inferências e interpretação dos dados coletados. Dessa forma foi possível captar os conteúdos contidos, norteando e trazendo resultados respaldados pela teoria.

A experiência pessoal e a participação do pesquisador tornam-se, ao estudar os fatos sociais totais, uma vantagem, pois tangem a realidade, permitindo analisar as coisas como são e apreender os grupos, suas relações, rituais, comportamentos e

---

<sup>12</sup> Os mitos normalmente apresentam a interação de diferentes orixás, contudo, esses mitos são classificados e divididos em sessões, tanto em Prandi (2001) quanto em Verger (1997;2018), de acordo com o orixá principal a qual o mito se refere.

regras, compreendendo o fato social e os ritos e tradições por trás desse (MAUSS, 2017).

## 2.4 DESAFIOS DA PESQUISA

Em pesquisas qualitativas, a hospitalidade é um desafio para o pesquisador, devido a situação de forasteiro daquele ambiente. A relação com o forasteiro (estrangeiro) pode ser vivenciada de diferentes formas, caracterizando relações de hospitalidade, hostilidade e inhospitalidade, de acordo com que o contato é dado.

O estrangeiro pode ser vivenciado de diferentes modos tais como a diferença (a compreender), a anomalia (a corrigir), o perigo (a eliminar), o recém-chegado (a iniciar), o inimigo (a combater), o viajante (a proteger), convidado (a acolher), mais globalmente o tabu (a evitar ou controlar), o mistério (a desmistificar ou a respeitar), o estranho (a familiarizar), etc (BOUDOU, 2017, p. 101).

Para que a pesquisa seja realizada é essencial o acolhimento do pesquisador por parte dos entrevistados, seja em meio virtual ou presencial. A falta de abertura de algumas pessoas contactadas para o *outro* foi um desafio enfrentado durante a realização da pesquisa. O fato de que as entrevistas terem sido realizadas de forma remota pode ter impactado no resultado, fazendo com que algumas pessoas não se sentissem à vontade para participar da entrevista. Contudo, os participantes das entrevistas optaram pela entrevista online por comodidade, demonstrando os pontos positivos do canal adotado. Na relação com os entrevistados, a acolhida se deu desde o contato inicial, onde os entrevistados se voluntariaram e se mostraram abertos para trocas.

Outra dificuldade encontrada no desenvolvimento da pesquisa foi a baixa incidência de estudos publicados sobre hospitalidade e umbanda, sendo necessário recorrer a estudos de outras religiosidades para dialogar com a hospitalidade, além do fato que os textos teológicos da umbanda não possuem a rigidez teórica necessária para o embasamento teórico do trabalho. Apesar da predominância da literatura europeia e anglo-saxã no estudo da hospitalidade, as entrevistas permitem

compreender os rituais de hospitalidade dentro da religião a partir da perspectiva dos próprios praticantes, destacando seus fundamentos epistemológicos e culturais.

### **3 HOSPITALIDADE E DÁDIVA EM PROL DA MANUTENÇÃO DOS LAÇOS**

O capítulo discorre sobre os fundamentos e dimensões da hospitalidade, incluindo o acolhimento e a sociabilidade, e o papel da dádiva para a manutenção dos laços sociais. Também aborda as interfaces da hospitalidade com a religiosidade e a mitologia.

#### **3.1 HOSPITALIDADE E DÁDIVA**

Para a compreensão e análise das relações sociais no campo da hospitalidade é importante realizar um estudo sobre a dádiva, proposta por Mauss (2017), relacionando-a à filosofia de Derrida (2003) e seu estudo sobre a relação com o outro. Levando em consideração esses estudos teóricos é possível analisar as trocas sociais assimétricas presentes nas relações sociais associadas ao acolhimento no âmbito religioso. Após o estudo sobre a dádiva e da relação com o outro, dialogando com o acolhimento, aprofunda-se os estudos da hospitalidade no âmbito religioso, remetendo à origem da hospitalidade e reforçando a atemporalidade do dom, que está presente nas diferentes facetas da sociedade.

Em 'Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas', texto publicado em 1925, na obra *Sociologia e Antropologia*, Marcel Mauss apresenta um estudo sobre o sistema de trocas nas sociedades arcaicas, em áreas determinadas dentre a Polinésia, a Melanésia e o Noroeste americano. Buscando identificar "qual é a regra de direito e de interesse que, nas sociedades de tipo atrasado ou arcaico, faz que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído? Que força existe na coisa dada que faz que o donatário a retribua?" (MAUSS, 2017, p. 194). O autor identificou sistemas de trocas formados coletivamente e marcados por obrigações, trocas e contratos. Essas trocas simbólicas não eram restritas a bens e riquezas, mas incluíam ritos, festas, amabilidades, danças, mulheres e banquetes. Essas prestações e contraprestações, como denominados pelo autor, tinham um "caráter voluntário, por assim dizer, aparentemente livre e gratuito, e no entanto obrigatório e interessado" (MAUSS, 2017, p. 188).

Em várias das regiões pesquisadas por Mauss (2017), os clãs se utilizam de um sistema de prestações totais, também chamado de *potlatch*. Esse sistema é composto por alguns elementos essenciais, como o “da honra, do prestígio, do *mana* que a riqueza confere e o da obrigação absoluta de retribuir as dádivas sob pena de perder esse *mana*, essa autoridade, esse talismã e essa fonte de riqueza que é a própria autoridade” (MAUSS, 2017, p. 195). O sistema de prestações totais implica na obrigação de dar, a obrigação de receber e, igualmente importante, a obrigação de retribuir os presentes recebidos, sendo essa considerada a essência da dádiva (e também a essência do *potlatch*).

Godbout (1998) reforça a ambiguidade da dádiva, na medida em que é marcada pela incerteza e pela dívida, e essencial para a manutenção do vínculo. No sistema de dons e contradons, a retribuição de uma dádiva recebida não representa a anulação dessa dívida, mas sim uma nova dádiva, que dá início a uma nova dívida, estabelecendo um círculo dadivoso que marca a relação interpessoal, onde as dádivas trocadas alimentam o laço, mantendo assim o vínculo social. (GODBOUT, 1992). A dádiva é entendida então como o que circula na sociedade em prol do vínculo social.

Para Caillé (2002) a dádiva representa toda e qualquer prestação de bens efetuada voluntariamente e sem garantia de retorno, que visa a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social, sendo este mais importante que o próprio bem trocado. O dom é, portanto, o criador do vínculo social. O autor ainda afirma que a dádiva não é desinteressada, mas sim, privilegia os vínculos sociais aos interesses instrumentais (CAILLÉ, 2002).

Etimologicamente, a palavra dádiva, do latim *dativa*, está diretamente relacionado a *debita* (dívida), vocábulo complementar e diretamente associado a dádiva. “Mas nenhuma dádiva pode eliminar a dívida com o outro, porque ela aumenta na medida que eu dou mais. A dádiva nunca é suficiente. Por isso, a dádiva, a dívida, não expira “(NOGUERO, 2013, P. 171, tradução livre)<sup>13</sup>.

A dívida é essencial para a manutenção do vínculo, que é criado pelo ato de dar. Dar é algo voluntário, sendo ou não solicitado por quem recebe, e cria

---

<sup>13</sup> “Pero ninguna dádiva puede eliminar la deuda para con el otro, pues va en aumento a medida que yo doy más. La dádiva nunca es suficiente. Por eso, la dádiva, la deuda, no expira” (NOGUERO, 2013, p. 171).

automaticamente um vínculo entre o donatário e o receptor. Essa relação, segundo Godelier (2001), é fundada em uma relação dupla, de solidariedade e superioridade, pois dá-se algo de si e, ao receber, uma dívida é criada com o outro. “Através dessa dívida, ele fica obrigado e, portanto, encontra-se até certo ponto sob sua dependência, ao menos até o momento em que conseguir ‘restituir’ o que lhe foi dado” (GODELIER, 2001, p. 23). Dessa forma, os objetos que circulam na troca de dons são substituídos dos objetos sagrados e dos seres humanos, sendo a retribuição da dádiva uma nova dádiva, e não uma anulação da dívida, uma vez que os contradons não são uma devolução, mas objetos dados de novo (GODELIER, 2001).

Associada à ideia da dívida ligada à tríade da dádiva, está a ideia do sacrifício, sendo esse um componente essencial da hospitalidade. O sacrifício está diretamente relacionado aos seres sagrados, aos homens e suas coisas, e implica uma abnegação de si. Contudo, essa abnegação não exclui a possibilidade de um interesse implícito existir. Mesmo a dádiva estando associada a um sacrifício, ela é uma forma de romper o isolamento e conectar-se com o outro, desenvolvendo assim um sentido de pertencimento. (GODBOUT, 1998; CAMARGO, 2004).

Permeando a tríade dar-receber-retribuir, encontra-se a ideia de sacrifício, associado aos seres sagrados, aos homens e às suas coisas. Esse sacrifício implica uma abnegação de si, seja no campo emocional, espiritual ou material, que, entretanto, não elimina a existência de um interesse implícito. Ele é inerente e vital no sistema do dom, pois é ele que “amplifica o interesse e a obrigação como também a espontaneidade e o altruísmo” (BRUSADIN; PANOSSO NETTO, 2017, p. 34).

Na Polinésia, os Maoris acreditavam que essas trocas formavam, além de um vínculo de direito, um vínculo de almas, uma vez que cada coisa tem um *hau*, isso é, um espírito. Segundo eles, é necessário sempre dar um artigo recebido para outra pessoa para manter o espírito (*hau*) dessa coisa (*taonga*). Caso contrário, podem acontecer coisas ruins (MAUSS, 2017).

Essas trocas e contratos envolvem coisas e homens, indivíduos e clãs, homens e deuses, associando não apenas a trocas materiais, mas também trocas espirituais associadas a eles (MAUSS, 2017). Dessa forma, segundo Mauss (2017):

Trata-se, no fundo, de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas, e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca (MAUSS, 2017, p. 221).

Se a dádiva está associada ao sacrifício, por que se dá? Godbout (1998) afirma que se dá para conectar-se, associar-se e romper o isolamento. A dádiva é uma experiência social, um misto de liberdade e obrigação que permite a circularidade das coisas, “um princípio consubstancial ao princípio vital, aos sistemas vivos” (GODBOUT, 1998, p. 14). Portanto, a dádiva é responsável por criar laços e vínculos, mantendo a circularidade das coisas por um sistema que envolve o dar-receber-retribuir, e, assim, desenvolve um sentimento de pertencimento (GODBOUT, 1992).

Apesar de ter sido primeiramente estudada nas sociedades arcaicas por Marcel Mauss (2017), o sentido da dádiva está presente nas sociedades contemporâneas, abrangendo a atemporalidade inerente à dádiva, que se manifesta nas diferentes formas de relação social, encontrando-se consolidado por meio da liberdade, gratuidade, espontaneidade, dívida e retorno (GODBOUT, 1992). A dádiva não apenas combina diferentes aspectos da prática social e diversas instituições, como também permite que a sociedade se reproduza como um todo, sendo assim considerada um fato social total (GODELIER, 2001).

O dom é considerado, então, um “elemento essencial do comportamento humano em todas as sociedades conhecidas no presente e no passado, como parte essencial do processo de constituição de relação amistosa” (FUNARI; FREDERICO, 2017, p. 282). Portanto, a tríade da dádiva é um sistema atemporal de trocas assimétricas entre indivíduos e grupos que permeia diferentes âmbitos da sociedade, sendo fundamental para a criação de vínculos sociais, permitindo a circularidade das coisas.

Para compreender os vínculos sociais e, por conseguinte, analisar as relações de hospitalidade, é necessário analisar a relação com o outro, proposta por Derrida (2003). A fenomenologia do acolhimento de Derrida pressupõe a aceitação do outro em sua condição de outro, isto é, aceitar o desconhecido sem antes cobrar qualquer informação dele. A hospitalidade absoluta, ou incondicional, supõe o acolhimento do outro absoluto, do estranho, do estrangeiro, do *hostis*, rompendo com a lei da hospitalidade como dever, a chamada hospitalidade condicional (DERRIDA, 2003; MENESES, 2012).

[...] a hospitalidade absoluta exige que eu abra minha casa e não apenas ofereça ao estrangeiro (provindo de um nome de família, de um estatuto social de estrangeiro, etc.), mas ao outro absoluto, desconhecido, anônimo, que eu lhe ceda lugar, que eu o deixe vir, que o deixe chegar, e ter um lugar no lugar que ofereço a ele, sem exigir dele nem reciprocidade (a entrada num pacto),

nem mesmo seu nome. A hospitalidade absoluta manda romper com a hospitalidade de direito, com a lei ou a justiça como direito (DERRIDA, 2003, p. 25).

A hospitalidade incondicional a qual se refere Derrida, é um gesto de proteção e compensação, e tem um caráter mítico, associado ao divino e aos deuses, uma hospitalidade como a defendida por Zeus e Júpiter (GRASSI, 2011). Na Grécia Antiga, a hospitalidade era vista como uma forma de honrar os deuses e Zeus era o patrono da hospitalidade, o deus que zelava pelo convidado, e acreditava-se que “na verdadeira hospitalidade, não importa quem é o hospede, nem seu status de vida aparente. A hospitalidade generosa, dada gratuitamente à um estranho era a mesma que oferecê-la a um Deus.” (O’GORMAN, 2007, p. 20 - tradução livre)<sup>14</sup>.

Para compreensão do acolhimento, seja ela na hospitalidade incondicional ou na hospitalidade condicional, é preciso primeiramente compreender quem é o hóspede, o outro. Segundo Benveniste (1995), a palavra hóspede, em latim, se diz *hostis*, que representa quem compensa minha dívida com outra dívida, e *hospes*, o senhor do hóspede. A palavra *hostil* posteriormente foi associada ao hóspede, mas também ao inimigo (BENVENISTE, 1995). Essa ambiguidade do termo se reflete também nos sentimentos para com o outro, que é marcado, simultaneamente, por estranheza e curiosidade, levando ao questionamento sobre quem é o outro? Será ele uma ameaça ou um amigo? Quem é o *étranger* que adentra meu território?<sup>15</sup>

Anne Gotman (2011), destaca que a hospitalidade é uma relação social assimétrica, codificada e sujeita a uma série de obrigações, onde:

O caráter restrito da prova de hospitalidade vem do fato de que os protagonistas têm status e posições opostas, possivelmente antagonistas, de modo que um é soberano e o outro precisa de ajuda, um está em casa e o outro desprovido, mesmo que momentaneamente, de casa, um é um dono de casa e o outro é sua obrigação. O morador e o estrangeiro, portanto, desigual e potencialmente inimigos (GOTMAN, 2011, p. 2 - Tradução livre)<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> “*in true hospitality, it matter not who is the guest, nor their apparent status in life. Generous hospitality, freely given to a stranger was the same as offering it to a God*” (O’GORMAN, 2007, p. 20).

<sup>15</sup> *Étranger*, palavra francesa que significa estranho, estrangeiro, e é frequentemente usada para representar “aquele que vem de fora e estranha a cultura, a língua e o modo de ser do nativo” (PEREIRA, 2014, p. 111).

<sup>16</sup> “*Le caractère contraint de l’épreuve de l’hospitalité vient en effet de ce que les protagonistes en présence ont des statuts et des positions opposés, voire antagonistes, dans la mesure où l’un est souverain, l’autre dans le besoin, l’un est chez lui, l’autre est dépourvu (ne serait-ce que*

*Étranger, hostis, hospes, xenos*, todos esses diferentes termos têm uma característica em comum, a classificação do estrangeiro e a relação entre hóspede e inimigo, onde o hóspede é o estrangeiro bem-quisto e o inimigo o estrangeiro hostil (BENVENISTE, 1995). Esses termos tornam-se fundamentais para o estudo da hospitalidade, pois, além de estarem presentes na etimologia da palavra hospitalidade, representam a relação com o outro que, sendo esse inimigo estranho ou não, deve ser tratado como um hóspede (NOGUERO, 2019).

A acolhida, que representa um rito de passagem da hospitalidade, envolve entrada e partilha, dando direito a um estabelecimento temporário. Ela pode ser definida como um momento inaugural da hospitalidade, o primeiro contato com o estrangeiro, marcado pela curiosidade e receio, angústia e plenitude. Ela é temporária, à medida em que as trocas vão acontecendo, o *status* de hóspede vai se perdendo, e o até então estranho vai se integrando na comunidade (BINET-MONTANDON, 2011).

O acolhimento, assim como a dádiva, permeia a alteridade pois está relacionada à relação com o outro. Compartilhar seu espaço pessoal, sua casa, com um estranho pelo anfitrião deve ser regida pela alteridade, sem impor-se sobre o outro, pois somos sempre o outro do outro, um estrangeiro quando fora de nosso território (BAPTISTA, 2008). Dessa forma, a hospitalidade implica em uma recepção calorosa, hospedagem, alimentação e entretenimento, oferecidos a um visitante deslocado de sua casa, envolvendo mutualidade e troca (CAMARGO, 2004; LASHLEY, 2004).

Acolher o outro como hóspede significa aceitar recebê-lo em nossa casa, colocando a sua disposição o que temos e o que somos, sem desconfianças e sem cobranças, integrando-o no espaço sem anular sua subjetividade. Essa alteridade e acolhida do outro é papel da hospitalidade, sendo essa um rito que autoriza a entrada do outro no meu espaço, transpondo a soleira e rompendo limites, mas de forma acolhedora, sem recorrer à violência (RAFFESTIN, 1997).

O acolhimento é, então, uma característica fundamental da hospitalidade “real”, pois a permissão do estabelecimento do outro, compartilhando seu mundo, alimento, moradia, valores e cultura, possibilita a formação de laços sociais. Para isso é necessário que haja uma abertura em relação ao outro, uma aproximação sincera e

sem esperar algo em troca, exercendo a alteridade ao exercer a hospitalidade (SÍVERES; MELO, 2012). Um dos pais de santo entrevistados apresenta a relação de acolhimento e a importância desse para os visitantes:

*A grande maioria das pessoas que chegam para exercer ou sacerdócio ou caridade dentro da umbanda vem por uma necessidade pessoal, pelo amor ou pela dor, como a gente sempre diz, né? A grande maioria vem pela dor e fica pelo amor. A gente vê pessoas chegando aqui em situação de desespero e são acolhidas com abraço, com carinho, com ombro, com ouvido, a pessoa fala. Acho que esse é o grande diferencial que a umbanda traz, né? (Entrevistado 1, 2022).*

Esse acolhimento, que traz a dádiva em seu interior, é fundamental para a criação de vínculos sociais entre mim e o outro, onde trocas profundas são realizadas e marcadas pela inversão de papéis na relação, onde ora o outro é acolhido e ora é acolhedor (CAPPELANO; PERAZZOLO; FERREIRA, 2017). A hospitalidade é marcada pela continuidade e, entre a relação de dois atores em um mesmo espaço, o vínculo humano é perpetuado pela alternância de papéis (CAMARGO, 2004). Essa alternância de papéis, na Umbanda, se dá por meio do relacionamento com outras casas e pais de santo, como uma experiência relatada pela entrevistada 2:

*O meu marido atendeu a mãe da casa nas cartas e ela gostou muito do trabalho. A gente atendeu umas duas ou três filhas também, gostaram do trabalho e convidaram: ‘não, antes de vocês irem embora, vocês passem aqui na nossa casa para conhecer’. Aí a gira<sup>17</sup> era no sábado e a gente foi. A gente chegou lá, era um espacinho pequeno, simples. Tinha uma corrente razoavelmente grande de méiduns, acho que uns 10, 15 médiuns por aí. [...] Tomei um passe com uma pomba-gira depois, gostei muito do passe dela e voltei (Entrevistada 2, 2022).*

A hospitalidade é, então, um intercâmbio simbólico, seja material ou imaterial, que abarca a dádiva. Independente da forma que se dão as trocas, da questão econômica e da posição social dos atores do processo, o que realmente importa é a relação humana propiciada por essas (BRUSADIN, 2016). Ela pode ser mais festiva

---

<sup>17</sup> “Gira é uma expressão dos praticantes da Umbanda, cuja associação festivo-litúrgica, está referida ao movimento circular executado durante as cantigas aos orixás e demais entidades cultuadas” (SILVA, 2015, p. 12).

ou mais instrumental, com mais ou menos ritos e códigos, sendo sempre uma relação social assimétrica (GOTMAN, 1997).

Podendo ser concebida como um conjunto de comportamentos da sociedade, a hospitalidade envolve trocas e mutualidades, estando presente em diferentes domínios, como o “social”, “privado” e “comercial”. O domínio social da hospitalidade considera diferentes cenários sociais, refletindo rituais e valores de um grupo. No domínio privado, a hospitalidade representa o acolhimento, a oferta de alimentos e as trocas realizadas no ambiente doméstico, introduzindo símbolos e rituais individuais e do núcleo familiar. No domínio comercial, por outro lado, a hospitalidade permeia a troca financeira envolvida, onde as relações interpessoais vão além do serviço cobrado, fazendo com que o indivíduo se sinta genuinamente bem-vindo (LASHLEY, 2004). Na umbanda é possível observar essa dicotomia entre os domínios social e privado, pois além de compartilharem valores do grupo, trazendo à tona crenças compartilhadas na esfera social e articulando cultura e história, os casas, comumente chamados de casas, possuem regras, rituais e tradições individuais, e por meio da hospitalidade e rituais nesses espaços, a “oferta de alimentos, bebidas e acomodação representa um ato de amizade, cria lações simbólicos e vínculos entre as pessoas envolvidas na partilha da hospitalidade” (LASHLEY, 2004, p. 15).

Mas é possível haver hospitalidade quando falamos de regras? Segundo Camargo (2021), receber alguém em seu espaço, seja um espaço privado, como sua casa, locais públicos, como ser abordado na rua, ou até mesmo virtuais, como nas redes sociais e e-mails, significa adentrar o espaço do outro, espaço esse governado por rituais, regras e leis individuais. Esse paradoxo da hospitalidade é composto de uma obrigação desobrigada formada de leis não escritas que, ainda segundo Camargo (2021), são:

- A incondicionalidade, uma ética que cerne a acolhida do outro;
- A reciprocidade, firmada na honra entre hospedes e anfitriões;
- A assimetria, onde quem acolhe está sempre em uma posição de soberania;
- A compensação, onde cabe ao hóspede retribuir a dádiva recebida, mantendo a circularidade.

Contudo, segundo Derrida (2003), a Lei da Hospitalidade está acima das leis, porém precisa delas para existir, e, apesar de serem contraditórias, são inseparáveis.

A Lei da Hospitalidade, proposta por Derrida, tange a incondicional, é uma aspiração, uma vez que propõe o acolhimento do outro incondicionalmente, onde a alteridade prevalece, sem imperativos, gratuitamente, sem dever e normas. Porém as leis da hospitalidade relacionam-se com o direito, a cultura, o dever e as normas, ela é condicional e condicionante (DERRIDA, 2003). E assim são marcados os dois grandes aspectos da hospitalidade, onde, de um lado, há a hospitalidade incondicional, sagrada, e representada pelos deuses e as mitologias, e do outro a hospitalidade condicionada, fundamentada nas leis e organizando as relações com o outro (GRASSI, 2011).

Ao estudar hospitalidade e dádiva, entende-se que o vínculo social formado por meio dessas é também um elo espiritual (FUNARI, FREDERICO, 2017, p.283), o que reafirma a necessidade de estudar as relações dádivas dentro do âmbito religioso, analisando a espiritualidade, a religiosidade, e sua relação com o social.

Em diferentes situações e aspectos da sociedade, a hospitalidade está presente nas relações humanas, e assim “a história da hospitalidade é a história do homem, de seus encontros, de seus diálogos e de tudo aquilo que ele tem criado para facilitar sua aproximação com seus semelhantes” (GRINOVER, 2006).

A história da hospitalidade traz, em seu âmago, a religiosidade e, de uma forma geral, a espiritualidade. Mesmo se manifestando de formas diferentes ao longo do globo, a hospitalidade foi associada, em muitos grupos e sociedades, a deuses e princípios religiosos. Devido ao fato de a noção de hospitalidade coincidir com os princípios básicos de grande parte das religiões, é possível observar manifestações das leis da hospitalidade em rituais, festas e práticas religiosas, permitindo aos indivíduos a criação de uma comunidade, realizando trocas permeadas pelo caráter implícito de obrigação (GOTMAN, 1997).

## **4 UMBANDA**

Para a compreensão das interfaces da hospitalidade e da hostilidade nas casas de umbanda, é preciso contextualizar a umbanda, suas práticas e mitos. Dotada de vasto universo cultural com práticas e rituais únicos, decorrentes de transformações que traz em seus alicerces características de diferentes povos e culturas encontrados no Brasil, a presente sessão tem a umbanda como foco central de análise.

Ressalta-se a importância da produção editorial para a teologia umbandista, onde pais de santo e estudiosos da religião dedicam-se a documentar e publicar práticas, rituais e fundamentos a fim de desenvolver uma teologia umbandista. Autores como Saraceni (2012; 2017), Cumino (2017) e Barbieri (2021) são referências para os estudos de umbanda, em um nível teológico. Contudo, a produção do conhecimento teológico se distancia da esfera acadêmica, por não veicular investigações científicas estruturadas.

Enquanto muitos estudos de caráter sociológico e antropológico que abordam a religião visam definir claramente o objeto de estudos analisado (GOTMAN, 2013), no presente trabalho compreende-se a pluralidade da umbanda e de suas manifestações e acredita-se que apresentar a ela e suas práticas uma definição única constitui uma redução do arcabouço cultural religioso e da pluralidade das casas. Por isso, optou-se no presente capítulo pela inclusão de diferentes discussões acerca das origens da umbanda, seus rituais e práticas mais comuns e quais os orixás e entidades mais comumente cultuados nas casas.

### **4.1. Uma breve história da umbanda**

A religião é um campo de disputas entre os diferentes sujeitos e perspectivas que criam diferentes narrativas, mitos e paradigmas de busca por origens. Longe de se pretender abordar todas as nuances da religião, esse item se configura como uma tentativa de contextualização da história da umbanda, apresentando um breve contexto sobre as origens da religião, como síntese de um debate maior relativo à sua construção religiosa e formação.

Para muitos umbandistas e estudiosos da religião, a umbanda é uma religião brasileira que apresenta, em seu universo simbólico, práticas, símbolos e tradições oriundas de religiões e tradições culturais das três principais matrizes brasileiras: a população negra escravizada, indígena e europeia, representados por aspectos associados ao culto aos orixás, ao sincretismo religioso com imagens de santos católicos, rezas e benzimentos, aos processos de incorporação presentes em diferentes cultos africanos, indígenas e no espiritismo kardecista, e aos saberes sobre a natureza e uso de ervas que correspondem aos saberes tradicionais (SIMAS, 2021; NOGUEIRA, 2021).

Segundo o mito fundador em que se fundamenta essa crença, no dia 15 de novembro de 1908, Zélio Fernandino de Moraes, um jovem de 17 anos que passou por uma série de manifestações espirituais que resultaram em problemas de saúde, incluindo uma paralisia repentina, e foi levado à Federação Espírita de Niterói onde incorporou o Caboclo<sup>18</sup> das Sete Encruzilhadas. Após ser hostilizado por ser um espírito de caboclo, entidades malquistas no kardecismo por serem consideradas atrasadas, o Caboclo informou que no dia seguinte, iniciaria um culto onde todos pudessem participar (GUIMBELLI, 2003; AZEVEDO, 2008), manifestando os seguintes dizeres:

Se julgam atrasados esses espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei em casa deste aparelho, para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar a sua mensagem, e, assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim (AZEVEDO, 2008, p.17).

No dia seguinte, na casa de Zélio, manifestou-se novamente o Caboclo das Sete Encruzilhadas, e a partir dessa data foi fundada a “Tenda Nossa Senhora da Piedade”<sup>19</sup>, a primeira casa de umbanda, surgindo assim também a nova religião onde

---

<sup>18</sup> Os caboclos são entidades que se manifestam na umbanda e constituem representações de indígenas (NEGRÃO, 1996).

<sup>19</sup> A Tenda Nossa Senhora da Piedade, localizada na Rua Floriano Peixoto nº 30, São Gonçalo, RJ, é a primeira casa de umbanda, inaugurada em 16 de novembro de 1908. A tenda segue em funcionamento sob a direção das filhas de Leonardo Cunha, bisneto de Zélio Fernandino de Moraes, e tem como “Chefe” da casa o Caboclo das Sete Encruzilhadas (TENSP, 2020).

todos<sup>20</sup> seriam bem-vindos e a caridade seria seu principal fundamento (AZEVEDO, 2008; SARACENI, 2012)<sup>21</sup>.

O mito fundador foi altamente difundido durante o Estado Novo<sup>22</sup>, onde a umbanda ganha força por ser uma religião brasileira que traz elementos dos diferentes grupos sociais que formam o Brasil e, assim, representa a “democracia racial” do país (OLIVEIRA, 2009). Entre 1930 e 1973 foram realizados alguns congressos umbandistas, especialmente por parte das casas e teólogos do Rio de Janeiro e São Paulo, que tinham como o objetivo codificar e unificar a umbanda, aproximando-se aos modelos de religiões “tradicionais” e aceitando os critérios de elites dominantes, uma das estratégias de legitimação da umbanda (CARNEIRO, 2020; OLIVEIRA, 2009).

É importante analisar o contexto histórico de sua difusão pois esse pode ser entendido, como se pontuou, como uma das estratégias de legitimação da umbanda como uma religião brasileira, distanciando-a das demais religiões de matriz africana como candomblé, jurema<sup>23</sup> e tambor de mina<sup>24</sup>, que eram muitas vezes conhecidas por seus elementos africanos, como o culto aos orixás e ao toque de atabaque, culturalmente chamado de macumba<sup>25</sup>. Com a oralidade e a articulação da umbanda com os elementos de outras religiões, surgem diferentes vertentes de umbanda, que

---

<sup>20</sup> A Umbanda surgiu com um intuito de acolher os diferentes grupos sociais e espirituais em prol da caridade, acolhendo pessoas e entidades que eram rejeitadas pelas vertentes dominantes religiosas, como o catolicismo e o kardecismo, devido a uma série de tabus, como a sexualidade (AZEVEDO, 2008).

<sup>21</sup> Saraceni foi um teólogo de Umbanda, fundador da Associação Umbandista e Espiritualista do Estado de São Paulo, que escreveu uma série de textos para a criação de uma doutrina da Umbanda Sagrada, sendo considerado uma referência para muitos terreiros de Umbanda, especialmente nos estudos mediúnicos (CAPELLI, 2017).

<sup>22</sup> Com a consolidação do Estado Novo, um projeto político populista foi implementado, resultando na criação de um imaginário social brasileiro, uma “identidade nacional” afim de unificar a nação. (CAPELATO, 2006).

<sup>23</sup> O culto de Jurema, também conhecido como Jurema Sagrada, é uma religião que apresenta elementos de tradições indígenas e cultos africanos cultuada especialmente no Nordeste e cujos principais rituais estão associados à árvore da Jurema, permitindo conectar os homens ao mundo espiritual por meio da bebida sagrada (SANTIAGO, 2008).

<sup>24</sup> Tambor de Mina é uma religião afro-brasileira que surgiu em São Luís do Maranhão em meados de XIX. Atualmente a religião é mais amplamente cultuada no Maranhão e na Amazônia. Descendente de religiões e cultos africanos nagôs e jejês, sua religiosidade é expressa através de festas e rituais com transe, tambores e comidas. (FERRETTI, 2011).

<sup>25</sup> O termo macumba pode ser utilizado para designar diferentes elementos e possui diferentes significados comumente associada a religiosidade afro-brasileira, como: o instrumento africano de percussão, aos toques de atabaque (pontos) e aos cultos nos terreiros (SIMAS, 2021). No presente trabalho o termo foi utilizado para representar os rituais e práticas religiosas de religiões de matriz africanas.

se aproximam ora das vertentes africanas, ora do catolicismo e espiritismo kardecista. A entrevistada 2 vivenciou essa diferença e relata que:

*Lá no Sul é diferente a prática da umbanda da daqui. Aqui é uma umbanda mais pura, mais raiz, né? Mais próxima do espiritismo, muito ligada ao cristianismo. Lá no Sul, não. Lá já puxa mais para o batuque. Lá você vai ver muito mais casa mista, que tem culto de nação e culto de umbanda e, até hoje, a gente ainda tem algumas divergências, porque eu estudei e estudo até hoje a umbanda pro lado aqui de São Paulo, que tem as linhas de marinheiro, boiadeiro, baiano... E lá no Sul não, lá no Sul eles só trabalham com preto-velho<sup>26</sup>, criança, caboclo e cigano, só essas linhas principais. As outras linhas ele [o marido da entrevistada] só veio conhecer quando a gente veio para São Paulo (Entrevistado 2, 2022).*

As vertentes de umbanda mais próximas ao candomblé, que a entrevistada dois chama de casa mista, surgiram em um movimento de resgate e valorização da africanidade da religião, em especial a umbanda Omolocô<sup>27</sup>, que é comumente cultuada no Sul e Nordeste do Brasil e tem como principal representante Tancredo da Silva Pinto<sup>28</sup>. A partir da década de 1950, alguns estudos e publicações de intelectuais umbandistas destinaram-se a desconstruir a imagem de uma religião criada a partir de um mito fundador de 1908, além de apresentar suas construções e transformações culturais, assim como as estratégias de sobrevivência e resistências de crenças que fazem da umbanda a religião plural e multifacetada como hoje é conhecida (BAHIA; NOGUEIRA, 2018).

Em seu livro intitulado “umbandas: Uma história do Brasil”, Simas (2021, p. 16) apresenta algumas das diferentes nuances que compõe o corpo simbólico umbandista, afirmando também que a separação da umbanda da “macumba” e, por conseguinte, das tradições advindas de tradições e ritos africanos e indígenas se estabelece pela “desclassificação das crenças, danças, visões de mundo, forma de celebrar a vida, de enterrar os mortos, de educar as crianças e assim por diante”. Sob a perspectiva do autor, reforçando a discussão já apresentada por Ferreti (2014) e

---

<sup>26</sup> Os preto-velho são espíritos associados a pessoas negras escravizadas, com voz rouca e suave, sendo uma das mais conhecidas entidades de Umbanda. Os preto-velhos são conselheiros e fazem benzimentos e passes, sendo associados a valores como a paciência, a humildade e a sabedoria (REZENDE, 2017).

<sup>27</sup> A Umbanda Omolocô possui uma série de rituais comuns ao candomblé, em especial ao culto aos orixás, e tem raízes banto e angolana (LOPES, 2011).

<sup>28</sup> Compositor e sambista nascido em 1904, em Cantagalo, Tancredo da Silva Pinto é responsável por 30 obras sobre a Umbanda, sendo considerado um dos organizadores e representantes da Umbanda Omolocô (BAHIA; NOGUEIRA, 2018).

Bittencourt Filho (2003), é primordial repensar o sincretismo religioso. Bittencourt Filho (2003) define o sincretismo como uma fusão de elementos culturais originários de diferentes culturas. É por intermédio das interpretações e mescla desses símbolos que os indivíduos assimilam os elementos e os incorporam em suas vivências. Para Ferretti (2014), o sincretismo religioso é considerado uma estratégia de sobrevivência da crença iorubá, em virtude da imposição da religiosidade católica pelos colonizadores e a repressão às crenças tradicionais, resultando na assimilação dos orixás africanos às imagens de santos católicos, permitindo que os negros escravizados continuassem promovendo sua crença e fé, reduzindo a violência e repressão. Essas lutas para preservação da memória ancestral africana e brasileira possibilitou a criação de novas identidades culturais e religiosas (BRITO, 2017).

Com elementos culturais anteriores ao mito fundador, alguns dos fundamentos e símbolos estruturadores da religião datam de muitos anos antes, desde a diáspora africana. O culto aos orixás, um dos pilares religiosos da umbanda, é advindo das nações Nagôs, Jejês, Iorubás, Bantos e outras diferentes nações de negros africanos trazidos ao Brasil durante o período colonial. Nesse período, os negros de diferentes etnias se uniram e recriaram seus cultos, reduzindo num novo culto aos orixás que, posteriormente, formaram algumas das religiões afro-brasileiras conhecidas atualmente, como umbanda, candomblé, *santería* e tambor de mina (BRITO, 2017).

A persistência com que os escravizados buscaram preservar tradições culturais, reconstruir laços identitários, compartilhando formas de entender o mundo e nele agir, sinaliza as veredas a serem trilhadas para extirpar as heranças deixadas pelas sociedades escravistas [...] as lutas para preservar a memória dos ancestrais africanos e brasileiros, luta essa que permitiu a criação de novas identidades místicas em terras brasileiras (BRITO, 2017, p. 16).

Essa luta para preservação da identidade, cultura e memória ancestral relaciona-se com a percepção de um grupo que possui grande influência nas tradições umbandistas: os Bantos<sup>29</sup>. A percepção de vida e espiritualidade dos povos bantos está relacionada ao fortalecimento do *mooyo*<sup>30</sup>.

---

<sup>29</sup> “Os bantos são um conjunto de povos que habitavam a África Central nas regiões que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cabinda.” (DAIBERT, 2015, p. 10).

<sup>30</sup> *Mooyo* é a força vital, elemento que fundamenta o estilo de vida banto. Os elementos da natureza possuem *mooyo* e, a partir da conexão com esses elementos e com o *mooyo* de outras comunidades, é possível fortalecer sua força vital (SIMAS, 2021).

[...] a ideia de que todos os povos têm o seu mooyo, que pode ser constantemente renovado, acrescentado, alimentado, inclusive pela disponibilidade de incorporar símbolos, ritos, crenças, divindades de outros povos. Ao se abrir para experimentar o mooyo de outras comunidades, podemos alimentar, renovar e recriar o nosso próprio mooyo, quando escolhemos esse caminho, não abrimos mão de nossas crenças originais, mas sabemos perceber que outras crenças também podem ser fontes de saúde, estabilidade, harmonia e prosperidade” (SIMAS, 2021, p. 47).

Assim, o contato com outras religiosidades e a necessidade de adaptação para poder manifestar sua crença torna possível diferentes dimensões e sentidos de sincretismo, como convergência, paralelismo, mistura e separação, sendo possível encontrar numa mesma casa em diferentes situações as diferentes variantes do sincretismo (FERRETTI, 2013).

Podemos dizer que convergência entre ideias africanas e outras religiões sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito de encarnação; que existe paralelismo nas relações entre os orixás e santos católicos; que existe mistura na observação de certos rituais pelo povo santo, como batismo e missa de sétimo dia; e que existe separação em rituais específicos de terreiros (FERRETTI, 2013, p. 100).

Portanto, os processos de estruturação e criação de saberes e práticas na umbanda são parte de processos de adaptação, aberto a alteridades, de trocas de saberes com outros grupos sociais e religiosos, transformando-a em uma religião única, com suas próprias dinâmicas e pluralidades (SIMAS, 2021).

## **4.2 Os mitos e arquétipos de umbanda**

Cultura, segundo o antropólogo Clifford Geertz (1989, p. 14), é inerente aos seres humanos, está associada ao modo de vida e à memória de um povo, o comportamento humano, seus ritos, símbolos, modos de fazer e costumes, representa uma ação simbólica que possui um significado para o grupo. Para se conhecer a cultura requer-se um processo interpretativo que envolve analisar os significados por trás das práticas e o discurso social.

Os grupos sociais são constituídos a partir de uma rede simbólica que os significa. O imaginário social é formado por esse simbolismo que tem o poder de diferenciar um grupo de outros, sendo uma presença viva que sustenta a identidade de um grupo (CARVALHO, 2002, p. 26). É impossível abordar a religiosidade afro-brasileira, fundamentada no culto aos orixás, sem abordar sua mitologia. Embora inscrita no domínio de religiosidades, a mitologia tem um importante papel como elemento constitutivo da cultura.

Neste momento [durante os rituais e na transmissão de saberes] o mito, por intermédio do rito, ganha um significado especial, para o ato da transmissão, pois ele se torna capaz de abrir um 'espaço' adequado para a constituição do resgate da tradição e da memória (TAVARES; RIVAS, 2012, p. 73).

Conforme apresentado por Tavares e Rivas (2012, p.73), os mitos são importantes para os rituais, especialmente nessas religiões em que a forma de expressão de sua memória coletiva repousa sobre a oralidade, não possuindo uma doutrina única nem um livro sagrado como em outras religiões. Por meio de sua mitologia, os saberes, rituais, dogmas e valores das religiões de matriz africana são transmitidos, de geração em geração (LIMA, 2016).

Os mitos são, assim, parte da cultura dessas religiões e possuem um importante poder simbólico para as mesmas. O poder simbólico é o que significa o mundo para uma sociedade, sendo responsável pela construção da realidade desse grupo. É por meio dos símbolos que se estabelece a percepção do mundo e a reprodução da ordem social, sendo um importante instrumento de conhecimento e comunicação (BOURDIEU, 1989).

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1989, p. 14).

Eliade (1991) reforça a importância dos símbolos para a percepção do mundo ao afirmar que o pensamento simbólico é inerente ao ser humano, revelando aspectos profundos da realidade, criando imagens significativas para os homens (ELIADE, 1991). O imaginário, por sua vez, que é uma representação do pensamento,

estabelece uma relação com a dimensão simbólica por intermédio dos símbolos, ritos, crenças, significantes e seus significados (PESAVENTO, 1995).

A mitologia é, segundo Jung<sup>31</sup> (1987), uma representação do inconsciente coletivo e a projeção dessas representações formam os arquétipos. Os mitos são representações do inconsciente coletivo, seus símbolos e significados, e a interpretação dos mitos é realizada de forma simbólica, buscando identificar os motivos, significados subjacentes e seus símbolos. Assim, é possível compreender a formação dos arquétipos e, por conseguinte, a fundamentação das religiões. Essa ideia é reforçada por Lévi-Strauss (1978, p. 9) ao afirmar que “os mitos despertam no homem os pensamentos que lhe são desconhecidos”.

Por vezes desvalorizado no campo científico, os mitos, e o imaginário, são modelos e teorias que permitem pensar e compreender a realidade, tendo um papel fundamental para a cultura e tradição de povos tradicionais. As deidades representadas nos diferentes mitos possuem um papel intermediário entre um Deus maior e a humanidade, representando situações místicas, mas também cotidianas. Esses mitos são fábulas que narram em metáforas a relação do homem com a natureza, facilitando a compreensão dos fenômenos que ocorrem, podendo ser considerados alegorias que representam os fenômenos naturais do universo (RUTHVEN, 2010, p. 23). Dessa forma, o pensamento mitológico, expresso por meio de metáforas, simbolismos, representações míticas e emocionais, fornece bases para que o homem compreenda a realidade vivida. (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 25).

Em religiões cuja transmissão de conhecimento e preservação da memória e práticas ocorre por meio da oralidade, como nas religiões afro-diaspóricas, as tradições orais se manifestam na fala, gestos, modos de fazer e expressões não verbais, e a mitologia tem um importante papel na sistematização das crenças, pensamentos e tradições culturais (PINHEIRO, 2017). Gotman (2013) acrescenta ainda que a religião é uma experiência de encontro com o místico e o divino, um encontro transcendental que permite a transmissão de informações e conhecimentos,

---

<sup>31</sup> Os estudos junguianos permitem compreender a relação entre mitologia e os arquétipos resultantes do inconsciente coletivo. Essa análise é importante levando em consideração a dimensão psicológica das religiões e seu papel na percepção de mundo dos indivíduos, como apresentado por Segal (1999). Contudo para melhor compreensão do papel dos arquétipos e da mitologia na cosmovisão dos terreiros, podem ser consultados textos diversos de Nascimento (2016), Haddock-Lobo (2020) e Barbosa (2017).

induzindo a reflexão crítica e promovendo relações interpessoais, engajando-as de diferentes formas. Segundo Cumino e Queiroz (2017), esse encontro com o místico se dá na descoberta de si com o sagrado e da divindade em si, uma unicidade dos dois o centro (UM) se une ao todo (BANDA). Na umbanda essa transmissão de saberes é notável, especialmente ao analisar as relações de aprendizado nas casas, onde os pais-de-santo iniciam os novos membros na religião e ensinam os fundamentos e práticas religiosas. Para os entrevistados, a mitologia tem um papel importante para o desenvolvimento mediúnic e para a sustentação da religião, embasando algumas de suas práticas realizadas:

*Nós usamos toda a literatura desde Saraceni a outros, vários livros da Doutrina da umbanda e kardecista, como até o Evangelho, para fundamentar algumas coisas e para fazer um contraponto. Hoje a gente tem uma vasta literatura, então a gente recomenda que as pessoas leiam de um e de outro para tirar as próprias conclusões. Os estudos internos que nós fazemos, que costuma ser as quartas-feiras, consistem assim: a gente distribui os materiais, as pessoas leem, vem tirar as dúvidas e então vem os guias para esclarecer. É feito um debate, um entende uma coisa, outro entende outra e cada um deve ter sua própria convicção. Mas em termos de fundamentos, a gente faz isso na prática, né? Explica o que é, para que é e como se faz. Nós passamos esses fundamentos e deixamos que as pessoas entendam da melhor forma possível. Alguns adotam uma vertente, outros adotam outra e a umbanda é isso, nós temos que ser ecléticos em relação a isso (Entrevistado 1, 2022).*

Sendo assim, os rituais e festas possuem um papel essencial para as vivências e experiências desses grupos, sendo formas de convívio, transmissão de saberes, preservação da cultura e expressões da fé. Pinheiro (2017, p. 81) especifica que:

As experiências dos povos de religiões afro-brasileiras, nesse caso, transmitem os fundamentos religiosos não só através de conversas ou contação de histórias relacionadas à mitologia dos orixás. A própria ritualística é permeada por esse processo de memorização dos fundamentos e preceitos, que se repetem nas práticas mágico-religiosas, expressas em gestos e música (canto e dança). Esse processo é imbuído de circularidade, presente nos rituais, que procuram evocar a ancestralidade de um tempo passado, aproximando-os ao presente.

Essa transmissão oral de saberes e a participação de diferentes etnias na criação dessas religiões resulta na formação de múltiplas versões de cultos e práticas, variando desde os orixás cultuados, aos rituais e práticas realizados dentro das casas

(PRANDI, 2017). Essa transmissão oral que acontece na comunidade, tange, em muitas das vezes, as relações familiares, estendendo essas relações às famílias de santo, são responsáveis pela manutenção dos saberes e pelas interações socioculturais (ALVES; SANTOS, 2016). A entrevistada dois relata que sua relação com a umbanda e os contatos iniciais se deram pela transmissão desses saberes por sua família, influenciando nas entidades com que trabalha:

*A umbanda ela já vem na minha família desde a minha tataravó, que eu tenho conhecimento. A umbanda não, mas, assim, antes da umbanda, o que já era cultuado antes da umbanda e depois a umbanda. Eu tenho conhecimento, assim, que a minha bisavó pelo menos, ela trabalhava, ela incorporava Caboclo, Preto-Velho, na casinha dela, no meio do mato. [...] Minha família sempre soube que tinha um pé dentro da umbanda, mas ninguém quis seguir, então as entidades da minha bisavó, como ninguém deu seguimento, ficou toda a herança para mim, passou tudo para mim, caboclo, preto-velho, né? (Entrevistada 2, 2022).*

Um dos principais elementos simbólicos e ritualísticos da umbanda são os espíritos guias, ou seja, “todos os espíritos que passaram pelo processo de encarnação e, ao longo de sucessivas vidas, realizaram serviços de grande relevância para a sociedade como um todo pela ótica divina dos Orixás” (CARNEIRO, 2020, p. 231). A umbanda possui elementos, práticas, símbolos e dinâmicas que dialogam com elementos e rituais presentes em diferentes tradições e religiões, como o candomblé, a *santería*, o catolicismo, o espiritismo kardecista e as ritualísticas indígenas, como as imagens de santos católicos, o uso de ervas e fumo, os atabaques e as indumentárias (SIMAS, 2021, p. 26; NOGUEIRA, 2021, p. 48). Friedericks (2007, p.3) especifica outros elementos, a saber:

Os elementos das diferentes culturas que compõem a umbanda coexistem através da utilização de símbolos específicos, que estão presentes de forma harmônica nos rituais, iniciações e sacramentos da religião, como a forma de relacionamento entre os vivos e os mortos do kardecismo, os santos católicos, os cantos africanos e as danças indígenas (FRIEDERICKS, 2007, p. 3).

Um dos principais elementos diferenciadores da umbanda dessas religiões citadas são seus princípios, rituais, práticas e universo simbólico, que abarca, o culto aos orixás, o culto e a incorporação de entidades como preto-velhos (representação dos negros escravizados), caboclos (entidades indígenas), crianças (ibejis ou erês), ciganos, exus, pomba-gira marinheiros e malandros, além de conhecimentos e rituais

que a tornam única (PINTO, 2014). No movimento de incorporação e reinterpretação de tradições e valores, sobressaem as emblemáticas entidades, os “chefes da casa”, e os orixás, sendo o ponto focal dos rituais de umbanda e quem comanda os rituais, tornando necessário o conhecimento de sua mitologia.

Os mitos iorubás narram a relação dos seres humanos com a natureza e com a realidade, representando a interação entre o mundo material e o invisível, buscando a interação entre os elementos físicos e espirituais, significando as vivências e representando os fenômenos naturais do universo (SIMAS, 2021, p. 9; PRANDI, 2001, p. 18). Nas lendas iorubás é notável as interfaces do sagrado e do profano, não em um sentido de dualidade, mas de interação, onde os orixás possuem sentimentos, como os humanos, expressando amor, raiva, inveja, desejos, o que

[...] apresenta um senso do tempo imaginal e uma proximidade com o sagrado menos intelectualizadas, mais espontâneas, mas bastante genuínas e fiéis ao modo próprio do seu acontecer (talvez por não ter sido objeto de racionalizações sociopolíticas, nem vítima de interpretações fundamentalistas, aliás incompatíveis com o “ethos” da sua espiritualidade) (BAIRRÃO, 2002, p. 58).

Na sociedade iorubá os mitos eram oralmente transmitidos e representavam as crenças e tradições de seu povo, permitiam a compreensão da origem do mundo e do futuro, e explicavam os fatos presentes vivenciados diariamente, formando assim uma importante estratégia de interpretação e poder simbólico (AZAMBUJA, 2010). Na umbanda os mitos têm o papel de explicar os mistérios da natureza e quem são seus orixás, suas qualidades, defeitos, preferências e gostos, permitindo que seus filhos de santo se identifiquem com essas características, desenvolvendo um senso de pertencimento. Esses mitos têm o papel de conectar as pessoas com o sagrado, e ensinar lições por meio das histórias vividas pelos orixás, como apresentado abaixo.

A influência da mitologia iorubá é observável em diferentes rituais da umbanda, nas decorações das casas, nos símbolos utilizados, nas festas, crenças, além de sua expansão para diferentes áreas da cultura nacional, influenciando a gastronomia, música, cinema, entre outros. Apesar das especificidades de cada casa, é possível

observar, de forma geral, alguns dos aportes da mitologia, como o abebé<sup>32</sup> de Oxum e os rituais fúnebres do axêxê<sup>33</sup>.

Levando em consideração a visão junguiana, o imaginário tem uma dimensão ontológica, sendo construído na ação do ser humano no mundo, um resultado da vivência e da pluralidade de imagens, representando um rico patrimônio de linguagens, símbolos e artefatos que significam e expressam ritos, memórias, sentimentos e mitos. Os fenômenos observados pelos humanos representados nos mitos, são resultados de ideias e conceitos pré-existentes em seus subconscientes e estudar mitologia torna-se fundamental para compreender a função social desses símbolos para a criação de sentido e significados para o grupo (SEGAL, 1999, p. 90; JUNG, 1987, p. 125).

A essência das religiões está nas representações coletivas desse imaginário, que é constituído de arquétipos bem definidos de cada orixá (LEME, 2006, p. 21), que se refletem na personalidade dos praticantes, onde cada filho estabelece uma relação íntima com seu orixá e também com suas entidades, passando com eles a identificar-se. Por meio da análise da mitologia dos orixás, foi possível identificar que as lendas embasam os arquétipos associados aos orixás, como também reforça o senso comum e imaginário social dos praticantes da religião sobre a influência dos orixás na personalidade de seus filhos.

#### **4.2.1 Os Orixás na umbanda e os rituais de hospitalidade e hostilidade**

A influência da mitologia é observável em diferentes rituais da umbanda, nas decorações das casas, nos símbolos utilizados, nas festas, crenças, além de sua expansão para diferentes áreas da cultura nacional, influenciando a gastronomia, música, cinema, entre outros. A mitologia iorubá apresenta os contos dos orixás, do cotidiano local, das festividades e dos elementos da natureza, legitimando práticas e crenças dessas religiões.

---

<sup>32</sup> Objeto da religiosidade iorubá, o abebé de Oxum é o espelho dourado (leque dourado) que integra a indumentária cerimonial (LOPES, 2011, p. 27).

<sup>33</sup> Mito “Oiá inventa o rito funerário do axexê” (PRANDI, 2001, p. 310).

Para as religiões de matriz africana, cada um dos orixás está associado a um elemento da natureza ou da personalidade humana, como mar, trovão, cachoeira e pedra, os mitos dos orixás narram em metáforas a relação do homem com o mundo, por meio da espiritualidade das coisas. Etimologicamente, Orixá, proveniente do termo iorubá *òrìṣà*, significa ‘aquele que come na cabeça’ e é o termo utilizado para designar as deidades do panteão iorubá (ROMÃO, 2018, p. 364).

Devido a diversidade e a pluralidade nos casas de umbanda e candomblé no Brasil, assim como a força da oralidade na reprodução da memória coletiva dessas religiões, os orixás cultuados em cada casa costumam variar, sendo que, na umbanda, nove são os orixás mais comumente cultuados: Oxalá (incluindo Oxaguian e Oxalufã), Ogum, Oxum, Xangô, Iemanjá, Iansã, Oxóssi, Obaluaê (também conhecido como Omolu) e Nanã (FREITAS, 1953). Essa diversidade, também marcante no candomblé, envolve o culto de outros orixás, sendo importante frisar que o panteão iorubá é composto por trinta e dois Orixás, cultuados de forma distinta no candomblé, umbanda e demais religiões de matriz africana. É igualmente importante ressaltar o caráter plural e multifacetado da religião, que tem a oralidade como forma de difusão de sua história, saberes, tradições, práticas sociais e mitos, sendo assim, não é possível estabelecer uma doutrina única (SIMAS, 2021, p. 8).

Nas lendas iorubás é notável as interfaces do sagrado e do profano, onde os Orixás possuem sentimentos, como os humanos, expressando amor, raiva, inveja, desejos, o que

[...] apresenta um senso do tempo imaginal e uma proximidade com o sagrado menos intelectualizadas, mais espontâneas, mas bastante genuínas e fiéis ao modo próprio do seu acontecer (talvez por não ter sido objeto de racionalizações sociopolíticas, nem vítima de interpretações fundamentalistas, aliás incompatíveis com o “*ethos*” da sua espiritualidade (BAIRRÃO, 2002, p. 58).

A essência da religião está nas representações coletivas desse imaginário, que é constituído de arquétipos bem definidos de cada orixá, que se refletem na personalidade dos praticantes, onde cada filho estabelece uma relação íntima com seu orixá, passando com ele a identificar-se. Esse aspecto pode influenciar nas relações de hospitalidade ou mesmo desencadear situações de hostilidade, como apresentado pela entrevistada 7 (2022) ao afirmar que para evitar conflitos, utiliza sua

guia e contra-egun<sup>34</sup> escondidos, pois a personalidade é muito forte, então evita ser confrontada. E também quando a entrevistada 2 (2022) fala da importância da leitura e da calma, utilizando a parcimônia de sua orixá Nanã. Esses aspectos de personalidades dos orixás, conforme identificado na mitologia analisado e reforçado em algumas das entrevistas, reiteram o senso comum acerca do imaginário social na religião, ou seja, as lendas embasam os arquétipos associados não somente aos orixás como aos seus filhos.

Para cada um dos orixás, os imaginários que se encontram associados a esses arquétipos são corroborados pelos mitos, sendo possível compreender uma parte das ritualísticas nas casas, como os alimentos e oferendas aos orixás de acordo com suas preferências e *quizilas*<sup>35</sup>. Os elementos simbólicos estão presentes nas narrativas, tais como personalidade, elementos da natureza e outros comportamentos retratados nos mitos, seja por meio da independência e coragem de Oxóssi, a serenidade e sabedoria de Oxalá, o poder de cura de Obaluaiê, ou entre as tantas outras características e símbolos dos diversos orixás representados na mitologia e perpetuados nos rituais nas casas de umbanda. Dessa forma, os mitos são responsáveis pela estruturação dessas religiões, seus preceitos e crenças, além de fornecerem um arcabouço que explica os fundamentos religiosos.

A hospitalidade, na dimensão mitológica, está diretamente ligada à acolhida e à comensalidade, assim como a hostilidade está associada a violações do pacto social, podendo resultar em guerras, transformando o *étranger* (estranho ou forasteiro) em *hostis* (bárbaro ou o parasita). É por meio da dádiva, ofertada por oferendas, ritos, festas, amabilidades e banquetes, que o estrangeiro recebe seu verdadeiro status perante o anfitrião, reduzindo o perigo inicial posto pelo outro (LÉONARD-ROQUES, 2011). Nesse sentido, os rituais de hospitalidade são mobilizados para minimizar situações de conflito e, conseqüentemente, de hostilidade (GOTMAN, 1997; CAMARGO, 2015).

Com uma representação arquetípica comumente associada à imagem predominante acerca das avós, sendo também considerada a avó dos orixás, Nanã Buruku, é a única orixá cultuada na umbanda que representa uma senhora, enquanto

---

<sup>34</sup> Instrumento de palha utilizado pelos filhos de santo para proteger contra *eguns* (ver nota 35).

<sup>35</sup> *Quizila*, são as restrições e proibições que representam coisas que não devem ser usadas nem feitas pelos orixás e seus filhos.

as demais são representadas como jovens. Na Mitologia dos Orixás, apesar de haver poucos mitos relacionados a ela, sua receptividade e acolhida são marcantes, oferece de comer e beber aos visitantes como forma de hospitalidade, tal como a imagem predominantemente acerca dos avós. A sabedoria de Nanã e sua parcimônia são associadas à sua idade e vivência. Com elementos caracterizados com a cor roxa, simboliza a calma, gentileza e dignidade, além de ser associada aos mangues e à lama. (VERGER, 2018, p. 80). Ao longo de sua mitologia é possível observar diferentes ritos de hospitalidade, como a comensalidade, a acolhida, a alteridade e o entretenimento. No mito “Naná tem um filho com Oxalufã”, o orixá Oxalufã (uma variação do orixá Oxalá, sendo um orixá idoso assim como Nanã) é enviado pelos outros orixás para acalmar Nanã. Ao chegar na casa de Nanã o orixá é acolhido, Nanã lhe oferece o que comer e beber e apresenta sua casa (PRANDI, 2001). A anfitriã recebeu o orixá, até então desconhecido, e o acolheu em seu território, respeitando sua alteridade. Pelas leis da hospitalidade, cabe ao anfitrião receber o outro em seu espaço, protegê-lo e oferecer o melhor ao seu hóspede, sempre honrando-o e respeitando-o (PITT-RIVERS, 2012).

Diferentemente da Lei da Hospitalidade apresentada por Derrida (2003), onde a hospitalidade deve ser oferecida de forma incondicional, orientada pela alteridade, receber alguém em seu espaço é um ritual regido pelas leis da hospitalidade, ou seja, por um conjunto de regras e condições (CAMARGO, 2021). No caso da lenda de Nanã supracitada, a orixá permitiu o acesso de Oxalufã a todos os cômodos de sua casa, exceto seu jardim, onde viviam os *eguns*<sup>36</sup>.

Outra cena de hospitalidade presente na mitologia da Nanã está no mito “Naná fornece a lama para a modelagem do homem”. Na lenda da criação dos homens, Oxalá era o orixá responsável pela criação do mundo e dos seres humanos, encargo dado por Oxalufã. Após tentativas falhas, Nanã, a senhora da lama, oferece seu auxílio, dando ao orixá uma porção de sua lama para que o homem seja modelado. Dar algo para alguém, é dar um pedaço de si, enquanto aceitar algo de alguém envolve aceitar a essência espiritual dessa pessoa (MAUSS, 2017). Ao receberem a

---

<sup>36</sup> Segundo Prandi (2001, p. 565), um *egum* é um “antepassado, espírito de morto, o mesmo que egungum”. Atualmente, os *eguns* são muitas vezes associados aos espíritos errantes, porém essa associação é errônea, uma vez que os chamados *eguns* são espíritos que representam classes ou grupos marginalizados da sociedade, incluindo escravos, indígenas e imigrantes (MOTTA, 2018).

lama que lhes fornece a vida, os homens ficam em uma posição de dívida para com Nanã, devendo-lhes retribuir após a morte.

Mas tem um dia que o homem morre  
e seu corpo tem que retornar à terra,  
voltar à natureza de Nanã Burucu.  
Nanã deu a matéria no começo  
mas quer de volta no final tudo o que é seu (PRANDI, 2001, p.197).

A lama representa então o objeto dado por Nanã e, em todo objeto dado, existe a essência de seu doador. A coisa dada passa a ter, então, um *hau* (espírito das coisas). A existência do *hau* marca a circularidade da dádiva e a obrigação, uma vez que é sempre necessário dá-los de volta para a manutenção dos vínculos sociais, ou seja, ao retribuir ocorre a inversão de papéis, o que recebe se converterá no doador e vice-versa. “No fundo, é o *hau* que quer voltar ao lugar de seu nascimento, ao santuário da floresta e do clã e ao proprietário” (MAUSS, 2017, p. 207).

Muitas vezes associada à mulher, em especial no mundo ocidental, onde é representada como papel (ou função) da mulher, a mesma que gera e dá vida, as relações de hospitalidade e hostilidade também estão presentes nos mitos de outras orixás, como Iemanjá, Oxum e Iansã, que são consideradas as mães na umbanda.

Iemanjá (*Ìyémọ́já*, em iorubá), primeira orixá criada, é a mãe de todos os orixás. Talvez a mais famosa dos orixás, representa as águas salgadas, os mares e os oceanos. Seus elementos, fios de conta e trajes são azuis. Também chamada de Senhora das Cabeças, é Iemanjá que cuida dos *oris* (cabeças) de todos os mortais (PRANDI, 2001, p. 388). “O caso é que Iemanjá é a ‘Mãe da Vida’, e como tudo o que existe só existe porque foi gerado, então ela está na geração de tudo o que existe” (SARRACENI, 2017, p. 170). Nos diferentes mitos representados na Mitologia dos Orixás, o caráter de mãe e criadora é destacado, como nos mitos que representam a criação do universo e da terra “Iemanjá ajuda Olodumaré na criação do mundo” (PRANDI, 2001, p. 380) e “Iemanjá dá à luz as estrelas, as nuvens e os orixás” (PRANDI, 2001, p. 385).

Em um dos mitos apresentados, Iemanjá faz o papel do bom hóspede ao levar um presente ao seu anfitrião, o orixá Olodumaré. Nesse conto, é possível analisar a circularidade da dádiva por uma série de dons e contradons trocados. Olodumaré inicia o ritual de hospitalidade ao convidar os orixás para uma festa, marcada por amabilidades, danças e um banquete. Iemanjá, uma de suas hóspedes, não somente

aceita a dádiva de Olodumaré, como a retribui, levando um presente ao anfitrião. A retribuição de uma dádiva não representa a anulação da dívida entre hóspede e anfitrião, mas sim uma inversão de papéis, dando início a um novo ciclo dadivoso (GODELIER, 2001).

Por sua vez, Olodumaré dá continuidade a esse laço criado com Iemanjá, recebe o presente e retribui com o título de Senhora dos *Oris*, dando a Iemanjá o poder de controlar todos os *oris* (cabeças) dos homens (PRANDI, 2001).

Iansã, também chamada de Oiá (em iorubá: *Oya*), é a orixá guerreira, representa os ventos, tempestades e raios, assim como Santa Bárbara, santa com a qual é sincretizada. Sua caracterização é com a cor vermelha, de temperamento ardente, é forte, determinada e autoritária (VERGER, 2018, p. 66). Nas passagens da mitologia iorubá, há representações de Oiá como guerreira, elas ressaltam a força de seu sopro destrutivo, o que hoje denomina-se de tempestades.

Oiá recebeu a mensagem, acendeu sua fogueira e começou a cantar seus encantamentos.

Oiá pronunciou algumas palavras e cruzou seus braços em direção ao céu.

Um raio partiu as grades da prisão e Xangô foi liberado.

Ao sair, Xangô viu Oiá, que vinha pelo céu [em] um redemoinho e levou Xangô para longe da terra Tákua.

Oiá libertou Xangô com o raio.

Oiá libertou Xangô com o vento.

Oiá libertou Xangô (PRANDI, 2001, p. 306).

Em um dos mitos de Iansã, “Iansã proíbe Xangô de comer carneiro perto dela”, é possível observar a condicionalidade na hospitalidade e acolhida de Iansã. Iansã tinha como tabu<sup>37</sup> (também chamados de *quizilas*) a carne de carneiro, pois, para poder ter filhos, realizou uma oferenda de carneiro. Xangô, ao peregrinar por terras além de seu reinado, avistou um palácio, quis conhecer o dono e se recusou a partir sem antes conhecê-lo. Iansã o recebeu à porta, deixou-o entrar, porém logo percebeu que o orixá havia se alimentado de carneiro. Iansã então afirma que:

[...] toda vez que ele quisesse comer carneiro;  
que ele voltasse para sua terra

---

<sup>37</sup> Tabus na mitologia iorubá, são um “sistema de proteção contra a impureza ao longo de certas etapas ambíguas e indefinidas da vida social e ritual e da existência pessoal, assim que a ideia de contaminação se torna relativa a transgressões de certos comportamentos rituais aptos a manter separações de uma classificação dada” (BASSI, 2012, p. 171).

e por lá ficasse por três meses, antes de regressar (PRANDI, 2001, p.299).

Por meio dessa lenda é perceptível que a acolhida de Iansã é condicional, devendo Xangô seguir suas restrições para ser então seu hóspede. Caso contrário, o orixá não seria bem-vindo em suas terras, devendo retornar ao seu local de origem.

Oxum é considerada uma orixá bela, vaidosa e sensual. Representação das águas doces, tais como cachoeiras, rios e lagos, a orixá simboliza fertilidade, o ouro, o amor e a beleza. Oxum possui as cores amarelo e dourado e seu objeto são os espelhos, representando sua beleza e vaidade (VERGER, 2018, p. 67). Nos diferentes mitos de Oxum é possível ver passagens que ressaltam a beleza da orixá, como no mito “Tanto foi Oxum à ossá<sup>38</sup>”:

Mas a memória de sua beleza ficou inscrita  
em cada um dos seixos polidos por seus pés.  
A beleza de Oxum  
Ficou para sempre nos otás<sup>39</sup> (PRANDI, 2001, p. 329).

Os mitos também apresentam o seu aspecto maternal, cuidado e devoção com seus filhos:

A triste esposa [filha de Oxum] correu para a casa de sua mãe em busca de socorro  
Oxum a recebeu carinhosamente e cuidou dela.  
Triturou folhas e preparou-lhe um banho de bacia.  
Banhou seu corpo, lavou o sangue, envolveu-a em panos limpos  
e a deixou repousando numa esteira sob a sombra de uma árvore. (PRANDI, 2001, p. 479).

A hostilidade também é evidenciada nos diferentes mitos, na relação entre Oxum e Iansã, seja ao serem retratadas como irmãs ou como mulheres de Xangô ou Ogum. Em um dos mitos, Iansã era irmã mais nova de Oxum, que era considerada a mais bela das orixás. Ao invadir o quarto de Oxum, onde a orixá guardava o que mais tinha de precioso, seus espelhos, Iansã descobriu ser a mais bonita das mulheres e prontamente contou a todos sua descoberta. Oxum, irritada pela transgressão da irmã ao mexer em seus espelhos e com inveja da recém-descoberta, utilizou o espelho da

---

<sup>38</sup> Rio localizado na Uganda

<sup>39</sup> “Pedra onde se assenta a força mística, o axé do orixá” (LOPES, 2011, p. 1072)

morte para punir sua irmã, causando terror em Iansã, e levando-a à morte (PRANDI, 2001). Mesmo quando o hóspede é conhecido, as leis da hospitalidade determinam limites e, ao transpor esses limites, a cena torna-se hostil devido à transgressão e a violência. Romper com a hospitalidade levou Iansã à morte, da mesma forma que nas tribos arcaicas, analisadas por Mauss (2017), romper com a hospitalidade representa declarar guerra.

Ogum e Xangô correspondem a dois orixás masculinos, talvez, os mais famosos. Considerados de personalidade forte e conhecidos por serem os orixás guerreiro e Rei, respectivamente, os diferentes mitos os representam defendendo seu território e em batalhas.

Ogum foi um orixá guerreiro, feroz,  
sempre caçando nas florestas, lutando para sobreviver.  
Xangô foi um orixá briguento  
e soube brigar tanto como Ogum (PRANDI, 2001, p. 264).

Por meio da mitologia também é possível identificar o simbolismo de cada um deles dentro das casas. Por exemplo, a imagem de justiceiro associada a Xangô também é embasada nas lendas. Por meio do seu mito, ele é reconhecido como o orixá da Justiça. Após poupar seus inimigos que sobreviveram à guerra, seu senso de justiça foi admirado e cantado por todos, e, desde então, orixás e seres humanos recorrem a Xangô para resolver pendências e buscar justiça. Sua força é simbolizada pelas pedreiras e pelo seu machado duplo, sempre presentes em suas representações (VERGER, 2018, p. 93).

Ogum, por outro lado, domina o segredo dos ferros, tem o conhecimento da forja e é um grande caçador e guerreiro. Sua força e coragem são suas principais características. Ogum, comumente representado pela cor azul, e sincretizado com o também guerreiro São Jorge (no Rio de Janeiro), constitui um dos arquétipos mais conhecidos da umbanda, sempre empunhando sua espada, trata-se de um orixá de grande influência e poder (ROCHA, 2001, p. 15).

As relações entre Ogum e Xangô, que em muitos dos mitos são irmãos, assim como Oiá e Oxum, possuem passagens de hospitalidade e, ao mesmo tempo, são fortemente marcadas pelo conflito e pela hostilidade, onde os orixás constantemente estão em guerra. É possível observar a hospitalidade privada, onde Ogum oferece abrigo e alimento ao seu hóspede, em “Ogum repudia Oiá por causa de Xangô”:

Xangô voltou à casa de Ogum  
dizendo-se doente, nem conseguia se alimentar.  
Ogum acudiu-o e pediu-lhe que ensinasse a Oiá  
o preparo de seu prato predileto, o *amalá*,<sup>40</sup>  
que sem dúvida saciaria sua fome e o curaria (PRANDI, 2001, p. 93).

A hostilidade, por sua vez, faz-se presente especialmente nas lendas onde há manipulação e quebra de regras pré-estabelecidas, como no mito “Xangô usurpa a coroa de Ogum” (PRANDI, 2001, p. 254) e “Xangô seduz o povo e usurpa o trono de Ogum” (PRANDI, 2001, p. 255).

Na mitologia iorubá, um outro tipo de hospitalidade, não muito discutida, manifesta-se: as relações de hospitalidade com os mortos. Segundo Van Gennep (2013) os rituais fúnebres são complexos e culturalmente diversos, envolve diferentes tipos de ritos, desde o rito de passagem, levando em consideração a passagem para a chamada ‘morada dos mortos’, até os ritos de agregação, que são atos de hospitalidade para os familiares.

Em “Oiá inventa o rito funerário do axexê”, lansã perde seu pai adotivo, o caçador Odulecê, e presta-lhe homenagens com seus instrumentos de caça, um banquete com seus pratos preferidos, dança e canto, durante sete dias, fazendo com que todos se reunissem para homenageá-lo. No sétimo dia a orixá depositou os pertences de Odulecê aos pés da árvore sagrada, completando seu ritual. lansã, nomeada por Olorum, torna-se a guia dos mortos pelo rito de passagem. Porém, para que o rito de passagem seja realizado, os familiares precisam prestar uma homenagem, assim como feito por lansã (PRANDI, 2001).

Segundo Grand-Séville e Zonabend (2011), a hospitalidade nos ritos funerários destina-se tanto aos familiares quanto ao falecido, sendo papel dos entes queridos prestar a hospitalidade para este. Os rituais fúnebres devem ser realizados, sejam silenciosos ou ruidosos, como uma forma de dádiva a fim de permitir o rito de passagem. “Assim, em torno da morte o grupo social se reúne, forma um círculo de acolhida solidária para o falecido, sustenta-o em seu processo de ruptura e de integração numa outra sociedade. Ao mesmo tempo, ela dá assistência aos enlutados” (GRAND-SÉVILLE; ZONABEND, 2011, p. 694).

---

<sup>40</sup> Comida de santo dos orixás Xangô e lansã, preparada com pirão ou papa de farinha de arroz, mandioca ou inhame (LOPES, 2011).

Outra passagem que aborda a hospitalidade fúnebre desenvolve-se durante a festa de antepassados, retratada no mito “Oíá toca o fole de Ogum, para os egunguns<sup>41</sup> dançarem”. Muitas culturas têm como tradição a realização de rituais e de banquetes para se conectarem novamente com seus ancestrais. Esses banquetes e festas tem por objetivo conectar-se novamente com o grupo, trata-se de uma espécie de suspensão do luto (VAN GENNEP, 2019). Na lenda, no dia da festa dos antepassados, Iansã tocava o fole, criando um som rítmico, para que todos pudessem celebrar.

Um dia, havia uma festa de antepassados  
e os egunguns passeavam pela rua.  
Cada família ia atrás do egungum  
que representava o ancestral de sua linhagem.  
Todos ficavam felizes em rever seu pai ou avô  
de volta ao convívio dos seus  
cada um belamente envolto em panos soltos e coloridos,  
com o adorno de contas e espelhos brilhantes (PRANDI, 2001, p.309-310).

Na Mitologia dos Orixás, assim como em diferentes culturas e religiões, há um sistema de trocas entre vivos e mortos, estruturando uma dependência recíproca e fortalecendo vínculos por meio de dádivas. A hospitalidade existente nesses casos se dá por meio dessas trocas realizadas nos diferentes ritos de passagem e de agregação (GRAND-SÉBILLE; ZONABEND, 2011).

Antagonicamente à acolhida e à hospitalidade apresentadas nos mitos acima, alguns mitos retratam o rompimento dessa hospitalidade. As transgressões de hospitalidade, não somente interrompem os laços sociais, transformam hóspedes em parasitas, hostis, como também podem resultar em conflitos e guerras (LÉONARD-ROQUES, 2011).

Em todos os demais orixás, os imaginários que se encontram associados a esses arquétipos são corroborados pelos mitos e também é possível observar a tríade da dádiva e o sistema de dons e contradons. Por meio dos mitos também é possível compreender uma parte das ritualísticas nas casas, como os alimentos e oferendas

---

<sup>41</sup> *Egunguns* são espíritos dos antepassados, o mesmo que *egum* (ver nota 27).

aos orixás de acordo com suas preferências e tabus, como as oferendas de Oxalá não terem sal em virtude da sua *quizila*<sup>42</sup> tê-lo deixado corcunda após rejeitar um *ebó*<sup>43</sup>.

Os elementos simbólicos estão presentes nas narrativas, tais como personalidade, elementos da natureza e outros comportamentos retratados nos mitos, seja por meio da independência e coragem de Oxóssi, da serenidade e sabedoria de Oxalá, do poder de cura de Obaluaiê, ou entre as tantas outras características e símbolos dos diversos orixás representados na mitologia e perpetuados nos rituais nas casas de umbanda. Dessa forma, os mitos são responsáveis pela estruturação dessas religiões, seus preceitos e crenças, além de fornecerem um arcabouço que explica os fundamentos religiosos. Nos mitos analisados é possível observar trocas assimétricas, rituais de comensalidade, acolhida e hospitalidade, mas também transgressões às leis da hospitalidade, resultando em penalidades. A mitologia dos orixás, assim como a mitologia clássica, traz em sua narrativa aspectos e símbolos que se relacionam com a hospitalidade e a hostilidade, destacando a importância de ser acolhedor.

---

<sup>42</sup> Também chamadas de *euó*, as quizilas são restrições e proibições que representam coisas que não devem ser comidas, usadas ou feitas pelo Orixá e seus filhos. “As numerosas quizilas surgem dos repúdios dos orixás cuja individuação é feita a partir dos mitos: elas são referidas a elementos conectados com fatos negativos vividos pelos orixás e correspondem a paixões negativas que se concretizam como ojerizas, pois os orixás são energias desencarnadas, mas sensíveis às substâncias e aos elementos do mundo” (BASSI, 2012, p. 172).

<sup>43</sup> Ebó é uma prática das religiões de matriz africana para equilibrar e trocar energia. Ela consiste em oferendas realizadas a Orixás e entidades com o intuito restituir a harmonia entre a natureza, as pessoas e o mundo espiritual (TESSEROLLI, 2009, p. 2).

## 5 HOSPITALIDADE, RELIGIOSIDADE E UMBANDA

A busca pela espiritualidade e, por conseguinte, a religião, é uma característica humana que, desde os primórdios busca, por intermédio de mitos e lendas, respostas para questões essenciais de nossa existência (SILVA; SILVA, 2014, p. 204). Essas histórias, reproduzidas ao longo dos anos, são incorporadas às religiões. Segundo Dittrich e Meireles (2015, p. 118), o ser humano é um ser religioso por natureza, encontrando sua dimensão existencial mais profunda na dimensão espiritual.

Os rituais e práticas religiosas são uma forma de vivenciar a religiosidade e, principalmente, a espiritualidade. A religião, cuja etimologia remete à palavra latina *religio*, ou *relegere*, que significa religar, reunir, está relacionada à experiência com o sagrado, significando e orientando a vivência dos praticantes. Enquanto a religiosidade está associada a práticas dentro de uma religião específica, englobando todo o simbolismo religioso presente nos processos de defumação, o passe das entidades, as oferendas e as giras de umbanda, tal como ocorre nas missas católicas, nas reuniões espíritas e nos rituais xamânicos, a espiritualidade é transcendental e vai para além das religiões, produzindo mudanças interiores, como a capacidade de diálogo, o amor e a sensibilidade (SCHNEIDER; SANTOS, 2013).

Visando compreender as relações da hospitalidade com a religiosidade, que está intrinsicamente ligada as suas origens, buscou-se aqui apresentar essa relação nas diferentes religiões, assim como as relações contrárias à hospitalidade e à dádiva, isto é, as interfaces com a hostilidade e inospitalidade.

### 5.1 Hospitalidade e religiosidade

As religiões representam “um conjunto de crenças relacionadas com aquilo que a humanidade considera como sobrenatural, divino, sagrado e transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças” (AZEVEDO, 2008, p. 7). Uma religião é formada por um universo simbólico, cultural e ritualístico que fornece aos seus seguidores, formas de interpretar a vida, atribuindo sentido e

significado às ações e ao mundo como um todo, por meio de mitos e rituais, sendo responsáveis também por desenvolver um comportamento moral (HEFNER, 2007).

A religião torna-se assim um lugar comum onde homens podem atribuir significado às questões básicas de sua existência, confortando-os nas mais diversas situações da vida. A religiosidade pode ser vista então como uma ligação de pessoas e coisas visíveis e invisíveis, colocando-a no cerne da hospitalidade (FUNARI; FREDERICO, 2017). A entrevistada 6 aborda a relação entre espiritualidade e religião, afirmando que:

*A religião é um caminho espiritual que você escolhe para conviver com pessoas que tem as mesmas, vamos assim dizer, escolhas das crenças, porque a teologia é uma escolha, não depende da fé, tem a mesma e acredita nas mesmas coisas que você, né? E para você exercitar a sua fé, aí entra a questão do religar ao sagrado, né? E é aí para você entender melhor, aprimorar isso tudo, passa a ser religião. Então tem a parte social, que é o convívio com as pessoas. [...] E a espiritualidade para mim, é uma dimensão da vida, né? Então nós temos a vida material, a vida física do corpo físico, e a vida espiritual que precede a vida física. Porque primeiro a gente tem a vida espiritual. Se pensar que para nós, a gente acredita que você fica às vezes 200 anos fora do corpo físico, depois encarna e fica o que? 80, no máximo 90. Então nós somos seres espirituais, né? Seria a espiritualidade esse conjunto da vida que se tem, que não está materializada. E quando você está materializado, você tem um contato com a vida espiritual da mesma forma, através de sonho, através de vivência e tudo mais (Entrevistado 6, 2022).*

Assim, a religião é responsável por associar pessoas que possuem crenças em comum, religando-as ao sagrado. Por conseguinte, a religião tem um papel de acolher e amparar as pessoas, dando conforto físico e espiritual, apresentando respostas para os questionamentos existenciais, e criando vínculos sociais, entre pessoas que encontram na religião um ponto em comum. O entrevistado 1 destacou a importância das trocas, sejam materiais ou de amabilidades, realizadas na casa e o acolhimento oferecido aos consulentes e à comunidade. A religião, segundo a perspectiva do entrevistado, permite a acolhida e as trocas e têm uma importância simbólica para o estabelecimento de vínculos.

*Além das ações sociais que a gente [se] sente compelido a fazer, comida para morador de rua, roupa. Nós somos pequenos, a gente acaba se unindo a outros grupos para todo mundo se ajudar e isso acaba fortalecendo um vínculo maior, né? E como eu disse, além de dar bens materiais, comida, roupa, as vezes só a conversa já ajuda muito e isso traz o melhor pagamento pra gente: primeiro a satisfação pessoal e o aprendizado que a gente tem contra preconceito de todos os tipos, é um aprendizado diário. Acho que no final, quem ganha mais é a gente (Entrevistado 1, 2022).*

A troca de amabilidades e o acolhimento também é percebida pelo entrevistado 5, durante os rituais e oferendas aos orixás, onde toda a egrégora da casa, ou seja, os médiuns, pais de santo e os consulentes, no plano físico, e as entidades e orixás, numa dimensão espiritual, está dedicada a esse processo

*Todo mundo que estava ali, o pai de santo, a esposa dele, os outros filhos da casa, estavam fazendo aquilo ali, era uma sexta-feira às 8 horas da noite, cozinhar para o santo e depois fazer o ritual... estavam fazendo por amor ali, né E tem todo o cuidado. Eu chego na casa, eu tenho, eu sinto obrigação de abraçar todo mundo. E todo mundo retribui o carinho, né? Então essa dimensão do acolhimento, acho que ela foi fundamental para mim permanecer nesse terreiro (Entrevistado 5, 2022).*

Ao relacionarmos hospitalidade e religião, é preciso retornar às bases da hospitalidade, e remeter aos mitos e aos deuses, não somente os deuses da hospitalidade, como Zeus e Júpiter, mas também as demais figuras mitológicas que exprimem aspectos da hospitalidade (MONTANDON, 2011). Na mitologia clássica, receber ao estrangeiro era um dever divino. Os mortais deveriam sempre receber, da melhor forma possível, seu hóspede, pois este poderia ser um deus (BUENO, SALLES, BASTOS, 2010). A tríade da dádiva se manifesta nas trocas de amabilidades e bens materiais, que permitem a criação e manutenção de vínculos sociais entre os filhos de santo, pais de santo, consulentes e comunidade local. No campo da religião, a hospitalidade está associada ao acolhimento dos mais necessitados, trazendo um traço de transcendência associado ao bem receber daquele que chega e do cuidado com o outro (SCHVARSTZHAUPT; HERÉDIA, 2019). Grassi (2011), embora não se refira especificamente à religião, reforça essa relação ao apresentar que:

*A hospitalidade é um gesto de compensação, de igualização, de proteção, num mundo em que o estrangeiro originalmente não tem lugar. Portanto, não pode haver gesto de hospitalidade, no sentido etimológico do termo, sem desigualdade de lugar e de *status* entre o hospedeiro e hóspede: um está no interior, dono da casa, sedentário, é aquele que recebe; o outro vem do exterior, está de passagem, é recebido. O convite, a acolhida, a caridade, a solidariedade, parecem ser formas vizinhas e derivadas de uma forma inicial de hospitalidade (GRASSI, 2011, p. 45).*

Durante a Idade Média, na Europa medieval, a principal motivação para viagens era a busca pela espiritualidade e pelo sagrado. As viagens, assim como a acolhida, era diretamente relacionada ao mundo cristão, uma vez que, os “caminhantes de Deus” (GRASSI, 2011), cuja principal motivação era o encontro com

o sagrado, eram considerados estrangeiros bem-vindos (hóspedes), e durante suas viagens religiosas, eram oferecidos acolhimento, alimento, proteção e abrigo, sendo isso visto como dever e direito sagrado (GRINOVER, 2006), constituindo verdadeiros atos dadivosos.

A Bíblia é vista por muitos como um marco escrito da hospitalidade, apresentando diferentes relações de hospitalidade e hostilidade ao longo de seu texto, desde a lenda de Adão e Eva, marcando uma hostilidade para com o Deus anfitrião, passando pelo acolhimento incondicional de Abraão, a imigração e a relação com o outro em Levítico e o Deus caridoso no novo testamento, entre diversos outros (POTTIER-THOBY, 2011). A hospitalidade, sob a ótica religiosa, é o vínculo entre os homens, mas também o vínculo com o espiritual e sagrado.

O *Talmeid*, livro sagrado dos judeus, assim como a Bíblia, traz referências à hospitalidade (*hakhmasar orehim*), como na passagem que apresenta que: “A hospitalidade deve prevalecer sobre a oração e sobrepujar a presença de Deus: é preferível fazer Deus esperar do que deixar de receber ao hóspede com diligência” (Tratado Shabat, 217a, Tratado Shebout, IV, 35b *apud* NOGUERO, 2019, p.32).

A hospitalidade, quando analisada em âmbito religioso, remete uma vez mais ao sacrifício, à dívida e, principalmente, à dádiva. Dessa forma, “a dádiva permite o resgate e religa o homem ao criador” (PODSELYER, 2018, p. 171), o que explica a conexão das pessoas com o sagrado. A dádiva desencadeia a solidariedade e senso de comunidade, contudo acarreta também a ideia de salvação individual e coletiva, e dessa forma, tanto ela quanto o sacrifício são responsáveis pelo estabelecimento de um elo de transcendência (PODSELYER, 2018) e, assim, a hospitalidade é considerada crucial para as religiões, podendo ser vista como uma oferenda sagrada e merecedora das “recompensas divinas” (NOGUERO, 2019). Nas palavras da entrevistada 7, uma filha de santo que já passou por diferentes casas tanto como consulente como médium, é possível observar essa relação entre o senso de comunidade, a solidariedade e o sacrifício, quando se refere ao que a religião representa:

*Nossa, quando eu falo na umbanda, eu não, eu não consigo nem me expressar direito. Porque, na verdade, ali realmente é um amor, sabe? É o amor sentido. Você realmente consegue sentir todo o acalanto, seja quando você frequenta ou quando você vai ali só para uma visita, sabe? As pessoas, elas estão ali por outras. Elas estão por elas, porque elas estão ali para desenvolver espiritualmente, enfim, mas quando os guias chegam, é muito mais sobre o outro. É muito mais sobre aquele que vem buscar ajuda*

*do que você mesmo*<sup>44</sup>. Muitos médiuns, eles precisam de ajuda e eles se colocam em segundo plano. Porque quando o guia chega, ele está muito mais preocupado com aquele consulente, sabe? Então é muito mais sobre o outro do que sobre você mesmo (Entrevistada 7, 2022).

A hospitalidade e a dádiva, no âmbito religioso, tornam-se uma garantia de evolução espiritual, onde “o que dá tem o reino celestial garantido pela sua capacidade de desprendimento; e o que recebe, pela humildade da aceitação” (REZENDE, 2014, p. 35). Além disso quem busca a religião busca um refúgio e tem a necessidade de ser acolhido pelo outro. Gotman (2013, p.17) entende a religião como uma forma de vida prática, social e intelectual, vista simultaneamente como uma ação e uma reflexão sobre a ação, uma vez que:

Prático, ela implementa as habilidades para agir e trazer à vida uma fidelidade, crenças, eventualmente uma fé. Social, essa atividade está enraizada em um corpo de orientações transmitidas que reformula, flexiona, desafia e redesenha, passível de dar forma a vários modos de engajamento. Intelectual, religião pressupõe um trabalho de aprendizagem, de formação que, por sua vez, induz à reflexão crítica, filosófica e teológica [...]A religião, vista como uma ação e uma reflexão sobre a ação, não está, portanto, fora nem além da vida social, mas a informa e nos informa sobre ela. (GOTMAN, 2013, p. 17 - tradução livre)<sup>45</sup>.

Considerando esses aspectos, é no interior das religiões que a sociabilidade entre indivíduos é estabelecida, por meio dos cultos, festas e ritos, sendo responsável pela convivência deles, uma convivência desejada, porém com uma obrigação intrínseca a elas (BRUSADIN, 2017).

---

<sup>44</sup> A umbanda surge como uma religião que presta a caridade sendo “a manifestação do espírito para a prática da caridade” (CUMINO; QUEIROZ, 2017, p. 41). Durante as giras, as entidades são responsáveis por atender aos consulentes, cujo plural é comumente chamado de assistência, oferecendo-lhes suporte emocional, espiritual e ajudando com conselhos e trabalhos afim de melhorar sua saúde, trabalho, relacionamentos, entre outras esferas da vida, trazendo respostas e soluções para o que lhes aflige. “São necessidades, vivenciadas de diferentes formas por cada um dos sujeitos, que são ali abrangidas por palavras macias de espíritos, considerados por todos, como de luz.” (LOPES, 2011, p. 3).

<sup>45</sup> “Pratique, elle met en oeuvre les compétences à agir et faire vivre une fidélité, des croyances éventuellement une foi. Sociale, cette activité s’enracine dans un faisceau d’orientations transmises qu’elle remanie, infléchit, remet en cause et redessine, susceptibles de donner forme à diverses modalités d’engagement. Intellectuelle, la religion presuppose un travail d’apprentissage, de formation qui induit à son tour une réflexion critique, philosophique et théologique. La religion, vue comme une action et une réflexion sur l’action, n’est donc pas un en dehors ni un au-delà de la vie sociale, mais l’informe et nous informe sur elle.” (GOTMAN, 2013, p. 17).

## 5.2 Acolhimento e a sociabilidade: hospitalidade ou hostilidade?

De acordo com Noguero (2019), a hospitalidade tem como finalidade criar união entre estranhos, tornando o inimigo em conhecido, amigo. Dessa forma, para o autor, receber o outro, que por ser desconhecido é visto, muitas vezes, como inimigo, constitui um comportamento admirável, fora do padrão, um ato até mesmo heroico. Receber a alguém próximo é fácil, porém ser hospitaleiro ao estranho é um sinal de hospitalidade incondicional. Benveniste (1995) apresenta, sob o ponto de vista epistemológico, a relação entre hóspede e inimigo, onde ambos remetem ao sentido de um estrangeiro que pode ser bem-vindo ou não pelo seu anfitrião, dono do espaço, e a hospitalidade, por conseguinte, remete à abertura do seu espaço ao hóspede. Essa relação entre o estranho e o outro também é abordada por Derrida (2010), afirmando que a hospitalidade é, semanticamente, uma oposição a si mesma, dado que seu sentido é a acolhida do outro, em sua individualidade, onde esse outro, por vezes, pode ser um hóspede indesejado, o inimigo, o que remete à hostilidade.

Hospitalidade, se é que existe, não é apenas uma experiência no sentido mais enigmático da palavra, que apela para um ato e uma intenção além da coisa, objeto, ou ser presente, mas é também uma experiência intencional que procede além do conhecimento em relação ao outro como absoluto estranho, como desconhecido, onde sei que não sei nada sobre ele. [...] Hospitalidade é devida ao outro como estranho. Mas se um determina o outro como estranho, ele já está introduzindo os círculos de condicionalidade que são família, nação, estado e cidadania. Talvez, haja outro alguém que seja mais estrangeiro do que aquele que o estrangeirismo não pode ser restringido a um estrangeirismo em relação a língua, família ou cidadania (DERRIDA, 2010, p. 8 – tradução livre<sup>46</sup>).

---

<sup>46</sup> “Hospitality, if there is such a thing, is not only an experience in the most enigmatic sense of the word, which appeals to an act and an intention beyond the thing, object, or present being, but is also an intentional experience which proceeds beyond knowledge toward the other as absolute stranger, as unknown, where I know that I know nothing of him (we will return sooner or later to the difficult and necessary distinction between these two nevertheless indissociable concepts, the other and the stranger, an indispensable distinction if we are to delimit any specificity to hospitality. <Hospitality is owed to the other as stranger. But if one determines the other as stranger, one is already introducing the circles of conditionality that are family, nation, state and citizenship. Perhaps there is an other who is still more foreign than the one whose foreignness cannot be restricted to foreignness in relation to language, family, or citizenship” (DERRIDA, 2010, p. 8).

Esse paradoxo entre ser hospitaleiro e impor círculos de condicionalidade ao estranho, ao recém-chegado, distancia-se da hospitalidade incondicional proposta por Derrida (2003), sendo chamada pelo mesmo (DERRIDA, 2010) de “hostipitalidade”, ou seja, um encontro entre anfitrião e hóspede que, simultaneamente, representa uma fronteira e uma ameaça, sendo a hospitalidade o ato de transpor essa fronteira. A relação com o outro é constantemente marcada pela estranheza e pelas fronteiras, que segundo Raffestin (1997), são os símbolos responsáveis pela delimitação e separação de um mundo e de outro: o mundo do anfitrião e o do hóspede. O primeiro contato de um consulente à umbanda é geralmente marcado por uma dicotomia entre curiosidade e receio, especialmente pelos mistérios associados à religião.

*A grande maioria das pessoas que não conhece chega com grande receio, achando que possa acontecer alguma coisa com eles, que vão incorporar ou que vai ser feito algum trabalho, alguma coisa assim. Mas isso a gente procura quebrar logo na palestra de abertura, né? Que normalmente sou eu que faço, explicando como é a casa, que ninguém é obrigado a nada, que a pessoa deve ficar à vontade e falar com o guia aquilo que quiser (Entrevistado 1, 2022).*

Esse encontro e a dicotomia que permeia o contato entre anfitrião e hóspede, vivido diariamente nas casas de umbanda, uma vez que os pais-de-santo estão no papel de anfitrião e recebem não somente os filhos de santo, que já se inseriram nesse grupo, como também os visitantes que adentram o espaço das casas. Na medida em que a casa, e a cidade, representa o espaço do anfitrião e seus limites tornam-se um objeto ritual que demarca fronteiras e a assimetria de poder entre os sujeitos (anfitrião e hóspede), a hospitalidade torna-se um rito que autoriza a transgressão desses limites (RAFFESTIN, 1997). A acolhida proporcionada aos visitantes no momento de chegada às casas, seja ao oferecer as boas-vindas ao desconhecido ou durante as palestras iniciais, fazem parte de um ritual, de um rito de entrada, de passagem da fronteira de um território desconhecido. “É fundamental um ritual de acolhida e de admissão, no qual as regras de polidez e cortesia são estabelecidas para amenizar o caráter hostil da intrusão do hóspede, por mais que seja uma intrusão desejada” (FALTIN; GIMENES-MINASSE, 2019). Assim, esse acolhimento consiste em um ato hospitaleiro que representa transpor a soleira e adentrar ao espaço doméstico, o estrangeiro se aproximando do anfitrião, o sagrado interagindo com o profano (VAN GENNEP, 2019). Esse processo tem, então, como objetivo conceder aos visitantes subsídios para que compreendam o funcionamento da casa e dos rituais a serem

realizados no dia, estabelecendo um contato inicial com o outro, em prol do outro (visitante).

*O pai de santo e os médiuns, eles conhecem as pessoas da assistência. Você vai ver ali um rosto novo e vai dizer o seguinte: ‘aqueles que vem aqui na casa pela primeira vez’, não vai perguntar quem é a primeira vez não. ‘Aqueles que vem aqui na casa pela primeira vez, nós vamos fazer assim, assim, assim, hoje é linha disso e disso. Caboclo vem dá passe, marinheiro vem dá consulta. Nós temos uma mesa de descarrego e se o guia disser que você deve passar, não tenha medo.’ [...] enfim, ele dá a explicação muito rápida e os cambonos<sup>47</sup> vão estar ali também, né? Se você tem alguma dúvida, o cambono vai ter [repetição] o maior prazer de te esclarecer essa dúvida (Entrevistado 5, 2022).*

A incondicionalidade da hospitalidade é vista sob uma ótica espiritual e, dessa forma, a hospitalidade torna-se um dever e direito do acolhimento sagrado, especialmente no mundo cristão. Tal como a hospitalidade tem “um conjunto de leis não escritas que regulam o ritual social” (CAMARGO, 2004, p. 17), o caráter de obrigatoriedade nas trocas se faz presente nas leis não escritas da religião, pois não se pode negar receber o outro da mesma forma que não se deve negar ou desprezar a acolhida (NOGUERO, 2019). Assim como a hospitalidade possui leis não escritas que intermediam as relações sociais, na umbanda as leis não escritas variam de acordo com o terreiro, aplicando-se a médiuns e consulentes, e ditam os rituais do terreiro, como a vestimenta a ser utilizada (os médiuns usam roupas brancas ou alguma indumentária específica da entidade), manter os pés descalços, reverenciar as entidades, respeitar o escopo de atendimento de cada entidade, regras essas que podem ou não ser ditas de forma direta, uma lei implícita, não escrita, que passa a ser conhecida e respeitada com a convivência no terreiro (CUNHA, 2013). Essas leis não escritas, que variam de acordo com o terreiro e são percebidas no campo religioso, como bem elucidado por alguns dos entrevistados:

*Claro, os terreiros, eles têm um código de ética que às vezes não é tão bem explícito, mas que existe. Por exemplo, gira de caboclo, dia 20 de fevereiro que eu fui conhecer um terreiro nesse ano. Primeira gira do ano, gira de caboclo. O pai de Santo falou, ‘ó com o caboclo a gente não fala de namorado, de namorada de, do marido da outra que a gente quer tirar. A*

---

<sup>47</sup> Cambono (ou cambone), são membros do terreiro que auxiliam os pais de santo e médiuns ao longo da gira, tendo inúmeras responsabilidades como recepcionar os visitantes, dar suporte aos rituais, como acender os cachimbos dos pretos-velhos, guardar e manipular os itens ritualísticos como velas, incensos, pombas, dendê, fósforos, entre outros, fazer anotações, etc (PERES, 2017).

*gente não fala disso. A gente fala de assuntos mais elevados'. Então você tem uma, uma espécie de regrinha. Com preto velho é a mesma coisa. Você vai conversar de namorado, namorada, problema de relacionamento, você fala com os exus, você fala com os baianos, com ciganos, né? Então meio que é, eles já vão dando um direcionamento para você antes da gira começar, né? Na hora que o pai de Santo vai lá "boa noite a todos" e vai dar uns recadinhos, eles já dão a...o, o tom do negócio (Entrevistado 5, 2022).*

Nas ambiguidades das relações interpessoais encontra-se a outra face da hospitalidade: a hostilidade e a inospitalidade. Partindo de um encontro neutro entre dois sujeitos, há a possibilidade de acontecer interações positivas, negativas e de negar-se a interação entre os sujeitos. O descumprimento das leis da hospitalidade leva a relações de inospitalidade e hostilidade, como demonstrado no esquema desenvolvido por Camargo (2021, p. 5):

**Figura 1 – Hospitalidade da hostilidade à hospitalidade**



**Fonte:** Camargo (2021, p.5).

As relações interpessoais e o rompimento com o ciclo dádivo, seja por negar uma dívida ou não retribuir, resultam em inospitalidade ou hostilidade, sendo a inospitalidade a falta de abertura para com o outro, não demonstrando violência, mas sim o desejo de não estabelecer contato com o outro; e a hostilidade que equivale às ações agressivas e o descumprimento das leis de hospitalidade (CAMARGO, 2021).

Nas entrevistas realizadas é possível observar que em algumas casas a relação com vizinhos desses é geralmente marcada por inospitalidade ou hostilidade, muitas vezes por causa de preconceito com a religião, como destaca a entrevistada 4:

*A nossa sociedade brasileira, por ser muito católica e evangélica, ela, até hoje, ela ainda tem muito preconceito. E muitas vezes ele vira violência né, tem gente que olha feio, tem gente que xinga, fala que mexemos com o diabo, é muito desconhecimento e preconceito, sabe. E também, a cada dia a gente vê umas notícias de terreiros sendo destruídos, atacados, tem gente que joga*

*coisa, picha, então aí, pra evitar uma hostilidade ou até coisa pior, a gente acaba nem falando muito sobre o terreiro com pessoas de fora. É uma forma de proteger né, a gente não sabe o que o outro pode fazer, o que ele pensa, né, e a intolerância religiosa está cada dia mais forte, infelizmente (Entrevistada 4, 2022).*

Lidar com o desconhecido e com os mistérios da umbanda, pode gerar receio e hostilidade por parte dos visitantes e da comunidade, como destacam os entrevistados 3 e 6:

*A umbanda ela mexe com o improvável, né? O improvável, com o inimaginável. Então é natural que as pessoas sintam um pouco de receio, né? (Entrevistado 3, 2022).*

*Quando a gente morava em São Paulo, principalmente o meu marido, ele passava na rua, tinha uma senhora que morava na nossa rua que depois que ele passava lá, ela cuspi no chão. Toda vez. Para limpar e tal. Eu não sei se vou chamar isso de hostilidade ou se vou chamar de preconceito, mas tem, né? Receber carta 'vocês servem esses demônios', carta com coisinha de benção evangélica, tem sim (Entrevistado 6, 2022).*

Em algumas situações, nesse contato das casas com o outro predomina a hostilidade, sendo uma relação marcada por características de agressividade, rejeição e violência, como destacam os entrevistados 5 e 2:

*Eu não posso dizer para você que é uma relação tranquila [do casa com o entorno] porque o terreiro já teve gente que jogou bomba lá dentro, teve gente que jogou garrafa de cerveja para quebrar vídeo lá dentro... o muro é baixo, né, então como ele está no subsolo, tem uma rua que desce ao lado, então [...] teve gente que já entrou para roubar, teve que botar alarme lá dentro, teve gente que reclamou na prefeitura e nem atabaque tem lá (Entrevistado 5, 2022).*

*“Até o dia que a gente foi vim para Jaú, exatamente no dia que a gente estava de mudança, ele [o marido] foi no mercado buscar pão. Era de manhã e eu estava arrumando as malas lá dentro. Um dos vizinhos, como a gente tava trabalhando [na umbanda] no quintal da minha mãe, eu e ele só, mas a gente nem fazia muito barulho, não tinha atabaque, era eu e ele só. Só que os vizinhos, né, a vizinhança era bem colada assim, né. Então, um dos vizinhos tentou ameaçar ele de morte, bem grave, né, começou a ameaçar, falou que a gente era um bando de macumbeiro, né, que cigano é ladrão e, sabe, um monte de coisa. A gente chegou até a chamar a polícia, foi um baita estresse nesse dia. Esse foi um desses episódios né? Fora que todo mundo te olha torto (Entrevistado 2, 2022).*

Dentro das casas também é possível observar relações de inospitalidade ou hostilidade com os recém-chegados, pois, como apresentado por Pitt-Rivers (2012), o recém-chegado não possui o conhecimento necessário sobre as leis não escritas do espaço, não sabe como se comportar corretamente de acordo com costumes e também perante as singularidades das outras pessoas.

*Com os irmãos da casa é diferente, é difícil, na verdade, porque cada um é de um jeito, cada um pensa de um jeito, enfim. O que eu vejo, às vezes, dos terreiros que eu já fui, né, é que existem grupos, mesmo dentro da umbanda, né, existem grupos daqueles que estão a mais tempo e esses grupos são formados por afinidade, né. Você quando entra, você é neutro, então não tem como você entrar num grupo, você está neutro. Você não entende qual é o seu grupo, né? Então para não, digamos assim, não entrar em conflitos, em conversas paralelas, digamos assim, eu já adoto uma postura mais neutra. Então eu chego, eu converso, eu cumprimento todos eles, mas eu espero muito mais, eu converso mais quando eles vêm conversar comigo do que eu procuro conversar com eles. Ali dentro do terreiro eu fico mais interna, sabe? Eu não falo muito, eu não interajo muito, digamos assim. Mas são mesmo pelos conflitos (Entrevistado 7, 2022).*

Em algumas situações, a alteridade e a abertura ao outro pode transformar a percepção do recém-chegado sobre a religião. Para que a hospitalidade aconteça, é primordial que os sujeitos “acolham elementos/demandas do outro, os interprete e os devolva com marcas de si, permitindo que o desenvolvimento de afetos e saberes ocorra nos dois polos da relação” (BOUDOU, 2017, p. 92). O contato inicial e a abertura para o desconhecido, viabiliza as trocas, responsáveis por compartilhar e ressignificar vivências, como elucidado pelos entrevistados 4 e 5, no primeiro contato de cada um deles com a religião:

*Eu sempre tive uma ligação com a espiritualidade. Cresci em uma família espírita e, só depois, aos 24 anos, tive meu primeiro contato com a umbanda. No início senti um estranhamento, especialmente nas partes de incorporações dos guias, mas depois o estranhamento virou encantamento. Todo o ritual, toda a conexão entre as pessoas do terreiro, foi o que me fez ficar. Era algo familiar, algo como chegar em casa e se sentir acolhido (Entrevistada 4, 2022).*

*Tendo uma formação evangélica, a umbanda era um negócio para mim para ter medo. Quando fala de preto-velho para mim, eu, na época da igreja, eu sentia medo. Eu não fazia ideia que preto-velho era aquela figura que tinha aquele arquétipo de vovozinho, acolhedor, gentil, carinhoso, amoroso, que vai te dar uma mensagem, às vezes dura, mas ele vai te falar que nem um acolchoado. Às vezes é aquela que você precisa, que você tá fazendo merda, mas ele vai falar para você e você não vai se sentir ofendido (Entrevistado 5, 2022).*

Além do acolhimento viabilizado por meio da visita ao terreiro para a consulta aos médiuns, ressalta-se então a importância das giras e festas para a criação de laços interpessoais na umbanda, permitindo as trocas dádivas. A manifestação maior dessas relações sociais se dá nos rituais e cultos, fazendo das religiões a maior fonte de mitos sobre a hospitalidade (CAMARGO, 2004). O entrevistado 1 considera que as festas têm uma importância espiritual e religiosa, sendo o momento de fortalecimento da egrégora<sup>48</sup> e da vibração energética, mas também tem uma importância social. Ele adiciona ainda que:

*Para a casa eu acho que é o momento da vibração energética, do fortalecimento da egrégora, em termos espirituais. Em termos físicos, para a casa, é um trabalho gratificante, é um encontro harmonioso, é um evento onde todos os filhos e todas as pessoas da corrente podem confraternizar e reverenciar ao mesmo tempo, porque é uma grande família, a umbanda é uma grande família. Aqui na nossa casa qualquer pessoa que queira assistir, receber um passe, trazer alguma oferenda, alguma coisa, flores normalmente é o que é mais pedido, recebem o passe dos guias. É um evento realmente agradável, de grande valor para a gente (Entrevistado 1, 2022).*

A importância das festas para a religião também é destacada pela entrevistada 6, que afirma que:

*[...] a festa é um momento de louvação exclusivo para aquele orixá, né? É o momento de você contar, de você revivificar a energia do orixá, né? Então você agradece, você pede, você se concentra naquela energia. Quem não conhece, às vezes, se conta alguma coisa daquele orixá, então, é o momento de aproximação, tá? [...] Então a festa é um momento de você se reconectar, não que a gente se desconecte, mas dá aquela, enche o reservatório de energia, enrique as pessoas, e de aproximação (entrevistado 6, 2022).*

Assim, as festas na umbanda<sup>49</sup>, especialmente na cultura brasileira onde as celebrações religiosas de caráter popular fazem parte da cultura, podendo ser considerado um momento de celebração da vida que permite a vivência de afetos e a

---

<sup>48</sup> Egrégora é a estrutura espiritual formada pelo padrão vibratório da casa, sendo um conjunto de forças energéticas e materiais, incluindo a energia dos orixás, guias, pais de santo, médiuns, e consulentes, que permite a circulação da energia para os rituais de umbanda (SANTANA, 2021; NASCIMENTO, 2020).

<sup>49</sup> É importante ressaltar que as festas na umbanda são celebrações realizadas para os orixás e entidades, sendo parte da ritualística dos terreiros (FRIEDERICKS, 2007). Algumas dessas celebrações religiosas (festividades religiosas) são a Festa de Santa Bárbara (Iansã) realizada em dezembro, em Salvador (BA) e a Festa de Iemanjá, que acontece dia 2 de fevereiro, no litoral brasileiro, sendo a maior celebrada em Salvador (BA).

perpetuação das tradições, incorporando uma vivência do sagrado ao cultural (ARAGÃO; MACEDO, 2011). Dessa forma, as festas tornam-se um elo das casas de umbanda com a comunidade ao seu entorno, permitindo a integração de novas pessoas, que se interessam pela celebração, como elucidado pela entrevistada 7, que é médium de umbanda e conhece diferentes casas:

*[...] em outros terreiros aonde eu fui, que eram casa mesmo, eu percebia que a comunidade fazia parte sim. Principalmente nas festas, porque o portão ficava aberto, né? E isso era muito divulgado ali por um período e as pessoas se sentiam parte mesmo. [...] Lá na comunidade o boca-a-boca é o movimento para que aquele evento ocorra, né? Então tem todas as preparações. Inclusive teve até um que chegou a colocar uma faixa na porta do terreiro dizendo “Tal dia, venha prestigiar os erês”. Enfim, então eu vejo, principalmente quando são eles. [...] E tinha um procissão em um dos terreiros que eu ia que o pai de santo fazia uma procissão para Oxossi, em dia de São Sebastião, porque o padroeiro da cidade era o santo. Então ele fazia a procissão com os filhos, com os médiuns, na comunidade e os vizinhos saiam na porta, saiam na janela para ver a procissão passar (entrevistada 7, 2022).*

Portanto, as celebrações de cunho sagrado permitem celebrar momentos especiais para a religião e seus participantes, além de promover a comunidade e a fé, perpetuando as tradições (ARAGÃO; MACEDO, 2011). E nessa dimensão cultural, de acolhimento e partilha, é possível identificar relações dadas entre os participantes, e integrar o visitante torna-se um compromisso do acolhimento, marcando a hospitalidade nesses espaços (GASTAL; MARTINS, 2018). A entrevistada 7 confirma a importância das festas para a comunidade, gerando um sentimento de pertencimento também dos visitantes:

*Quando a gente está falando de consulentes, aí eu acho que abre um leque maior, porque daí podem, aquelas pessoas realmente se sentem parte da gira, né? Elas fazem, elas percebem que elas podem fazer parte. Não trazendo os alimentos, por exemplo, em festa de Cosme já tive em lugares aonde os consulentes levam os doces antes do início das festas, né, para compartilhar mesmo com todos, né? Mas não é só a parte física, mas eu acho que quando é aberto e a pessoa ela entra dentro da gira, porque isso acontece quando são as festas de Cosme, por exemplo, aonde está mais aberta, onde o consulente pode entrar mesmo nas gíras, sentar ali e estar ali, eu acho que fortalece o convívio, né? E isso pode fazer com que ele frequente mais, digamos assim. (Entrevistada 7, 2022).*

Assim, a hospitalidade e a acolhida nas festas são fundamentais para o fortalecimento dos laços entre os pais-de-santo, filhos-de-santo e consulentes em uma casa. Por meio das festas e rituais realizados na umbanda, é possível confraternizar e promover os vínculos sociais, além de cultuar aos orixás e entidades. São momentos

que possuem um importante significado simbólico para os praticantes, “criando uma dimensão mágica que procurar ligar o homem comum, em seu mundo profano, com a condição sobrenatural” (DUTRA, 2011, p. 23), além de permitirem as trocas sociais e, por conseguinte, a criação de vínculos. Dessa forma, a acolhida é essencial para a entrada e permanência dos visitantes nas casas e também para romper a barreira com o outro e mitigar a hostilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O patrimônio cultural umbandista é formado por ritos, mitos, toques de atabaque, vestimentas e símbolos, representando sua história, cultura e tradição. Esses elementos têm uma grande influência na cultura brasileira, podendo ser encontrados na nossa gastronomia, musicalidade, ritualística e hospitalidade. O imaginário e as práticas umbandistas têm relação direta com os orixás e a relação entre eles e os homens. (NEGRÃO, 1993, p. 116). Portanto, sua mitologia possui um importante papel na manutenção desses símbolos que, juntos, possuem um poder simbólico, sendo representações de seu imaginário social.

As práticas e rituais religiosos realizados nas casas de umbanda possuem vasta representatividade simbólica, “criando uma dimensão mágica que procura ligar o homem comum, em seu mundo profano, com a condição sobrenatural” (DUTRA, 2011, p. 23). O *corpus* religioso umbandista é composto, assim, por diferentes elementos e rituais que significam e fundamentam a religião, reafirmando a pluralidade de seus símbolos. O universo simbólico umbandista é, então, representado não apenas pela mitologia dos orixás, mas também materializado em seus ritos, trajés, imagens, cores, símbolos, instrumentos, rituais, danças e crenças. Junto aos imaginários estão essas representações que são estruturadas e significadas de forma única em cada grupo, em cada casa de umbanda, envolvendo a percepção do mundo social e a manifestação de sua religiosidade.

A análise realizada a partir da mitologia e dos estudos sobre os rituais permitiu compreender a dimensão simbólica e cultural das entidades e orixás da umbanda, e suas influências nas práticas religiosas e na experiência religiosa nas casas de umbanda. As entrevistas desenvolvidas e a reflexão realizada confirmam a importância dessa dimensão simbólica para os rituais de umbanda, implicando em diferentes ritos de passagem que permeiam processos de trocas de dádivas, de acolhimento e sociabilidade, possibilitando a criação e fortalecimento das relações interpessoais e da relação dos indivíduos com o sagrado nesses espaços.

As experiências de hospitalidade vividas pelos entrevistados em suas trajetórias possuem em comum, principalmente, os ritos de saudação e o acolhimento, sendo essas características fundamentais para a permanência dos visitantes nas casas. As diferentes experiências vividas e narradas pelos entrevistados foram

importantes para compreender as interfaces da hospitalidade, hostilidade e inospitalidade presentes na umbanda e sua relação com o outro. A hospitalidade torna-se elemento primordial para o desenvolvimento de trocas e amabilidades, uma vez que é primordial o acolhimento e a alteridade na relação com o estranho, rompendo com os sentimentos de receio e medo do desconhecido, como relataram os entrevistados 4 e 5, que cresceram em famílias que frequentavam religiões distintas à umbanda. Em relação à sociabilidade, os rituais e festas de umbanda são momentos fundamentais para promoção da fé, fortalecimento da espiritualidade, aproximação dos participantes e também inclusão de pessoas externas à essa religião, sendo uma oportunidade de criação de novos vínculos. A religiosidade e a sociabilidade, em forma de cerimônias religiosas, foram e são formas de convívio social, permitindo identificar diferentes rituais de hospitalidade e hostilidade no cerne da umbanda.

É importante frisar que, dada a extensão e riqueza de detalhes do tema abordado, os resultados aqui apresentados não são definitivos, não sendo possível generalizar os achados da pesquisa, o que necessitaria uma ampliação do número de entrevistados. De tal forma, esse trabalho não esgota as possibilidades de pesquisa sobre a área, mas contribui para a ampliação do campo de estudos de hospitalidade e religiosidade, abrangendo religiões que ainda não são muito estudadas pelos pesquisadores da hospitalidade e enriquecendo o campo de estudos. Uma oportunidade identificada para trabalhos futuros está relacionada às influências da Umbanda na cultura brasileira, com enfoque em seus rituais.

A pesquisa documental apresenta e desmistifica as religiões afro-brasileiras para os pesquisadores de outras áreas da Ciências Sociais Aplicadas, enriquecendo as discussões e perspectivas adotadas nas pesquisas, além de servir de referência para futuros trabalhos, apresentando, assim, uma oportunidade de desenvolvimento de novas pesquisas focadas em outros entendimentos e perspectivas sobre os rituais e relações, ampliando ainda mais o campo de estudos da hospitalidade e da umbanda.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, M. R. A.; SANTOS, J. M. D. A transmissão oral como dinâmica da memória e construção de identidades afrobrasileiras. **Anais III CONEDU - Congresso Nacional de Educação**, Campina Grande: Realize Editora, 2016.
- ARAGÃO, I.; MACEDO, J. R. D. Turismo religioso, patrimônio e festa: Nosso Senhor dos Passos na cidade sergipana de São Cristóvão. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 399-414, 2011.
- AZAMBUJA, M. P. D. **Uma visada sobre a presença dos orixás em João do Rio, Mário de Andrade e Jorge Amado**. Monografia (Licenciatura em Português-Literatura de Língua Portuguesa) - Instituto de Letras -Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.
- AZEVEDO, J. **Tudo o que você precisa saber sobre a Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- BAHIA, J.; NOGUEIRA, F. Tem Angola na Umbanda? Os usos da África pela Umbanda Omolocô. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 53 - 78, 2018.
- BAIRRÃO, J. F. M. H. Subterrâneos da Submissão: Sentidos do Mal no Imaginário Umbandista. **Memorandum**, Ribeirão Preto, p. 55-67, 2002.
- BAKKE, R. R. B. Tem Orixá no Samba: Clara Nunes e a Presença do Candomblé e da Umbanda na Música Popular Brasileira. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2007. 85-113.
- BALDIOTTI, G. R. C.; SANTANA, R. Da fronteira da invisibilidade para o discurso da legalidade: A Umbanda como Patrimônio Cultural Material e Imaterial. **Revista África e Africanidades**, v. 6, n. 3, p.1-14, 2020.
- BAPTISTA, I. Hospitalidade e Eleição Intersubjetiva: Sobre o espírito que guarda os lugares. **Revista Hospitalidade**, v. 2, p. 5-14, Dezembro 2008.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BASSI, F. Revisitando os Tabus: as cautelas rituais do povo de santo. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 170-192, 2012.
- BENVENISTE, E. **O vocabulário das instituições indo-européias**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- BINET-MONTANDON, C. Uma construção do vínculo social. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 1171-1184.
- BITTENCOURT FILHO, J. **Matriz Religiosa Brasileira: religiosidade e mudança social**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BOUDOU, B. Elementos para uma antrologia política da hospitalidade. In: BRUSADIN, L. B. **Hospitalidade e dádiva: a alma dos lugares e a cultura**. Curitiba: Editora Prismas, 2017. p. 99-118.

BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

BRITO, Ê. J. D. C. Diásporas e religiões africanas. In: BAGGIO, F.; PARISE, P.; SANCHEZ, W. L. **Diásporas africanas e processos socioreligiosos**. São Paulo: Paulus, 2017. Cap. 1, p. 13-39.

BRITO, Ê. J. D. C. Diásporas e religiões africanas. In: BAGGIO, F.; PARISE, P.; SANCHEZ, W. L. **Diásporas africanas e processos socioreligiosos**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 13-40.

BRUSADIN, L. B. O sentido do acolhimento na hospitalidade: entrevista com Conrad Lashley. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 9-14, 2016.

BRUSADIN, L. B.; PANOSSO NETTO, A. La dádiva y el intercambio simbólico. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, v. 25, p. 520-538, 2016.

BRUSADIN, L. S. P. O acolhimento cristão nas obras de misericórdia corporais: a salvação das almas nas ordens terceiras carmelitas das Minas Gerais no século XVIII. In: BRUSADIN, L. B. **Hospitalidade e Dádiva - A alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p.335-352.

BUENO, M. S.; SALLES, M. R. R.; BASTOS, S. R. Hospitalidade: Trajetória e Possibilidades. **Contribuciones a las Ciencias Sociales.**, 2010.  
CAILLÉ, A. Dádiva e Associação. In: MARTINS, P. H. **A dádiva entre os modernos: discussão sobre os fundamentos e as regras do social**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 191-205.

CAMARGO, L. O. D. L. **Hospitalidade**. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

CAMARGO, L. O. D. L. A pesquisa em hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. V, n. 2, p. 15-51, jul./dec. 2008.

CAMARGO, L. O. L. Os interstícios da Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, n. número especial, p. 42-69, 2015.

CAMARGO, L. O. L. As leis da Hospitalidade. **Revista Brasileira de Turismo**, São Paulo, mai-ago 2021, p. 1-13.

CAMPELO, M. M.; MONTEIRO, A. Mediunidade e iniciação: notas sobre a iniciação de crianças na umbanda. **Revista Nufen**, Belém, v. 9, n. 1, p. 108-126, ago. 2017.

CAPELATO, M. H. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. D. A. N. **Coleção O Brasil Republicano. V II. O tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo.** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2006. p. 107-143.

CAPELLI, C. **Entre a lousa e o altar: a inserção da Magia Divina de Rubens Saraceni nos terreiros de umbanda do estado de São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

CARNEIRO, J. L. Teologia umbandista: sua diversidade. **Revista Estudos Afro-Brasileiros**, Itanhaém, v. 1, n. 2, p. 213-320, set./dez. 2020.

CARVALHO, J. E. C. D. Imaginário e representações sociais. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. Especial Temática, 2002.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. E. A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 254-294.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa & Projeto de Pesquisa.** 3ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. D. S. **Pesquisa Social.** Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-67.

CUMINO, A.; QUEIROZ, R. **Caridade: Amor e Perversão.** São Paulo: Madras Editora, 2017.

CUNHA, N. D. C. Brinquedo de tambor: Processo de ensino-aprendizagem na umbanda. **Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC**, Florianópolis, p. 1-10, out. 2013.

DAIBERT, R. A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, jan./jun. 2015.

DERRIDA, J. **Anne Dofourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade.** São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, J. Hostipitality. **Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities**, v. 5, n. 3, p. 3-18, 2010.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, Março 2002.

DUTRA, B. R. **"São muitas Bandas em uma só" Identidade religiosa na Umbanda - Estudo de caso na casa "O Além dos Orixás": Contagem/MG.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DUTRA, B. R. "É dar e receber": anotações preliminares sobre a retribuição de pedidos na Umbanda a partir da teoria da dádiva de Marcel Mauss. **Anais dos Simpósios da ABHR**, [S. l.], v. 13, 2012.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FALTIN, A. O.; GIMENES-MINASSE, H. Comensalidade, Hospitalidade e Convivialidade: Um ensaio teórico. **Rosa dos Ventos**, Caixias do Sul, v. 11, n. 3, p. 634-646, jul./sep. 2019.

FERRETTI, S. **Repensando o Sincretismo**. São Paulo: Edusp, 2013.

FERRETTI, S. F. Comida ritual em festas de Tambor de Mina no Maranhão. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 21, p. 242-267, abr./jun. 2011.

FERRETTI, S. F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 11, n. 21, p. 15-33, 2014.

FREITAS, B. T. D. **As mirongas de Umbanda**. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Aurora, 1953.

FRIEDERICKS, L. P. Umbanda: festas e hospitalidade. **IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, Agosto 2007, p. 1-14.

FUNARI, P. P. A.; FREDERICO, B. A espiritualidade na hospitalidade: uma viagem da Antiguidade às Minas Gerais. In: BRUSADIN, L. B. **Hospitalidade e Dádiva - A alma dos lugares e a cultura do acolhimento**. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 281-296.

GASTAL, D. A.; MARTINS, M. G. Hospitalidade e Festa do Espírito Santo. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-20, ago. 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Metodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODBOUT, J. T. **L'espirit du don**. Paris: La découverte, 1992.

GODBOUT, J. T. Introdução à Dádiva. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 39, 1998.

GODELIER, M. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GOTHIER, M. W. O. Comida de Santo: Um Estudo das Origens Socioculturais da Gastronomia. **18º Congresso Nacional de Iniciação Científica**. São Paulo: [s.n.]. 2018.

GOTMAN, A. La question de l'hospitalité aujourd'hui. **Communication**, v. 65, p. 5-19, 1997.

GOTMAN, A. L'hospitalité: du Capitaine Cook à l'hôte administratif. **Sciences-Croisées**, v. 9, 2011, p. 1-9.

GOTMAN, A. **Ce que la religion fait aux gens**. [S.l.]: Éditions de la maison des sciences de l'homme, 2013.

GRAND-SÉBILLE, C.; ZONABEND, F. Hospedar os mortos. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**. São Paulo: SENAC, 2011. p. 691-710.

GRASSI, M.-C. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. **O Livro da Hospitalidade**. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 45-54.

GRINOVER, L. **A hospitalidade, a cidade e o Turismo**. São Paulo: Editora Aleph, 2006.

GUIMBELLI, E. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. D. **Caminhos da Alma**. São Paulo: Selo Negro Edições, v. 1, 2003.

HEFNER, P. A Religião no Contexto da Cultura, Teologia e Ética Global. **Revista de Estudos da Religião**, 2007, p. 68-82.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.  
LASHLEY, C. Para um entendimento teórico. In: LASHLEY, C.; MORRISON, M. **Em busca da Hospitalidade: Perspectivas para um Mundo Globalizado**. Barueri: Manole, 2004. p. 1-24.

LEME, F. R. **Usos do imaginário nos estudos afro-brasileiros e no culto umbandita**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2006.

LÉONARD-ROQUES, V. Relatos Fundadores e Olhares dos Deuses. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**. São Paulo: SENAC, 2011. p. 719-730.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978.

LIMA, A. B. V. C.; OLIVEIRA, F. S. D. **Festas populares brasileiras: Léxico e cultura no ensino de português como segunda língua para estrangeiros (PL2E)**. VII Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. Porto de Galinhas: [s.n.], 2019.

LIMA, M. O uso da entrevista na pesquisa empírica. In: CEBRAP **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016. p. 24-41.

LIMA, R. R. Mito, Simbolismo e Oralidade: A interpretação geográfica dos mitos dos orixás. **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**, São Luis, 2016, [s.n].

LOPES, N. **Bantos, malês e identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

LOPES, N. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**. [S.l.]: Selo Negro Edições, 2011.

LOPES, R. B. Terreiros: Um estudo sobre a umbanda como prática social. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, jul. 2011, p. 1-12.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MAUSS, M. Ensaio sobre a Dádiva - Forma e Razão da Troca nas Sociedades Arcaicas. In: MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017. p. 191-330.

MAZZON, J. A. **A Formulação de um modelo de avaliação e comparação de modelos em marketing**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1978.  
MENESES, R. D. B. D. **Da hospitalidade em Derrida ao acolhimento em saúde**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia de Braga - Universidade Católica Portuguesa. [S.l.]. 2012.

MINAYO, M. C. D. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MOLZ, J.; GIBSON, S. Introduction: Mobilizing and Mooring Hospitality.. In: MOLZ, J.; GIBSON, S. **Mobilizing Hospitality: The Ethics of Social Relations in a Mobile World**. Hapshire: Ashgate, 2007. p. 1-26.

MONTANDON, A. Mitos, Figuras e Representações: Introdução. In: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: SENAC, 2011, p. 719-730.

NASCIMENTO, R. C. Entre pernadas e possessões: encruzilhadas da umbanda e da capoeira nos espaços circulares afro-lusófonos. **Revista Antropolítica UFF**, Niterói, n. 48, p. 66 - 89, 2020.

NEGRÃO, L. N. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, p. 113-122, 1993.

NEGRÃO, L. N. Magia e Religião na Umbanda. **Revista USP**, São Paulo, v. 31, p. 76-89, Set./Nov 1996.

NOGUEIRA, L. C. As múltiplas influências da umbanda: do continuum mediúnicico ao rizoma umbandista. **Revista Expedições**, Morrinhos, v. 12, p. 46-63, jan./dez. 2021.

NOGUERO, F. T. La hospitalidad como condición necesaria para el desarrollo local. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. X, p. 161-212, 2013.

NOGUERO, F. T. **A hospitalidade na Bíblia e nas Grandes Religiões**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

O'GORMAN, K. D. Dimensions of Hospitality: Exploring Ancient and Classical Origins. In: LASHLEY, C.; LYNCH, P.; MORISSON, A. **Hospitality - A social lens**. Oxford: Elsevier, 2007. Cap. 2, p. 17-32.

OLIVEIRA, J. H. M. D. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. **CAOS - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 14, p. 60-85, set 2009.

PEREIRA, G. O. D. L. Da tolerância à hospitalidade na democracia por vir. Um ensaio a partir do pensamento de Jacques Derrida. **Sapere Aude**, v.4, n.7, Porto Alegre, 2014.

PEREIRA, P. D. S. O espaço do Terreiro como espaço educativo. In: DOUGLAS, G. W. **História e as práticas de presentificação e representação do passado**. Ponta Grossa: [s.n.], 2020.

PERES, L. C. **Casa de Santo: Aspectos Arquitetônicos, Jurídicos, Sagrados e Antropológicos dos Terreiros de Umbanda de Almas e Angola em SC**. Florianópolis: AGBOOK LTDA, 2017.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PINHEIRO, L. B. M. Tradição oral e memória dos povos de religiões afro-brasileiras: possibilidades de pesquisa em história. **Cadernos do Tempo Presentes**, São Cristóvão, v. 8, n. 4, p. 72-92, jul./dez; 2017.

PINHEIRO, L. B. M. Do canto popular ao “ponto cantado”: canção popular e musicalidade afro-religiosa. **Mouseion - Revista do Museu e Arquivo Histórico La Salle**, Canoas, 2018.

PINTO, F. **Umbanda religião brasileira: guia para leigos e iniciantes**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

PITT-RIVERS, J. The law of hospitality. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 501-517, 2012.

PODSELYER, L. A dádiva como elemento da hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, v. 15, n. 2, 2018, p. 170–182.

PORTO, R. M. A introdução do Transe nas Religiões. Uma revisão crítica. **Revista Brasileira de Hipnose**, v. 28, n.2, 2017, p. 68-75.

POTTIER-THOBY, A.-C. Da traição à Redenção. In: MONTANDON, A. **O livro da hospitalidade**. São Paulo: Editora Senac, 2011. p. 113 - 130.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, R. Recriações religiosas da África no Brasil. In: BAGGIO, F.; PARISE, P.; SANCHEZ, W. L. **Diásporas africanas e processos socioreligiosos**. São Paulo: Paulus, 2017. p. 67-93.

RAFFESTIN, C. Réinventer l'hospitalité. **Communications**, v. 65, 1997, p. 165-177.  
REZENDE, L. L. Pretos-Velhos: O sagrado e o mágino na encruzilhada das religiões. **Faces de Clio - Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História**, Juiz de Fora, v. 3, n. 6, p. 174-197, jul./dec. 2017.

REZENDE, R. C. D. L. As transformações do traço religioso da caridade e as características que a permeiam. **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 34-51, 2014.

ROCHA, F. L. Àwo Fifè Nlá: comida de santo como cultura afro-brasileira. **RACA: Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, jan./jun. 2022. 66-87.

ROCHA, M. M. D. Ogum. **Revista Kàwé**, 2001, p.14-16.

RUTHVEN, K. K. **O Mito**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SACCOL, A. Z. Um Retorno ao Básico: Compreendendo os Paradigmas de Pesquisa e sua Aplicação na Pesquisa em Administração. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, 2009.

SALIBA, L. I.; SALIBA, V. L. Cozinha Baiana: A contribuição africana com a comida de santo. In: GUILHERME, F. S., et al. **Turismo & Gastronomia 'sem fronteiras'**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2022. p. 31-37.

SALLES, M. D. R. R.; BUENO, S.; BASTOS, S. Desafios da Pesquisa em Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. VII, n. 1, p. 3-14, Julho 2010.

SANTANA, M. F. Giras on-line: Umbanda reconfigurada. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 28, n. 55, p. 109-121, jan./jun. 2021.

SANTIAGO, I. M. F. L. A Jurema Sagrada da Paraíba. **Qualit@s**, v. 7, n. 1, 2008, [s.n.].

SARACENI, R. **Os Arquétipos da Umbanda**: As Hierarquias Espirituais dos Orixás. São Paulo: Madras, 2012.

SARRACENI, R. **Doutrina e teologia de umbanda sagrada**: a religião dos mistérios um hino de amor a vida. São Paulo: Madras, 2017.

SCHNEIDER, M.; SANTOS, M. M. C. Buscando construir um Quadro Teórico de Referência para Análise da Hospitalidade em Romarias. **Revista Rosa dos Ventos**, v. 5, n. 4, p. 577-591, out-dez 2013.

SCHVARSTZHAUPT, L. C.; HERÉDIA, V. B. M. Hospitalidade na Dimensão Religiosa na Romaria Nossa Senhora de Caravaggio em Farroupilha, RS, Brasil. **Revista Turismo em Análise - RTA**, v. 30, n. 1, p. 117-130, jan-abr 2019.

SEGAL, R. **Theorizing about Myth**. Massachusetts: University of Massachusetts Press, 1999.

SILVA, A. V.; FREITAS, I. M. A. D. **Comida de santo: resistência e representação do sagrado pela culinária..** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em História e Cultura Africana e Afro-brasileira) -Departamento de História do CERES - Campus de Caicó, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó. 2016.

SILVA, E. L. D.; MENEZES, M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4ª. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, R. C. D. **"Na gira de umbanda" Exercício etnográfico sobre expressões de Afrorreligiosidade na 'fronteira' e no Terreiro da Cabocla Jurema em Tabatinga, Amazonas**. Dissertação (Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas - Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, São Luiz, 2015.

SILVA, T. D. L. D.; SILVA, E. M. D. Mas o que é mesmo Corpus? – Alguns Apontamentos sobre a Construção de Corpo de Pesquisa nos Estudos em Administração. **XXXVIII Encontro da ANPAD**, Rio de Janeiro, 7 a 11 Setembro 2013 [s.n].

SIMAS, L. A. **Umbandas: Uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2021.

SÍVERES, L.; MELO, P. G. R. D. A pedagogia da hospitalidade a partir da alteridade em Levinas. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 17, n. 3, p. 34-48, 2012.

TAVARES, Y.; RIVAS, M. E. Tradição Oral: O silêncio da camarinha, a fala do inconsciente. **Religare**, v. 9, n. 1, p. 72-83, Março 2012.

TEIXEIRA JUNIOR, J. C. Samba - Uso e significação na identidade da umbanda. **Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular**. Rio de Janeiro: [s.n.]. 2004.

TENSP, T. E. N. S. D. P. A Primeira Tenda de Umbanda. **Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade**, 2020. Disponível em: <<https://www.tensp.org/historia>>. Acesso em: 22 Abril 2022.

TESSEROLLI, M. A. Breves reflexões sobre o Ebó, uma oferenda ritual. **Anais do XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões**, Goiania, p. 1 - 4, maio 2009.

UNESCO - ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, C. E. C. Patrimônio Cultural Imaterial. **UNESCO**, 2017. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2019.

VERGER, P. F. **Lendas Africanas dos Orixás**. 2. ed. Salvador: Carybé, 1997.

VERGER, P. F. **Orixás. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo**. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.

## APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 1

Entrevistador

Tem quanto tempo que você virou umbandista?

Entrevistado

Desde 95.

Entrevistador

E como foi sua trajetória na religião? Como você ficou sabendo, como começou a frequentar?

Entrevistado

Bom, primeiro eu era aquele tipo 'Sou ateu, graças a Deus', né? Estudei em colégio católico. Por influência de amigos fui para o kardecismo, de amigos e parentes, e tive um problema pessoal, um fato muito... a morte do meu pai, que era umbandista, mas não era praticamente assim, de forma evidente. E ele me deu essa medalha, que é o símbolo da casa, na noite anterior a morte dele. Um ano depois eu fui parar, eu não estava nem ligado a espiritualidade nem nada, um ano depois eu fui parado no centro de São Paulo por uma pessoa de muleta, uma senhoria, que veio me pedir ajuda e falou 'moço, você pode me ajudar?' eu pensei: 'lá vem golpe, né? Cigana, vai querer ler mão, alguma coisa assim. 'Dia tal, tal hora quero que você vai em tal lugar'. 'Para que?' 'É uma coisa que você está esperando'. Eu tô esperando? Como assim? Conversamos um pouco, ela insistiu no endereço e eu falei 'tá bom, eu vou'. Dei dois passos, ela falou, fica com deus, e olhei para lá, voltei para perguntar o porquê da insistência, cadê a mulher? Ela sumiu, evaporou. Eu tomei um susto do tamanho do mundo. E no dia tal, eu acabei por mera coincidência, pegando uma condução que passava no lugar. Eu lembrei, no meio do caminho [problema na conexão]. Aquilo mexeu comigo e eu comecei a procurar tudo que existia, bruxo, vidente, quem jogava búzios, tarot, cartas, runas, e todos falaram, tirando os charlatões né, todos falaram a mesma coisa, que eu tinha que seguir, tinha que seguir e ai conheci a apometria, já estava trabalhando no Kardecismo, isso num prazo curto de um ano, até que eu pus o pé em um terreiro. Eu fui em vários terreiros, fui em candomblé, como assistência,

mas um dia botei o pé no terreiro e esse pai de santo olhava para mim, riscou um ponto no chão, me chamou. Eu tive uma incorporação que foi gravada, filmada, porque senão eu também não acreditaria. Depois eu voltei, recebi a gravação, assisti e comecei a procurar. E fui me desenvolver em um terreiro muito conhecido em São Paulo, comecei em um terreiro pequeno, estive na apometria, que eu gostei muito, é muito efetiva e aceita entidades de Umbanda e outros tipos de entidades, fala de física quântica, etc e tal, é mais kardecista que umbandista a apometria. E acabei integrando, por causa dessa situação, fui num terreiro grande e comecei a me desenvolver e estudar um pouco. E até que passei por vários terreiros, até que veio a ordem superior para abrir a casa, essa é a versão resumida.

#### Entrevistador

Eu acho muito interessante, porque comigo aconteceu a mesma coisa. Aconteceram alguns eventos e aí que eu fui buscar entender o que estava acontecendo, procurar e conhecer.

#### Entrevistado

A grande maioria das pessoas chegam para exercer ou sacerdócio, ou caridade dentro da Umbanda, principalmente, vou falar da Umbanda porque é o que eu atuo, embora conheça Candomblé e vá em algumas festas de amigos e conhecidos, eu acho que a maioria das pessoas que vem para a Umbanda, a maioria vem por uma necessidade pessoal, pelo amor ou pela dor como a gente sempre diz né, a grande maioria vem pela dor e fica pelo amor. Tanto o amor pelos guias, quando o amor que a gente acaba dando para os consulentes. A gente vê pessoas chegando aqui em situação de desespero, e são acolhidas com abraço, com carinho, com ombro, ouvido, a pessoa fala. Acho que esse é o grande diferencial que a Umbanda traz, né? Além das ações sociais que a gente se sente compelido a fazer, comida para morador de rua... Nós somos pequenos, a gente acaba se unindo a outros grupos para todo mundo se ajudar, e isso acaba fortalecendo um vínculo muito maior, né? Comida, as vezes roupa para morador de rua, isso se soma com [problema na conexão] E como eu disse, além de dar bens materiais, comida, roupa, etc., as vezes só a conversa já ajuda muito e isso traz, o melhor pagamento para gente é primeiro a satisfação pessoal e o aprendizado que a gente tem, contra preconceito, de todos os tipos de preconceitos, e é um aprendizado diário. Acho que no fim quem ganha mais é a gente.

Entrevistador

Sim, certo. E a quanto tempo você abriu a casa? Quantos médiuns tem hoje em dia?

Entrevistado

A casa é pequena, já foi maior, né, hoje nos tempos apenas em torno de 10 médiuns, nos já chegamos a ter vinte e poucos aqui, é uma casa pequena, recém-aberta, ela tem um ano de abertura, abriu no meio da pandemia, nas condições possíveis, né? Mas nós temos aqui o brechó, temos a parte de doações, nos unimos a outros centros que tem um grupo maior de pessoas. Tem o Centro da Mãe Ana, por exemplo, que atende a comunidade de Marcilac, que é uma comunidade muito carente, e volta e meia sai carro daqui cheio de roupa para a distribuição, além disso eles fazem a parte de alimentos, tem o grupo da Cigana Eva também que faz a comida e a gente ajuda na distribuição. Como nós... A Umbanda os filhos vêm, trabalham um tempo, as vezes se decepcionam, as vezes tem problemas pessoais e acabam atribuindo a religião e acabam se desligando, né. Então nós perdemos a van que fazia esse serviço, embora a pessoa se disponha a nos ajudar. É a van de um casal que trabalha como cadeirante, transporte de cadeirante. Então eles emprestavam a van com o motorista deles para que a gente fizesse essas ações sociais, né? E por uma questão de logística esse mês nós não conseguimos fazer. E é com pesar que a gente sente isso porque a gente gostaria de fazer, se possível, todo dia [risos].

Entrevistador

E tem um impacto, vocês vêm o impacto principalmente para essas pessoas né?

Entrevistado

Sim, e uma coisa que me chama atenção que muita gente não sabe, é que se você chega com comida para o morador de rua e ele já comeu, ele não vai pegar para jogar fora. Ele não desperdiça. A roupa, é a mesma coisa. Ele pode até pegar roupa para trocar por uma droga, etc. e tal. Mas a maioria pega o que precisa realmente.

Entrevistador

E, você falou que abriu durante a pandemia, como que foi? Vocês estavam recebendo consulentes?

Entrevistado

Sim, a gente recebia e recebe com todos os protocolos, máscara para os assistidos, né? Porque nós entendemos que os guias não precisam da máscara, estamos protegidos. Eu, por exemplo, sou vacinado, as duas doses. Já antes na primeira dose a casa já estava aberta. O álcool está disponível para os assistidos. Já durante o passe e consulta a maioria dos assistidos tira a máscara, graças a Deus, graças a Oxalá como a gente diz, ninguém aqui pegou COVID por conta do atendimento, é mantido um certo protocolo, mas o número de assistidos era pequeno no começo. No final do ano nós tivemos um crescimento muito representativo e fechamos por ocasião da passagem das festas, e agora nós estamos com um número baixo. As pessoas ainda estão, exceto aqueles que já conhecem, etc. e tal, mas a gente não deve se preocupar com isso. Nossa visão é assim: se a pessoa vem toda semana, significa que nosso trabalho não está sendo bem feito. Então se a pessoa vem e depois não precisa vir mais, então nosso trabalho foi feito. A gente não tem que ser dependente da assistência, né? Então é preciso fazer novas divulgações e trazer novos adeptos, como também fazer a divulgação para que as pessoas conheçam a religião e o trabalho que é feito.

Entrevistador

E qual a dinâmica da casa hoje? Que dia vocês têm gira?

Entrevistado

Nós trabalhamos todas as sextas feiras para atendimento de passe e consulta, as quartas feiras tem desenvolvimento mediúnico para os iniciantes, temos cursos e adotamos aqui na casa também outras formas de atendimento, como Magia Divina, Búzios, Tarot, Reiki, que são feitos em locais separados.

Entrevistador

Você que tira os búzios?

Entrevistado

Sim. Mas o búzios, diferentemente da maioria das outras casas, eu não cobro e só tiro, sou eu mesmo que tiro, não é a entidade. Mais para confirmação de alguma coisa embora búzios seja originalmente da prática do candomblé, a Umbanda agrega um pouco de tudo, né? Então foi me concedido essa outorga para tirar búzios desde que eu não cobre. Isso quando é coisa de assistido. Quando é uma pessoa de fora que quer só jogar búzios a gente pede uma contribuição que seja voluntária, do que a pessoa achar justo, e o valor é revertido para a casa.

Entrevistador

E vocês fazem oferenda?

Entrevistado

Fazer oferenda?

Entrevistador

Isso, porque tem algumas casas que não fazem.

Entrevistado

Então, nós fazemos, mas, basicamente, como a Umbanda não mata bicho, nós fazemos com folha de mamona. Só usa o alguidar para levar e depois deixa na natureza somente o que é tudo natural, as vezes com exceção da vela.

Entrevistador

Tem alguma hierarquia na casa? Como que funciona?

Entrevistado

Existe uma hierarquia tanto espiritual quanto na direção da casa. Eu sou o dirigente, tem uma pessoa que é alçada a condição de mãe pequena, tem o primeiro cambono, o Ogã, o primeiro e segundo cambono, Ogã, a Yaba que prepara a comida e deve ser respeitada quando está fazendo um amace, uma oferenda, enfim.

Entrevistador

Você comentou que tem um dia para estudos, certo? E o que vocês costumam estudar, quais cursos vocês têm?

Entrevistado

Olha, nós usamos toda a literatura desde Saraceni a outros, vários livros da Doutrina da Umbanda e Kardecista, como até o Evangelho, para fundamentar algumas coisas e para fazer um contraponto, e por coincidência, meu avô chamava Júlio de Abreu Filho, foi um dos primeiros a traduzir a Doutrina de Allan Kardec, foi presidente da Fundação Espírita em São Paulo, editor da Revista Espírita, e foi um grande crítico da Federação Espírita do Estado de São Paulo. Ele era xenoglocista. Eu tive muito pouco contato com ele, ele faleceu em 1986 aproximadamente. Eu tive pouquíssimo contato porque minha mãe faleceu eu tinha 3 anos de idade, era meu avô materno, e isso era meio omitido na família. Naquela época a família, de todos os filhos, nós somos 5 filhos, o único que é ligado a religião sou eu.

Entrevistador

E seu pai você comentou que era umbandista, como foi essa relação do seu avô com o seu pai nessa questão espiritual?

Entrevistado

Eu entendo que foi um pouco tensa, né? Porque meu pai omitia e meu avô, apesar de ser um crítico da Federação, acho que tinha uma outra visão na época e meu pai, até pela condição dele, eu acho que ele evitava o conflito. Quando ele fazia, ele ia ao terreiro que ele frequentava e fazia as coisas lá. Em casa raramente tinha alguma coisa.

Entrevistador

Vocês têm algum estudo sobre os orixás, especificamente? Sobre as lendas, a mitologia...

Entrevistado

Hoje a gente tem uma vasta literatura. Então a gente recomenda que as pessoas leiam de um e de outro para tirar as suas próprias conclusões. O que nós fazemos no estudo que costuma ser as quartas-feiras, no momento está suspenso

por causa de um curso específico que está sendo feito na casa, esse curso é online, mas os estudos aqui internos eles consistem assim: a gente distribui os materiais, as pessoas leem, vem tirar as dúvidas e então os guias vem para esclarecer. Ou o guia ou as vezes eu ou outra pessoa que seja da hierarquia da casa, as vezes é feito meio que um debate, um entende uma coisa, outro entende outra e a gente acha que o debate cada um deve ter sua própria convicção. Mas em termos de fundamentos, a gente faz isso meio que na prática, né? Explica o que é, para que que é e como se faz, embora a Umbanda, por ser uma religião, ter uma tradição de transmissão oral e hoje ter grandes autores aí, muitos pais de santo que estão... como Alexandre Meireles, Alexandre Cumino, o.. deu branco o nome do outro, o Alan Barbieri, o Sandro Luís que em questões de busca está se destacando muito, tem esses grandes pais de santo renomados e tem muitos autores publicando livros a respeito disso e sobrevivendo disto, né? Respeito, entendo que eles devem se manter, não digo que não faria o mesmo, a gente nunca sabe, mas aqui a gente prefere fazer a coisa um pouco mais intimista e pessoal. A gente dá todas as visões desses pais de santo e dos antigos autores como Saraceni, nós passamos esse fundamento e deixamos que as pessoas entendam da melhor forma possível. Alguns adotam uma vertente, outros adotam outra e a Umbanda é isso, nós temos que ser mais ecléticos em relação a isso.

Entrevistador

Muito interessante. Você falou que tiverem algumas festas, quais festas vocês costumam fazer?

Entrevistado

Normalmente as festas tradicionais dos orixás, né? Sempre algum festejo para todos os orixás, os principais, além da festa de esquerda e das crianças, dos Ibejis, eres, de forma geral. Algumas festas, como Iemanjá, Ogum, e esquerda são muito marcantes, mas a gente permite que a pessoa cultue no dia. Tem gente, por exemplo, que cultua Iemanjá em fevereiro e tem gente que cultua Iemanjá em dezembro. Então a gente deixa aberto, olha: "você quer fazer uma oferenda? Você é filho de Iemanjá, quer fazer uma oferenda e entende que o dia certo é esse", para nós é o dia de Iansã e, Iemanjá, para alguns cultos, Iemanjá e Iansã são comemorados praticamente no mesmo dia. Quem comemora Iansã, comemora Iemanjá em dezembro, quem

comemora lemanjá em fevereiro, cultua lansã em dezembro, né? Então a gente, a casa segue o padrão lemanjá dia 2 de fevereiro, que é o mais tradicional e mais conhecido, mas a gente respeita se algum filho quiser comemorar de outra forma.

Entrevistador

E qual a importância? Que importância você vê das festas para a casa e para a religião?

Entrevistado

Olha, para a casa eu acho que é o momento da vibração energética, do fortalecimento da egrégora, em termos espirituais. Em termos físicos, para a casa, é um trabalho gratificante, é um encontro harmonioso, é um evento onde todos os filhos e todas as pessoas da corrente podem confraternizar e reverências ao mesmo tempo, porque é uma grande família, a Umbanda é uma grande família.

Entrevistador

Essas festas todas são abertas a assistência ou não?

Entrevistado

Sim. Aqui na nossa casa qualquer pessoa que queira assistir, receber um passe, trazer alguma oferenda, alguma coisa, flores normalmente é o que é mais pedido. Recebem o passe dos guias e é um evento realmente agradável, de grande valor para a gente.

Entrevistador: Você comentou que algumas pessoas conhecem o terreiro por publicação, nas redes sociais, e quais outras formas eles conseguem chegar até o terreiro?

Entrevistado A grande maioria é por indicação ou as vezes até por escutar o atabaque, que mora perto, tem curiosidade, certo? As vezes passa, vê a gente na porta, caracterizado de branco, com guia, etc. e tal, então o macumbeiro reconhece o macumbeiro [risos]

Entrevistador

E vocês tem uma boa relação com a vizinhança? Eles costumam frequentar?

Entrevistado

Aqui no meu caso não. Eu tenho uma boa relação mas não frequentam. Eles respeitam. A gente também tenta não criar transtorno até com o barulho dos atabaques até um certo horário, a gente procura limitar, evitar o barulho, fumaça, a conversa na parte externa que possa incomodar. Eu realmente nunca tive problema. Mas eu já trabalhei em terreiros que toda sexta feira a polícia era chamada, seja por preconceito ou por causa de barulho.

Entrevistador

Tem muito isso, o terreiro que eu frequentava ele era mais isolado, mas quando tinha festa no fim de semana os vizinhos reclamavam, por preconceito, na maior parte das vezes

Entrevistado

Sim, sem dúvida.

Entrevistador

Você já sentiu algum tipo de preconceito?

Entrevistado

Sim. Inclusive profissional. Eu sou advogado e quando a pessoa soube que eu tava vinculado a Umbanda, porque logicamente aparece em redes sociais, a pessoa olha e vê que tem vínculo, etc. e tal, já sofri preconceito sim.

Entrevistador

Em relação a assistência, sua relação com os filhos de santo, é comum as pessoas que vão receber um passe, vão a alguma festa, voltar ao terreiro? Ou eles costumam ir uma vez e não voltar mais?

Entrevistado

A grande maioria vem, aqui a gente procura ser o mais receptivo possível, explicar como funciona quando a pessoa vem pela primeira vez, os guias são muito

simpáticos e muito acolhedores, e a grande maioria das pessoas vem, as vezes até com o problema depois resolvido retornam, e alguns retornam para agradecer, as vezes se afastam temporariamente, vem esporadicamente. Não tem uma regra clara. Acho que depende muito de pessoa para a pessoa.

Entrevistador

E eles chegam, a maior parte das pessoas chega aberta ou com receio?

Entrevistado

A grande maioria das pessoas que não conhece chegam com grande receio, achando que possa acontecer alguma coisa com eles, que vão incorporar, ou que vai ser feito algum trabalho, alguma coisa assim. Mas isso a gente procura quebrar logo na palestra de abertura, né? Que normalmente sou eu que faço, explicando como é a casa, que ninguém é obrigado a nada, que a pessoa deve ficar a vontade e falar com o guia aquilo que quiser, porque, apesar do guia, em tese, o guia sabe tudo, nem tudo deve ser dito. Então a gente deixa bem claro que se você veio aqui tratar de um problema, o guia não vai mexer se você não falar para ele. Ele não é um oráculo. Embora ele possa saber muita coisa da sua vida, ele não vai mexer naquilo que você não quer. E as vezes acontece da pessoa chegar aqui falando que tem um problema e, na verdade, o problema ser outro, ser identificado, o guia dar esse alerta, dar esse caminho, e a pessoa as vezes se sente um pouco constrangida. Mas depois a gente tem visto que muita gente, muitas vezes, a pessoa reconhece que aquelas palavras foram de sabedoria, foram um alerta ou uma benção, como a gente costuma dizer e a pessoa vem para agradecer.

Entrevistador

Depois que começa a gira, você incorpora, certo? Quem faz o papel de acolher as pessoas?

Entrevistado

Como aqui é pequeno, na verdade é um cambono que fica recebendo e o outro que fica controlando o atendimento. Mas, normalmente, quando começa o atendimento as pessoas já foram recebidas, já foram instruídas de como proceder, e os guias são extremamente acolhedores, né? Então mesmo quando a pessoa que

está descrente ou a pessoa que não sabe como se portar, existe uma grande condescendência por parte das entidades. E também há a consciência do médium, porque nós temos médiuns conscientes, semiconscientes e inconscientes, não é porque um é melhor que outro, acho que todos são iguais, são apenas formas diferentes de trabalho. Durante uma época eu era inconsciente, depois semiconsciente e hoje eu sou mais consciente que inconsciente, embora, como eu costumo dizer, nós tenhamos a benção do esquecimento. Depois que a pessoa vai embora praticamente se esquece aquilo que foi falado e as vezes se tem apenas alguns flashes de alguma coisa que seja importante para lembrar.

Entrevistador

A gente costumava falar no terreiro que essa questão do que fica, depois que a entidade sobe, que são flashes, alguma coisa assim, muitas vezes são para ensinar a gente alguma coisa.

Entrevistado

Sem dúvida, essa troca do médium com o guia é fundamental. Muitas vezes os ensinamentos que são passados para o assistido também serve para os trabalhadores da casa.

Entrevistador

E vocês distribuem fichas ou é por ordem de chegada?

Entrevistado

Aqui é por ordem de chegada. Nós nunca tivemos problema com quantidade de assistidos, né? Então fica fácil coordenar.

Entrevistador

E qual sua relação com os filhos de santo?

Entrevistado

Isso já é mais complicado. A gente tem que ter muito cuidado com as coisas. Como dirigente da casa a gente tem que ter muito tato para lidar com os filhos, porque muitas vezes, tudo que acontece na vida da pessoa que está na corrente, ele atribui

a espiritualidade. Nem sempre é, as vezes o problema é pessoal, familiar, dentro da casa dele por condutas, nem tudo é espiritual. Então tem essa, a gente tem que ter essa dosagem, vamos chamar assim. E muitas vezes, eu estando na condição de dirigente, eu sou julgado pela minha conduta pessoal de coisas particulares, que não guardam relação com o terreiro, mas que eventualmente podem influenciar. Por exemplo, relação pessoal, problemas da minha relação pessoal, dentro do terreiro acabam afetando a corrente. E as pessoas acham que tudo é espiritual, eles não conseguem separar que eu sou um ser humano, com defeitos, tentando melhorar, e que eu erro e acerto, que eu não sou o guia da casa. Eu sou só o instrumento para que os guias que dirigem a casa possa atuar. E muitas vezes eles não conseguem separar isso. “Ah, o pai de santo hoje está bravo”, é porque está com um problema pessoal. Mas na hora que começa a gira, acabou o problema.

Entrevistador

E com os consulentes? Você costuma criar vínculos com eles?

Entrevistado

Alguns, né? Algumas pessoas a gente acaba tendo mais afinidade, como também o próprio consulente cria afinidade com uma entidade ou com os médiuns, as vezes até com o cambono. Eu já vi cambonos receberem melhor o assistido que o próprio pai de santo ou mãe de santo. Recebe com abraço, com sorrisos, lembra do que a pessoa estava passando “e ai, conseguiu resolver?”, enquanto isso o pai de santo está preparando, se arrumando, a mãe de santo, quem seja. E as vezes isso cria até ciúmes.

Entrevistador

Algum vínculo externo seu, você integra ao terreiro? Por exemplo, você conhece uma pessoa, convida para conhecer o terreiro?

Entrevistado

Sempre, né? Para quem é umbandista, gosta do que faz, e para quem, porque é o seguinte, eu vejo da seguinte forma: eu não sou médium só no terreiro, eu sou médium 24 horas. Então as vezes no trabalho, eu que sou advogado já atendi cliente e eu vi que o problema dele estava todo espiritual, que a vida dele estava toda

amarrada, toda presa, a percepção dele estava deturpada, e cheguei a convidar para conhecer a casa. Alguns realmente vieram, então a gente sempre tenta chamar. Lógico, tem todo tipo de situação. Teve gente que adorou, teve gente que respeitou, mas preferiu continuar em outra religião ou simplesmente não seguir. Mas acho que todo umbandista tem essa característica de querer falar da sua religião, da sua fé, de profetizar o trabalho que é feito dentro da sua casa e trazer mais gente para a religião, acho que isso é natural do umbandista, de todos.

Entrevistador

E você vê que a umbanda, no seu ponto de vista, ajuda a criar vínculos?

Entrevistado

Eu acho que varia muito de terreiro para terreiro. Eu conheço terreiros que a vizinhança adora, participa, ajuda. E tem terreiros que as pessoas simplesmente sabem da existência, os vizinhos sabem da existência, não se incomodam, outros se incomodam, isso varia muito. Acho que varia muito da região, da forma em que a casa trabalha, do bairro, etc. e tal. Tanto socialmente e politicamente, tem varias questões que influenciam essa relação, então não dá para criar uma regra,

Entrevistador

E você mantém vínculos com essas pessoas além da Umbanda?

Entrevistado

Sim, eu tento. Até, por exemplo, aqui um exemplo prático, tem um imóvel que estava vazio aqui do lado, que foi arrombado, foi invadido para furtarem coisas, e eu fui no outro vizinho, perguntei se ele tinha telefone para entrar em contato com a pessoa, e a pessoa veio. Falei assim: Olha, entraram ai no vizinho e tal, você quer dar uma olhada no estrago que fizeram lá? Ele disse 'agora to ocupado'. Eu falei: não é na minha casa, entraram no vizinho entre eu e você. Ele falou: Ah, é? Eu pensei que fosse na sua casa, vamos lá. Ai veio, ligou para o proprietário, ele era conhecido do proprietário, ligou, o proprietário veio, agradeceu, eu tinha imagem de câmara, ele veio, viu. Então eu tive uma recepção muito melhor por parte da vítima que por parte do outro vizinho que era amigo dele, conhecido dele. Mas não vieram frequentar a casa nem nada, mas isso totalmente fora da situação religiosa, né?

Entrevistador

E você encontra os filhos de santo, os consulentes, fora do terreiro também?

Entrevistado

Normalmente aniversários, as vezes os filhos estão meio, como a gente diz, meio de bobeira, e chamam “vamos fazer alguma coisa? vamos fazer um churrasco? vamos comer uma pizza?” então normalmente isso acontece.

Entrevistador

Legal. E tem alguma coisa que você queira adicionar, que ache importante dizer?

Entrevistado: Eu acho que é isso, e convidar você para conhecer o terreiro também. Você será muito bem-vinda.

## APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 2

Entrevistador

Bom, então eu gostaria que você começasse me falando como que você entrou para a Umbanda?

Entrevistado

Então, a forma com que eu entrei para a Umbanda foi bem curiosa, porque a minha família, né, grande parte dela já foi da Umbanda. A Umbanda ela já vem na minha família desde a minha tataravó, que eu tenho conhecimento, né. A Umbanda não, mas assim, antes da Umbanda, o que já era cultuado antes da Umbanda e depois a Umbanda. Eu tenho conhecimento, assim, que a minha bisavó, pelo menos, ela trabalhava, ela incorporava Caboclo, Preto-Velho, na casinha dela, no meio do mato. Isso que minha avó sempre me contou. Então eu sempre fui muito curiosa e eu sempre fui uma criança que já tinha um pé mais pro lado da magia, da espiritualidade. E aos 7 anos, quando eu aprendi a ler, eu lembro que minha mãe comprou para mim uma revistinha de bruxaria. E a partir daí, [risos] eu comecei a devorar os livros. E aí, eu tenho um tio, por parte de mãe, que já foi da Umbanda, ele já fez iniciação só que ele abandonou. E as vezes eu ia passar as férias na casa dele, o fim de semana, e ele tinha um quartinho onde ele tinha uma estante cheia de livros, e tudo era livro de Umbanda que ele tinha guardado. Então eu passava as férias inteiras lendo ali. Aí eu passei dos meus 7, até os meus 11 anos só lendo. Quando eu fiz 12 anos eu comecei a ter mais contato direto com a Umbanda, eu comecei a conhecer mais gente que era da Umbanda e eu era novinha né, não entendia muita coisa mas eu também não atropelava, eu sabia que teria que estudar, nunca tive essa vontade absurda de entrar para um terreiro e desenvolver como acontece muito hoje em dia, né? Você vê que existe muita ansiedade, dos jovens principalmente, de entrar em um terreiro e desenvolver. Eu já não. Então eu conversei com bastante gente e fui seguindo. Segui a Wicca, que foi o começo onde eu entrei e depois eu comecei a estudar mais a Umbanda e me aprofundar. Quando eu fiz uns 15, 16 anos, eu conheci uma amiga lá do Rio de Janeiro que tinha um terreiro lá, então ela me deu bastante base, bastante coisa ela me passou. Então o tempo foi passando e eu só frequentava assim, gira para tomar passe... Eu só fui conhecer um terreiro ao vivo quando eu tinha uns 15,

para 16, 17. Demorei bastante tempo para conhecer. E a minha família sempre soube que tinha um pé dentro da Umbanda, mas ninguém quis seguir, então as entidades da minha bisavó, como ninguém deu seguimento, ficou toda a herança para mim, passou tudo para mim, caboclo, preto-velho, né? Tanto é que minha avó tinha um caboclo que protegia ela, era o Seu Pena Verde, eu cheguei a trabalhar com ele antes de começar a desenvolver, eu incorporei ele uma vez dentro de casa porque ela tava muito doente, e ele veio. Lógico que não foi uma incorporação de falar, mas eu senti a irradiação dele, eu senti que ele estava ali e falava “pega isso, faz isso”, e eu fiz e minha avó melhorou instantaneamente. Ai eu senti um negócio, eu falei “meu deus, eu acho que é isso” e comecei a visitar os terreiros, eu morava em Mogi, na verdade eu sou de Osasco, mas a 14 anos minha mãe se mudou para Mogi. Eu já morei com minha mãe, minha avó, meu tio, até minha avó falecer, frequentei alguns terreiros em São Paulo, em Mogi, gostei bastante. E quando eu fiz 18 anos eu conheci meu atual marido, a gente se conheceu em um chat de Umbanda. E a gente começou a conversar e o que amor, levou uns 2, 3 meses (conversando com o marido), ele era lá do Rio Grande do Sul, ai você pensa o surto, a mulher se despencou de São Paulo lá para o Rio Grande do Sul assim, fiz 18 anos e vou, porque eu senti que tinha alguma coisa, alguma coisa que eu tenho uma missão com esse cara que eu tenho e vou, fui. E assim a gente começou a se conhecer, a entender por que lá no sul é diferente a prática da Umbanda daqui. Aqui é uma Umbanda mais pura, mais raiz, né? Mais próxima ao espiritismo, né? Muito ligada ao cristianismo. Lá no Sul, não, lá já puxa mais para o batuque, lá você vai ver muito mais casa mista, que tem culto de nação e culto de Umbanda, e até hoje a gente ainda tem algumas divergências, porque eu estudei e estudo até hoje a Umbanda pro lado aqui de São Paulo, que tem as linhas de marinheiro, boiadeiro, baiano, e lá no sul não, lá no sul eles só trabalham com preto-velho, criança, caboclo e cigano, só essas linhas principais. As outras linhas ele só veio conhecer quando a gente veio pra cá, para São Paulo. Ai, assim, segui minha vida com ele, a gente nunca entrou para um terreiro. Ele já tem feitura lá na nação dele, então tem mais preparo do que eu. Eu não, eu nunca tinha feito nada. E assim foi indo, até que, mais ou menos no começo do ano passado a gente pegou e falou assim “agora é um momento que a gente tem que tomar um rumo, né, dentro da religião”. E veio filho, a gente deixou de lado essa questão de religião, até eu parei um pouco de estudar por conta da criança. E depois que a minha filha já tava grandinha eu falei assim “acho que é hora de voltar”. Então a gente voltou a estudar, foi quando

eu quis me iniciar realmente. Então foi tudo muito terreiro de vó, a gente fez de forma caseira. Eu não consegui encontrar nenhum terreiro que eu me sentisse em casa, a vontade. Porque sempre que eu ia a um terreiro e via alguma coisa errada, aí eu falava que não dá. Então a gente falou assim, vamos fazer. Ele tem preparação e eu falei “vou dar minha cabeça para você, seja o que Deus quiser”, e deu certo. Aí eu comecei a trabalhar, comecei a incorporar meus guias e desenvolver e foi então que um dos guias falou “então, está na hora de vocês abrirem uma casa, mesmo que vocês comecem aos pouquinhos, está na hora”. E foi quando a gente conheceu um pessoal, estávamos morando com a minha mãe em Mogi nessa época, a gente veio do Sul para cá e a gente conheceu um pessoal aqui de Jaú, a gente tá morando em Jaú, interior de São Paulo. Foi uma coisa muito engraçada, foi meio que as entidades montaram isso. A gente tava lá em Mogi, a minha mãe ela gosta, ela respeita a religião, mas em questão da casa, não tinha como eu abrir uma casa lá, o espaço não ia dar. Então, o que aconteceu, a gente conheceu esse pessoal e a gente joga baralho cigano a muitos anos, a gente atende online e acabou conhecendo essas pessoas. Eles gostaram do nosso trabalho e foi quando eles falaram: “tá, mas vocês não querem vir aqui para Jaú? A gente ajuda vocês a arrumar uma casa, a alugar”. Porque a princípio a gente nem estava pensando em abrir o terreiro tão já, nem eles chegaram a cogitar, mas eles queriam que a gente viesse para cá para se ajeitar. E aí a gente, do nada assim, parece que começou tudo a fluir até que a gente achou a casa perfeita. Aí a gente, com uns 2, 3 meses que já estávamos instalados aqui em Jaú foi quando a gente conseguiu abrir o primeiro spacinho. Então a gente fazia as giras aqui na sala de casa, que a sala é vazia, a gente não estava usando e começou aqui na sala. Então a gente começou a dar atendimento, passe. E foi engraçado, porque essas pessoas que estavam muito próximas, que fizeram a gente vir para Jaú, elas meio que cada um tomou seu rumo, eles só fizeram a gente vir, cumpriram a missão até ali e, dali pra frente, a gente seguiu sozinho. Foi para ver se a gente ia conseguir seguir sozinho e a gente está conseguindo até hoje. Então o terreiro, a princípio, era aqui em cima, a gente tem uma garagem lá embaixo, que a garagem foi feita para o terreiro. Tem um espaço para a tronqueira, tem espaço para o congar, parece que estava ali pronta. Aí nesse fim de mês a gente conseguiu reformar, pintar, deixar tudo bonitinho porque estava bem feinho o espaço e a gente está tocando assim a casa.

Que ótimo. Então tem uns 6 meses que vocês abriram.

Entrevistado

É, a gente veio para cá em setembro. Daí já faz um tempinho que a gente tá tocando aqui.

Entrevistador

E como foi para vocês esses primeiros contatos? Você se sentia curiosa, você tinha medo? Como foi tudo isso?

Entrevistado

Eu sempre fui uma criança que me achava estranha. Porque eu nunca tive medo, de espírito, de nada. E sempre quando eu era criança eu brigava com a minha mãe porque ela e minha vó sempre contavam histórias que elas chegavam a ver alguma coisa, ver mesmo, e eu ficava brava porque eu não conseguia ver. “Nossa, mas minha mãe vê, minha avó vê e eu não vejo”. Eu só ouvia, eu tenho clariaudiência, mas ver não. Então a primeira vez que eu senti mesmo, quando o Seu Pena Verde se aproximou de mim, eu não tive medo. Eu pensei: “bom, se ele veio foi por algum propósito. Eu vou obedecer”. Porque eu pensei, aquela voz não é minha, eu estou ouvindo uma voz de homem, eu sinto que é um caboclo muito alto, muito grande e eu instintivamente sabia que era o Seu Pena Verde. Aquilo para mim eu agi como se fosse uma médium muito tranquila, tudo beleza. Benzi a minha avó e tranquilo. E depois disso eu não tive mais nenhuma sensação, a não ser quando eu fui para o terreiro pela primeira vez. Ai foi depois desse episódio. Eu fui no terreiro a primeira vez, tava calor, eu fui com uma amiga e era uma noite bem quente. E era um terreiro pequenininho também. Ai eu me sentei lá no fundo com ela e eu já senti um negócio gostoso quando eu fui lá, pensei “nossa, que coisa boa”. Ai quando eles começaram o toque lá para as entidades, eu comecei a tremer igual uma vara verde lá atrás e minha amiga: “Amanda, você está branca, você está passando mal?” e eu disse: “Não sei, eu estou tremendo, estou gelada, um frio assim”. E ela foi lá no carro pegar um casaco, buscou o casaco e quem disse? Eu tremia, tremia que eu achei que ia... falei assim, “bom, isso deve ser um sinal, né? Eu não to louca”. Mas ai, depois disso eu continuei visitando esse terreiro algumas vezes e foi quando uma das entidades, era uma baiana, ela falou assim... na época eu tinha uns 15 anos, 15 para 16: “Olha filha,

quando você fizer 18 anos você vai conhecer um cigano”. Eu falei assim: Um cigano? Essa entidade... não, ela descreveu o meu marido perfeitamente. Ela falou assim: “ó, você vai conhecer um rapaz que não é daqui ele é de bem longe, ele é lá da praia”. Porque ele morava lá no litoral do Rio Grande do Sul. “O nome dele começa com a letra A” ela descreveu ele todo, e eu pensei “nossa, não pode ser, isso ta muito estranho”, mas falei, beleza né. Mas aqui no fundo a adolescente ficou com aquilo na cabeça. Todos os rapazes com a letra A eu pensava, será que é ele? [risos] teve uma época que eu até esqueci, ai eu fiz aniversario, eu faço aniversario dia 31 de janeiro, aí que eu lembrei e falei será? Bom, aí segui, quando foi lá para o fim de fevereiro, por volta do dia 25, eu fui entrar no chat, estava entediada, não tinha nada para fazer, eu gostava de entrar, não sei se você lembra daquele bate papo da Uol?

Entrevistador

Sim

Entrevistado

Eu entrava lá na sala de Umbanda e ficava trocando ideia com o pessoal sobre a religião, né? Tanto que eu conheci uma amiga por lá também. Aí eu entrei lá de bobeira, de noite assim, sem pretensão nenhuma. Eu olhei o *nick* dele, tava alguma coisa cigano, achei curioso o nome, legal. Eu sou muito tímida e pensei “eu não vou conseguir chamar essa pessoa”. Ai quando eu já estava para sair do chat, eu ia fechar e ir dormir, ele me chamou e a gente começou a conversar, ele mandou uma foto dele, eu mandei a minha. Só que quando eu bati o olho nele eu falei: “não é possível, é o próprio, descrito perfeitamente”. E ai a gente foi conversando e quando foi em abril eu consegui, comprei passagem e fui para lá. E tamo aí já a 8 anos, já.

Entrevistador

E o que é Umbanda para você?

Entrevistado

Olha a Umbanda é uma, acho que ela é mais que uma religião para mim. Para mim ela é uma filosofia de vida. Ela é uma raiz. Quando eu descobri a Umbanda, a origem dela, e eu vi que na minha família ela tinha essa raiz, eu percebi que é muito além do que as pessoas entendem que é a Umbanda. A Umbanda ela não te cobra

nada, ela não te obriga a nada. Você tá ali simplesmente pelo amor que você tem, pela doação que você quer passar para as pessoas. Então para mim é mais como uma filosofia de vida mesmo, eu nunca me, como eu vou dizer, eu nunca quis me prender a regras dentro da Umbanda, até porque cada casa é uma casa. Eu entendo que a Umbanda ela é muito ampla e é algo que muito antes do nascimento dela, do surgimento dela já existia pontinhos ali dela, antes do Zélio anunciar já tinha fagulhinhas, então é algo muito ancestral. É uma coisa que eu enxergo como uma religião bem familiar, bem família mesmo. Porque começou com uma família, né? Querendo ou não, o Zélio começou ali também com a família dele. É uma coisa bem familiar.

Entrevistador

Sim, eu concordo com você. Também vejo essa questão familiar nela.

Entrevistado

O que acabou se perdendo um pouco hoje em dia, né? Essa questão de família. As pessoas, a maioria que a gente vê por aí está na Umbanda simplesmente por um status, esquece da ligação. Eu vejo muito pai, muita mãe que não tem responsabilidade com os filhos, ou os filhos não têm sentimento e respeito com a casa, então meio que se afrouxou o laço.

Entrevistador: Também tenho essa percepção. Quando eu frequentei era nesse modelo bem caseiro, no fundo da casa, e eu acho maravilhoso esse tipo de terreiro, onde você sente mesmo a religião e as práticas.

Entrevistado

É o melhor que tem.

Entrevistador

E na sua casa hoje, você já tem alguns médiuns trabalhando? Já tem uma hierarquia?

Entrevistado

Então, a nossa casa é uma coisa bem engraçada, porque a gente veio parar em uma cidade que é extremamente católica. Católica e evangélica, é bastante cristã.

Então é bem difícil você conseguir atrair um público. Tem poucas casas aqui em Jaú, só que as casas que têm aqui em Jau a maioria faz maldade, faz essas coisas, porque eu recebo muito relato das casas daqui, as de Bauru também. Cobranças financeiras exageradas, coisas assim fora da realidade né? Casa de caridade que prende os outros, então é complicado. Então até hoje a gente não tem uma corrente grande de médiuns, geralmente trabalha mais eu e ele. Tem uma menina que está desenvolvendo, ela também está tentando vir porque ela trabalha e tem os horários dela, é complicado. Mas as pessoas que passaram por nossa casa até hoje, nenhuma tem compromisso, nenhuma arcou com o compromisso. Chegou no primeiro dia de entrevista, porque a gente entrevista, a gente conversa com a pessoa, para saber se a pessoa quer, realmente o que é que ela busca... ai no primeiro dia ela fala: “não, mas eu quero desenvolver, eu amo a Umbanda”. Mas aí, quando ela vê que ela tem responsabilidades, que o negócio é sério, que ela tem que ficar de preceito, porque a maioria quer beber, quer usar droga, quer sair para festa, e ai tem o preceito e as obrigações da casa, ai a pessoa foge. Então, até hoje, a única que ficou foi essa filha. Até o presente momento, até porque a casa é nova. A gente chegou a fazer uma filha de santo de uma outra cidade, lá de Minas. Ela veio de Minas para cá, ela fez o *amaci* dela, fez as preparações e voltou para a cidade dela. Ela vai retornar outras vezes. E por enquanto é isso. Porque como a cidade é muito pequena, no interior, e como já tem casas grandes, é difícil você se estabelecer, as pessoas não conhecem. Ai vem, visita sua casa, e muitas vem com aquele questionamento “ah, o Exu faz mal? A pomba-gira faz amarração?” A nossa casa ela tinha o nome do Exu Caveira, porque o Caveira é o Exu chefe da nossa casa e no começo colocamos o nome dele como chefe da casa. Mas péssima ideia, né? Todo mundo via o nome do terreiro de Exu Caveira e pronto né? É quimbanda, é maldade. E ai a gente mudou depois da reforma, a gente mudou o nome e agora o nome do terreiro é “Terreiro Ogum Beiramar”. Mas assim, vem umas pessoas, falam que vão na gira tal, como na última gira de preto-velho. A gente sempre pede para a pessoa agendar antes, né? Por causa do espaço ser pequeno, né? Não dá para encher de gente. Ai a pessoa fala “eu vou na gira”, ai daqui a pouco, passa a hora da gira, ninguém aparece. Você manda mensagem e a pessoa não responde. As pessoas aqui dessa cidade não sei o que acontece, [risos], ninguém tem compromisso com nada.

Você acha que o pessoal tem medo?

Entrevistado

Muito. O pessoal da cidade tem bastante medo. Tanto que a menina que está desenvolvendo ela era evangélica e ela passou a vir. Ela é bem tranquila, não ficou com tanto medo, mas ela tem medo do processo de desenvolvimento em si, mas quem não, né?

Entrevistador

Sim, porque você não sabe o que pode acontecer né?

Entrevistado

Mas a maioria é muito apegada ao cristianismo, então eles veem Exu, eles passam pelo portão, passam pela tronqueira, a pessoa já congela ali. Não tem como, né? Até você explicar que fouxinho de porco não é tomada. [risos]

Entrevistado

E como é a relação com vizinhos? Vocês têm vizinhos perto?

Entrevistado

A gente mora bem aqui no centro de Jaú. Aqui onde a gente mora, aqui na rua, tem mais é oficina de moto, aqui do lado, tem um prédio aqui na frente, mas está desocupado, tem um outro prédio ali, mas é distante. Só tem... A gente tenta não fazer barulho, até porque a gente não tem ogã, então geralmente eu que toco um pouco no início da gira, a gente teve que aprender a tocar, né? Ai se mudou um vizinho aqui para o lado, mas a princípio um vizinho tranquilo, e a vizinha aqui do lado também, ela mora lá nos fundos então acho que ela nem ouve muitas coisas porque a garagem fica lá embaixo. A gente tem respeito, não vai ficar até 3 horas da manhã, a gente respeita os horários. A gente fazia gira na segunda feira, mas na segunda feira ficava meio ruim. Então a gente mudou para o sábado e tentamos ficar no máximo até as dez, onze, para não atrapalhar.

Entrevistador

E algum já foi, participou? Demonstrou algum interesse?

Entrevistado

Não. A vizinha aqui do lado é evangélica. Os vizinhos daqui do lado não sei, talvez sejam também. Mas ninguém nunca reclamou, está tranquilo, sem problemas até então.

Entrevistador

E as pessoas que vão tem costume de voltar ou elas são mais de ir uma única vez?

Entrevistado

Assim, é... tem algumas pessoas que vem que a gente chama de rato de terreiro, né? [risos] São aqueles que vem, dá uma olhadinha, vai em outra casa, dá uma olhadinha, e geralmente não voltam. Já tem outras pessoas que voltam, assim, tem uma gira hoje, aí lá na outra gira daqui um mês, dois, ela resolve voltar. A gente seleciona muito as pessoas que vão também. Eu falei que tem que agendar porque assim, a garagem é um bom espaço em comparação com a nossa salinha, mas é um espaço pequeno. Então não tem como eu acomodar muitas pessoas, no máximo ali umas 8, 9 pessoas, 10 assim, no máximo. A nossa ideia não é número. A gente não pensa assim em encher muito. A ideia é mais qualidade. É difícil. Tem pessoa que vem, tem pessoa que volta. Das que voltam, são poucas, dá para contar nos dedos. Ou as vezes a pessoa vem, já consegue resolver o problema dela num passe, numa consulta e daí não precisa mais.

Entrevistador

O que é ótimo, né? É um bom sinal

Entrevistado

Sinal que o trabalho está sendo bem feito. É ótimo. Então a gente tem um grupo no WhatsApp que a gente tem mais filho de longe, de outros estados, do que daqui.

Entrevistador

E como vocês costumam fazer?

Entrevistado

Com o pessoal de longe, geralmente quando vai ter gira, a gente faz uma *live*. Então todo mundo participa, a gente faz as orações. A gente não gosta de gravar as entidades trabalhando, isso ai é uma coisa que a gente tem. Mas as orações, a gente toca uns pontos antes, o pessoal se concentra, e é o que dá. Aí, as vezes, que nem, veio uma moça de Minas, ela fez o *amaci* dela, ela aproveitou um pouquinho os dias que ficou aqui. E tem também mais um ou outro que falam que quer vir também, tá se planejando também para vir conhecer a casa, passar uns dias. É, tem gente do Maranhão, tem gente daqui de São Paulo mesmo, mas é mais distante, outro bairro. E a gente vai tentando sempre passar mais conhecimento no grupo. É o que a gente consegue achar de texto, de vídeo, de conteúdo para o pessoal continuar estudando em casa mesmo, por enquanto né. Eu recebo muita mensagem que eles não consegue achar um terreiro na cidade deles.

Entrevistador

E vocês tem contato com outros terreiros também?

Entrevistado

Lá em Mogi a gente foi em um terreiro que a gente gostou bastante que era bem próximo da casa da minha mãe. A gente foi lá, minha filha era pequenininha ainda, de colo. A gente foi lá, eu já tinha ido uma outra vez, se eu não me engano, a gente foi, tomou passe, a gente gostou bastante. Só que eu acho que no momento está fechado, não sei se alguém faleceu, eu vi esses dias. E a gente meio que perdeu o contato com o terreiro de lá. Tem um outro terreiro que a gente foi lá em Mogi que a experiência foi péssima. Isso foi antes da gente vir para Jaú.

Entrevistador

Por quê?

Entrevistado

A gente foi lá né... O meu marido atendeu a mãe da casa nas cartas e ela gostou muito do trabalho. A gente atendeu umas duas ou três filhas também, gostaram do trabalho e convidaram: "não, antes de vocês irem embora vocês passem aqui na nossa casa para conhecer". Aí beleza, a gira era no sábado e a gente foi. Minha filha

já estava maiorzinha, já estava com quatro aninhos né. Ai a gente chegou lá era um espacinho pequeno, simples, tinha uma corrente razoavelmente grande de médiuns, acho que uns 10, 15 médiuns por ai. E beleza. No começo da gira era gira de malando e de esquerda. Ai começou a tocar para malandro, eu já me sentindo mal lá atrás, começou a encostar né, ai beleza, vou me segurar e ficar quietinha aqui. Aí eu fui passar por uma, quis passar um passe com uma pomba-gira depois, que começou a vir as moças. Tomei passe lá, acho que era a Padilha que estava atendendo, gostei muito do passe dela e voltei, né. Eu tava cuidando da Bárbara, a Bárbara estava brincando lá fora com as outras crianças e eu fui lá. Depois meu marido foi tomar passe também, ele acabou recebendo a entidade dele lá, não deu para segurar. O exu que atendeu ele falou ó, filho, você não se segura não. Ai beleza, ele trabalhou de boa. E eu tava sempre muito de olho porque a dirigente da casa, quando a gente atendeu ela, a gente viu que tinha alguma coisa errada na casa e a gente avisou, “olha, tem alguma coisa errada aí”. Poderia ser qualquer coisa, problema com um filho, etc. E a gente foi até lá. Eu comecei a observar muito porque os outros médiuns, eu observava, eles tinham muita firmeza para trabalhar, mas ela não, e eu observando. Nossa, ela é a dirigente da casa... e fiquei observando. Ela passou assim pela gente, com uma entidade, acho que uma pomba-gira cigana, ela começou a falar que a gente ia se mudar mas a gente ia voltar, porque não ia dar certo, falou que eu ia engravidar, sabe? Umas previsões meio assim... Eu falei, não vou desacreditar da entidade, mas... beleza. Ai lá para o final da gira veio os exus-mirim. Todo mundo começou a baixar exu mirim e ela também. Beleza. Essa situação eu tenho até vergonha de contar [risos] mas eu vou ter que contar porque a marmotagem acontece em todo terreiro. Ela está “incorporada” [sinaliza com a mão] com exu mirim, só que quando ela começou a chegar perto de mim eu comecei a passar muito mal. Mas não era mal de sentir a entidade, era mal de dor de cabeça, ânsia de vômito, taquicardia. Eu estava me sentindo muito mal. E falei, tem alguma coisa errada aí, é uma quiumba ou não sei. E ela estava com um saco preto na mão e pensei, se for um exu mirim, que que vai ter dentro do saco? Um rato de brinquedo, uma aranha. Ele vai querer brincar com a consulência. Ou então vai ter um osso, porque o osso é elemento de alguns exus mirim, o caveirinha, né? Ai todo mundo colocando a mão dentro do saco e as mulheres tava colocando a mão muito constrangidas. E eu pensei: ué, que diacho que tem nesse saco que as mulheres estão se rindo e ficando tudo constrangidas? Porque eu vi que elas ficaram claramente sem graça, né? Ai eu falei, vou enfiar a mão no saco

porque eu quero saber que diacho que tem ali dentro também. Dentro do saco, por essa luz que me ilumina, tinha um vibrador. Três, na verdade. Ligados, vibrando, dentro do saco preto do exu mirim. E as crianças na gira. E segundo o exu mirim dela, ele tava com aqueles vibradores porque ele tinha perdido o dele quando estava em vida. Isso não faz sentido. E o pior de tudo é que ela tirou aquilo de dentro do saco e as crianças lá. Eu falei, meu deus, minha filha tem 4 anos, ela vai ver isso aqui? Ai na hora eu peguei minha filha pelo braço e falei, vão embora, André. Depois disso aqui vão embora. Eu já vi várias coisas erradas em terreiro, mas era tipo assim, um médium que estava mistificando, ou era, algumas coisas assim, meio nada a ver. Eu via que as falas de algumas entidades eram meio erradas, coisas assim. Mas esse nível de acontecimento eu falei não volto mais [risos] deus me livre, fiquei traumatizada mesmo. E o pior é que a gente tava com ela adicionada no Whatsapp, a gente foi ver os stories dela e ela tava vendendo produto de sex shop.

Entrevistador

Então era propaganda [risos]

Entrevistado

Era propaganda [risos] eu falei: olha onde veio parar. Eu tenho que contar por que é uma coisa que você vendo na hora você não acredita. Se alguém tivesse me contando eu não iria acreditar. O pior que você fica em choque. Na hora você fica tão atônita que você não tem reação. Você não consegue nem falar, nem xingar, nada. Porque se eu não tivesse com criança, com certeza eu ia me levantar e ia dar um esporro naquela mulher. Mas eu falei, porra, to com criança aqui, não vou arrumar confusão no terreiro dos outros, melhor ir embora. Meu deus do céu, nunca vi uma coisa dessas. Em anos de religião, nunca vi. Se fosse uma festa de aniversário, uma festa a fantasia, mas não, pelo amor de deus gente. É terrível.

Entrevistador

Nossa, eu imagino. E me conta, vocês fazem oferenda? Já que tem essa mistura de nação e da umbanda paulista

Entrevistado

As oferendas que a gente costuma fazer são geralmente a parte, são fora das giras. Nas giras, assim, óbvio, vai ter alguma gira de caboclo que a gente vai fazer alguma oferenda para Oxóssi., vai puxar. Mas oferenda mesmo, de nação, a gente faz a parte, faz a parte, separadinho.

Entrevistador

E vocês fazem para o público, né? Se eu passasse aí e pedisse para fazer, vocês fazem?

Entrevistado

Sim, a gente faz dependendo da situação. É porque a gente também joga búzio, né, vê carta, às vezes dependendo da situação, tem situações que a pessoa só vai tomar um passe, um banho e vai estar legal. E tem situação que aí vai precisar fazer alguma coisa, alguma oferenda, Pra dar uma luz né. .E isso a gente tem feito desde os do começo, a gente sempre fez pra gente do Brasil afora.

Entrevistador

Certo. E vocês costumam celebrar os dias dos orixás, festas?

Entrevistado

A gente como a gente está começando, a gente pretende fazer porque a gente foi reinaugar o terreiro bem no dia de Ogum, São Jorge. Foi bem no dia. 23 de abril. Foi meio corrido, não deu nem tempo de eu fazer muita coisa. Eu comprei umas cervejas ali, as velas e foi o que deu pra fazer. Mas nas próximas festividades a gente pretende fazer alguma coisa específica? Na próxima agora é xangô, né? Que tá chegando, então vou tentar fazer.

Entrevistador

No mês que vem?

Entrevistado

Sim, tá pertinho então já planejar para fazer algo

Entrevistador

E você falou que você sempre estudou muito? Você leu ou estudou sobre a mitologia dos orixás?

Entrevistado

Leio bastante.

Entrevistador

E o que você acha sobre? Você aplica no dia a dia?

Entrevistado

É...a mitologia dos orixás é que nem eu falo da umbanda, é uma filosofia também. Porque vai de pessoa para pessoa. Uma pessoa vai ler ali um, um itan, vai ler, né, nma história e vai interpretar de uma forma. É que nem a bíblia, cada um interpreta, né, de um jeito. Então eu tento retirar aquela mensagem que pra mim, né, tem sentido. E eu sempre gosto, de quando vem gente aqui em casa, a gente até demora um tempão de tanta que a gente que fala. A gente fala demais, então a gente acaba contando muito das histórias dos orixás. Tem uma... Tem uns vídeos da Ebomi Cici que ela conta dos orixá que eu adoro. Assim, às vezes eu passo horas assistindo e assistindo ela contando que é muito bom. Ela, eu sinto como se fosse minha avó contando história. É o jeito que ela conta. Então é uma coisa que a gente tem muito vivo aqui, a gente... na nossa casa, um ponto que eu acho que assusta um pouco as pessoas também é que aqui no nosso terreiro a gente não puxa tanto para o sincretismo. A gente tenta mais pegar os orixás, né? A raiz. Então a gente tá em convívio direto. Lógico que eu, como eu fui criada aqui em São Paulo, eu eu até puxo um pezinho para o sincretismo, mas eu sei separar. Aqui São Jorge, São Jorge e Ogum é Ogum. Tem gente que vai achar que os 2 é a mesma coisa. Mas eu separo.

Entrevistador

Então no altar com as imagens, são mais imagens de orixás?

Entrevistado

Sim. É... até a gente tá, tá montando ainda porque a gente tem poucas imagens, né? Mas eu montei já espaço para colocar os orixás, as entidades. A tronqueira já está praticamente lotada de Exu, bastante imagem. A gente tem lá o

espacinho que eu pretendo, colocar os orixás e mais pra frente, aí eu pretendo colocar uma imagem sim, de São Sebastião, São Jorge, Cosme e Damião. Então eu pretendo ainda colocar.

Entrevistador

E qual que é a relação que vocês hoje com o filho de Santo? Vocês tentam criar uma proximidade? Ela se estende além do terreiro.

Entrevistado

É, a gente tenta sempre, não é fazer com que a pessoa ela se sinta à vontade, né? Eu não gosto, eu não sou aquela pessoa que fica cobrando o tempo inteiro da pessoa, mas eu estou sempre ali. Ó, né, tem compromisso tal dia, né, você consegue vir? Eu sempre estou ali me comunicando com a pessoa, estou sempre querendo saber se está tudo bem. Eu tenho uma, uma, proximidade com a pessoa, né? Eu não, eu tento como eu, eu vejo a umbanda por uma questão de família, né? Eu tento estar ali, né, para a pessoa, entendeu? Eu estou aqui, né, para o que precisar. Tem pessoas que são mais tímidas, que não vão dar muita abertura que nem essa moça que está desenvolvendo. Ela já é mais tímida assim, mas mas eu, eu sempre estou ali mandando mensagem, né? Falando com ela.

Entrevistador

E com os consulentes?

Entrevistado

Consulente é basicamente, a mesma coisa. Vem o pessoal mandar mensagem para mim perguntar o terreiro, eu mando 300 áudios explicando todo o funcionamento da casa e tal para a pessoa já está ciente e alguns, alguns continuam conversando comigo, outros vão encontrar outra casa e vida que segue.

Entrevistador

Legal. E como que as pessoas chegam até o terreiro hoje?

Entrevistado

Hoje está vindo muito através do Instagram e do Facebook. A divulgação ainda é pequena, mas como aqui em Jaú tem poucas casas, aí o pessoal às vezes vai pesquisar, coloca lá a palavra-chave, aí vê que tem um terreno novo, então muita gente vai perguntar, né? Saber onde é que é. É... a as redes sociais é bastante.

Entrevistador

Hoje elas ajudam muito, né?

Entrevistado

Sim

Entrevistador

E essas pessoas que vem pela primeira vez, você acha que elas vêm abertas ou não?

Entrevistado

Ai, a maioria é com receio. Assim, de todas as pessoas que vieram realmente a que em casa teve um umas, 2 ou 3 que realmente estavam empolgadas com a gíria, que estavam realmente gostando. A maioria fica muito retraída, muito tímida. Entidade fala com elas, nem responde, fica assim. A maioria é... principalmente quando a gira de esquerda, né, o pessoal desce, assusta muito com o Exu, com a Pombo gira, então ficam muito....retraídos mesmo.

Entrevistador

E como funcionam as giras?

Entrevistado

É, a gente faz todos os sábados, aí a gente tenta montar um calendárinho é... esse mês, por exemplo, dia 14 teve gira de preto velho, mas acabou vindo criança, né? Sempre vem um ere, então uma, uma entidade ou outra acaba vindo aí. A próxima agora é Caboclo e a próxima no fim do mês é a festa de pomba gira, que é geralmente as que mais lota, enche bastante.

Entrevistador

E você acha em toda essa sua vivência que o terreiro ajuda você a conhecer pessoas, a criar vínculo, a criar esse sentimento de família? Não só o seu, mas em todos que você já participou.

Entrevistado

Ajuda. Ajuda e não ajuda, né? Ao mesmo tempo, né?

Entrevistador

Por quê?

Entrevistado

É... porque assim, ser humano, né, ser humano é divergente, né? Você vai ter aquelas pessoas que você vai sentir uma ótima conexão e tem aquelas pessoas que você vai ficar meio assim né. Mas lógico, você não vai ser ignorante, não vai destratar a pessoa. Eu sempre busquei respeitar todo mundo, independente de eu gostar ou não, as vezes vem uma pessoa na minha casa que meu Santo não bate com a pessoa. Só que eu não vou destratar a pessoa. A pessoa está vindo na minha casa pra receber ajuda, né? Para ter um, um tipo de conforto, então eu não vou, né, destratar.

Entrevistador

E como que foi a abrir o terreiro e manter a religiosidade no meio da pandemia?

Entrevistado

É, foi, foi punk, foi bem punk. É que quando a gente abriu já estava meio que assim liberando. Estava liberando aos pouquinhos, então no começo a gente sempre exigia o uso de máscara, aí foi aí que a gente começou a agendar realmente o, o atendimento, para pessoa avisar, né? Se ela vem, se ela traz mais alguém. Para reduzir o número de pessoas, né. Hoje em dia é mais questão de segurança, porque querendo ou não, a gente nunca vai estar 100% seguro. Você não sabe se uma pessoa maldosa vai vim na tua casa. E é minha casa, então... tem criança, então, assim, eu sempre preso pela segurança, então antes da pessoa vim, eu procuro conversar com a pessoa, né? Saber quem é pelo menos aquela pessoa antes dela vir.

Entrevistador

Sim, certo. E a última pergunta, você já sentiram algum tipo de hostilidade, por serem umbandista ou por ser mãe de santo?

Entrevistado

Nossa, muito e principalmente por ele ser cigano. Muito. Até o dia que a gente foi vim para Jaú, exatamente no dia que a gente estava de mudança, ele [o marido] fio no mercado buscar pão. Era de manhã e eu estava arrumando as malas lá dentro. Um dos vizinhos, como a gente tava trabalhando [na umbanda] no quintal da minha mãe, eu e ele só, mas a gente nem fazia muito barulho, não tinha atabaque, era eu e ele só. Só que os vizinhos, né, a vizinhança era bem colada assim, né. Então, um dos vizinhos tentou ameaçar ele de morte, bem grave, né, começou a ameaçar, falou que a gente era um bando de macumbeiro, né, que cigano é ladrão e, sabe, um monte de coisa. A gente chegou até a chamar a polícia, foi um baita estresse nesse dia. Esse foi um desses episódios né? Fora que todo mundo te olha torto. O cara também estava alterado, né? Mas... assim, aqui em Jaú, principalmente, aqui, é uma cidade muito conservadora. Muito. Você tem uma tatuagem assim que nem a minha, de cobra coral, ele tem um Exu Caveira no braço, então pessoas já te olham meio torto assim. As vezes pra sair com uma guia no pescoço, as pessoas já começam a te olhar torto. Então você já nota que as pessoas já te tratam meio meio assim, e... Aquela velha história né? E... ontem ontem, até nem falei para o meu marido, mas ontem a gente foi no mercado, e eu passei por uma senhora, a senhora tava com o marido, e eu vi, eu reparei claramente que ela olhou bem feio assim para mim e começou a cochichar com o marido dela. Assim, eu não vou voltar para trás. Porque eu... Eu não, eu não vou dar o braço a torcer, vou. Eu vou seguir em frente porque na hora me deu um negócio. Ela estava cochichando alguma coisa. Eu falei assim, ai meu Deus, cara, por que que a pessoa não cuida da vida dela? É, é complicado você ser umbandista, né? O Brasil é um país tão não é tão diversificado e até hoje as pessoas terem uma cabeça tão, tão pequena, tão fechada. Não é atoa que é o país que mais demorou para libertar os escravos então, né, complicado lidar.

Entrevistador

Sim, totalmente. E hoje, o que que vocês acham dos estudos que tem de umbanda?

### Entrevistado

É, então é uma coisa que eu tava pensando em falar realmente é sobre a questão da internet. A internet ela é um veículo ótimo para conhecimento e você consegue acessar bastante conteúdo hoje em dia. Tem canais muito bons no YouTube até. A gente, a gente sempre tenta passar isso para para os nossos alunos, né, nossos afiliados. A gente passa bastante coisa que a gente encontra, só que ao mesmo tempo que a internet ajuda, né, ela atrapalha. Porque antigamente a umbanda, as religiões afro já eram mal vistas de boca a boca. Com a internet, hoje a gente percebe que tem uma, assim, uma visão muito deturpada do que é umbanda. As pessoas chegam aqui na minha casa, que nem chegou várias pessoas falando assim, ai, mas vocês fazem ritual com criança? Ces matam bode. Ces faz ritual satânico é, vocês acreditam no diabo assim, sabe? E...e no TikTok pelo, né, principalmente, que é uma rede que está bombando muito, eu fico vendo às vezes alguns... muito adolescente gravando um vídeozinho de umbanda. Muito. Só que você vê muita coisa errada, que nem eles tão sabendo o que que eles estão estão falando, né? Tipo assim, a pessoa pegar e falar assim que nem eu vi um vídeo esses dias que eu até fiquei louca da vida. Uma guriuzinha novinha deve ter uns 15, 16 anos falando assim: ai as filhas da Pomba-gira menina, são tudo assim. Não, primeiramente, que Pomba-gira não é mãe. Ela tem que a sua coroa, ela vai ser a tua, né, a tua frente, madrinha, entidade. Mas aí você generalizar que todo mundo que trabalha com aquela pomba-gira vai ser igual? Não existe. Eu trabalho com o eu trabalho com Tata Caveira, o meu Tata caveira, ele é bem velhinho. Já os Tata caveira que meu marido trabalha já é mais enérgico. Então não tem como ser a mesma mesma personalidade. Muita besteira, muita coisa assim, muita informação errada, né? Ensinando muita coisa errada. Então, a internet, ela... ela tem muita coisa boa, mas ao mesmo tempo tem muita coisa errada sendo ensinada. Tem gente que chega aqui em casa que já acha que vai incorporar já logo. Se eu for te dizer assim, quantas pessoas que vieram nosso terreiro só para incorporar só, tipo para usar o terreiro como descarrego, digamos assim, vou lá só descarregar. Tem casos e casos, né? Por exemplo, se eu chegar numa casa para visitar e acontecer de for necessário, realmente a entidade vir me descarregar e com a permissão do chefe da casa, porque tem que ter uma permissão. Ai a minha entidade vai vir e eu vou descarregar. Mas aí as pessoas vêm no nosso terreiro e aí começa, estou passando mal papapa, e aí é tipo aquele rádio "aí agora

eu só pomba-gira isso. Agora eu sou a cigana.” A gente já vi muito isso. E geralmente a quiumba, não à entidade. Então eles vê na internet que “ah eu posso trabalhar com Exu Caveira”, aí chega aqui, acha que está trabalhando caveira, na verdade é uma quiumba,. Ta achando que é ótimo... então é complicado. É bem complicado.

Entrevistador

Sim. Bom, minhas perguntas são essas. Tem alguma coisa mais que você queira adicionar sobre a sua experiência, sua vivência?

Entrevistado

Olha, eu acho que resumo já, já falei bastante coisa assim a... eu vou ter uma cabeça assim, mas como é que eu vou dizer.... sou filha de Nana, né, a cabeça mais velha para pensar. Ou na minha época, eu, eu li muito livro, né? Não tive esse acesso que nem os jovens têm hoje em dia. Então, às vezes eu, eu fico. Eu fico tentando fazer as pessoas enxergarem dessa maneira. Tentar, né? Filho pega um livrinho aí, não adianta se você ficar no Tik Tok o dia inteiro, filho, vai pegar um livrinho, né? Vai ter uma vivência no terreiro. Acho que as pessoas, elas, elas estão terceirizando a umbanda, né? Está comercializando muito. Então, assim, muito da umbanda, umbanda é linda. A umbanda é uma religião maravilhosa, só que, que nem eu costume...que nem costume brincar, né? A umbanda ultimamente, ela tá meio que respirando por aparelho. É, tem as poucas casas que estão ali segurando. É porque, com a questão da internet é muito difícil vivência de terreiro. É a pressa, é a ansiedade, falta de informação eu acho que as pessoas, elas precisam buscar mais a raiz delas, né, conhecimento. Acho que é isso que está faltando. O momento que as pessoas começarem a... a buscar, sabe? Se é realmente uma coisa que elas gostam, elas têm que....que ir em frente. É basicamente isso que. Que eu penso em relação ao como está o cenário não é hoje em dia. A umbanda, ela, ela parece ser simples. Mas ela tem tem muitos detalhes, né? Tem e... cada casa é de um jeito. Cada entidade é de um jeito, né? Então as pessoas elas têm que pelo menos entender qual que é a base da umbanda, né? Por que que essas entidades veem, né, o que que o Exu e a Pomba-gira realmente trabalham. Você vê muita deturpação na imagem deles. Muito difícil. Tem que esclarecer, né, esclarecer bastante. Porque é fácil você julgar aquilo que você não conhece, né? Você realmente, né, vai julgar sempre o livro pela capa. Por que vai ter uma, uma casa ou outra que vai divulgar uma besteira lá eles vão acreditar.

Então toda a casa faz isso. Tem que começar realmente a mudar essa visão da umbanda. É a pessoa tem que ir visitar, se ela gostar bem, também se não gostar, a vida que segue. Eu já visitei todo tipo de religião, toda. Eu já fui em igreja evangélica, católica, espiritismo, budismo, já fui em até em é reunião. Do luciferianista, né? Já fui em n lugares para ter minha opinião para falar, ó, realmente, não é bem isso aqui que falam, né? É, é... o que as pessoas deveriam fazer, né? Conhecer antes de falar.

Entrevistador

Justamente é conhecer, e saber o que está acontecendo.

Entrevistado

É, e a gente está numa geração agora que está muito aberta para espiritualidade. Só que falta conhecimento, sim, não é? A pressa é inimiga, né, da perfeição. Então a gente tem os conservadores de um lado e os jovens apressados do outro. E a gente fica ali no meio termo, a geração aí dos 90, anos 90, né? Nada melhor que você pegar um livro na mão. Sentir ali, fazer uma anotação, você tá ali dentro do terreiro vendo como é que é feita você sentir, né? A questão é bem diferente, é uma experiência única né, é necessário. É isso.

### APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 3

Entrevistador

Então, eu queria primeiro começar sabendo como é sua trajetória na Umbanda, como que você chegou aqui?

Entrevistado

Vamos lá, né, um vou tentar resumir rapidamente, não é? É hoje, eu tenho 42 anos, eu vou fazer 42 anos, tá? É? Estou na banda desde 1999. Tá? É para ser mais exato, outubro de 99, tá. É.. fui levado na época pela minha ex esposa que já frequentava? E? É desde então, lá é já nos primeiros é... trabalhos que a gente teve dentro deste deste terreiro, é... já já me foi passado que eu tinha uma missão de de dar continuidade nisso, numa casa que fosse minha, né? É, eu vou falar assim pra você que dentro todas as histórias, assim que eu escuto dá um... na umbanda, né, a minha história é um pouquinho um pouco rara de acontecer, porque as pessoas elas caminham por muitos terreiros, não é? E eu, graças aos orixás, graças a Deus, é cai num terreno de muita confiança, né, no qual a gente podia confiar em todos os trabalhos no qual eu ainda frequento hoje, tá? É... E lá me desenvolvi, me iniciei, fiz tudo o que foi necessário. Obviamente que estudei também em outros locais para para obter mais conhecimentos e por lá eu fiquei por 17... 15 anos, né, neste terreno. E estou na minha casa, abrir a minha casa, né, em agosto de 2014, né, já estamos indo para o oitavo ano, não é oitavo não, não é sétimo ano, não. E estamos lá, e é mais ou menos assim. A, a trajetória, né? Tive que conciliar, obviamente, dentro desse meio tempo os estudos, né, porque como eu comecei a frequentar com 18 anos, tinha a faculdade, tem todas essas questões que a gente precisa resolver a nossa vida, né? E hoje... Também é uma diferença, né, de muitas pessoas, eu não, eu não vivo de religião, tá? Eu, eu tenho meu trabalho profissional e o trabalho religioso, ele é a parte, né? Então, basicamente, essa é uma história, né, dentro de uma casa no qual eu evolui, fiz todas as minhas obrigações lá dentro da umbanda e hoje sigo com a minha casa, né, também com muita atividade e vamos lá, né?

Entrevistador

E como que a dinâmica da sua casa hoje? Tem quantos médium, como que vocês fazem?

Entrevistado

Hoje, atualmente a gente funciona assim, né, porque é... tirando as exceções, né, que elas acontecem na vida, ninguém, nenhuma pessoa entra a priori na minha casa sem que ela passe pelo tempo de estudo, né? Para conhecer o que é Umbanda e como funciona a nossa casa, né? É... então assim, hoje, entre alunos e médiuns, né, frequentando, hoje eu tenho um corpo mediúnico de mais ou menos de 35 médiuns, né, e o...com com os alunos tudo tenham uma rotatividade de quase 70, 80 pessoas por... são 2 turmas de desenvolvimento mediúnico, né, então, é mais ou menos nessa dentro desse, dentro desse corpo aí que a gente trabalha, né? Fora os atendimentos. É fora os atendimentos, que são de entre 80 a 100 pessoas por semana que são atendidas nos trabalhos espirituais que são todos gratuitos, né?

Entrevistador

Ótimo, muita gente. É grande o terreiro.

Entrevistado

É.. [risos] é médio, né?

Entrevistador

E hoje, onde ele está localizado? É na sua casa ou é um espaço à parte?

Entrevistador

Não, não é. Ó já foi, tá, já comi na no comecinho a gente começou, na sala de casa para ser mais exato, né? É..., mas hoje a gente tem um espaço próprio, não próprio, não é alugado, obviamente, mas é um espaço, é um espaço alugado. Não sei se você conhece ali a região do Borba Gato ali, pela região, né? É perto da rua Alexandre Dumas, chácara Santo Antônio, né, para ser mais exato, né. Ali região da chácara Santo Antônio.

Entrevistador

Ótimo, e tem atendimento todos os dias?

Entrevistado

Não, é assim, ó. É... de... às quartas-feiras são são dedicadas ao desenvolvimento mediúnico, né, ao estudo doutrinário da umbanda, e às sextas-feiras acontecem os atendimentos, né? Então, toda sexta-feira, toda a sexta-feira do mês, né? Tem é... cada sexta-feira com uma linha de trabalho específica, né? Mas nossos atendimentos são toda sexta-feira.

Entrevistador

Achei muito interessante que você tenha um dia próprio para estudo. Que que vocês costumam discutir e estudar nesses dias?

Entrevistado

Então é... esse daí é a parte. Porque hoje, como hoje, não, muitas casas fazem dessa forma como eu faço também, né, mas muitas casas elas é, acabam colocando os médiuns para se desenvolverem junto, numa gíria de, na qual é de atendimento. E a espiritualidade ela não entende que isso é o mais correto, porque dentro daquela, daquele universo, tem muita coisa acontecendo, né? Então tem muita carga no qual a pessoa às vezes ela não está preparada para para receber isso, né? Então, a gente desenvolveu um dia no qual é a gente ensina, é... os rituais em si. Por que que a gente, por exemplo, né, se você... você como é umbandista, sabe, por que que nós batemos cabeça em frente ao altar? Qual o significado disso? Por que nós saudamos o atabaque? Por que que nós saudamos uma tronqueira de esquerda? Então a gente tira esse dia para explicar isto né? Além do que, a gente explica como que a umbanda, ela, ela se desenvolveu, como ela se, foi se evoluindo com o passar do tempo, e como são os orixás, né, porque todo mundo tem aquela coisa do orixá encarnado, quando na realidade não é, né? E a gente tenta buscar ensinar para as pessoas que que é isso. Obviamente que são para pessoas previamente inscritas, enfim. Não é totalmente aberto assim, né? É para quem quer fazer realmente, porque dentro dentro desta teoria né, depois vai haver a prática para aqueles que são é médiuns de incorporação, porque aí eles vão conhecer as forças deles, né?

Entrevistador

Sim. E é em média, quanto tempo para eles começarem a trabalhar na gira? Os que se permanecem?

Entrevistado

Olha, isso é muito relativo, tá? Porque assim, tem pessoas que elas chegam e elas já estão... a espiritualidade dela já clama por isso. Então a gente tem que, tem que respeitar isso também. O que a gente tenta, pelo menos fazer, né, para que seja de uma forma também não impactante para a pessoa, porque é uma mudança ali, né? Hoje, a umbanda mudou e, e a a sua mediunidade hoje ela é, ela é totalmente consciente, ela não é inconsciente naquela forma lá no passado, quando ela precisava provar algo, né? Então, hoje, a mediunidade é consciente, então você imagina um médium recém-chegado na umbanda. Por mais que a espiritualidade dele esteja preparada, mas se sentar lá, uma pessoa que reflete seus problemas pessoais, doenças, enfim, então isso é uma carga muito pesada. Então a gente tenta no mínimo deixar que a pessoa ela receba algumas energias, algumas forças é.. a princípio. Eu, eu tento imaginar se eu fosse te dar uma data, pelo menos iniciando um, um desenvolvimento mediúnico, imagino que uns 4, 5 meses para ela se ambientar, conhecer, né? E a partir daí, começar a trabalhar com os seus guias espirituais, né?

Entrevistador

Ótimo. Eu concordo com você, é necessário.

Entrevistado

De alguma forma, tem que se aprender, não é? Então, mas, mas mesmo isso tem que ser respeitado, porque é um prazo, né? Não adianta nada a pessoa, ela está vindo, ela está vindo porque a espiritualidade dela cansou, falou. Dá aquele choque na pessoa, né? E aí a pessoa vem, conhece, né? Ela a, a força dela tem que estar alinhada com o que a casa pensa também, né, óbvio? E isso, isso vai deslançando com o passar do tempo, né? O, o desenvolvimento mediúnico ele é diferente. Para uns ele vem muito rápido, para outros é nem tanto, né?

Entrevistador

Sim, com certeza. Vocês fazem oferendas hoje em dia? Tem sacrifício?

Entrevistador

Sim, fazemos oferenda, tá? É questão de sacrifício, a priori, não, tá? É... por mais que eu, eu vou falar para você que eu fui, eu iniciei numa umbanda, uma umbanda digamos que um pouco cruzada, né, um pouco cruzada, não, lá é cruzada.

Entrevistador

Omoloco?

Entrevistado

Na realidade lá é com Angola, com Angola. Candomblé de Angola. Então é... Eu tenho a preparação para isso, mas eu por convicção, assim é... faço a, faço apenas no caso de saúde. Uma saúde, é... algo muito extremo, no qual seja necessário. Aí a gente faz esse tipo de ritual, caso contrário, a gente trabalha com aquilo que os guias e os orixás nos fornecem.

Entrevistador

E festas aos orixás, vocês celebram?

Entrevistado

Nós celebramos, sim, tanto aos orixás quanto as linhas espirituais, tá? Então é, geralmente é... esse ano, não foi, não foi possível, mas a gente sempre faz uma, uma feijoada para Ogum, é... temos também, esse ano não, mas já fizemos em anos anteriores para Xangô, para Iansã, né? Então isso vai conforme o que a espiritualidade meio que define, né, e deixo muito pelo mentor espiritual da casa. Quando se faz necessário, a gente faz. Mas sempre a gente faz uma homenagem aos pretos velhos, por exemplo. Essa é de lei de de todo o ano, né? Essa festa, essa tem que acontecer. Até porque o mentor espiritual, ele é um preto velho, então não tem como deixar passar em branco essa data. E sempre a, a Iemanjá também. Todos os anos. Só não nesses anos da pandemia, geralmente o terreiro a gente se reúne, vai para a praia e fazemos uma louvação lá pra Iemanjá na praia.

Entrevistado

E, normalmente, essas festas são abertas ao público ou são para os médiuns? Como que funciona?

Entrevistador

Olha, geralmente é aberto ao público. É... hoje por conta, por uma questão da pandemia, a gente não coloca todas as pessoas que estão lá lá dentro, né? É... a gente coloca um pouco menos, mas pelo menos para tentar deixar as pessoas é mais próximas, a gente tenta é... algumas, né, pelo menos umas 20, umas 25 a gente tenta, né, deixar lá dentro sentadinhas confortáveis. E... Mas elas são sempre abertas aos ao público em geral, não tem nenhuma restrição quanto.

Entrevistador

E como que foi a pandemia? Qual que foi o impacto dela no terreiro?

Entrevistado

É... olha a pandemia, ela... ela trouxe muita reflexão, né? É, se eu falar para você que eu fechei os atendimentos eu vou ser hipócrita, não vou falar isso. É... no início, a gente fez trabalhos eu mais a minha, minha noiva, né, que trabalha aqui comigo, e mais alguns médiuns que se sentiam confortável para que a gente fizesse trabalhos internos para os médiuns e aqueles consulentes que pediam ajuda. E assim, Giulia, depois de um certo período, eu vou ser sincero que obviamente, com todas as restrições todas, mas eu fui reabrindo, né, até com um, compartilho até com um pouco de alegria que em meio a muitos terrenos fechando na pandemia, o meu foi o único que cresceu dos que eu conheci, porque eu estava num espaço menor, consegui alugar para um espaço maior, aumentou a minha quantidade de pessoas, né? Então, é... a pandemia, assim ela, ela trouxe muito, muito, muita insegurança, mas num passo para mim, ela fortaleceu muito mais a espiritualidade, porque assim eu tenho diversas comodidades e mesmo assim eu não, não parei, eu só vim pegar covid agora, né? Depois de estar todo mundo vacinado, está tudo bem. E então, assim, é... tive casos sérios de pessoas que queriam se matar e pessoas mal mesmo, e que a gente teve que socorrer nesse período. E... por mais que tenhamos passado riscos, né, não me arrependo, nem um pouco, de de ter contado comigo, não só comigo, mas com apoio das pessoas que tiveram ao meu lado né? Então, foi um período desafiador, né? E de muitas brigas, né porque tiveram pessoas que que não concordaram e saíram da casa. Porque não era uma questão de ser negacionista ou não. Era uma questão de apoio espiritual a outras pessoas, né? Não era uma questão de de ego,

né? Então, não, não é uma coisa de falar, não, eu vou lá abrir porque eu confio, né? Não. Eu abri porque realmente a espiritualidade ordenou e, e veio orientação para que a gente pudesse ajudar. É claro que a gente fazia assim, né? É... foi briga porque a gente falou assim, ó, só vamos atender 20 pessoas aí você já viu. [risos]. Então é então assim. Mas foi um período desafiador, mas no qual fortaleceu muito a nossa fé e eu acho que isso foi o mais importante de de tudo isso, né?

Entrevistador

Certo, entendi. E hoje em dia, vocês têm alguma forma de documentar, de registrar as festas, os rituais, as próprias, os próprios ensinamentos que são dados dentro do terreiro?

Entrevistado

Olha, é pelo fato de eu trabalhar, né, então, tudo fica e acaba sendo muito corrido, né? Então, hoje eu estou estruturando melhor isso, né? É, é... geralmente, é... eu tenho uma página da casa no Facebook no qual eu transmitia parte das giras, né. Transmitia assim, né, até um certo ponto. Quando vinha a chegada dos guias, era pedido, eu pedia não, era pedido para cortar, né? Então isso eu fazia mas de um tempo para cá, eu acabei diminuindo. Até por conta de falta de estrutura mesmo. Mas agora, né, eu estou, eu estou, eu vou retomar isso que novamente, até tive um tempo para poder estruturar esse calendário até, esses 10 dias aqui que é tô meio meio fora, foram bons pra isso, né? Porque eu estou pretendendo lançar um canal no YouTube, é aumentar um pouco mais a, é, é, eu, eu às vezes fico com receio de de aumentar a divulgação por por não aguentar, né? Aí o pessoal vai ficar doido comigo né. É eu, eu, eu brinco com o pessoal, eu falo assim, gente, ó, entre hoje já são, eu estou na minha sexta turma de desenvolvimento mediúnico, né? Então, todos que passaram pela minha mão, eles são meus filhos, né, espirituais. Então hoje são mais de 100, né, já. Então é... E assim fora as pessoas que procuram auxílio, então, por você estar na internet, as pessoas te acessam muito mais, então hoje eu recebo um em torno de de 200, quase 300 mensagens por dia. Então é muito complicado você trabalhar tudo isso, né? Então... e tem família ainda né? Tem tem noiva, tem filhos, tem trabalho, tem, tem que administrar tudo isso daí. Então é, é esta parte, é... a gente está, a gente está acertando. Até porque minha noiva, ela, é... ela canta, né, tem uma, a gente vai lançar em breve, você vai ver lá, a gente vai lançar. Ela recebeu alguns pontos da da

espiritualidade e a gente vai lançar isso daí. Então vamos, estamos trabalhando para isso.

Entrevistado

Que legal, muito bom. E hoje, como que as pessoas chegam até o terreiro? E como que elas ficam sabendo do terreiro?

Entrevistador

É, então você vê que engraçado, né? Eu estou num bairro relativamente nobre, né, se você for parar para pensar. É... e outro dia eu, eu tive um insight de falar assim vou divulgar no no no grupo do face do bairro. E pum, né, apareceu e aí é muito engraçado que as pessoas sempre falavam, né, quando as pessoas vão lá, né, acabam falando com você, fala assim, “nossa, eu sempre passei aqui nunca, nunca, nunca imaginei, né?” Eu eu falo assim, “nós estamos aqui há 4 anos, né?” Então, assim, né, tem um certo tempo, né? E não estamos escondidos, né? Estamos atrás de um supermercado, então assim tem tem tem um bar que até meio famoso lá do lado. Então, assim a gente está num num ponto até bembem favorável. Então, assim, as pessoas, elas chegam de diversas maneiras. Facebook é... muito, eu conheço bastante gente, então outros pais de Santo indicam a minha casa, é... por todas as vias que você imaginar [risos] A indicação, indicação é o principal tá? Indicação é o principal, né? As pessoas, elas, elas, uma pessoa foi lá, ajudou alguma coisa no problema delas, elas falam e levam outro e assim vai indo. Mas é se eu falar que é só por isso, não. É por tudo, não é? Então toda a semana a gente tem em média aí uma, a gente tem até um certo controle disso, além das pessoas que já vem, né, semanalmente, a gente tem pelo menos de de 15 a 20 pessoas que estão indo pela primeira vez.

Entrevistador

Que legal. E como que vocês têm esse controle? Como é que é feita a acolhida?

Entrevistado

Oh, é na realidade é assim, tudo depende muito do dia, tá? Tem dia que que eu mesmo vou na fila, converso com todo mundo, né? E geralmente as pessoas que

vêm a primeira vez, se não está muito cheio, elas passam com o guia chefe que sou eu, né, que é o que trabalha comigo, né? Então, geralmente esse é o controle. Por isso que eu consigo te responder mais ou menos, porque tem uma pessoa lá na porta que controla na entrega de senha, tudo né, e geralmente é assim, né? É... não, não há uma acolhida de você conversar com as pessoas, mas sim, há uma acolhida de cumprimentar “Seja bem-vindo” né. No no.. antes do início dos trabalhos, como a gente, a gente sempre dá preferência para as pessoas que vêm a primeira vez, né, na casa pra entrar, né, pra assistir o trabalho. Então é eu falo pelo menos uns 5, 10 minutinhos, explicando como é que vai ser o trabalho, como é que é aquela linha, e no que aquela linha espiritual pode te ajudar, auxiliar, então, é a acolhida ela é mais ou menos dentro disso daí, né, dentro deste script, né?

Entrevistador

E a entrega de ficha, como que ela funciona? Vocês entregam numérica ou você já entregam direcionado a algum guia?

Entrevistado

Não, a gente é assim, é... a única, a única pessoa que que tem atendimento assim, prioritário é quem vem a primeira vez ou se precisa retornar para falar com algum guia que me acompanhe. O restante é numérica. Caiu com o médium que foi caiu, né? Porque todos eles estão ali, todos eles vão saber auxiliar. E o que o médium não, o que o guia, né, porque o guia também tem a evolução dele, ele souber que não tiver dentro do campo dele, ele vai orientar o cambone, né, que está do lado e vai falar assim “Filho, essa pessoa aqui ela precisa passar com o guia chefe, porque esse problema que eu não vou conseguir resolver”. Aí a pessoa é direcionada lá no guia da casa.

Entrevistador

Certo. E hoje, qual a hierarquia que vocês têm?

Entrevistado

Olha, eu como chefe, né, assim, é... eu não gosto nem de falar, eu ponho mais, eu ponho mais assim como eu sou um orientador, né? Eu guio os trabalhos espirituais e pelo menos essa é... é a forma como eu ponho, e é basicamente eu,

minha noiva, ela, ela como uma mãe pequena, ela ainda não, ela ainda não ascensionou porque tem algumas coisas a serem feitas ainda, né? E, e... só, né? Tem, tem os meninos que cuidam dos atabaques, né? Que aí é uma coisa que eles tomam, conta, ele só me fala, eu falo “não, tá bom” e segue o jogo, né. Tem o pessoal que cuida da lanchonete, porque tem uma lanchonete lá dentro, né, para a gente poder angariar fundos e tal. Isso eu também não mexo, né? Porque ela fala assim, não, mas eu falo assim, “não, pelo amor de Deus, vocês tomam conta aí”, né? Então tem um pessoal que cuida disso. É... eu tenho uma pessoa que é, obviamente que aconselhada por mim, orientada por mim, mas que faz toda a comida de Santo, né? Então tem uma pessoa específica para isso, né? E, e, e o, hoje a gente tem preparado, né, está preparando algumas pessoas para serem mãe-pequenas para também me auxiliarem nos desenvolvimentos mediúnicos, né? Porque só eu e minha noiva não conseguimos dar conta, né?

Entrevistador

Desse tanto de tanto de gente, né?

Entrevistado

É.

Entrevistador

E vocês têm quantos cambonos hoje?

Entrevistado

Ó, é assim quando eu falo médiuns uns 35, eu ponho o corpo todo, né? Então todos. Óbvio que quem está trabalhando há mais tempo, geralmente não está camboneando tanto mais, né. Aquele que está, o médium que está iniciando ou que terminou o desenvolvimento mediúnico dele, o curso né porque o desenvolvimento ele é eterno, né? Aquele que terminou o curso já firmou todas as suas forças e ele está começando devagar a trabalhar, então assim é, é mais ou menos assim, ó, é de 12, 12 para 12, né? Hoje a gente tem 12 médiuns trabalha, 12 cambones e assim a gente vai revezando todas as giras, né?

Entrevistador

Ah ótimo. E hoje em dia vocês tem algum tipo de obra social, seja na comunidade, junto a outro terreiro?

Entrevistado

Olha, é a gente, como eu te falei, né, tudo meio que pensado assim. A gente faz o que: a gente é... pede para as pessoas levarem né um 1 kg de alimento, se possível, a gente não, não tem uma parceria formal, mas um local no qual eu já conversei, entreguei eu sempre, eu eu angario meus fundos e levo para o para um projeto social chamado G10 favela, né? É... mas eu agora eu já tô, tô até com um processo jurídico já, pensando em abrir uma própria ONG do terreiro, né, para que a gente possa fazer, só estou verificando as partes burocráticas para não ser injusto com ninguém, né. Espera aí, deixa só espirrar. [pausa]

Agora já foi. É... porque assim? É... é muito complicado você definir para quem vai uma cesta, para quem não vai, então eu estou vendo, tentando analisar os melhores formas de de fazer isso daí, né? Mas estou já num processo jurídico aí pra abrir uma ONG, ser algo paralelo ao terreiro mais junto com.

Entrevistador

Nossa, que legal.

Entrevistado

É, a gente ainda teve um ano que a gente fez sopa e foi num determinado ponto. Mas assim são sempre ações pontuais, não é? Vamos dizer assim. O meu mentor espiritual, ele, ele fala que acolhimento espiritual, sem acolhimento, sem acolhimento com a, com a sua comunidade, com com o ser humano, né, não não te leva a nada, né? Então, o acolhimento espiritual ele tem que acontecer, mas a outra, mas a outra parte, ela também tem que acontecer em paralelo.

Entrevistador

Sim, concordo.

Entrevistado

É assim que a gente tenta tenta trabalhar pelo menos.

Entrevistador

E hoje em dia, como que é a sua relação com os filhos de Santo, com com a comunidade local, com os visitantes? É algo só voltado para umbanda, é algo que vocês têm mais contato?

Entrevistado

Ó, com com com o pessoal que frequenta sim, é uma questão mais religiosa. E com os filhos é aquela coisa, né, você sempre acaba tendo uma afinidade com um, com o outro, né, sempre tomando cuidado para não, não, o outro, quando você dá um pouco mais de atenção, não achar que ele tem privilégios, né? Então é, é uma posição um pouco delicada, mas assim, nada... nunca, nunca procurei tratar as coisas assim, não, eu sou aqui você aqui, nunca. Então, sempre, é... como dizer, eventos sociais, né, churrasco, aquela coisa sempre a gente está, a gente sempre tenta fazer coisas juntos também e não tem essa. A relação é de de de a apoio espiritual, mas também de amizade e fraternidade, isso é importante.

Entrevistador

Sim, claro. E tem muito vínculo externos seu, de fora do terreiro, que acaba vindo para o terreiro? Tipo do trabalho, algo assim.

Entrevistado

Sempre acontece. É, do meu trabalho, assim, naturalmente, não, porque eu trabalho em outro município, né? Então acaba sendo uma coisa um pouco mais distante. Do meu antigo trabalho, já teve, mas assim já teve gente que estudou comigo na faculdade, é... outras relações, amigos de infância e tal, familiares agora também, né, então, sempre sempre tem algum contato externo que vem.

Entrevistador

E você acha que de alguma forma a umbanda te aproxima de outras pessoas ou te afasta de outras pessoas?

Entrevistado

Olha. É difícil, é difícil, mas assim eu vou, eu, eu acho assim, eu, eu tento viver meio no mundo de Poliana, né? É, tem... A gente tenta acreditar que todo mundo quer o bem e tal. Então, assim, eu. Eu procuro, eu procuro fazer com que é umbanda ela me aproxime muito mais do que afaste das pessoas, mas também, se me afastar é porque tinha que afastar, não é? Tudo são caminhos, né, tudo são caminhos e acho que todo mundo passa na sua vida, tudo passa alguém ou uma situação é por algum aprendizado, né? Então eu acho que você aprende aquilo que foi e vamos embora, né?

Entrevistador

Ótimo. E a última pergunta, talvez um pouquinho mais complicada, mas você já sofreu algum tipo de hostilidade por ser umbandista?

Entrevistado

Olha, é, é. É, vamos, vamos, acho que é importante a gente relatar isso porque... Pelo fato, né, eu acabei não falando, mas eu sou formado em administração, tenho 3 pós-graduações, né. Eu acho que pelo fato de eu ser uma, uma pessoa que não é leiga, o preconceito ele é muito mais velado do que aberto, né. Então é... Você percebe que, que eu eu se eu te falar não, nunca passei. Eu acho que eu passei muito mais preconceito por ser um pouco mais acima do peso, por ser até negro, do que por religião. Vou ser bem sincero, né? Mas já já aconteceu, já aconteceu casos, né, que já já presenciei casos que que já vi preconceito, né? De de tipo nossa, você com uma carinha tão angelical, você frequenta essa religião, né? Então, então, assim, já já vi isso, né? É... Eu, particularmente, nunca passei por isso, né? Falo abertamente também mas não, não sou aquele divulgador, né? Não ando com um cartaz na mão, mas não é um problema com com isso, sem nenhum problema e.. mais nunca. Se eu falar que eu já passei por algo, minto, né? Mas é uma coisa, minha noiva já passou por constrangimento até questão de emprego, essas coisas minhas, minha ex esposa já passou também. E outras pessoas já passaram também, né? E a gente entende, né? A gente entende que isso é uma questão cultural do país, né? É.. A umbanda ela mexe com com com improvável, né, um improvável, com o inimaginável, então é natural que as pessoas elas se sintam, sintam um pouco de receio, né? Então. Mas eu, particularmente, nunca nunca passei por nenhuma situação constrangedora, não. Ainda bem.

Entrevistador

Seria ideal se ninguém tivesse que passar, não é?

Entrevistado

Por nada, né? Seria o ideal. Tanto que é no quando eu fazia as transmissões. É... eu perguntava para as pessoas se tudo bem, né, transmitir, não, não, não vinham é... era o que, era uma média de de de 50, 80 pessoas que acompanhavam online. Então, e depois, obviamente, você via pela maturação do vídeo, você via que depois tipo 200, 300 pessoas viram e tal é... não é uma quantidade grande mais e sempre grande. É... eu sempre perguntava e acho que também esse foi um dos motivos no qual eu dei uma segurada nas transmissões, né? Até para as pessoas ficarem um pouco mais tranquilas. Mas é. Mas é, não deveria ser dessa forma, mas, infelizmente é. É assim.

Entrevistador

Nas próprias transmissões, já teve algum comentário, alguma coisa assim de pessoas externas? Porque eu já via, eu já acompanhei algumas transmissões e muitos tem aqueles comentários desnecessários. Já chegou a passar com vocês?

Entrevistado

Sim. Mas não, não, graças a Deus, não, não, nunca tive. Agora você falando isso daí eu lembrei de uma foto minha. É... que eu, que eu, que agora você, você, você vê que engraçado. Agora eu lembrei. Eu postei uma foto minha numa rede social particular, né? E alguém postou aquelas coisas “Sangue de Jesus tem poder”, alguma coisa desse tipo. Aí eu falei assim pra você também, irmã, e estamos estamos, tá tudo certo, né? Mas não, se teve, acho que teve uma vez só, mas também aquela coisa, acho que ignorar é a melhor caminho. Mas, infelizmente, é... posso falar para você que às vezes a gente sofre preconceito até de quem é dentro da própria religião tá? Por por conta de de vertentes, de de umbandas e a fins. É... às vezes a existe um preconceito maior com isso do que propriamente com a religião em si.

Entrevistador

E qual que é a sua relação com outros terreiros? Você, hoje em dia frequenta outros terreiros, costuma ir?

Entrevistado

Olha a... outras pessoas é... vem algumas pessoas, sim, na minha casa é... se eu falar para você que eu fui em algum, atualmente eu não vou, único que eu vou mesmo é o que eu me iniciei. É... até faz um tempinho que eu não vou, até porque lá o pai de Santo lá tem 90 anos, então a estrutura já um pouquinho diferente, tem que tomar cuidado do velhinho lá, né? Porque né? É... É, então ela tá, tá retomando agora mesmo, né? Então não tenho ido, não tenho ido. As tenho uma relação boa, né? Como eu te falei eu participo de um grupo de dirigentes no qual a gente vai postando as coisas que acontecem nas nossas casa e tal. Uma relação de cordialidade, né? Todos praticamente se conhecem pessoalmente, conhece uns aos outros, é uma relação tranquila, né?

Entrevistador

Ótima, tem alguma coisa, mas você queira compartilhar, alguma experiência interessante, algo que você acha importante compartilhar?

Entrevistado

Acho que seria mais uma mensagem do que compartilhar, né? Eu espero que o teu trabalho, né, além de você, acho que são algumas outras pessoas ou não? É só você no mestrado né. Tomara que o seu estudo possa auxiliar a religião como um todo, né? Até desmistificar, né? É.. que. Por mais que algumas algum, infelizmente, algumas influências são negativas, a gente não tem como esconder isso, né, tá no seio de toda a sociedade, independente de religião, isso em qualquer religião. Mas que os bons exemplos eles possam reinar e, e fazer como que essas pessoas queiram um dia conhecer, né, a Umbanda, ou pelo menos não falem mal, né? Já tem algum conhecimento e, e possam falar algo, né? E que, e que você possa ir bem né e que os orixás possam te dar uma boa nota, aí né? E você possa não é caminhar bem com com o seu trabalho. É basicamente isso, né? E fica aqui o convite pra você. Eu sei que de sexta-feira é complicado, né? Tem o happy hour, tem tanta coisa boa para se fazer, né? É... mas fica o convite aqui para você um dia nos conhecer lá, o trabalho, né? Ir lá ver a nossa casa como funciona né. Eu vou é... você falou de fato

interessante, eu vou falar brincando da sexta-feira, eu vou falar pra você de um fato interessante. Há... em 2007, muito antes de eu, já estava avisado que eu tinha que abrir casa, tudo mais, um, um guia espiritual virou para mim e falou assim, ó, você não pode beber de sexta-feira. Aí eu é... aí eu falei assim: "Poxa vida, mas sexta-feira a gente sai do trabalho..." as giras no outro no no terreiro que eu frequentava era de segunda segunda-feira então você tinha o resto da semana tranquila. Aí falou assim, você não pode beber. Eu falei, "pô, mas o preceito é só 24 horas, não é?" "Não, mas você não pode perder de sexta." Aí eu po, mas que raio, né? Aí a gente desobedece uma vez ali, uma vez lá, aí toma umas pauladinha, né? Faz parte [risos] Aí eis que me, né, quando veio a a mensagem: tem que abrir sua casa e vai ser de sexta. Aí eu falei, a tá? Já estava me preparando lá atrás, ó, esqueça happy hour, esqueça tudo isso que a quinta-feira vai estar reservada para outra coisa. Então é... o que eu quero falar é que neste mundo, nenhuma mensagem, nada do que a gente passa, nada é por acaso, né. Tudo tem um porquê e... tudo se explica no final. Pode demorar um dia, 2 dias, um mês, 30 anos, mas todo tem uma resposta.

## APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 4

Entrevistador

Então, eu gostaria que você me contasse qual é a sua trajetória na Umbanda?

Entrevistado

Olha... minha trajetória na Umbanda, ela está atrelada a minha trajetória na espiritualidade como um todo, mas minha primeira visita a um terreiro foi em 2016. E...eu digo que está atrelada porque eu sempre tive uma ligação com a espiritualidade, né, como eu cresci em uma família espírita, então de criança eu ia no centro espírita com meus pais, recebia passe, e... eu parei de ir depois, depois de um tempo. Eu cheguei até a ficar desacreditada uma época, por causa de algumas coisas que aconteceram, não me encaixava, não estava de acordo com o que diziam, né, então eu fiquei sem seguir nenhuma religião, e, e só depois, aos 23, 23 não, 24 anos, tive meu primeiro contato com a umbanda. Na época eu, eu eu tava num processo de autoconhecimento, buscando me encontrar e me conectar mais com a espiritualidade, né, então eu fui a esse terreiro. Eu, eu tinha uma amiga na época que tinha ido, e... ela me falou bem, que se sentia bem, né, 'vamos amiga, você vai gostar de lá', então eu fui, fui com ela conhecer. Assim, no início senti um estranhamento, especialmente nas partes de incorporações dos guias, mas depois o estranhamento virou encantamento. Todo o ritual, toda a conexão entre as pessoas do terreiro foi o que me fez ficar. Era algo familiar, algo como chegar em casa e se sentir acolhido, né.

Entrevistador

E o que te levou escolher um terreiro?

Entrevistado

Ai,o... pra ser bem sincera, o primeiro contato foi mais por curiosidade, foi mais curiosidade mesmo, viu? Mas depois que conheci e frequentei outras vezes, eu fui gostando, eu acabei gostando, né, e daí eu fui ficando.

Entrevistador

E você conhece outros terreiros?

Entrevistado

Não, eu ainda não visitei outros terreiros, porque, porque eu me identifiquei desde o começo nesse, o que eu te falei né, eu eu me senti em casa lá e... e lá eu fiquei.

Entrevistador

Legal. E hoje você ainda é filha de santo desse terreiro?

Entrevistado

Olha... não. Eu me considero, né, filha de santo desse mesmo terreiro, afinal, eu sempre segui nele e o que aprendi foi lá, né. Mas assim, eu não... aconteceram uma série de coisas na minha vida, faculdade, trabalho, caasa... essas coisas, né, que acabaram me afastando de lá, eu não, eu sentia que não tinha tempo e... por isso eu preferi sair né. Eu até conversei com a mãe, lá também tinha a mãe de santo, né, o terreiro tinha um pai de santo e uma mãe de santo, eles eram um casal, e... enfim, eu falei que não tava dando conta, né, que não ia conseguir frequentar mais, e ela, inclusive é bem interessante isso, porque ela falou, e... ela falou "olha, filha, ce sabe que aqui as portas tão sempre abertas, né?". Então é por isso, eu acho, acho que é por isso que eu ainda me sinto filha desse terreiro mesmo sem, sem trabalhar mais, né? Mas eu vou, eu vou visitar sempre que eu consigo ir, né.

Entrevistador

Entendi. Que bom que você continua indo, né?

Entrevistado

Sim, sim. É bom mesmo, porque as vezes, as vezes a gente precisa ir, precisa descarregar, e...mesmo que, mesmo quando a gente já não atende faz muito bem frequentar né.

Entrevistador

Concordo com você. E qual que é a dinâmica da casa?

Entrevistado

Lá é bem definidinho, sabe? Lá tem um calendariozinho, com todas as datas, as festas, até pra gente, pros médiuns, saberem né? Mas ai, bom, as giras na casa

acontecem de segunda e quarta, segunda e quarta. É onde, na, na segunda temos as giras de preto velho, né, e de exu e pomba-gira. Fica muito cheio, né, muita gente quer ir nos dias de pomba-gira para pedir conselho de amor, né. Não sei se você sabe, se você conhece, deve conhecer, mas na umbanda cada uma das entidades faz uma coisa, tem um escopo de trabalho, né, um papel. O preto velho ele vem, ele vem dá conselho, acolher e acalmar a gente né. Os exus e pomba-giras vem abrir caminho, proteger a gente, né, não é essa imagem que as pessoas tem deles, de fazer maldade, essas coisas. Aí, e... de entidades temos os pretos velhos, né, que eu falei, tem também os erês, que são as crianças, tem os caboclos, os ciganos, tem os, os baianos... E aí a gente tem nossas giras, todo dia de segunda é preto velho, exu e pomba-gira, e no dia de quarta a gente tem... a gente tem preto velho e eres, Ibeji, Cosme e Damião, né. E a gente tem também os orixás né, os sagrados orixás. Em outras casas é diferente, né, mas como a nossa casa ela tem também uns rituais de candomblé, né, é o que a gente chama de omoloko, que tem oferenda também, tem jogo de búzios, né, então nós temos os orixás e tem alguns diferentes de outras casas, né, tipo Oxaguiã, que é o Oxalá guerreiro. Na umbanda não vê muito ele, né, tem alguns, alguns terreiros tem, mas muitos não tem não. Então tem também Xangô, tem Iemanjá, Ogum e Oxóssi, né. Tem... tem a Oxum e a Iansã. Tem o Omolu/Obaluaiê, né, que eu já falei também e tem também Nanã. Aí como a gente tem um pouco mais dos rituais de matriz africana, a gente, a gente faz oferendas, tipo, cada filho faz uma vez ao ano, pelo menos, e... e tem, a gente tem... cada época temos oferendas para algum orixá em específico, no dia do orixá né, que é muitas vezes o dia do santo também, como para Oxum em 12 de Outubro, junto com Nossa Senhora Aparecida né. Tem muito disso na umbanda de..., de sincretismo, aí o orixá na umbanda, tem um santo que parece com ele, e não é só de personalidade não, sabe, porque olha o Exu, ele trabalha com, com relacionamento, uma das coisas que ele trabalha né. E aí, ele é o Santo Antônio, né, que é casamenteiro. Mas, assim, é... a gente faz sim, faz as oferendas que acontecem sempre com o intuito de agradecer aos Orixás, por tudo da nossa vida, e pedir para que eles tragam boas energias, que abram os caminhos, se você tá precisando de algo, tipo saúde, trabalho, né, você pode pedir, a gente pede também para a vida dos consulentes, e por aí vai, para...é... para ir tirando tudo de ruim que possa estar acontecendo naquele momento, essas coisas.

E atualmente, quais as festas que, que são realizadas no terreiro?

Entrevistado

Hm...olha, tem algumas, sabe, tem... e..., nossa, me deu um branco. [pausa] Bom, que eu me lembro agora, lá no terreiro nós temos a festa de são Cosme e Damião, das crianças, sabe, é uma festa bem famosa até fora da Umbanda. Tem tem também a dos pretos velhos, que são as principais entidades la da casa, a gente faz uma feijoada no dia deles. E... tam também a de Obaluaiê, que é a última que a gente tem, todo ano, sabe? Ela é de lei, não pode faltar. E é uma festa muito bonita, a gente estoura pipoca, né, que é a comida do santo, e usa ela como limpeza para abrir caminhos para o proximo ano. É bem bonito o ritual. E todas essas, todas essas festas são abertas, são abertas ao publico, então qualquer pessoa pode participar.

Entrevistador

Que legal. E vocês costumam documentar essas fotos? Com vídeo, foto, atas...

Entrevistado

A gente tenta, sabe, mas como não tem muita gente né e os pais de santo são mais velhos, acaba sendo algo mais simples. Mas a gente tira foto das festas, os consulentes também tiram e mandam para gente. E eu considero muito importante, sabe, para gente registrar mesmo, guardar esses momentos, lembrar das pessoas. Mas isso tudo acontece com autorização né, a gente registra quando tem autorização dos pais de santo, dos cambones, das entidades. Muitos lugares não deixam, né, preferem manter tudo mais privado, sabe? E tem outros, também, que compartilham tudo, tem redes sociais, fazem lives, então depende muito e... de casa para casa, ta?

Entrevistador

Certo. E como as pessoas, hoje, como que as pessoas ficam sabendo do terreiro?

Entrevistado

Olha, é curioso isso. Porque assim, o terreiro é pequeno, não tem redes sociais, então não posta em grupos e faz propaganda. Ai quem vem, que nem eu acabei chegando aqui, vem porque conhece alguém. E quando não é assim, né, quando não

conhece alguém que frequenta, que é filho do terreiro, é porque ouviu falar “ah tem um terreiro naquela casa ali”, ou passa na rua, as vezes para a gente, né, e pergunta “isso aqui é um terreiro?” “é sim” “é terreiro de que?” “de umbanda”, e acaba indo conhecer. É mais assim né. O boca a boca é importante para as pessoas conhecerem o terreiro. E funciona, viu? Porque sempre tem uma carinha nova. A gente que é médium, que ta sempre no terreiro, a gente conhece, sabe, a gente reconhece umas pessoas, e sabe quando vem gente nova, sabe? E dá pra saber, e... dá pra saber também quando a pessoa é nova, porque mesmo quem conhece a umbanda, sempre aparece alguém que tem uma carinha assim mais curiosa, tem talvez um olhar assustado, como até eu fiquei no início [risos]..., faz parte né? É tudo muito diferente, dá um medo mesmo, enfim, as pessoas chegam assim, vão aos poucos conhecendo, aos poucos participando e muita gente, depois de um tempo, já está frequentando toda semana, sabe?

Entrevistador

Interessante. E como que vocês, como que vocês estudam no terreiro?

Entrevistado

Hoje em dia, eu não sei como está mais não, porque tem muito tempo que eu deixei de ir, sabe? Eu parei de ir, quando começou a pandemia. Mas quando eu, eu entrei, quando entrei não aconteciam estudos não, a gente ia, sentava no banquinho e ficava cambonando, quando ainda não incorporava, né. Mas um tempo depois, ai começou a, a acontecer nas sextas, de 15 em 15 dias. E era bom para conhecer, sabe? Porque para quem não é da umbanda, ou quem ta chegando agora, é muito diferente, né, então ajuda, ajuda muito. E então esses estudos eram baseados no Doutrina e teologia de Umbanda sagrada, que é do Rubens Saraceni, um pai de santo muito importante que já publicou muitos livros sobre Umbanda. A gente sempre vê os textos dele por ai, né. Ai os pais de santo avisavam o que íamos estudar, passavam o conteúdo que a gente ia discutir, e a gente lia. Líamos um capítulo e no dia da reunião, nós discutíamos o que foi lido, cada um buscava falar o que entendeu, a gente tirava dúvida. Era algo bem simples, sabe, para que qualquer um, qualquer pessoa pudesse participar. Muita gente não tinha o livro e não tinha como comprar, sabe, aí a gente, é.... Os pais de santo, os médiuns, todo mundo sempre ajudava um

ao outro, emprestava o livro, estudava junto, essas coisas. E ai, e... logo depois do estudo, né, no mesmo dia, a gente tinha a prática, então aconteciam as giras de desenvolvimento mediúnico, para aplicar o que a gente aprendeu lá. E a gente via umas lendas também, a gente lia uma reza, uma história dos orixás, e, e também nos pontos cantados nas giras, né, como o de lansã, por exemplo, que fala “Olha que o céu clareou, quando o dia raiou... fez o filho pensar. A Mãe do tempo mandou, a nova era chegou, agora vamos plantar. Do Humaitá Ogum brandou. Senhor Oxóssi atinou. lansã vai chegar ...” e assim tem um monte.

Entrevistador

Aproveitando que você falou da pandemia, é.. como foi isso para você? Para você e para o terreiro?

Entrevistado

Nossa, impactou bastante, impactou bastante. E falo isso não só pelo terreiro, sabe? Porque e... o terreiro ele fechou, né. Os pais de santo são mais velhos, tem alguns médiuns mais velhos também, e, e tem que cuidar da saúde, né? A gente não sabia o que era, como seria, então tinha que proteger. E, a, a, as atividades todas foram suspensas, não teve nada online. Muitos terreiros, que são mais famosos, maiores, ou que tem um corpo mais jovem, muitos dessas ficaram online, né, alguns até cresceram. E foi bom isso, pra conhecer outros terreiros, ver algumas lives, conectar à espiritualidade. Mas foi um período complicado, pessoalmente falando.

Entrevistador

Então você ficou dois anos sem contato com os membros do terreiro?

Entrevistado

Sim, sim e não, né. A gente ficou sim dois anos, quase dois anos, sem encontrar mas... e... a gente tem um grupo no whatsapp, do terreiro... os pais de santo não estão né, como eu falei, eles são mais velhinhos, não sabem usar essas coisas, nem celular tem. Mas com os irmãos sim, a gente manteve o contato pelo grupo do whatsapp. E isso até hoje. A gente é bem próximo, sabe, uma grande família mesmo.

Entrevistado

E como é sua relação com eles? Tanto com os pais, como com os outros filhos de santo? Vocês são próximos?

Entrevistado

Ah... é uma relação muito boa, sabe, de forma geral, pelo menos, é uma relação que é muito amável. As pessoas, no terreiro, elas se preocupam com a gente, elas te ajudam quando você precisa, mesmo quem você não tem muito contato, né. Eu acho que, para mim que não era da umbanda, não conhecia terreiro, né, foi muito importante essa relação, porque eles me acolheram, né, os os pais de santo sempre foram muito acolhedores e... eles sempre nos ensinaram tudo que sabiam, mostravam como faziam os rituais, quais os significados, deixavam participar da preparação...essas coisas. Eles são sempre muito transparentes dos processos, dos rituais, do processos todos da casa. Com os irmão é mais difícil um pouco, sabe, porque as pessoas são diferentes né, tem as afinidades também, as vezes o santo não bate [risos], mas mas é sempre uma relação de respeito, sabe? A gente se cumprimenta, dá kolofé quando entra, no final das giras a mesma coisa, que é quando a gente conversa, que nos encontramos todos mesmo, e tal. Mas assim, a gente tem um contato sempre em dia de gira, dia de festas. E nesses dias a gente tem contato também com consulentes né, e é a mesma coisa, acontece, acontece da mesma forma. Eu percebo, sabe, que la no terreiro os pais de santo sempre deixam as portas da casa abertas. Pra todos. E não importa, não importa se você é rico, se é pobre, se é umbandista ou evangélico, nada. Eles recebem, todo mundo que quiser ir, eles deixam sabe, eles deixam entrar na casa, receber um passe, ouvir uma palavra de um preto-velho... é uma casa de caridade, né, aí eles acolhem e ajudam mesmo, sabe, são essas coisas.

Entrevistador

Entendi, que legal. E, e como que funciona hoje o acolhimento no terreiro? Tem alguém que é responsável? Tem algum processo diferente?

Entrevistador

É, é, tem sim, lá tem um acolhimento sim. Como eu te falei né, eles recebem todo mundo, todo mundo pode entrar lá nos dias de gira. Acho que eu já falei, né, que las as giras são de segunda e quarta. Sempre na parte da noite. Então o portão fica

aberto, não tem placa, mas quem conhece, até quem não conhece, já vê a casa aberta, escuta um atabaque, fica interessado, né, e resolve ir lá conhecer. Aí depois disso, depois que as pessoas entram né, se elas chegam no começo da gira, ela vê o ritual todo. Então todo dia que vai ter uma gira, a gente faz a defumação, aí defuma tanto dentro do congara quanto a assistência, até a tronqueira, que fica na entrada, e depois tem as rezas, como eu falei tem muito elemento católico, né, então reza o pai nosso, a ave maria, e depois começa os toques de atabaque para chamar as entidades. E tudo isso é aberto ao público, eles podem assistir tudo. Aí depois que as entidades vêm, né, tem um cambone que fica na porta, recebendo as pessoas, pergunta se é a primeira vez, se já conhece a umbanda, se sabe como funciona. Lá eles gostam de perguntar se é a primeira vez pra explicar né, porque muita gente não conhece, não sabe como funciona. E é um, como eu digo, é um espaço sagrado que tem algumas leis, algumas regrinhas, eles não falam todas, mas quem frequenta sabe que tem né. E aí, quando é a primeira vez a pessoa ela passa no chefe da casa, que é o pai de santo. E depois disso ela pode conversar com quem quiser, pode passar em outra entidade, da forma que ela sentir vontade. Já depois, quando você já foi a primeira vez, você segue o acolhimento normal né, os cambones eles sempre cumprimentam, são muito cordiais. E então os atendimentos acontecem por ordem de chegada e por entidade específica, então eles têm umas fichinhas, que você pega com o cambone, e elas são numeradas e tem o nome da entidade que você escolheu. Então, por exemplo, se você quer passar no pai Joaquim você pega a fichinha dele, se você ir na mãe Cambinda é a mesma coisa, e isso é assim para todas as entidades, tá? Então se é gira de caboclo você tem as fichas, mesma coisa para cigano... Eu falei que era para todos mas eu me enganei, não são todas assim não. Quando é gira de exu e pomba-gira ou gira de criança, é diferente. Porque como eles tem um trabalho específico, as pessoas elas podem entrar no congara e conversar com qual ela quiser, para ficar mais à vontade mesmo. Mas enfim, é assim que funciona.

Entrevistador

Entendi. Então, como você me contou né, as pessoas chegam por indicação, na maioria, você já levou pessoas de vínculos externos, do trabalho, faculdade, essas coisas, para conhecer o terreiro?

Entrevistado

Ah, a gente acaba sempre levando né, porque a gente se sente bem, ai a gente quer que as pessoas próximas elas sintam isso também. Então eu, por exemplo, já levei colegas meus da faculdade, já levei alguns amigos mais próximos, né, minha mãe também foi conhecer o terreiro, gostou muito e até voltou algumas vezes... mas assim, é difícil, esse convites eles geralmente são feitos a pessoas mais próximas. Assim, eu não sou de contar para todos né, não escondo nem nego, mas a gente sabe quando tem abertura para falar. A nossa sociedade brasileira, por ser muito católica e evangélica, ela, até hoje, ela ainda tem muito preconceito. E muitas vezes ele vira violência né, tem gente que olha feio, tem gente que xinga, fala que mexemos com o diabo, é muito desconhecimento e preconceito, sabe. E também, a cada dia a gente vê umas notícias de terreiros sendo destruídos, atacados, tem gente que joga coisa, picha, então aí, pra evitar uma hostilidade ou até coisa pior, a gente acaba nem falando muito sobre o terreiro com pessoas de fora. É uma forma de proteger né, a gente não sabe o que o outro pode fazer, o que ele pensa, né, e a intolerância religiosa está cada dia mais forte, infelizmente.

Entrevistador

Infelizmente, né? E você já vivenciou esse preconceito?

Entrevistador

Como eu te disse, né, eu não sou de falar muito disso, eu prefiro me resguardar em alguns ambientes. No meu trabalho, por exemplo, eu trabalho num escritório, né, eu sei que muita gente lá não aceitaria muito bem isso. Então para evitar o desgaste, eu não falo. Mas sempre tem umas pessoas que sabem, ou que vê saindo da gira de branco, vê as guias, esse tipo de coisa, que olha feio né, alguns falam umas coisas, mas eu não dou ouvido. E a gente segue assim né, não podemos deixar isso atrapalhar a nossa religiosidade, né, porque a gente ta fazendo a caridade, ta trabalhando a espiritualidade, e ta fazendo o bem né. Mas eu particularmente nunca enfrentei nenhuma experiencia assim não, apesar de ver muito por ai.

Entrevistador

Sim, é uma coisa complicada né?

Entrevistado

É, é complicada mesmo.

Entrevistador

E como que é a relação do terreiro com a comunidade, com os vizinhos dele?

Entrevistado

Como eu falei né, muitas pessoas elas não estão muito abertas, elas tem preconceito, sabe. E a gente busca respeitar, só tem atabaque no começo da gira, a gente tenta não fazer barulho até tarde, mas a vizinhança não participa muito. Tem alguns, algumas pessoas que são mais frequentes vão, participam de tudo lá, até ajudam na organização de festa, é... porque as vezes, a, a gente coleta alimentos para a festa dos eres também, né, bala, doce, e eles ajudam. Assim, falando por mim, eu acredito que é muito importante, esse, esse contato com a vizinhança, cria uma comunidade né, um protege o outro, ajuda o outro. Mas infelizmente não é muito assim, elas não, as pessoas não, não, não são tão abertas e tem preconceito, as vezes podem chamar a polícia por barulho, entregam aqueles bilhetinhos de igreja, né.

Entrevistador

Entendi. E a última pergunta, para finalizar. Me conta, o que é umbanda para você?

Entrevistado

Nossa, é até, é até difícil responder. Hm... hoje, hoje a umbanda pra mim, né, a umbanda ela representa família, ela representa união. Isso porque, é... quando você precisa de colo, né, você tem os pretos velhos lá, eles são como nossos avós dando colo, conselhos... estão acalmando o coração, né? E também, né, tem os orixás, que... eu, eu... quando preciso de força, eu sempre chamo a Iansã, e, e quando adoço, eu chamo por Obaluaê, né? E é assim, vai assim por diante... Eu acho que, que em todo momento a Umbanda está presente na minha vida. E isso conforta, né? Isso... e... vai me lembrando que não estou sozinha, me fazendo sentir acolhida no mundo, digamos assim, né. É isso, a umbanda me conecta e me ampara.

## APÊNDICE E – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 5

Entrevistador

Sim [risos] e agora eu quero ver como que funcionam essas relações aqui em São Paulo também. Então, para a gente começar um pouquinho, eu queria que você me contasse qual que é a sua história, na Umbanda? Qual que é a sua trajetória?

Entrevistado

Legal. Você... Bom, vou, vou ser, vou procurar ser bastante resumido, porque, enfim, se eu for falar como é que é que eu acabo, que eu acabei chegando na umbanda... É, seria um dia inteiro de de de conversa. Bom, é... Eu nasço no um seio familiar onde é umbanda, já já tinha sido a religião do meu pai e da minha avó paterna, né? Quando eu nasci, eu nasci em 89, é... meu pai e minha avó haviam deixado o culto umbandista fazia uns 5 anos no máximo, né? Meu pai cresceu dos 12, ele trabalhou no terreiro dos 12 até os 20 e poucos anos. E minha avó, junto com ele, nessa época, eles frequentavam um terreiro próximo de onde eles moravam. Hm, mas enfim, quando eu nasço, aa [hesitação] eles, já não, não participam mais desse universo, não é? Chegaram inclusive, antes de eu nascer, fazer trabalhos em casa, trabalhos como se fosse giras, né? Mas assim, para que as as próprias entidades que se manifestavam nas matérias deles pudessem trabalhar. Mas Hm..., por exemplo, eu nunca vi a minha vó incorporada. Eu nunca vi o meu pai, aliás, para você ver. Nunca ouvi meu pai incorporado. Na verdade vi uma vez, no máximo 2, e já lhe conto os contextos em que isso aconteceu, que não foram contextos muito agradáveis. Mas muito bem, é, bom.. quando eu nasço eu sou socializado num num universo religioso completamente diferente, não é? Eu sou socializado na igreja evangélica com a minha mãe. A minha mãe é vem de Minas Gerais também, só que da minha mãe do sul de Minas Gerais, né? E ela, quando se casa com meu pai, ela vem para cá, ela se desgarrá, portanto, do núcleo familiar dela, e imagino que ela encontra o que você está estudando no nos terreiros de umbanda, a hospitalidade, ele encontra a hospitalidade acolhimento nas igrejas evangélicas, igrejas é vizinha, né, aqui do lado de casa mesmo. E enfim, eu cresci nesse espaço. Eu cresci no espaço de igrejas evangélicas de periferia. E eu permaneci até os 15 anos, não é? Inclusive, aos 12 anos, eu fui batizado na igreja evangélica Hm... e, enfim, tudo o que acontece com o

crente fanático numa igreja evangélica acontecia comigo, né? Rodopiava, falava a língua que ninguém entende. Enfim, eu já quero voltar nisso daqui a pouco com você.

Mas aos 15 anos, eu rompi com a igreja evangélica e rompi definitivamente com qualquer tipo de religiosidade, não é? É e acredito, atribuiu isso a um trauma. Aos 15 anos, eu vi minha avó morrer na minha frente, não essa que era umbandista, a mãe da minha mãe. Eu a vi morrer na minha frente, a... E, eu me lembro na época, evangélico e tal, e..Lembro de de ter implorado para as forças divinas que não levassem a minha avó, mas, enfim, ela acabou falecendo. Hm..., e também nós não tivemos, nem minha mãe, nem eu, nem nossa família, tivemos apoio hm... e acolhimento por parte da igreja, né? Dos, dos nossos dos nossos irmãos de fé e da do, do nosso líder religioso. Não tivemos esse esse acompanhamento, esse acolhimento. Aquilo me fez romper com a igreja evangélica. Eu fiquei um tempo, é, dizendo que eu era ateu. Até que eu fui convencido por uma tia, irmã mais velha da minha mãe, a conhecer o kardecismo. E aí eu ingresso no kardecismo, passo 2 anos dentro do kardecismo, estudando, porque é... dentro dos centros espíritas kardecistas, existe como como que um é... Existe uma espécie de coerção, lá você tem que estudar pra você conhecer aquele universo. Então eu passo 2 anos estudando dentro do centro kardecista, isso vai até os 19 anos, né? Quando eu entro na, na universidade. E quando eu entro na universidade, havia ali um, um, um conflito de horário, não tinha como estar no centro e tá na universidade, e também, né? Se aquele se avolumando, aquele, aquele a, a aquele conjunto de obrigações dentro da universidade, do mundo acadêmico, então eu deixo o centro kardecista também, volto para aquela perspectiva anterior de me declarar ateu e assim eu fui até os 30 anos, né, Hm... Porque não sentia necessidade, né? E não era ateu desse que entra no avião, o avião começa a sacudir... Eu era, era aos 21, eu fui, eu fui fazer a viagem para Santiago, avião começou a sacudir que nem não sei o que na, na, atravessando a cordilheira e na minha cabeça era assim, né? Morreu, acabou. Vou virar, vou virar elemento junto com a neve da da da Montanha.

Mas a... bom, aos 30 eu, eu eu passo por uma outra experiência que eu julgo bastante traumática, né? Meu pai é... Eu vi meu pai morrer na minha frente. De novo. Eu tenho muito isso né? Experiência com a morte para mim é uma coisa meio... Só que assim, eu to falando que vi ele morrer metaforicamente, porque meu pai está vivo hoje, ele quase morreu, né? Mas é, é como se ele tivesse morrido mesmo, porque ele

ter.. meu pai é fumante desde os 12 anos, não é? Pode, é possível que o terreiro a daquele frequentou desde os 12, tem alguma influência no vício, né? Afinal de contas as entidades trabalham com tabaco e tal. Então ele. ele teve uma parada cardiorrespiratória por causa do tabagismo e ele ficou em coma 12 dias no hospital, e... Hm, eu perdi toda a esperança, né? É, eu já tinha contratado o serviço funerário, e só esperando ele, ele se desligar da matéria para poder correr atrás das coisas. Mas só que é é... todos os dias que a gente ia visitá-lo na UTI tudo que eu ouvi do médico era sempre a mesma coisa: "O caso, o caso é grave, mas é estável. É grave, mas é estável". E aquilo foi me consumindo por dentro porque sabe, é pô... como que é grave e estável, né? Aí teve um dia, que.... Hm... eu fui ao hospital e ali no hospital tinha um, um, um quartinho, uma espécie de de almoxarifado, masna porta estava escrito: espaço ecuménico. E aí eu entrei ali. E ali tinha várias coisas, referida referências a religião né, inclusive, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida. Então aí eu eu fui sentir tomado de por uma uma uma força, que eu não posso, não consigo explicar para você, fui até a, a imagem da Santa, peguei na no no manto e pedi, né? Que que aquela, quemeu pai fosse meu pai, meu pai saísse daquela situação, de preferência vivo, né? E hm... A minha irmã caçula, que estava junto comigo no dia, né? É.. nós somos 11 anos de diferença. Ela "o que você está fazendo? Você não é ateu?". Eu falei, "não enche o saco". Aí hm... subimos até o quarto para passar para ver meu pai é aquele estado, a mesma coisa, né? Tubo na boca, cheio de fios e aparelhos ligados e a mesma coisa, "o Quadro é grave, mas é estável". E aí me deu vontade, enquanto a gente estava na visita, de aplicar um passe nele do jeito que eu tinha aprendido no kardecismo, então... e mentalizando a Santa que eu tinha é é lá embaixo, sofrido uma espécie... Hoje, eu, hoje eu leio isso como uma espécie de choque anímico, né? E aí eu dou um passe no meu pai, né? Aquela mesa de hospital, aquela marca de hospital e vou-me embora. No dia seguinte da visita, um amigo dele queria visitá-lo, subiu no meu lugar junto com a minha mãe. E quando eles descem do da visita, "teu pai está acordado". Como acordado? É, ele acordou ontem pouco depois da visita. Ele acordou, sentou na na na maca, né? E aí, eu imediatamente associei ao passe, imediatamente, associei a Santa, né? E aí eu, eu tinha feito, inclusive uma promessa. Eu tinha o cabelo nas costas na época. Aí eu disse que ia levar um pedaço do cabelo, meu e dele até a sala dos Milagres, na Basílica de Aparecida, e o restante do cabelo ia doar para o GRAAC, para as crianças com câncer aqui em São Paulo. E assim fizemos. Ele, que, inclusive foi conduzindo o carro até

Aparecida. Isso em outubro daquele, isso foi agosto de 2019. Em outubro não, novembro daquele ano nós fomos até Aparecida para fazer, para pagar a promessa. É... mais ou menos. Enfim. A... isso me me reconecta com o sagrado, não necessariamente com a umbanda. Mas tem uma mistura aí de elementos católicos, elementos espíritas, né? Hm, mas antes de nós irmos à Aparecida, eu me lembro que um dia eu estava de folga, né? Na época eu estava trabalhando, eu estava dando aula numa, num centro universitário. Era minha folga, né? E nas minhas folgas eu gosto de andar pelas ruas, né, para caminhar. Eu estava caminhando pelas ruas do bairro, passei na frente de um terreiro que funcionava exatamente na frente do centro kardecista que eu frequentava. Eu: Nossa! Eu não sabia que tinha um terreiro aqui. Aí eu fui e fiquei na porta olhando, né? Aí chamaram a mãe de Santo para vir conversar comigo. E eu queria fotografar, pode e tal? Ai ela: “Eu não posso deixar fotografar porque...” ela me deu as razões. Aí eu contei uma história do meu pai pra ela, né? Falei do meu pai, que meu pai tinha sido trabalhador de terreiro e que tinha largado e que tinha passado pelo que passou, aí eu contei. E ela falou assim: “olha, eu espero teu pai e você aqui até às 10 da noite”. Aí, tá bom, eu fui, voltei para casa e vim e falei com ele, né? Aí ele falou, “ai, eu quero ir lá,” então vamos lá. Aí nós fomos lá. Ele conversou com.., era uma gira de baiano que estava rolando. Ai ele conversou com o baiano, eu conversei com outro baiano... o baiano, muito insistente, para que eu, ele é que eu queria que eu, ele que eu pedisse alguma ajuda para ele. E eu “não, não, Seu baiano, eu só vim aqui agradecer mesmo porque, né, meu pai está vivo, isso que importa”. Aí ele “não, eu quero te ajudar. Fala para você que você quer que eu sei que você quer alguma coisa, você me fala que eu vou te ajudar”. Aí eu tava não, senhor mas ele tava insistindo tanto, tinha sido 3 ou 4 vezes, então eu “não, o senhor que está insistindo, então tá bom. Se o senhor quiser me ajudar a ganhar mais no meu trabalho, né? Não estou ganhando mal, mas poderia ganhar melhor. Se o senhor quiser me ajudar nisso, eu fico muito satisfeito. Se quiser também me ajudar a encontrar uma pessoa decente pra, pra, pra, pra conhecer, porque né, minha minha vida, é só... Hoje eu brinco, né? Naquela época não, não brincava desse jeito. Mas hoje brinco que minha vida é só que uma que eu pego. Aí ele falou: “então eu vou ajudar você”. Ele fez o trabalhinho ali dele e, curiosamente, 15 dias depois, eu estava namorando e tinha sido promovido no emprego. Hm... mas, veja isso foi 2019, final de 2019, né? Em abril de 2000, março, abril de 2020 começa a pandemia. Eu não voltei naquele terreiro porque a pandemia fechou o terreiro. hm...mas eu, meio que

naturalmente, eu sei que no mundo humano nada é natural, mas meio que naturalmente, eu quando eu precisava de alguma coisa evocava o baiano, quando eu precisava de alguma coisa ou quando eu ia entrar no lugar que eu sentia, meio que as coisas eram meio pesadas, eu evocava o exu. E a, mas sem praticar. E aí eu fui a hmm... Enfim, veio a pandemia, eu perdi o meu emprego, eu perdi a namorada. Mas.. bom, enfim, continuei vivendo a vida só nesse, só só desse jeito aí que eu estava mencionando para você. Sem fazer ações, obrigações, essas coisas toda, nada. Eu não estava frequentando casa, nem sabia como é que funcionava tudo, né? E aí, hm... quando chegou em maio, eu, inclusive, já estava num outro relacionamento e não estava muito legal. Até foi por causa disso e por causa do desemprego que eu procurei um terreiro. Um terreiro próximo da minha casa. Eu faço assim porque ele é literalmente ali [aponta para trás] só aqui na outra rua, né? Eu não sabia que tinha um terreiro ali, porque ele funciona num, num subsolo de uma loja. Aí eu estou passando nessas caminhadas que eu sempre faço. Estou passando ali na frente, tô vendo aquele povo é ai, e pergunto: “aqui funciona um terreiro? É umbanda, candomblé...?” “Funciona” “A e quando que são as reuniões?” “São às quartas às 8. Vem aqui, você vai gostar tal”. E isso foi em hm... mais ou menos um março, abril, não, maio de 2020 e... 1. É isso? É maio de 2020, não? 20, não, é.. 21? Gente...

Entrevistador

Ano passado?

Entrevistado

Isso, ano passado. Aí é só que aí fechou de novo. A pandemia 1000, 1000, 1200, 2000 pessoas morrendo por dia e aí fechou. Eu não, eu não estava, então eu vi o aviso lá na porta, né? Reuniões iam voltar quando a situação melhorasse. E no final de maio eu soube que voltou a funcionar e eu fui até lá, né? Fui até lá... Aí eu fui, era uma gira de cigano. E aí eu fui atendido pelo cigano, um cigano de nome Rmon. Aí eu falei com o cigano, “o cigano a situação aí tá ruim, aí de trabalho e tal”, e a... aí o meu relacionamento já estava ruim naquela época, já não estava muito bom, não sei o que tava acontecendo. Aí a gente conversou um pouquinho... Aí ele falou para mim, é.. “você vai voltar aqui na semana que vem..” isso foi no dia 26 de maio do ano passado, “você vai voltar aqui na semana que vem, ai você vai falar com baiano e aí o baiano vai fazer um trabalho para você”. Aí eu falei: “tá bom, muito obrigado”. Agradei e tal

e fui embora. Isso foi numa quarta-feira, dia 26 de maio. Na semana seguinte, na terça-feira da semana seguinte, eu descobri que estava com o covid. Então eu não fui. Por óbvio não fui. Mas eu já estava com covide no dia que eu fui, até fiquei ai meu Deus do céu, passei para para a médium, e agora? Mas enfim, fui, fiquei na minha quarentena, durante a quarentena, perdi a minha namorada.. E.. hm.. aí quando eu saí da quarentena, eu voltei no terreiro, era gira de cigano de novo. Eu falei com o mesmo cigano Ramon. Aí eu falei assim: ah, seu cigano, eu até fiquei preocupado porque eu fiquei com essa doença aí, eu fiquei com medo da da médium ter ficado doente. Ele falou assim: “não, a menina é casca grossa” Com aquele sotaque espanhol, né forte. Aí conversei com ele sobre o trabalho e conversei sobre o relacionamento que tinha terminado e que eu estava, né? Eu não queria sofrer por causa daquilo, porque as circunstâncias em que terminou. Pô, eu estava acamado, né? E a pessoa não teve um pingão de consideração comigo. Aí, hm... Eu levei uma fotografia dela. Aí eu falei assim, “o cigano, eu não quero pedir pro senhor trazer ela de volta. Eu quero que o senhor me ajuda a esquecer-la. Não quero, eu quero sofrer por causa dela.” Aí ele falou, “é o que você quer, moço?” “É o que eu quero” “Então rasgue essa foto”. Rasguei na frente dele. Aí entreguei na mão dele, e ele falou: “pronto, os laços estão cortados, você não vai sentir falta dessa moça mais”. E... aí trabalho, ele falou: “vou fazer um trabalho para você. Você trabalha de quê?” “Eu sou o professor.” Aí ele falou para mim, é e... “ “Eu tô vendo aqui que, né, vai começar uma época que vão começar a chamar a professor nessas lugar que dá, que dá aula aí, né?” Falei “isso aí”. Começa, geralmente tem contratação em julho, julho, agosto. Aí ele falou assim: “no final de quantas luas falta para lá? Para chegar essa época?” Eu falei: a, cheia? Falta uma e meia” né. No mês de julho, meio de junho, então “é isso. Daqui uma lua e meia você vai ta empregado.” E, eu falei, tá bom. Ele me fez um patuazinho que está por aqui em algum lugar, meu patuazinho, aí eu fui embora, fui embora. Na semana seguinte, Eu viajei para, para, para Minas Gerais com a minha tia. Fui para a casa daquela tia do kardecismo lá. Mas só que eu fui com outra tia que tinha uns negócios lá para resolver. E no final do mês de julho, eu recebo uma proposta de trabalho, né? Eu fui olhar na porcaria do calendário, era no final de uma lua e mai. Era era virada de lua cheia para lua nova. Eu falei que, que coisa, né? Ali, eu acho que eu tive a maior... Eu falei, pô, o bagulho é quente. Então eu comecei a frequentar, né? Eu voltei para São Paulo no começo de agosto para voltar, para começar a trabalhar nesse lugar né, e e aí comecei a frequentar o terreiro

assiduamente, né? Hm, bom, de lá para cá, eu perdi esse trabalho também, né? Hm... mas eu continuei no terreiro né porque eu senti que... porque o terreiro me acolheu. Isso que você está procurando saber né? O terreiro me acolheu de braços muito abertos, né? Hm... se propôs as entidades, os guias da casa se propuseram a cuidar de mim. É quando eu eu perdi o trabalho, esse trabalho eu voltei pro, pro colo dos guias de novo, reclamando a mesma coisa, né por causa do trabalho. e... “por que você perdeu o trabalho que você arrumou?” Eu falei para o próprio cigano Ramon “ah, porque queriam que fizesse coisa errada lá. Eu não, não, eu não vou fazer coisa errada”. Ele falou “Bom, princípio moral vem antes na frente de tudo, não é? Então vai, fica tranquilo que as coisas no tempo de Zambe é uma coisa, no tempo do homem é outra, então não sei, eu no tempo no tempo de Zambe as coisas vão melhorar para você”. E enfim, aí eu comecei a frequentar o terreiro, aí abriu um curso de desenvolvimento mediúnico no terreiro. Aí eu fui convidado a fazer. Sem trabalho, eu não podia pagar, porque o curso é pago, e eu não, não, não discordo que seja pago porque afinal de contas, a casa tem as suas necessidades, né? A gente tá lá usando a casa para mil coisas e precisa é... do é... contribuir para as despesas, não é? E... a, eu não podia pagar. A casa me deu o curso e então eu estou fazendo o curso até agora. Estou sem trabalho até hoje. Estão me dando o curso de desenvolvimento mediúnico, sem eu pagar um tostão certo? E, hm... ontem eu fui convi... coincidentemente, né? Ontem eu fui convidado para trabalho na corrente. Então ontem, por exemplo, foi de gira de desenvolvimento mediúnico. Ontem eusaí de lá do terreiro, parece assim, me sentindo um para-raio, porque assim, foi chamado os orixás, né? E baixou tudo quanto é orixá em mim ontem, né? É... e aí, voltando um a um ponto no relato que eu estava trazendo para você. Lembra que eu disse que na igreja evangélica e eu sentia, né? Falava a língua que ninguém sabe, rodopiava e pulava, eu andava de um lado para o outro, estirava o braço para cima né? Então, a minha leitura hoje, como umbandista que já não me declaro mais ateu por razões óbvias, mas como umbandista que já fez preceito, que tá iniciando na no trabalho mediúnico e tal, eu é... a... eu entendo hoje que aquilo que me acontecia há 20 anos atrás na igreja evangélica era eram os guias querendo trabalhar e não tinha... era o jeito que eles tinham como trabalhar, né? Porque assim, isso já foi me dito por por este pai de Santo que cuida da, da, da minha mediunidade nesse terreiro, o terreiro, aliás, eu vou deixar registrado aqui pra você, porque isso e talvez seja um dado importante chama Tenda Espírita Nossa Senhora das Graças. Hm... Enfim, eu sou

muito sensível né? Então eu capto as coisas assim que estão rolando no espaço com muita facilidade e vem. Vem de uma vez só de mim. Hm, mas eu não... Para concluir esse breve que relato que já não está sendo tão breve, já to a quase 20 minutos relatando aqui para ti é... Não, não foi essa a única casa que eu frequentei. No começo deste ano eu saí rodando casa por aí, né? Não que eu visse, que não me sentisse acolhido nesta, né? Eu acho que eu fui para as outras casas, mais por interesse sociológico e também um pouco de de... querendo conhecer, pra conhecer. Eu cheguei a visitar 22 casas entre março e abril deste ano. Todas aqui na região. Eu não sabia que tinha tanta casa de umbanda aqui na minha região. É... e eu vi de tudo nessas casas, né? E me aconteceu de tudo nessas casas. Hoje em dia eu estou neste e dou uma forcinha para um amigo meu que é Pai de Santo, que eu conheci nessas rodadas aí, um amigo meu que é Pai de Santo, que está abrindo a casa dele, né? E na casa dele também, né? O Ailton vira para-raio lá na casa dele e rola. Mas enfim, meu meu, meu caminho para umbanda foi mais ou menos assim, fazendo um resumam muito, muito selvagem da coisa.

Entrevistador:

E puxando o grancho disso que você acabou de falar, o que que te fez ficar nessa casa?

Entrevistado

Nessa casa que eu frequento mais?

Entrevistador

Isso, nessa casa que você frequenta mais hoje.

Entrevistado

Bom, talvez acho que um primeiro fator é a casa onde eu estou, que eu frequento há mais tempo, então eu vou, venho dela, desde, eu venho nela desde 26 de maio do ano passado. Segundo, é... Eu sinto muita seriedade por parte da dos guias que que arriam nesse terreiro, né? Eles são muito sérios, foram, foi lá que eu alcancei do que eu alcancei algumas das graças que eu pedi, né? Trabalho, não sofrer por causa de amores, hm... lá nessa casa tem toda essa questão de terem compreensão com a minha situação é profissional e não me cobrem pelos trabalhos

que fazem pra mim, né? Por exemplo, foi em fevereiro. É... eu estava, foi no primeiro, no primeiro dia de curso de desenvolvimento mediúnico. Eu sentei assim ao lado do pai de Santo depois da aula, e eu tava trocando uma ideia com ele e aí ele recebeu a mensagem, acredito que do baiano que que arreja na matéria dele, para fazer um ebó para mim. E ebós costumam ser caros, né? Por exemplo, nessas nessas corridas que eu fiz em terreiros por aí, eu vi que eu precisava de um ebó. Só que tinha lugar que eu ia cobrar 700 reais, fazer um ebó. Hm, e aí ele falou pra mim: "você está precisando de um ebó". Ele falou para mim: "só que eu vou esperar alguma hora, eu vou esperar a ordem dos guias para poder fazer." Dali uma semana, os guias da casa mesmo, um guia que é de uma pessoa que nem sequer tinha ouvido a nossa conversa. O guia arriou lá e falou assim: "menino, você precisa de fazer um ebó. Fala com aquele moço ali que ele vai te dar as orientações". Aí eu falei: "Ricardo, o guia disse que eu preciso do ebo que nem você falou outro dia". Ele falou assim para mim: "Ah, era isso que eu estava esperando, a ordem. Então nós vamos fazer o seguinte: sexta-feira você está disponível?" "Estou." "Então você venha que nós vamos fazer." E fizeram ebó para mim. Assim o ebó, tem um custo, né?. O ebó que foi feito passou no meu corpo um monte de comida de orixá, um monte. Feijão, jiló, é... quiabo. Passaram tudo em mim e ainda fizeram uma oferenda para Ogum para abertura de caminho. Isso tudo tem um custo. Não me cobraram um real. Todo mundo que estava ali, o pai de Santo, a esposa dele, os outros filhos da casa, estavam fazendo ali, aquilo ali era uma sexta-feira, as 8 horas da noite, cozinhar para o Santo para depois fazer o ritual. Estavam fazendo por amor ali, né? Estavam ali por por porque, porque eram pessoas que se importam comigo, né? E tem todo o cuidado, né? Eu chego na casa, eu tenho, eu sinto obrigação de abraçar todo mundo. E todo o mundo a retribui o carinho, né? Então essa dimensão do acolhimento, acho que ela foi fundamental para mim permanecer nesse terreiro. No do meu amigo rola acolhimento. Claro que rola. Tanto dos guias quanto dos médiuns, né? Só que é mais recente. Eu eu vou ao terreiro do Rafa desde março. Né? E vou lá esporadicamente para ajudar. Não me sinto filho da casa lá. Embora ele esteja me assediando bastante para virar [risos] Mas eu sou filho dessa outra casa. O terreiro do Rafa chama Aldeia de Aruanda e do Ricardo, Tenda Espírita Nossa Senhora das Graças. Eu me sinto filho da tenda, não da aldeia. Na aldeia, eu sou um visitante muito bem querido lá dentro, querido, né? Mas não, eu sou filho da, do, da tenda. Enfim, é, é o que me me mantém na tenda e, e tem tem a ver com isso e um outro fator que eu, que eu, que eu reputaria também. O Ricardo tem 50 anos de

idade, o Rafael tem a minha idade, 33, 34. Ricardo é muito mais experiente, né? Eu tenho mais confiança nele para cuidar das minhas manifestações mediúnicas do que no Rafael. Por exemplo, hoje terminando a nossa conversa aqui, eu tenho que ir até o terreiro do Rafael pra fazer um trabalho ou fazer uma, por isso que eu pedi pra antecipar nosso horário, vou fazer uma macumba na estrada junto com ele, né? Ele precisa, ele precisa da minha presença. Uma, uma, uma razão é que eu estou entre os que vão fazer, que estão precisando desse trabalho que as entidades mandaram fazer, e outra porque eu incorporo falangeiros de Ogum e aí o trabalho é pra Ogum. Então, né? Ele está esperando que na hora que faça arriada das macumba na estrada, baixe em mim, ali, Ogum, pra pra, pra receber. É... Mas é, é, enfim. Não é como eu digo, vou lá, faço tudo ok, mas assim, Rafa, é o Rafa, meu, meu cuidado, eu estou sob os cuidados do Ricardo.

Entrevistador

E sobre o terreiro do do Ricardo, é, você sabe um pouquinho da história? Quanto tempo tem que ele funciona? Quantos médiuns?

Entrevistado

Eu conheço mais ou menos a história. É... até onde eu sei, esse terreiro tem 14 anos de de funcionamento. Começou funcionando na Zona Leste, aqui de São Paulo, ali no bairro de Vila Prudente e ali funcionou um bom tempo. Porque o Ricardo morava para lá, né? Várias pessoas, vários médiuns da casa eram dali mesmo. E aí ele a... 6 anos, 7 anos, eu acho, ele se mudou aqui para a zona norte porque comprou um apartamento aqui na zona norte, que é onde eu moro e onde funciona o terreiro, hã... e ele mudou o terreiro para cá. Algumas pessoas que eram de lá da zona leste vem para cá. Então atravessam a marginal Tietê para chegar aqui. Uma delas é a médium, que recebe o cigano Ramon, a Renata. A esposa dela, Luciana também. Elas, elas vem de lá da zona leste. A irmã delas, da da Renata, no caso, vem lá da zona leste também. Hm... a filha delas, vem lá da zona leste. Então muito tem uma metade, metade do terreiro vem da zona leste, a outra metade está por aqui mesmo, né? São pessoas que conheceram o terreiro aqui na zona norte e começaram a frequentar. Hm... e aqui na zona norte, terreiro tem 7 anos. Ele funcionou algumas ruas mais para cima e agora ele funcionou no espaço onde ele está atualmente. Ele se chamava antigamente, provavelmente se você fizer uma busca, você vai encontrar

na internet o nome do da uma página do terreiro, chamava Templo Espirita Ogum Beira Mar e Pai Bento, que são as entidades chefes da casa, e hm... eu recebo falangeiros de Ogum, né? Porque essa coisa, né? Hm... e depois passou a se chamar Tenda Espírita Nossa Senhora das Graças, em homenagem a Iemanjá, que é uma das sincretizações de Iemanjá. Mas é, enfim. O Ricardo e a família estão na umbanda, ele fala que está na umbanda desde os também 12 anos de idade, é a mesma coisa do meu pai, desde os 12 anos de idade. Então por isso que veja como eu, como eu tenho confiança nele para trabalhar. Ainda que, ainda que o Rafa seja alguém que fez um monte de curso, se formou no mesmo lugar, eu tenho mais, eu tenho mais confiança na experiência do que em qualquer outra coisa. Mas o terreiro funciona, já tá esse tanto de tempo, é uma casa pequena, né? Você não vai encontrar nada a não ser uma página no Facebook da Tenda Espírita Nossa Senhora das Graças. E, assim, a página está inativa há 2 anos já. E é uma casa de caridade. Tudo que eu que eu mencionei aqui para você, que não me cobram nada para fazer, é na base da do princípio da caridade e outras pessoas, né? Teve... acho que no mês passado foi no mês passado, na época que eu falei para você que eu ia entrar de preceito. Acho que eu falei.

Entrevistador

Sim

Entrevistado

É... nós no último dia de preceito, nós fizemos uma reunião no terreiro para... era uma reunião do curso para estudar o módulo orixás e depois nós fizemos oferendas para orixás. E tinha 3 pessoas no terreiro que os guias pediram que fosse feita oferendas para orixá. 2 para Xangô e uma para Ogum. E nesse dia nós preparamos todas as oferendas, as pessoas trouxeram os ingredientes, foi tudo montado lá, sem na nenhum custo para as pessoas, né? As pessoas só tiveram o custo dos ingredientes. Eram oferendas simples, né? Então para algum um alguidar, feijão preto, jiló, hm... azeite de dendê. Isso sai no máximo, assim estourando uns 30 reais que a pessoa ia gastar fora do terreiro para trazer tudo lá pra dentro. Por que tem casa que se você for fazer uma oferenda dessa, vai cobrar uns 50 reais. Lá não tem isso, não. Lá é o que guia manda e o Ricardo tem a seguinte, é o seguinte, bordão: "ordem dada não é para ser questionada, é para ser cumprida". O guia não está pedindo 1 real para fazer as coisas, então a gente vai fazer sem pedir 1 real também.

Entrevistador

Certo. E hoje lá vocês comemoram as festas para os orixás? Como que é essa relação com os orixás?

Entrevistado

A relação com os orixás é o seguinte: Sim, nós cultuamos os sagrados orixás e a... a depender das datas que... geralmente as datas são, elas batem com o sincretismo dos Santos católicos, né? Então, por exemplo, na última quarta-feira. Foi que é o são gira, gira, gira pública, foi o dia, o dia de de consagração para Xango. Como a casa é pequena, não tem muito recurso, o máximo que dá pra fazer é o que? É pegar, comprar velas marrons, a minha está inclusive aqui porque no dia eu não fui. É uma velhinha marrom, você pega, você vai ao terreiro do dia da gira pública e lá o Ricardo vai fazer a invocação da força de Xangô, como ele fez quarta-feira passada. Invoca a força de Xangô, orienta os assistidos, né? Pega a vela na mão, faz os seus pedidos e quando você tiver, quando você sentir no coração, você pega, você acende essa vela e pede pra Xangô tudo que você tá precisando. Então, assim é pra xangô assim é pra Ogum, assim é para Nanã... Talvez seja interessante aqui deixar registrado para você que esse terreiro ele trabalha os orixás diferente de outros, né? Se você for a outros terreiros na maioria dos casos, você vai encontrar os terreiros trabalhando com 7 linhas de orixás, sendo que a linha de Oxalá é a linha que tá, ela tá dentro de todas as linhas e a linha de Omulu ela está ausente em todas, mas elas são 2 linhas e ao totaliza no final das contas, 9. Porque você vai ter, né, a linha de Ogum, de Xangô, de Oxóssi, de Iansã, Nanã, Oxum e Iemanjá. Ai você tem a linha de Oxalá de um lado, e tem Ibeji em algum lugar aí. E aí você tem Oxalá de um lado Omulu do outro. No caso da do terreiro do Ricardo, é assim, inclusive no, no terreiro do Rafael, na Aldeia de Aruanda funciona assim. No caso do Ricardo não é funciona assim. Você tem ali, você tem 7 linhas, a linha de Oxalá, que conclama fé, a linha de Ogum que conclama lei e ordem. A linha de Oxóssi e conclama a prosperidade e fartura, a linha de Xangô, que conclama equilíbrio, a linha das águas, e aí entra Iemanjá, Nanã e Oxum, que conclama amor. A linha das Almas, onde está Obaluae, e a linha hm... Ai meu Deus, está a linha da, a linha de Iansã que conclama a proteção. Então são essas as 7 linhas que funcionam, que que são, são cultuadas no nosso terreiro. Então tem a festa, como eu falei, né? Tem toda uma limitação de braço,

porque os médiuns do Ricardo que trabalham lá na casa, né, eles não são muito de ajudar, então quando geralmente tem festividade, tem ele, a Luciana, a Renata, as filhas, a esposa dele, para fazer as coisas, e não é muita gente. Ultimamente, ele tem pedido ajuda de nós que fazemos o curso, nós somos em 11 e 12 fazendo o curso, para poder fazer as coisas. Então fizemos festa Junina, faz-se bazar beneficente na casa, vai ter a festa de Cosme Damião em outubro. E em relação aos orixás, como você perguntou, tem a consagração pública nas quartas-feiras, mas geralmente numa quarta na na mesma semana, na segunda-feira anterior, ou então na segunda-feira posterior, que é o dia do trabalho fechado com os médiuns da casa, aí faz a consagração na casa. Geralmente é um trabalho mais complexo, então no caso de Ogum, foi feito, montado uma mesa para Ogum, ele chamou os falangeiros de Ogum. Para Xangô tão discutindo data ainda, mas tem uma pedra ali que ele recolher na mata para fazer o trabalho na pedra e vai ter amalá para Xangô, para Iansã funciona igual para Iemanjá funciona igual. Para Iemanjá se não me engano, o trabalho é feito na praia. Eu não sei como, né, como eu comecei desse ano para cá, só no final do ano que eu vou saber. Mas, enfim, é, é sim. ele estava falando inclusive disso ontem, como é que a gente evoca a força Orixá a depender de uma necessidade que a gente tem, não é? Então, é e,, enfim, e aí? Depois teve o trabalho de invocação da força dos orixá que eu falei pra você que sair de lá sentindo que era um para-raio. Os orixás são cultuados por por nós, sim.

Entrevistado

Ótimo. E você falou que tem gira fechada nas segundas, abertas quartas, e o curso mediúnico que você está fazendo é às sextas?

Entrevistador

Ele funciona os sábados uma vez por mês. Então, por exemplo, agora na agora, no dia 16 de de julho, vai ser o módulo sobre Exu. Isso é uma outra coisa, você em trabalho de campo já deve ter visitado terreiros por aí, provavelmente já deve ter ido a uma, uma gira de esquerda.

Entrevistador

Sim

Entrevistado

No nosso terreiro, no Ricardo, não, lá no Rafael isso acontece, mas no Ricardo não rola gira de esquerda.

Entrevistador

Não?

Entrevistado

Não, porque tem uma leitura diferente em relação aos exus. Você está me vendo aqui? Eu tô com uma guia de Exu.

Entrevistado

Sim.

Entrevistado

É, só que os exu, eles não, segundo o Ricardo, eles não são nossos amigos, né? Eles, quando eles são invocados no terreiro, é para fazer a tarefa que, por isso chama eles de tarefeiro nessa linha que o Ricardo trabalha no terreiro dele, né? Eles são invocados para fazer a tarefa deles, e ir embora sob a supervisão dos guias da direita. Então, você só invoca exu no terreiro se tem um preto velho e um caboco para segurar a onda deles, né? E os exu eles fazem o que? Eu tenho, eu tenho alguns amigos que eu já, já convidei para visitar, “ai aqui não tem gira de esquerda?” Não, não tem gira de esquerda, luz apagada, luz vermelha, cartola, capa, né, Então pomba-gira, cheia de saia, não tem nada disso. É, falei assim, “sabe por que que não tem? Porque os exus e as pomba-giras estão todas as quartas-feiras aqui. Eles vêm, eles vêm, faz descarrego na no, nos médiuns, faz descarrego nos assistidos e vão embora, porque o trabalho deles aqui é assim”. Lá no Rafael não, lá no Rafael tem gira de esquerda, né? O chefe da casa, Seu marabô. Seu marabô já já já puxou os exus que que, que que são meus guardiões. Eu não gostei nada de ter recebido eles porque é uma sensação muito ruim que eles deixam. Mas é... respeito do jeito que o Rafael trabalha lá na Aldeia e outros pais de Santo, mães de Santo, trabalham por aí, mas eu... eu estou mais alinhado a trabalhar do jeito que o Ricardo trabalha com os exus, fazendo um descarrego deles, né? Até porque todas as... não é, não é amigo da

gente. Todas vezes que que que exu arriou na minha matéria, o jeito que eles me tratam assim, a, a esse filha da puta, eles me tratam desse jeito.

Entrevistador

O cavalo né?

Entrevistado

O cavalo é como os baianos chamam, mas para nós é burro, é o meu burro. Eu sou burro. É como se fosse burro de carga mesmo né? Então tá, é que nem, vai ter dia lá no terreiro do Ricardo onde vai precisar, que nem na no dia 16 vai rolar isso. Vai ser um modulo de exu e ele falou: “vou chamar os capeta e vou depois vou mandar ir embora”. Vai arriar exu em mim com certeza. Como eu disse, eu sou muito sensível, então na hora que eu senti a força vai vim e eu não, eu não seguro, eu deixo vir né? Por orientação do próprio Ricardo, não segura, deixa vir. Lá no Rafael é diferente, né? Teve um dia que faltou um nonte de médium dele, ele precisava de gente para trabalhar cambonando. “Cara, preciso que você entra aqui comigo, mas não é para incorporar”. Aí eu falei assim, “cara, é difícil”, sabe, não vai. Não é não, não foi 3 ou 4 vezes, era uma gira de esquerda de 3. 3 ou 4 vezes o negócio vinha que nem um solavanco para não, não, segura. Mas assim é hm.. são são modelos diferentes de trabalho que eu acho que são interessantes pelo menos de conhecer.

Entrevistador

Sim, até para você ver as diferentes dinâmicas, né? Umbanda é tão plural, tem tanta coisa, que é interessante conhecer. E nos dias do curso vocês fazem estudos também?

Entrevistado

Sim. Ele montou um curso mais enxugado, né? O Ricardo, um curso mais enxugado, onde ele nos fornece algumas apostilas com alguma antecedência em relação ao módulo que vai ser estudado e aí, depois, a ideia é que a gente tenha lido o apostila para ir no dia do curso, onde ele só vai fazer um resumam daquilo que ele, que a gente leu. Vai discutir com a gente, geralmente isso acontece na parte da manhã, e na parte da tarde é a parte da prática. Como eu falei para você, nós no mês anterior teve o módulo orixá, depois oferendas a eles. Hm.. na no mês retrasado foi

assim depois das oferendas teve o jogo de ifá para tirar os nossos orixás de cabeça. Hm... no mês anterior foi... só um minutinho, eu vou pegar as apostilas senão eu não lembro.

Hm foi, espera aí, esse aqui é o módulo orixás, o modulo práticas espirituais de umbanda. Olha, por enquanto eu tenho aqui 4 apostilas. A primeira foi história da umbanda. A segunda apostila é mediunidade, a terceira é práticas espirituais e a quarta, hm...orixá. Nesse terceiro curso foi estudado, a apostila até que ela não é pequena, tem 117 páginas. Então é estudar isso daqui aí e, na parte da tarde, prática. O que que foi feito na parte da tarde? Invocação dos cabocos. Aí foi a primeira vez que eu incorporei caboclo na minha vida, né? Enfim, então o curso ele tem essa, essa, essa dinâmica, ele tem que ter uma parte prática, porque, afinal de contas a umbanda é prática, né? Foi, inclusive, o que ele falou ontem para a gente, não é na, o... Na segunda-feira é dia de tirar dúvida e praticar. O pau tora mesmo na quarta-feira, que aí você vai ser jogado ali no meio da da da do congá e você vai incorporar e os seus guias vão atender as pessoas e, claro, sempre sob a supervisão de alguém, né? Mas é um modelo que eu gosto, é assim, você, ou você aprende ou você não aprende.

Entrevistador

E hoje lá existe alguma forma de registro das práticas, da gira, das festas... existe alguma forma de registro? Seja, foto, documento, mesmo ata...

Entrevistado

Ata não tem, só as atas, as únicas atas de reunião são as do financeiro e essas a gente eu não tenho acesso, os médiuns, que não são da da tesouraria, não tem acesso. Mas tem ata do financeiro. É... tem as atas de de hm..., reuniões vão assim de reuniões de entre aspas, de gestão, das das atividades do terreiro. Então Ricardo preside e aí, por exemplo, uma coisa que é foi determinada no final do ano passado, não se usava mais bebida na gira, nem as crianças na linha das crianças ia poder trabalhar. Isso foi suspenso, faz uns 20 dias, 21 dias.

Entrevistador

A bebida ou as crianças?

### Entrevistado

As crianças puderam voltar, a bebida ainda não está liberada não. É, hm... enfim, essa, essa é uma decisão, porque afinal de contas, bebida, é... bebida, e tabaco são 2 elementos constitutivos do trabalho mediúnico. As crianças são uma linha de trabalho dentro da umbanda. Então, é como é uma decisão muito importante, que pode ter um impacto no funcionamento do terreiro e da mediunidade dos médiuns, isso tem que ser isso tem que ser decidido em reunião. Então, aparentemente tem também. Sobre as festas, eu sei que tem um calendário sobre festas, atividades, reuniões, giras... O que que vai fazer em cada gira, se tem consagração se não tem, hm... e eu sei, e, talvez essa informação seja relevante, não é? O terreiro, o Ricardo, ele tem o certificado de é sacerdote pela, pela é federação espírita dos de do do grande ABC e, portanto, eu nunca perguntei isso para ele diretamente, mas aparentemente, eu acho que é isso que rola, né? Ele não, é uma... Alguém perguntou "as federações servem para que Ricardo?", ele falou: "Pra nada. A única coisa que serve é para cobrar mensalidade, porque se você tem algum problema, federação não vai resolver. Você que tem que ir atrás de resolver. Então eu nem sou afiliado mais". Agora vai sair o umbandista e vai entrar o sociólogo para falar uma fazer uma partezinha né? Você deve conhecer essa bibliografia, né o livro entre a Cruz e a Encruzilhada do Lísias Negrão. É... ele, ele dedica um estudo importante, um capítulo importante sobre essa relação e faz a interpretação de dessa dessa questão à luz da da da, da racionalização, representada pelos pelas federações e tal. E é... tendo a concordar com ele, né? A medida que as federações, elas estão ali para cobrar uma mensalidade, talvez forçar aos terreiros a, a... decantar determinadas práticas que são consideradas é... são consideradas ou não, não, elas não são exatamente consideradas, elas são mal vistas, né? Sacrifícios, esse tipo de coisa. E talvez alguns, algum tipo de ajuda para..jurídica, né, para fazer o CNPJ do terreiro, esse tipo de coisa, nada mais é do que um esforço de racionalização dos trabalhos. E os terreiros, especialmente os de periferia, são avessos a isso porque entendem como uma intervenção externa de quem não conhece assistência, de quem não conhece os guias que estão trabalhando ali, né? Sim, enfim, tendo a concordar com a leitura do Lísias. Mas conhecendo o que eu conheço do terreiro do Ri, que eu posso dizer para você é que ele não é filiado a nenhuma federação, olha com muita desconfiança para os interesses do pessoal da própria federação e o que que ele tem que fazer, ele

mesmo ele pega, ele faz, né? Ele, a Luciana e a, e a Renata, geralmente são as pessoas que concentram essa, esses esforços para o terreiro funcionar.

Entrevistador

Certo. E hoje você falou que você conheceu nas suas caminhadas, mas como que as pessoas ficam sabendo do terreiro?

Entrevistado

Ótima pergunta, porque o terreiro, como eu falei para você, tem uma página no Facebook que não funciona vai ter 2, 3 anos, não tem um perfil no Instagram. Eu falei, “Ri, vamos montar um perfil no Instagram. Se você quiser, eu gerencio esse perfil para que as pessoas conheçam que a casa existe, para que as pessoas saibam que a gente faz trabalhos de caridade aqui”. Aí ele falou assim pra mim: não, eu não quero que faz um perfil no Facebook, nem no no Instagram, melhor dizendo porque você disse que você gerencia, mas um hora você não quer mais, e aí, como é que faz? Eu vou botar isso na mão de quem, né? Eu não sei mexer. A Luciana, não, não, não, sabe, não quer, não tem saco para isso. A Renata também. Já tem outras 1000 obrigações aqui dentro, a gente vai arrumar mais uma? Então, até onde eu sei, as pessoas conhecem a tenda espírita Nossa Senhora das Graças através do boca-a-boca “ai eu conheço um terreiro que fica ali na Conselheiro Moreira de Barros, funciona nas subsolo de uma loja 3- 254. Vai lá pra conhecer. Aí a pessoa vai. Isso eu mesmo falando, já levei amigos para lá que agora estão frequentando assiduamente o terreiro, outras pessoas que foram uma vez “ai aqui não tem gira de exu, não quero ir mais”, “ai aqui parece kardecismo, não quero ir mais”. Entendi. Então é meio que no boca a boca e ainda assim, o terreiro está atendendo, assim, a cada quarta-feira, são de 38 a 45 pessoas para ao tamanho terreiro é muita gente.

Entrevistador

É um tanto bom de gente. E quando a pessoa chega no terreiro, quais são os rituais que tem? Quais os fluxos?

Entrevistado

Esse é outra coisa interessante. No No no outros terreiro, se eu a eu gosto, eu vou, então, já que eu estou fazendo isso na nossa conversa, eu vou usar o terreiro do

Rafa como um parâmetro de comparação. No terreiro do Rafa, às pessoas novas, elas têm necessariamente que passar com guia chefe para o guia chefe, conhecer Pá Pá Pá, Pá Pá Pá. No terreiro do Ricardo não rola isso, né? Ele recebe as pessoas como pai de Santo, desde incorporado antes da gira começar, conversa com as pessoas se as pessoas precisam de uma ajuda mais punk, né? Mas na hora de passar com os guias, a pessoa passa com guia que tiver. E ele explicou isso, não é que ele explicou, ele reforçou isso, ele já explicou isso em outro contexto, mas ele reforçou isso pra gente ontem. Ele falou, eu não pego e recebo as pessoas novas ou então se alguém lá da assistência falar, eu não quero passar com fulano, quero passar com ciclano, eu não deixo isso acontecer, eu já corto à asinha logo. Por quê? Porque isso é menosprezar os médiuns que trabalham na minha casa. Todo mundo aqui se está na corrente, tem a confiança do guia chefe para trabalhar na corrente, tem autorização dele. Se tem autorização do guia chefe, dos guias chefe, que é o pai Bento e Ogum Beira Mar, então está apto para trabalhar. Então eu não deixo. E tipo, as pessoas novas vão, tem gente que se melindra com isso “ai, por que que eu não passei com o chefe da casa?” É... nossa orientação já que somos já os pessoal do curso já é filho da casa, não é da corrente, mas é filho da casa. Nós, a nossa orientação é a que todos os médiuns aqui são a tão aptos para trabalhar, igualzinho o guia chefe. Né? E o guia chefe está sempre, ou é o pai Bento ou o caboclo Ogum Beira-Mar, estão sempre presentes, incorporados no Ricardo. Então. Mas não é porque eles estão aí que o caboclo lá, Claro, o Caboclo Pena Verde, a Vovó Benedita, o pai Joaquim, que eles são menos capazes de resolver o teu problema de de te dar um apoio, te te dar para você o acolhimento necessário, eles são também totalmente capazes e competentes para isso.

Entrevistador

Ótimo. E aí se eu chegar lá hoje, por exemplo, é, tem algum procedimento? Tem uma explicação de abertura, uma palestra de abertura? Tem carbonô que entrega a ficha, como que funciona?

Entrevistado

Sim, tem um carbonô que entrega a ficha. Vai perguntar para você se é a primeira vez sua na casa, mas como eu falei, esse dado é praticamente irrelevante, né? E ãn.. Não vai ter uma reunião de abertura para explicar como é que funciona. O

que que vai rolar. Você vai sentar na sua cadeirinha, onde você quiser, e aí vai começar. Na hora que começarem os trabalhos, se você não quiser conversar com o pai de Santo, você não, vai, vai, na na vai no seco mesmo. Ou então você conversa com o pai de Santo, você vai ter uma informação aqui, ali antes. Mas geralmente, o que que vai rolar, vai começar o trabalho de defumação. E aí as cortinas vão ser abertas, e aí vai, o pai de Santo, vai fazer uma prece, que é ordem dos chefes, guias-chefes começar com a prece de Káritas, aquela famosa, famosa prece do kardecismo, e aí o Ricardo vai falar: “boa noite a todos, já venho eu com os meus recadinhos”, aí ele começa falando, né? Aí ele vai, ele vai perceber, afinal, isso é uma coisa boa dos terreiros menores, né? O pai de Santo e os médiuns, eles conhecem as pessoas da assistência. Vai ver você ali um rosto novo vai dizer o seguinte, “aqueles que vem aqui na casa pela primeira vez”, não vai perguntar quem é a primeira vez, não, “aqueles que vêm na casa pela primeira vez, nós vamos fazer assim, assim, assim, assim, hoje é linha disso e disso. Caboclo vem dá passe, marinheiro vem dá consulta. Nós temos uma mesa de descarrego e se o guia disser que é... você deve pegar uma fichinha para passar na mesa de descarrego não tenha medo. Porque às vezes, não é nem para você, por você que você vai passar na mesa. Às vezes é para algum parente, algum amigo, alguma pessoa conhecida, distante, que não, que precisa da ajuda e você pode ser esse canal.” Ân... enfim, ele dá a explicação muito rápida e os camponos vão estar ali também, né? Se você tem alguma dúvida, o carbono vai te vai te ter a maior prazer de te esclarecer essa dúvida.

Entrevistador

Muito interessante. Parece o terreiro que eu frequentava em Minas.

Entrevistado

Ah, você frequentava um terreiro?

Entrevistador

Sim, frequentava.

Entrevistado

Que legal

Entrevistador

E essas pessoas que vão pela primeira vez e até mesmo você, nas primeiras vezes que você foi ao terreiro. Como que você, você percebe esses sentimentos? É mais aberta, mais fechado?

Entrevistado

Bom, o terreiro do Ricardo foi o primeiro terreiro que eu, depois, não. Não foi o primeiro terreiro, como eu falei para você, o primeiro terreiro que eu pisei, foi esse que eu estava na rua caminhando e entrei. Esse foi o primeiro, né? Tendo é uma formação evangélica, a umbanda era um negócio para mim para ter medo. Quando falava de preto velho para mim eu, na época da da igreja, eu sentia medo. Eu não fazia ideia que preto velho era aquela figura que tinha aquele arquétipo de vovozinho, acolhedor, gentil, carinhoso, amoroso, que vai te dar uma mensagem, às vezes dura, mas ele vai falar que ele vai, ele vai falar que nenhum um acolchoado. Às vezes é aquela que você precisa, que você tá fazendo merda mas ele vai falar para você, vai falar e você não vai sentir ofendido. Diferente do exu, que vai falar “a culpa é tua, porra.”,né? Eu já ouvi isso “culpa é tua caralho, claro que você tá, que tá tudo uma merda, a culpa é tua.” Aí, é. Bom, mas a primeira eu vou, vou aqui falar para você da primeira vez que eu fui nesse terreiro que eu que eu me sinto mais familiarizado que é o do Ri. Quando eu fui lá pela primeira vez, eu descii a rampa, entrei na casa, eu vi as imagens de caboclo, de preto velho, o congá, lá na frente. Sentei na minha cadeirinha, como eu falei na época, eu estava namorando, aí eu ficar contando tudo pra Amanda no celular é que tem assim, aqui é assado. E aí começou a gira. Os pretos velhos, vai lá, toma passe com o preto velho, aí você vai passar na mesa, pega a fichinha, faz o descarrego na mesa, ah, vai vai passar com o, o, o cigano vai lá conversar com o cigano que você precisa. É... eu, eu vamos dizer assim, num num precisei de um manual de instruções, porque, enfim, era tudo muito que é... não é natural a palavra que eu estou que eu estou buscando para usar, é... auto explicativo, talvez. sim, é tudo muito auto explicativo, né? Você é chamado, o guia pergunta para você, o que que eu posso fazer para te ajudar? Que que você veio, qual que é o problema? Tem algum problema que você precisa resolver? É... nos outros terreiros que eu frequentei foi desse jeito também, vez ou outra, passando com o guia chefe vez ou outra, não passando com o guia chefe. Mas você entra, você... o ruim de tentar explicar a situação para você, né? Porque eu já ia em um, então já meio que sabia que ia rolar

nos outros. Mais ou menos, né? Eu conseguia, eu tinha um mapa mental ali do que que ia rolar. É... E aí você conversa com o guia-chefe, você conversa com a entidade XYZ, ãn... Às vezes, a entidade pega e te diz "por que você está indo? Por que você está correndo tanta gira? Sem você falar um a. Por que você está correndo tanta gira por aí, o que você está procurando? Você não, se você não sabe o que você está procurando, eu não vou poder te ajudar, né? Hm... Mas em todos os casos, eu me senti muito bem recebido. Muito bem, não teve nenhum terreiro em que eu fui que eu fui tratado com com falta de educação, que, com com desprezo, né? E, claro, os terreiros, eles têm um código de ética que às vezes não é tão bem explícito, mas que existe. Por exemplo, gira de caboclo, dia 20 de fevereiro que eu fui conhecer um terreiro, nesse ano. Primeira gira do ano, gira de caboclo. O pai de Santo falou, "ó com o caboclo a gente não fala de namorado, de namorada de, do marido da outra que a gente quer tirar. A gente não fala disso. A gente fala de assuntos mais elevados". Então você tem uma, uma espécie de regrinha. Com preto velho é a mesma coisa. Você vai conversar de namorado, namorada, problema de relacionamento, você fala com os exus, você fala com os baianos, com ciganos, né? Então meio que é, é, eles já vão dando um direcionamento para você antes da gira começar, né? Na hora que o pai de Santo vai la boa noite a todos e vai dar uns recadinhos, eles já dão a...o, o tom do negócio. Tem, já teve um, nesse terreiro, inclusive, que eu fui no dia 20 de fevereiro, numa outra ocasião que eu fui, era uma gira de esquerda, a moça foi uma moça com a, não é... Ela estava com roupas que a gente usa na rua, né, com as moças no no em, em noites de verão, usam na rua, um cropped, um short. Ela foi assim, né? Aí. É... "você não pode entrar assim no congá, mesmo sendo gira de esquerda, você não pode entrar assim no congá". Ai pegaram, foram lá dentro e pegaram um avental, botaram um avental branco nela inteirinha e ela foi lá conversar com a entidade. É... e... Acredito que as coisas vão ficando vão, elas vão é é tomando rumo e prumo depois de um tempo que você frequenta a casa. Essa casa que eu disse que eu fui no dia 20, eu fui outras vezes. A última vez que eu fui, eu não posso dizer que eu me senti destrutado pelo pai de Santo. Não. Só que, por exemplo, o pai de Santo chegou assim em mim e falou assim para mim: "que que você conversou na gira passada?", tinha sido gira de baiano, seu Zé pilintra que tinha, que comandava a gira, "o que que você conversa com o Seu Zé Pilintra?". Ele falou que eu tenho uma missão, é.. eu tenho uma missão espiritual a cumprir. Ele falou: "ai, então você já sabe". Falei "já sei, mas,mas meu pai, como é que é que eu vou entrar pra uma casa

de caridade, fazer a caridade para o próximo, se eu estou em uma situação profissional, financeira, que muitas vezes quem está precisando da caridade sou eu?" né? Ai ele "á não seja por isso aí. Eu abono você 6 meses até você arrumar um trabalho, mas assim, você começando a trabalhar para a espiritualidade, as coisas vão melhorar, você vai ver que não vai nem precisar fazer esse abono". Aí é.. mas é, eu conversando com ele, "mas o que que você decidiu?". E eu falei nada. "Então, desculpa, eu não posso te ajudar, porque você"... Olha, eu não me senti desrespeitado, mas eu fui pressionado contra a parede. Ou você entra pro terreiro para trabalhar com a gente aqui ou então eu não, eu não posso fazer nada, porque as entidades já falaram para você que você tem que fazer. Então esse terreiro eu deixei de ir porque eu senti contra a parede. Eu não fui mais depois que aconteceu isso daí, né? E as coisas aconteceram meio que naturalmente, eu acabei me fixando, fixando raízes ali na Tenda Nossa Senhora das Graças. Que eu, enfim, eu acho que foi o melhor caminho mesmo.

Entrevistador

Sim, e a última pergunta porque sei que você tem que ir. [risos Qual é a sua relação hoje com as pessoas da gira? Os filhos de santos, pais de santo e também com o entorno? Qual a relação da do terreiro com a vizinhança?

Entrevistado

Tá, começando pela primeira né? A minha relação com as pessoas do terreiro. É uma relação absolutamente cordial. Como eu falei para você, eu abraço todo mundo, é.. eu, se.. inclusive, as vezes não as pessoas que eu não conheço, né? Mas a... cumprimento, dou boa noite, sempre com um sorriso no rosto, ãn..., A gente sabe lá no terreiro do Ri que alguns médiuns têm tão... tão melindrados com por causa do pessoal do curso. Ah, porque ele está dando mais atenção para o pessoal do curso do que para a gente. Tem médium que até tem deixando de ir nos trabalhos por causa disso. É.. e o Ricardo, nô, ta bastante insatisfeito com isso, porque ele fala, né? Ele não não esconde as coisas. Ele fala que está bastante insatisfeito com isso. É... porque, afinal de contas, né, na cabeça dele os outros médiuns tinham que nos acolher também como filhos da casa, né? E, aparentemente, eles estão resistentes. Mas assim ninguém, né, apesar dessa situação, ninguém te destrata, né? A gente se abraça, pergunta como é que está, conversa... Então são relações muito cordiais,

porque a gente parte do pressuposto que está construindo uma família espiritual, né? Então as as relações, elas são quase familiares. Hm..., da do do terreiro com o entorno, ãn...Eu não posso dizer para você que é uma relação tranquila. Porque o terreiro já teve gente que jogou bomba lá dentro, teve gente que jogou garrafa de de cerveja para quebrar vidro lá dentro. O muro é baixo, né? Então como ele está no subsolo, então é uma rua do lado, tem uma rua que desce, então... O muro tem o que 1 m e 80 de altura, então só fazendo assim que você joga as coisas lá pra dentro. Teve gente que já entrou para roubar, teve que botar alarme lá dentro. É... teve gente que hm.., que reclamou na na prefeitura. E nem atabaque tem no Ricardo. Não se usa atabaque lá. Hm... teve, hm..., uma, e teve uma situação meio delicada com com o moço que é do outro lado da avenida. Ele tem uma casa de jogo de bicho e às vezes as pessoas param o carro na porta dele, ele fica irritado, ele vai lá no terreiro fazer escândalo, querendo que tira o carro da porta da da, da loja dele e a loja dele, muitas vezes esse horário já fechou. A gira começa às 8, a loja dele fecha às 6 e ele se irrita porque as pessoas colocam o carro ali na frente. Hm... mas tirando esses episódios assim que são, são, é..., são. não são frequentes, a situação é... o terreiro faz os os trabalhos beneficentes, né, arruma cesta básica para quem está precisando, faz o brechó vendendo roupa, às vezes roupa com etiqueta a 2 reais para ajudar a comunidade. Forma filas, 4 horas da manhã tem gente na porta do terreiro para participar do brechó, tem na nos dias que tem brechó. Então a relação a essa e... E eu acho que ela não tem condições de ser mais profunda ou aprofundada do que isso é... por causa, por causa daquilo que a gente tava falando, né? Falta braço. O Ricardo e a família dele não dão conta sozinhos. A gente entrando, eu e os outros, os outros médiuns em desenvolvimento entrando para a corrente é... não sei se se isso vai mudar. O que eu sei é, por exemplo, antes de a gente começar, estava vendo as mensagens aqui, a Luciana falando, gente, a gente precisa de ajuda para arrumar um brechó, porque não cabe mais nada dentro do depósito, tem que arrumar. A gente precisa de ajuda e ninguém obriga, “você vai ajudar porque você está aqui e não está fazendo nada, Ailton. Venha”. Não. Eles perguntam, você pode vir? Eu sou a pessoa que mora mais perto do terreiro. Eu saio da minha casa, dou a volta e cheguei lá. E é isso. E eu vou não porque eu me sinto obrigado, “eu não estou pagando nada”. Não, eu não me sinto obrigada a nada, Giulia. Eu vou porque eu amo o que eu faço lá dentro. E aí, enfim, é isso.

## APÊNDICE F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA 6

Entrevistador

Então eu queria conhecer um pouco. Qual é a sua trajetória, sobre a sua história e sobre as suas vivências na Umbanda e também na sua religião atual.

Entrevistado

Tá, então é... o, os hm... meus tios, 2 tios e o meu avô eram umbandistas. Então, é... frequentando um terreiro diferente, né? 2, o meu avô e um tio, frequentavam um, outro tio frequentava o outro, tá? Então, assim, conhecer a umbanda, eu conheço basicamente de nascer, né? Eu fui batizada na igreja católica, já que a minha mãe não tinha religião, e depois também na umbanda. E... depois minha mãe é... ficou, virou kardecista, tá? Então, assim eu conhecia a umbanda de criança, o kardecismo e estudei em colégio de freira [risos] Então, é bem bem complexa a coisa. Daí só que essa umbanda que eu conheci de criança, é uma umbanda muito diferente do que depois, adulta, eu comecei a frequentar. Ainda nem tinha casado com meu marido, ele, ele, a gente começou a namorar, eu não frequentava umbanda, era kardecista e aí ele me chamou pra ir num terreiro, eu fui. Me senti muito bem, na verdade, quando eu entrei, eu falei, nossa, meu caminho espiritual é por aqui, né, e aí nós começamos frequentar esse terreiro. Isso foi em 98, 98, é. Depois nós fomos para outro terreiro, outro terreiro, casamos na umbanda com a nossa mãe de Santo, que a gente considera. Só casamos na umbanda, não casamos na igreja católica, o que foi um pouco de escândalo. Muita gente não foi no casamento por causa disso, né? E...E aí, em 2001? É, eu estava grávida do meu filho mais velho, que fez 21 anos agora, a gente começou a, e... começou a trabalhar umbanda. Por nós mesmos, tá? Em 2009, 2009, né? 2009, nós começamos... Aí nesse. nessa trajetória nós fizemos curso com o Rubens Saraceni, não sei se você conhece.

Entrevistador

Sim, Claro.

Entrevistado

É, fizemos. Tínhamos bastante amizade com algumas pessoas. Temos cursos, o, o, o ai, como que era o nome? Do, do Camargo... Adriano Camargo, que é de ervas, o Carlos, meu marido que está perto aqui, fez um curso com o Alexandre Cumino. A gente conhecia algumas pessoas e um dia fomos chamados em 2009 para uma reunião. O Rubens era vivo ainda, onde eles queriam criar uma associação, que é fiscaliza-se os terreiros, ou seja, eles queriam padronizar a umbanda, tá? Como nós viemos de uma trajetória diferente, né, e a gente começou a trabalhar também além da própria umbanda. Algumas trabalham com orixá, outras não trabalham com orixá né? Mas como a gente também se aproximava de teologias e panteões de outras linhas, nós achamos que era hora da gente mudar, porque se eles criassem mesmo a, a fundação, essa, aquela instituição, nós mesmos estaríamos fora, né? A gente não participou da dessa fundação. Somos contra essa tentativa de unificação né, mas realmente é uma ideia do Rubens Saraceni. Era ser, entre aspas, o papa da umbanda. Ele queria uma coisa mais unificada, tá? Então daí a gente começou a nossa própria religião, que é a herosofia. Ela tem, vai fazer agora essa semana que vem é... 2010, 2009, 2010, foi 2009 porque 2010 a gente mudou para Santa Isabel, vai fazer é 13 anos, tá? É. A forma, o funcionamento dela, se você for numa gira, num, num, num atendimento espiritual gratuito, é semelhante, a umbanda, porque a incorporação de médium etc, mas a teologia é um pouco diferente, a gente já tem leis universais. A gente trabalha muito a questão metafísica. Um conhecimento que nem, que é, é conectado à religião, mas não é estritamente apenas religioso, tá? Ee nesse, nesse caminhar assim, eu comecei a trabalhar com as questões do sagrado feminino, que a gente chama de deusa, separando dessa questão específica de que hoje parece que dá-se a entender, que é a mulher. Não, não é, não. É todo o sagrado, todo todo o sagrado feminino, se você já estudou cabala, já viu cabala, seria então a energia criadora única. Então você tem a polarização para a materialização entre um polo positivo, positivo, masculino, e polo negativo, é... não é negativo de ser ruim, né, mas o polo negativo, que é o que é, é, pode ser, é... Até é... receber a energia, né, então seria o feminino, tá? Como é a fecundação. Então, é isso. É, então nós vamos, a gente trabalha todo sábado, então a nossa... muita gente vem pensando que é umbanda, né? A gente explica. Às vezes as pessoas não entendem. Muitas frequentam por um tempo, porque a gente evita dar essa conotação de pronto socorro da umbanda tá? A gente coloca mais como quem procura um caminho espiritual, certo? O, não é uma crítica da umbanda, é uma constatação. A gente sabe que é umbanda, nasceu um

pouco para isso. Com o Zélio, continua dessa forma, mas existe o pronto socorro e também existe a universidade. A gente prefere ser é uma escola para ensinar as pessoas, sabe, para as pessoas. A nossa sua missão é... é auxiliar os seres humanos a descobrir e expressar o seu potencial Divino neste mundo. Porque, se você já frequentou a umbanda, você sabe que a maioria vai procurar para resolver, resolve os meus problemas, tá? E isso é uma questão do do, da assistência da umbanda. Não dá umbanda em si. A gente tem amor, super amor pela umbanda. Acho que falei demais já, mas só pra você entender o contexto.

Entrevistador

E quando você saiu do kardecismo para entrar para umbanda? Quais são as ações que você teve que te levaram a fazer isso?

Entrevistado

Olha, é o kardecismo, é uma religião muito boa, é... na questão dos conceitos, né? Não existe um ritual. Eles são totalmente avessos a se chamar de ritual. Não tem imagem, não tem nada, né? E você lendo os livros, principalmente do André Luiz, a gente sempre tem um, um, uma impressão de que nunca vamos chegar lá, sabe? A gente nunca vai chegar nesse processo evolutivo. E o que me chama atenção na na umbanda, que é diferente da umbanda que eu conheci de criança, que é a umbanda que... Você conhece o santuário da umbanda lá é... no ABC?

Entrevistador

Não, não conheço.

Entrevistado

A umbanda mais antiga é uma umbanda, muitas vezes que não usava atabaque, não fala de orixá, né? Muito baseado em guia, né? E daí, não tem muita, muita explicação, não tem... pouca coisa. E daí, frequentando esse outro terreiro que existe na Mooca, ele fica na Mooca. É... o que me atraiu muito é a questão dos orixás. Então você tem uma energia que te abençoa na vida para a sua missão daquela vida, e aí não existe um conceito de uma linha evolutiva única que é o kardecismo, né? Então, assim, se a gente colocasse, é... orixá, tudo bem, posso falar Orixá?

Entrevistador

Claro

Entrevistado

Então se a gente colocasse como modelo do kardecismo, é Oxalá, né. Mas a gente sabe que tem Olgum que é guerreiro e é menos, entendeu? Então, essa questão eu sempre me senti assim inadequada para o kardecismo. E na umbanda, quando eu comecei a estudar, conhecer um pouco de orixá, eu me senti mais em casa, tá?

Entrevistador

E hoje vocês têm os orixás no panteão?

Entrevistado

Sim, o nosso panteão é único exclusivamente de orixás, tá?

Entrevistador

E quais orixás vocês, vocês cultuam? Os mesmos da umbanda ou já é mais aberto, como o candomblé?

Entrevistado

A gente cultua além das 7 linhas do, da desses 7 tronos principais, né, que o Rubens acabou de instituindo. Então a gente inclui Ogunitá, que abrazeirou e Logunedé e Ossain, porque existe um, um perfil assim de.... E Ibejis também né, mas é que a umbanda cultua Cosme e Damião, né? [Marido responde no fundo: mas o Saraceni não coloca]. Ah, é o Saraceni não coloca Ibejis, é verdade. Existe em uma, um arquétipo principalmente para Logunedé, tá, que as pessoas acabam... Que orixá vai colocar ali, né? Que orixá que está mais próximo? Não é Xangô, quer dizer, tem um perfil até físico parecido com o Xangô, mas não é Xangô, é Logunedé mesmo, então a gente é por questões até arquetípicas, a gente também trabalha com o Logunedé.

Entrevistador

Otimo. E pra você hoje, qual que é a importância dos orixás na estruturação de tudo, energética, da religião, de tudo?

Entrevistado

Da nossa?

Entrevistador

Sim.

Entrevistado

Então, se eu fosse colocar para você pela cabala, vamos dizer assim, né? Então você tem uma energia criadora, tá? Você tem deus e deusa e, a partir da emanção Deus e deusa, vem os orixás. Já com uma característica entre, se a gente considerasse a parte técnica, são elementares da natureza, tá? Regendo o aspecto da natureza, mas como arquétipos, eles teriam, então, partes femininas masculinas, as suas personalidades. E a gente vivencia a nossa vida, é... trabalhando os arquétipos dos orixás, além das energias da natureza. Óbvio. Tá? Mas a gente estruturou a nossa, toda a nossa teologia através dos arquétipos. E aí, daí a gente consegue é... trabalhar, por exemplo, questões de relacionamento através de arquétipos, nós já fizemos curso para, uma palestra para professores, como é que você identifica a turma com os arquétipos dos orixás. Então, além da parte devocional que é essa questão, fé, amor e tudo mais, é... os arquétipos, por serem vivos também né? Porque no Brasil os orixás estão vivos. Acredito que no mundo tem ali, tem religiões nórdicas, né? Tem os santos católicos e os orixás. Eu acho que estão muito vivos. Os demais acabaram ficando mais parados entre aspas, porque, dificilmente alguém cultua, por exemplo, o panteão egípcio. As pessoas gostam, mas cultuar mesmo, estar ali naquela vivência eu acredito que se forem são poucas, tá? Então a gente adotou mesmo os orixás.

Entrevistador

Ótimo. E as dinâmicas, vou falar dos 2, tanto do terreiro e o de vocês para conhecer mais essas diferenças, mas vocês têm festas ritualísticas igual tem na umbanda? Festa de orixá, essas coisas.

Entrevistado

Tem homenagem, é muito simples, é... Nós optamos pelo simples só, então a gente tem homenagem, sim. Põe, faz uma oferenda, canta a música, tá? É, é, é, é diferente do candomblé. O candomblé é mais luxuoso.

Entrevistador

Sim, o candomblé mais luxuoso, são grandes festas, né? E que importância é que você vê tanto para a sua vivência quando estava na umbanda quanto hoje é... dessas festas? Pro terreiro, para energia, para tudo.

Entrevistado

Olha, a festa é um momento de louvação exclusivo para aquele orixá, né? É o momento de você contar o mito, de você revivificar o, o, a energia do orixá, né? Então você agradece, você pede, você se concentra naquela energia. Quem não conhece, as vezes, se conta alguma coisa daquele orixá. Então é o momento de aproximação, tá? No instituto Ubiratã, que é o nosso instituto, e a Hierosofia é a religião, né, do instituto, a gente é evita, por exemplo, é... logo que a pessoa entra em falar de pai de cabeça, a mãe de cabeça, porque a gente entende que o todos os orixás são importantes na sua vida, tá? Então, se a pessoa foca, ai só gosto da minha mãe de cabeça, eu só gosto do meu pai de cabeça ou se dá a todas as desculpas porque é filho desse orixá ou daquele orixá, entendeu? Então é a festa é sempre um momento de você reconectar, não é não que a gente desconecte, mas dá aquela, enche o reservatório de energia assim, enriquece as pessoas, e de aproximação.

Entrevistador

Otimo. E como que as pessoas chegam hoje para o instituto?

Entrevistado

Nós somos, nós moramos em Santa Isabel, então, muito hoje em dia é por indicação, alguém que indica, alguém que fala, alguém procura, passa na frente e vê a placa. Isso é bem menos para falar a verdade, porque a gente não está muito perto da cidade 1 km e meio. Então pessoas que a gente conhece, que acabam vindo, trazem outras pessoas, mas é é um... a assistência é pequena, tá? A hierosofia nós temos são 4,5,6,7, 8 trabalhadores, mais ou menos, até nosso espaço físico é pequeno. Nós temos assistência que gira entre 10, 15, às vezes mais pessoas, tá? As

peças que frequentam fica mais ou menos aí, pelo uns 10, 12. Até porque a nossa proposta, quando você tem a proposta de não ser o pronto-socorro para não atender problema, aí fica quem realmente está querendo uma transformação, alguma coisa interior, né, não é todo mundo que fica.

Entrevistador

Com certeza. É isso que eu ia perguntar, como que é a rotina hoje? Se você tenha aberto ao público, fechado?

Entrevistado

É aberto ao público, é aberto ao público. Aberto ao público, é gratuito e totalmente gratuito. É... todo sábado, né? Exceto, por exemplo, perto de feriado. Se é um feriado na quinta e... às vezes a gente faz na quinta pessoa poder viajar as vezes na sexta, sábado, domingo. É uma vida que você tem dedicação exclusiva, não adianta, é o seu sábado, é seu sábado. A gente trabalha de sábado, hoje em dia, tá?

Entrevistador

Durante todo o sábado ou na parte da tarde?

Entrevistado

Todo o sábado não, à noite. É.. nós temos outras atividades que ocorrem lá. Cursos é vivências com Ayhuasca, vivência com o rapé, né? A gente considera, nessa questão da religiosidade, como eu te falei, até por ter uma questão do orixá até mais ampla, né, os arquétipos, então, por exemplo, o meu marido tem um grupo de ele dá aula de defesa pessoal, capoeira, então é parte do Ubiratã, sabe, porque você está expressando o seu potencial, está trabalhando a sua violência, né, a sua energia. Então isso também acontece ao sábado, então a parte mais hm ritualística é sábado à noite. Aí vai depender muito da agenda do mês.

Entrevistador

Claro, até mesmo pelas datas, pelas todas as outras questões envolvidas, né? Mas normalmente é uma vez por semana, aos sábados.

Entrevistado

É, isso é sagrado, não tem jeito. E nós temos no nosso espaço, o instituto, ele é, às vezes, grupos diversos, de diversas religiões diversas as vezes usam ele. Eles pagam uma pequena taxa para usar, porque a gente tem parte, uma área verde, né? Tem uma cachoeira, tem fogo de chão... Então, muita gente que às vezes precisa fazer uma oferenda, fazer um trabalho de grupo, usa um espaço também.

Entrevistador

Legal. E hoje ele é um espaço à parte ou ele é da sua casa?

Entrevistado

Não, não é na minha casa, é a parte. É a parte. É um terredo de uns 6000 m<sup>2</sup>, mais ou menos, que é um terreno anexo ao sítio do meu sogro e da minha sogra, e a gente tem um contrato, né, tem um contrato de de comodato por um pra nós, sem sem prazo, para utilizarmos.

Entrevistador

E vocês têm algum tipo de obra social?

Entrevistado

É, é, não, nós temos. Temos os cantores da Alegria. É verdade, desculpa. Tem um grupo vocal que é o cantores da Alegria, que faz apresentações a cada estação. E aí se arrecada alimentos e roupas, tá? A gente é diferentemente do kardecismo. Eu, particularmente, sou um pouco mais radical com isso, eu não gosto de tudo muito do assistencialismo, sabe? Porque as pessoas ficam dependentes e tudo mais. Então a gente tem um grupo, um lugar em Arujá, que é a cidade do lado, que é um trabalho de pastores que faz recuperação de dependentes químicos. Então a gente costuma levar os alimentos e as roupas que eles fazem bazar. A gente gosta de levar para lá, tá? Teria os índios também, que nós conhecemos ali de São Paulo, o Guarani, lá no pico do Jaraguá. Mas é, é um pouco longe. Às vezes, para levar lá fica complicado. Eventualmente, alguma família que a gente saiba que está precisando, aí se leva, tá?

Entrevistador

Sim, mas é mais focado nessas instituições, mesmo, né?.

Entrevistado

Isso, numa instituição. Nós mesmo não atendemos ninguém. Não é diretamente nós, tá?

Entrevistador

Sim. E...Bom agora, pensando um pouco no seu tempo da umbanda. Eu gostaria de saber como que foi essa entrar na religião, o que é que você sentiu? Se você já sentiu algum tipo de hostilidade ou hospitalidade em um terreiro ou por pessoas que sabiam que você frequentava um terreiro? Como que foi?

Entrevistado

Fora fora, tem bastante hostilidade. Dentro do terreiro ou fora?

Entrevistador

Os dois, tanto dentro como fora.

Entrevistado

Fora bastante. Quando a gente morava em São Paulo, principalmente o meu marido, ele passava na rua, tinha uma senhora que morava na nossa rua que depois que ele passava lá, ela cuspi no chão.

Entrevistador

Nossa.

Entrevistado

Toda vez. Tipo, para limpar e tal. Então isso tem mesmo, tem. Eu não sei se eu vou chamar isso de hostilidade ou se vou chamar preconceito, mas tem, né? Receber carta, "vocês que servem esses demônios". Carta com com coisinha de de, de de de bênção evangélica, tem, tem sim. É... dentro de terreiro, hostili... a gente visitou já muitos terrenos, né? Nunca senti hostilidade.

Entrevistador

E hospitalidade, já?

Entrevistado

Ah, geralmente os terreiro são muito hospitaleiros. Sabe, nós já fomos convidados assim para ir em festa de Cosme e Damião aqui na cidade, super bem recebidos. Meu filho mais velho é médium, trabalha desde os 4 anos.

Entrevistador

Nossa, desde novinho.

Entrevistado

É, então convidaram ele pra até pra se ele quisesse incorporar para atender, sabe? Muito bem recebidos mesmo. A gente já foi em terreiro de, em terreiro... tinha um lugar muito bom aí em São Paulo que meu cunhado, que é kardecista, ia, que é um lugar que era de cura. Nós fomos visitar, super bem atendidos. O guia, obviamente sabia quem a gente era, brincou com a gente e tal. Fomos muito bem atendidos. É, e... geralmente a hostilidade é... ou o preconceito, né, que que gera hostilidade, ele acontece em quem está na, nana hierarquia, eu vou falar assim mas não sei se vai ficar preconceituoso, mas na hierarquia mais baixa, sabe? Pai de Santo, médium geralmente não, não tem esse preconceito mesmo com pessoas de outras religiões. Tem um pastor aqui da cidade que uma vez encontrou com a gente e falou, ah, são vocês, que legal, não sei o que, e e as pessoas que vão na igreja dele não gostavam da gente. Mas ele achava legal, quis conversar “à o que que vocês acham disso?, o que você pensam daquilo?”, sabe? Então, são são coisas mais localizadas, eu acho, na na nas pessoas que muitas vezes, não conhecem, desconhecem, e aí acabam tendo comportamentos mais hostis.

Entrevistador

Sim, isso mudou hoje? Ou continua similar essa questão com vizinhos, essas coisas?

Entrevistado

A gente não tem vizinho, né? Não tem vizinho aqui, é... não tem, porque é parte de verde, e... Talvez tenha quando as pessoas vêm a nossa tatuagem. Eu tenho uma tatuagem na testa. Meu marido tem uma tatuagem na testa dele, ainda é mais gritante que a minha e às vezes as pessoas têm uma reação assim muito por causa da

tatuagem, né? Na cidade, muita gente sabe que a gente é da do instituto, algumas pessoas olham feio, mas olhariam feio, mas não, não, não, vai olhar e eu nem vou perceber, porque também a gente não procura, tá. Então, não sinto isso.

Entrevistador

Ótimo. E durante essa pandemia, qual que foi o impacto no instituto?

Entrevistado

Nós trabalhamos escondido.

Entrevistador

Mas com o trabalho aberto ao público, o pessoal continuou frequentando?

Entrevistado

Aberto ao público. Continuou com uma certa é... discricção. Né? Porque depois teve uma porque as pessoas estavam denunciando e aí, como a gente toca atabaque, é o sítio da minha sogra. Eu falei, né? O nosso instituto, é um anexo do sítio da minha sogra, no sítio da minha sogra tem um salão de festas, tem um portão fechado e então a gente trabalhava no no salão de festa dela, né. É mais amplo, com mais janela, etc, e aí a gente continua atendendo, tá certo?

Entrevistador

Você acha ou como que você vê essa dinâmica com pessoas externas? É fácil elas chegarem, como que elas chegam até o instituto é... em questão de sentimentos mesmo?. Elas estão abertas, elas estão fechadas. Elas têm curiosidade, elas têm medo.

Entrevistado

Tem, muitas vezes as pessoas têm medo. É, muitas vezes tem muita gente que vem querendo que resolva o problema e também vem 1, 2 vezes depois não volta mesmo né?. Em geral, as pessoas elas estão muito focadas na na sua própria vida, no ego, né. Então ela quer ser servida pela religião. Não quer servir uma religião, não quer servir o orixá, não quer... É.. a pessoa quer, à chegou aqui, quero ser atendido rápido, fácil, quero ir embora e, de preferência, ouvindo elogios, né? Ou que resolvam

exatamente todos os meus problemas. Isso é muito mais comum do que uma pessoa chegar e falar, poxa, olha, eu vim conhecer, estou procurando um caminho religioso, isso é muito raro de acontecer, tá? Eu vou falar para você, que assim, de lá eu sou a pessoa, entre aspas, a mais hostil nesse sentido, né? Eu sou dirigente dos trabalhos, então eu procuro também deixar claro, a gente procura deixar claro para as pessoas não perderem muito seu tempo, né? Que está querendo conhecer, mesmo que seja conhecer, puxa, olha, eu queria conhecer uma religião diferente, à vontade, tá? Mas essa dependência das entidades, achar que o orixá é meu, que o orixá vai fazer tudo para mim, aí a gente não não valoriza não, tá.

Entrevistador

E como que é a sua relação com as pessoas que frequentam, que trabalham lá?

Entrevistado

Olha, a maioria das pessoas a gente acaba, é... praticamente convivendo, né, assim, tem uma das trabalhadoras que ela quer ser sacerdotisa, namora meu filho mais velho, né? Tem uma outra... Aí, por causa do grupo de cantores do cantores também é... eu não participo porque eu dou aula, então não consigo estar lá, mas aí eles se vêem uma vez por semana, sabe? Então é uma coisa próxima, é, é, é mais aproximado, não é distante. Tem um grupo que é um grupo de improviso, que o meu, que meu filho faz parte e eles frequentam, então às vezes tem dúvida. Olha, hoje, agora mesmo, agora há pouco, uma moça que foi no sábado que é vinda. Ela mora em Minas, mas é desse grupo. Uma menina, na verdade, ela tem 15 anos. Ela perguntou: ah, o guia m passou um negócio para fígado, qual que será? A senhora sabe a receita?". Então as pessoas acabam perguntando, procurando todo o tempo.

Entrevistador

E vocês têm um contato próximo também com quem frequenta.

Entrevistado

É esses

Entrevistador

Como esse último exemplo, né? E como que eles entram em contato? Eles vão lá, eles mandam mensagem?

Entrevistado

Geralmente, semana passada uma pessoa me mandou uma mensagem, ah eu queria conhecer, como é que eu faço para ir? e a gente explica, tá? Muitas vezes as pessoas, praticamente quase toda semana, principalmente pro meu marido que ele fica, frequenta mais a cidade, já que a gente mora afastado da cidade, alguém “aí eu vou lá” e não aparece, isso é comum, né?

Entrevistador

E para você, qual que é a importância de documentar os rituais, os acontecimentos, a... O que acontece no no instituto?

Entrevistado

Olha, eu documento batizado, a partir do momento que a pessoa batiza, eu pego a data de nascimento, padrinhos. Depois de 6 meses de batizado, pode pedir confirmação. Aí é pai e mãe de cabeça. Às vezes ancestri, mas nem para todo mundo falo ancestry. Eu anoto quando é médium, que vai desenvolvendo, as entidades vão dando o nome. Eu anoto tudo no mesmo caderno, tá? Isso eu acho importante. Até porque eu vou falar para você, Às vezes eu tenho afilhado que eu falo, gente, esqueci, eu preciso olhar meus afilhados às vezes, quem são, né? Tem um turnover e tudo mais, né? Então isso é um documento. Teve uma época que eu documentava quase toda gira, depois eu parei. Porque a gente tem uma parte doutrinária, tem uma parte preleção que as pessoas fazem perguntas, a assistência fazem perguntas e alguém que sabe, responde. E depois a gente tem, quando acaba o atendimento dos guias, os próprios guias fazendo uma doutrinação. Que a gente considera que ela tem que ter um nível maior, porque o povo de dentro tem que perguntar. Então seriam os dois momentos, do iniciante e o momento mais adiantado, tá?

Entrevistador

Legal. E você, costuma tirar a foto, o vídeo, algo assim? Live tem muita gente faz live hoje em dia.

Entrevistado

É, tem gente, a umbanda está com bastante live, né? Tocando... Não, não. A gente não faz, a gente faz alguns cursos que se dá, se grava mais, não, não, não tenho.

Entrevistador

E pra finalizar, o que é que a espiritualidade para você?

Entrevistado

Nossa, espiritualidade?

Entrevistador

Ou religião pode ser um dos 2, pode escolher, por que é diferente, né.

Entrevistado

É, é bem diferente. Olha, a religião é um caminho espiritual que você escolhe. É... Para conviver com pessoas que têm o as mesmas, é..., vamos dizer assim, as escolhas das crenças, porque a teologia é uma escolha, né, não, não depende da fé. Tem a mesma, acredita nas mesmas coisas que você, né? E para você exercitar sua fé. Aí entra a questão do religar ao sagrado, né? E e aí, para você entender melhor aprimorar isso tudo passa a ser religião. Então tem uma parte social que é o convívio com pessoas, apesar de que a gente ir lá no instituto, a gente é é não faz nada pelo social, assim tipo “a eu estou, eu vou falar isso para agradar” não tem, tá? Nós, nós bancamos tudo para a gente não precisar depender da assistência. E aí se você fala palavras duras as vezes para assistência, você perde também o o a sua colaboração, tá? Então é a gente e financia. Não é barato, mas a gente que faz. E a espiritualidade para mim, é uma dimensão da vida, né? Então nós temos a vida material. A vida física do corpo físico e a vida espiritual, que precede, né, a vida física, porque primeiro a gente tem a vida espiritual. Se pensar que para nós, a gente acredita que você fica às vezes 200 anos fora do corpo físico, depois encarna e fica o que? 80, no máximo 90. Então a nossa, a nossa, nós somos seres espirituais, né? Seria o a espiritualidade esse conjunto de da vida que se tem, que não, não está materializada. E quando você está materializado, você tem um contato com a vida espiritual da mesma forma, através de sonho, através de vivência e tudo mais.

Entrevistador

Ótimo, muito obrigada. Ele tem alguma coisa que você queira a adicionar alguma informação que você acha importante?

Entrevistado

Pensando em hospitalidade, hostilidade é.., você deve pelo pelas suas expressões acredito que você frequente terreiro, né?

Entrevistador

Sim

Entrevistado

E eu não sei do lugar, a gente assim sempre é, observou, olhou que sempre se considera que a casa é do orixá ou a casa é dos guias do guia-chefe, os guias, né? Sim. Então, mesmo que seja o seu espaço pessoa, a gente cede a vez de anfitrião para orixá e para a guia, né? Então, nesse sentido é interessante observar essa hospitalidade, né. E até ao próprio médium, né, se preparar para receber o que vem de fora. Isso está na minha

dissertação de mestrado que é o o que passam a ser os anfitriões, né? Então acho que a, a umbanda, ela tem na sua natureza a hospitalidade. Na forma como ela nasceu, na forma como o Zélio, principalmente o o Zélio Fernandino de Moraes conduziu à... Nunca, poucas vezes, né, nem sei dizer para você quantas vezes, confirmar qual e se realmente vi pessoas serem mal atendidas ou mal recepcionados, a não ser que a pessoa é... lá a gente no instituto, a gente tem 3 questões. Humildade, respeito e fé. Não pode faltar com nenhum dos 3, sabe? Porque tem pessoas que chegam e, e acham que... que está faltando com os 3. É um espaço religioso, tem que ter a mesma, o mesmo respeito. Como você vai em qualquer outra religião. Já fui se religião muçulmana, acho que a gente só não foi em em sinagoga, mas a gente já foi muitas religiões. Então o respeito tem que ser o mesmo em qualquer lugar. Então acho que essa questão da hospitalidade é uma vocação da da umbanda, principalmente. É isso. Eu te falei muito, né? Sou professora, sabe, professor começa a falar, não para nunca mais. Mas é isso.

## Apêndice g – transcrição da entrevista 7

Entrevistador

Se eu tiver alguma pergunta que você não sente à vontade, a gente pula, não tem problema nenhum, tá bom?

Entrevistado

Tá bom.

Entrevistador

Bom, então, primeiramente, eu queria que você me contasse um pouquinho. Qual que é a sua trajetória na umbanda?

Entrevistado

Um... bom, eu, os meus pais, na verdade, o meu pai foi iniciado, né, na umbanda. Quando ele tinha mais ou menos uns 14 anos, hoje ele é um senhor de idade de 74. E isso, na verdade, iniciou lá é... no tempo dos avós, né, dos bisas, e tal. Aí ele casou com a minha mãe. E a minha mãe não aceitava muito a umbanda, mas assim, pelo desconhecimento, na verdade. Ela tinha receio, tinha medo, né? E passaram por vários por várias situações depois que eles se casaram. Até que ela precisou, né, de uma ajuda espiritual, é... digamos assim, um pouco mais específica, né, não tinha para onde correr, digamos assim. E então é... ela conheceu outra linha, na verdade, ela conheceu a mesa branca e,e... Eles conversaram um dia e ela falou, olha para mim está tudo bem, eu me encontrei e eu acho que é você também deve seguir. Porque na verdade ela, ela dificultava um pouco a ida dele até lá, né? E e por um tempo, ele deixou de ir, né? E ele conta isso emocionado até hoje, porque ele disse que um dia ele chegou da fábrica e ela tinha passado as roupas dele. É... ela era cambone dele, né, em casa. Então, quando... é porque assim o meu pai, é... quando eu era pequena, ele trazia os guias em casa, né, só que ele só trazia, ele tinha as firmezas, tudo certinho em casa e ele só trazia quando algo saía do controle, principalmente quando era algo relacionado aos filhos, né? E mesmo ela não gostando mesmo, ela não aceitando, ela acabava camboneando ele, né? Então ela tinha permissão para manusear as guias dele, enfim, então nesse dia ele chegou e estava tudo muito pronto ali em cima da cama, aguardando ele.

E aí quando eu era pequena, eu tive essa, eu não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas eu me lembro por muitas vezes, é...dos guias virem até em casa. E depois de um tempo, agora eu já não sei quanto tempo mais assim porque, como eu disse, eu era muito pequena, mas assim ele benzia, as pessoas, né? O pessoal da comunidade. Então, eu também tive essa percepção de que as pessoas iam até ele pra esse benzimento e as pessoas é... relativamente se sentiam bem, né? Eu vi ela saindo melhor do que elas entravam em casa.

Entrevistador

E hoje você frequenta você, você é médium?

Entrevistado

Eu sou médium. É... um pouco resistente, digamos assim [risos] Um pouco resistente. Acho que a personalidade também, porque é... Eu passei por 3 terreiros né? Eu já fui visitar vários, vários, vários, vários, mas é porque, assim, na minha cabeça eu achava que quando eu fosse realmente encontrar e conhecer umbanda, o meu pai estaria comigo. E isso não aconteceu. Porque ele já estava em outra, em outra situação, ele já não queria mais trabalhar na umbanda. É... ele tem um altar dele até hoje, ele faz as as rezas, acende as velas, mas ele não traz mais os guias em terra, né? E ele decidiu que ele não iria mais frequentar nenhum lugar. É, é... já tem... isso, eu tenho, estou com 33. Eu acho que ele começou a distanciar com os 15, eu tinha uns 15 anos, até então eu ainda achava que ele iria comigo, né? Aí, quando eu percebi que isso não ia acontecer, então foi quando eu fui para o primeiro terreiro, fora da minha casa, né? Com uma, uma amiga e foi quando eu tive o primeiro contato com o exterior, né? E aí é... eu fiquei para conhecer. Passei, olha, eu falei 3, mas foi 4 agora, agora que eu lembrei que foram 4. Então eu iniciei ali com 16 anos, fiquei pouquíssimo tempo nesse primeiro terreiro. Aí, é... Eu não sei, a.. lembrei por quê. Porque eles trabalhavam com a magia, né? Então eu não entendi aquilo e eu, eu não entendi o fundamento da magia e eu não queria estar ali. Então eu fui buscando outras opções. Então eu fui para, para vários terreiros, né? E todas as vezes que eu ia visitar, eu chegava e conversava com ele, perguntava tudo. E ele é... dizia o quanto era importante eu ir com uma pessoa de confiança para entender mesmo que eu estava indo num lugar bom. Porque é você entra e você doa sua energia e você não sabe de fato o que está acontecendo, né? Então, essa era a preocupação dele. O segundo o

terreiro, na cidade de Suzano eu fiquei bastante tempo lá, fiquei, ficaram 4 anos. É... e no finalzinho também eu não, eu já não estava me sentindo bem. Não pelas pessoas, mas era por mim mesmo. Parecia que ele já não era mais o meu lugar. Então isso era um ensinamento dele, né? Saiba entrar e saiba sair. Então eu agradei pela oportunidade e saí. É, mas de vez em quando eu vou visitar todos esses, de vez em quando, quando eu sinto no coração, eu vou visitar todos esses. O terceiro eu também fiquei por um, por 2 anos, aí já na cidade de São Paulo. É... também foi da mesma forma, no finalzinho, também já não estava me sentindo legal, pedi licença e recentemente estive lá, tem 3 semanas que eu estive lá. E aí eu fiquei muito tempo sem encontrar um lugar, né, e isso foi me preocupando um pouco. Eu falei, por que eu não encontro meu lugar, né? E eu pedia muito nas minhas orações que eles me encontrassem, me mostrassem um lugar, mas eu queria, eu queria... ainda era exigente ainda, eu queria um lugar aberto, né, porque eu não queria, eu não queria estar numa casa fechada. Eu queria estar num lugar aberto. E aí, um dia eu vi uma moça que estudou comigo lá colocando uma foto, me chamou atenção, nem falava com ela mais. Eu peguei e mandei mensagem pra ela perguntando se ela podia me levar lá. E aí ela falou, Claro. Quando eu cheguei, era como se eu já tivesse, como se eu já tivesse lá. Eu falei, eu já vim aqui, né? Então, eu fiquei também bastante tempo. Agora eu estou mais, eu pedi licença, na verdade, dessa casa é... porque é muito entrega sim, né? É muita responsabilidade, não dá para fazer as coisas de qualquer jeito, é... lá tinha que chegar às 15 e eu não conseguia chegar às 15 e eu não me sentia bem com isso. E por questões pessoais também. Porque os meus pais, eles são idosos e hm... eu pretendo ficar com eles o, o quanto, assim, o máximo que eu puder. E eu achava que eu estava é... ficando muito longe deles enquanto eu estava me dedicando a umbanda, né? Então hoje eu estou indo na assistência, mas, é... agora, falando de acolhimento, né porque, como eu disse para você, eu eu visito, revisito esses lugares aonde eu passei. E o saber entrar e o saber sair é importante. Porque, hm..., eu estive agora nesse último, né, que é o eu vou falar de Guararema, porque daí fica mais fácil, sabe? Eu tive, eu estava em uma loucura aí de mestrado, lendo as coisas e eu falei assim um dia, eu falei, bom, eu vou, mas eu preciso levar os meus livros, porque eu quero estar ali, mas eu não posso deixar de fazer o que eu preciso fazer. Então eu sentei num banco lá é... bem longe do da gira, para não desfocar mesmo as pessoas e eu continuei ali fazendo os meus resumos, né. E, e o pai de santo, na verdade, ele já estava incorporado com o marinheiro, e ele veio até

mim e ele me cumprimentou, né? E falou, “minha filha, que bom vê-la, né? Eu sei que você se distanciou e pediu licença, né? É por questões mesmo de estudo e de trabalho, mas é muito bom vê-la, né?”. Então, assim, eu percebo que você mesmo não fazendo parte ali da corrente, você é visto como filho, você é tratado como filho, né, um carinho e um respeito. Eu ver, eu acho que também é pela forma como o ser humano conduz a situação. É como você entra e como você faz. É o respeito. Mas é... enfim, eu vou lá e eu me sinto muito bem em todos esses lugares.

Entrevistador

Ai, que bom. Fico feliz em saber isso é realmente muito bom quando você volta para um, para um terreiro que você frequentou antes e continua essa mesma energia, assim, nessa mesma troca. E que que é umbanda para você?

Entrevistado

Olha, é muito difícil definir. [risos] Essa pergunta vem bastante quando a.. as pessoas, elas sabem que você frequenta ou que você vai, mas elas não conseguem compreender, né? Às vezes chega até com um pré-julgamento, né? Eu já ouvi dizer isso, eu já ouvi dizer aquilo, e na verdade, eu me enrolo um pouco para explicar. Porque na verdade, eu acho que é umbanda, ela é muito mais um sentido, né? Algo que você sente, do que algo escrito, né, do que do que as leis, do que as regras. Enfim, eu vejo ali uma grande comunidade, um grande grupo de pessoas, que tem um propósito, a fé e a caridade né? Então, é... além daquela exigência, né, básica que eu queria estar num lugar aberto, próximo da natureza, eu também queria algo que fosse assim que pudesse é... trazer um benefício a mais para a comunidade. Esse último terreiro, eles faziam, fazem, fazem né, ações comunitárias então, ham..., eles recolhem alimento, eles recolhem roupa, eles fazem vários tipos de doação para a comunidade, mesmo que ela não faça parte é... da umbanda, né? Então pra mim é isso, a umbanda é uma comunidade, é... que presta caridade.

Entrevistador

Ótimo, ótima definição. Aí eu vou fazer algumas perguntas, você pode escolher qualquer um desses últimos terrenos que você frequentou, tá bom? Como que foi... talvez o último que você esteve mais presente agora, no mais recente, né, como que era a dinâmica da casa tinha oferenda? Tinha orixá?

Entrevistado

Tinha. É assim, bom, eu entrei ali, eu já entrei na corrente sim e eu não passei por por pelo processo de camboniari, né? Eu já entrei como médium da linha. Então, assim é um pouco difícil de entender quando os guias chegam, porque daí você fica meio, é como fala, aéreo, né? Sim, mas basicamente era assim. Você tinha que chegar mais ou menos umas 15 horas aos sábados e aí já estavam algumas pessoas é... ali, na verdade, não tinha uma regra de horário, mas eles colocavam esse horário para que as pessoas se situassem, digamos assim. Então começava a limpeza mesmo do ambiente, tanto físico quanto o energético, né? Então é ali era onde eram colocado as imagens, eram acendidas velas, feitas firmezas é... e mesmo as o espaço físico né. Mais ou menos umas 18 horas chegava uma boa parte, então ali, dos dos dos irmãos, né? Então é.. a gente ficava o mínimo possível de contato, assim, como fala, na fala, né para, para não dissipar a energia que estava sendo entregue ali e quando esse trabalho começava, às 19 já estava tudo pronto, né? E aí, então a gente fazia a, a grande roda. E aí o pai de Santo conduzia todo o trabalho junto com a mãe de Santo, né? É... eram passados alguns preceitos antes do início desse desse trabalho. Então na sexta-feira, principalmente, era o preceito, os preceitos é... fundamentais, digamos assim, não é, não era sair depois das 10 no horário, em um local público, de preferência, fazer o os banhos e acender as velas do anjo de guarda. Então, na verdade, esse preparo ele era feito antes do, antes do trabalho, né? Antes do fato, ali é... Enfim, acho que era isso.

Entrevistador

É ótimo. E tinham festas, festas dos orixás?

Entrevistado

Sim, então a última festa que eu me recordo que eu estive presente, deixa eu ver.[hesitação] Agora eu fiquei um dúvida. Ham, não, eu acho que não foi o orixá não foi festa de orixá, na verdade, foi festa de... das crianças. Das crianças de Cosme e Damião foi a festa que eu fui. Mas eu acho que teve uma antes. [pausa] a... foi foi a dos malandros. Aham, é festa dos malandro. Agora a festa de orixá eu nunca vi nessa casa não, mas é ali eles traziam, né, alguns orixás, então é é.. de fato tinha alguma alguma manifestação assim. Mas... é que cada lugar que você vai demora um tempo

até você entender o processo, né? Por exemplo, essa última casa que eu estive, o nome dela é Oxaguiã, nas outras esse termo, né, esse esse ser, ele nunca foi chamado. Então, assim, foi novo para mim, né? Então tinha muita coisa nova aí que eu ainda ia descobrir, digamos assim.

Entrevistador

Com certeza. E você... Nos terreiro que você passou, agora de forma geral, tinham estudos mediúnicos, estudos de desenvolvimento?

Entrevistado

Sim.

Entrevistador

E como é que era?

Entrevistado

Nessa nessa última não. Mas nós anteriores sim. Então você e a. é... em 1 dia diferente. É porque assim, vamos lá, era dividido em, digamos, em etapas, quando lá no início, não é? Então teve casa onde era mais teórico, então era marcado um dia na semana para que você entendesse mesmo os os fundamentos. Mas isso não era algo. Por exemplo, não era uma cartilha onde abriam e iam seguindo. Era como se fossem surgindo as dúvidas dos médiuns, dos iniciantes, digamos assim, e a mãe de Santo ou pai de Santo ia explicando, né? Então, por exemplo, por que eu tenho que acender a vela branca? por que que eu tenho que acender a vela verde? Assim, era algo mais específico, né? Quais são os banhos que eu devo tomar antes de de de é de participar da gira? enfim, eram essas coisas. Aí há passou uma uma etapa também onde era o prático, digamos assim, né, então, era você aprender as energias que você estava sentindo, né? Então também, antes do do trabalho de sábado, é... o trabalho começava lá às 18, então os os os médiuns iniciantes eles chegavam às 17. E começava pontualmente, né? Então, por exemplo, eu estava ali em desenvolvimento. Eu ainda não não tinha sido batizada, então ainda não tinha uma madrinha, nenhum padrinho, mais um médium que já estava coroadado, digamos assim, ele estava ali para me amparar, ele não, o guia dele estava ali para me amparar. Então chegava o guia dele primeiro, a mãe de Santo conduzia tudo, mas é aquele médium que tinha mais

experiência, era aquele que me conduzia. Então, é... era muita conversa, na verdade, né? Então ele pedia para às vezes, muitas vezes, para fechar os olhos, para emanar as boas energias, tentar sentir e deferir a imagem, a imagem não o,o a energia que estava chegando, hm... e aí, quando chegava de fato o 'mé', o guia, por exemplo em mim, ele encostava ou ele chegava próximo porque ainda não era uma incorporação, né? A gente ainda fica meio confuso, não sabe o que está acontecendo, mas enfim, e aí então eu lembro que era perguntado o nome dele e aí era esse grande conflito, né? Não, eu sou eu, né? A Joana. [risos]. Mas assim era um um amor, um respeito muito grande pelo novo, né? Pelo aquele que está iniciando né? Era o segurar mesmo a mão, né para não cair para, para... Nossa era muito legal. Então assim eu passei por esse processo, mas ele era dividido entre o teórico e o prático, digamos assim.

Entrevistador

E nesses estudos vocês chegaram a estudar especificamente sobre os orixás, os guias, sobre as linhas?

Entrevistado

Eu lembro, eu lembro que teve um terreiro onde eu passei que eles explicavam bastante sobre as linhas. Agora eu, me fugiu o termo que ele utilizava. Mas ele... na verdade ele estava explicando a associação, né, do dos nomes dos santos e e como ele se espelhava para umbanda, né? Então, por exemplo, Nossa Senhora Aparecida - Oxum, para que a gente pudesse de fato entender o que era o que estava sendo falado e cantado e interpretado dentro do do culto, digamos assim, né? Isso foi fora, fora do do trabalho, né.

Entrevistador

Nos terreiros que você frequentou também tinham rezas católicas? Porque eu já vi muitos terrenos que tem.

Entrevistado

Sim. Sim. É... mais o pai-nosso em um desses que eu entrei. É... Confesso que eu não entendi muito o porquê da associação no início. Mas assim é... Eu acho que depende muito do acho que mesmo do perfil e do caráter, o caráter não, mas a característica mesmo da pessoa, apesar de não ter entendido, eu também não

questionei. Eu achei que era normal. Se ele estava né falando, era porque era normal, mas sim, teve. E.... Deixa eu pensar aqui, é, e também teve nesse, nesse mesmo terreiro, eles falaram que era necessário é fazer parte da mesa branca e aí eu não quis, porque daí já era outra situação, né? Na verdade, bem simples assim, eu vou te dizer que me dava sono. Enfim, e eu e eu falei, não quero, né? Então assim, claro, eu burlei um pouco as regras dele, né, porque toda semana ele falava para mim, “olha, terça-feira eu tenho que vir na mesa branca”, terça-feira eu tenho que vir na mesa branca e eu não, só aparecer na quinta ou na quarta, porque na quarta era era o desenvolvimento, né? Mas teve sim.

Entrevistador

E já teve algum também, porque também tem o outro lado, né, que alguns tenha Prece de Caritas, que é do espiritismo.

Entrevistado

É que é nesse caso. É. É que neste caso, aí eu ficava sem entender, né, porque... Mas assim, talvez foi uma resistência boba da minha parte, né? Talvez eu deveria ter ido, mas é por causa da idade também, né? A gente não entende e fica resistente a tudo, enfim, mas eu não fui [risos]

Entrevistador

Como que você conheceu cada um desses terreiros? Como que você chegou até eles?

Entrevistado

O primeiro foi através de uma amiga. Os os que eu trabalhei né?

Entrevistador

Sim

Entrevistado

É, o primeiro foi através de uma amiga da escola. O segundo, deixa eu pensar... O segundo foi através de uma foto das redes sociais que um dos meus amigos também, que estudava, estudou comigo, postou lá que ele estava lá. E foi da mesma

forma como eu fui nesse último. E esse último também. Na verdade, eu vi a foto da pessoa dizendo que ela estava ali e eu me identifiquei pela paisagem e pedi para que eles me levassem lá.

Entrevistador

E você disse que você conheceu vários terreiro, se trabalhou nesses 4, o que que fez você escolher eles?

Entrevistado

Ai, olha, complicado. É complicado. Se fosse assim, se eu falasse assim, se eu pudesse escolher, eu mesma pudesse escolher, eu escolheria o mais próximo da minha casa, né? Mas não é bem assim, funciona. Tem que ser aonde tem que ser. É.. o primeiro, o primeiro foi na cidade vizinha e foi por confiança, na verdade, né por já ter pessoas de confiança lá dentro e também pelos ensinamentos que o meu pai trazia, né, e sempre falava, “olha, vá com uma pessoa que você confia, vá com uma pessoa que você conhece, não vai em qualquer lugar onde você não sabe”. Enfim. Acho que foi esse foi a primeira, a primeira escolha. A segunda é... É porque assim, no segundo terreiro que eu fui e frequentei, a primeira vez que eu fui, eu senti lá na assistência e eu sentia uma vibração muito grande, e eu falava pra mim mesmo, por favor, não faça isso, é a primeira vez que você está aqui, né, você não conhece todas essas pessoas, enfim, dá pra segurar, né? E não foi assim que aconteceu. Depois, no final eu já não estava enxergando mais nada, quando eu me vi eu já estava lá dentro, né? Então assim, nesse segundo, não foi por uma escolha e sim por pela energia que estava sendo pedido no naquele momento. O terceiro e último, apesar de ter pessoas lá dentro de confiança, na verdade é um elo, né? Você se sentir de fato ligado e seguro por ter alguém ali dentro, né? Mas não é só isso, porque eu já passei, já fui conhecer terceiros, aonde tinha pessoas que eu conhecia e eu não senti nada, né. Então, assim, é a manifestação mesmo dos guias, né? É o ouvir porque eu consigo ouvir enquanto eles falam comigo, eles falam comigo, né? Já fui em terreiro onde eles falam, eles falavam para mim e..., teve um dia que eu fui em um e ele falou assim, “o que você está fazendo aqui?” Aí eu falei, vim conhecer. “É, bom, já que você está aqui, não bebe e não come nada.” né? E já teve lugares aonde ele falou, “gostou? Vou deixar você bem, é bem acordada, digamos assim, é para você prestar atenção

nos detalhes.” Então, assim é um pouco do do sexto sentido e da presença deles me guiando para onde eu devo ir, aonde eu devo permanecer.

Entrevistador

Ótimo. E quais são as suas relações com os pais de Santo, os outros filhos de Santo no terreiro? Como que essa relação?

Entrevistado

Bom com os pais de Santo é..., na verdade, assim eu vejo o pai de Santo ali como um professor. Também né. E eu tenho um respeito muito grande pelos professores, não só porque eu sou professora, mas porque minha mãe é professora e tem todo aquele carinho e toda aquela admiração, né? Então, assim, eu tenho um respeito e um carinho muito grande por eles, né? É... digamos assim, mas o, a minha relação com eles é só ali dentro, né? Eu não, eu não digamos que eu não ultrapasso o limite, né, eu consigo saber até onde eu posso ir. Com os irmãos da casa é, é de diferente. É difícil, na verdade, porque cada um é de um jeito, cada um pensa de um jeito, enfim. O que eu vejo às vezes dos terreiros que eu fui, né, é que existem grupos, mesmo dentro da umbanda, né, existem grupos daqueles que estão a mais tempo e esses grupos são formados por afinidade, né. Você quando entra, você é neutro, então não tem como você entrar num grupo, você está neutro. Você não entende qual é o seu grupo, né? Então para não, não é, digamos assim, é... não entrar em conflitos, em conversas paralelas, digamos assim, eu já adoto uma postura mais neutra. Então eu chego, eu converso, é... eu cumprimento todos eles, é..., mas eu espero muito mais, eu converso mais quando eles vêm conversar comigo do que eu procuro conversar com eles. Ali dentro do terreiro eu eu fico mais, é... mas interna, sabe? Eu não falo muito, eu não interajo muito, digamos assim. Mas são mesmo pelos são mesmo pelos conflitos. Assim, eu acho que quanto menos você falar ali é melhor. Porque são pessoas, entendeu? São pessoas. E como eu estou buscando o equilíbrio, eu não quero me desequilibrar, então eu prefiro não falar.

Entrevistador

Tá certo. Melhor, né? E você acha que todos esses situais que tem no terreiro a giras, as festas, elas facilitam o contato entre as pessoas? Ou não?

Entrevistado

Olha. Sim e não. Na verdade, por exemplo, facilitar entre as pessoas entre os irmãos e os pais do pai de Santo?

Entrevistador

Sim, o pai de Santo e os consulentes quando o Santos abertas.

Entrevistado

É ela fortalece, na verdade, a comunicação entre as pessoas. Ham, quando a gente está falando de consulentes, aí eu acho que abre um leque maior, porque daí podem é... aquelas pessoas realmente elas se sentem parte da da gira, né? Elas fazem, elas percebem que elas podem fazer parte. Não trazendo, não, não, não é trazendo os alimentos, enfim, porque, por exemplo, em festa de Cosme, já tive em lugares aonde os consulentes levavam os doces antes do início das festas, né, para fazer o compa... para compartilhar mesmo com todos, né? Mas não é isso, não é só a parte física, mas eu acho que, quando é aberto e a pessoa ela entra dentro da gira, porque isso acontece quando as são as festas de Cosme, por exemplo, aonde está mais aberta, onde o consulente pode entrar mesmo nas giras, sentar ali e estar ali, eu acho que fortalece o convívio, né? E isso pode, pode fazer com que ele frequente mais, digamos assim. Agora, a parte da do corpo ali, dos irmãos e do pai de Santo. Sim, eu acho que também dá para fortalecer, porque envolve um grande entrega antes desses ritos, né. De fato, as pessoas precisam se movimentar, se organizar, precisa ter uma liderança, que são são os pais, as madrinhas, né, para que tudo ocorra.

Entrevistador

E normalmente a comunidade, a vizinhança do do terreiro, eles frequentam?

Entrevistado

Olha, depende do lugar, é, né, depende do lugar. Nesse último lugar que eu disse, ele é bem distante. Na verdade, ele não é no pé da Serra, então ele não tem um, não tem os vizinhos, né. Mas em outros terreiros aonde eu fui, que eram casa mesmo, eu percebia que a comunidade fazia parte, sim. Principalmente nas festas, porque o portão ficava aberto, né, e isso era muito divulgado ali por um período e as pessoas se sentiam parte mesmo.

Entrevistador

Legal. E como que as pessoas costumam ficar sabendo? Boca a boca, internet, pelo menos os que você, os que você frequentou e os que você foi conhecer.

Entrevistado

É, eu me senti velha agora, porque na verdade eu já vi, eu já vi tudo, né? Hoje eu vejo que tem mais uma movimentação da internet, né? Então, hoje eles fazem post, fazem vídeos, chamam mesmo, é... isso eles conseguem até atingir um público maior, né, até de longe. Mas lá na comunidade é o boca-a boca, né, é o movimento para que aquele evento ocorra, né? Então tem todas as preparações. Inclusive, teve até um que chegou a colocar uma faixa na porta do terreiro dizendo, tal dia venha prestigiar os Eres. Enfim, então é... eu vejo, principalmente quando são os eres.

Entrevistador

Sim, Cosme Damião, todo mundo conhece e vai, né?

Entrevistado

É. E tinha também uma procissão. Agora que eu lembrei. Tinha uma procissão em um dos terreiros que eu, que eu ia que o pai de Santo fazia uma procissão para para o Oxóssi, em dia de São Sebastião porque a, o padroeiro da cidade era era era o Santo. Então ele fazia. Ele fazia a procissão com os filhos, com os médiuns na na comunidade, e os vizinhos saiam na porta, saiam na janela para ver a procissão passar.

Entrevistador

Legal. E qual é a reação das pessoas quando você fala que você frequenta umbanda? Ou você não fala que frequentava umbanda?

Entrevistado

Aí, olha, eu... tem tem de tudo. Tem de tudo e também eu, é... Já passei por várias situações. Quando eu estava ali no início mesmo é... acho que por medo, né, do julgamento do preconceito. O meu pai já falava que não há, que não era necessário que eu falasse, né? Então eu ficava bem, assim, não falava, digamos assim. E eu

também não usava nenhum, nenhuma guia na época, né, nada, então não tinha como me identificar. Mas aí depois eu cheguei num grande questionamento, que assim. Por quê? Por que não falar? Né. O que estava tão de errado assim que eu não poderia falar? Não que estava contra os ensinamentos do meu pai. Não era isso, mas assim, o porquê, eu hoje eu entendo, né, mais madura eu entendo, na verdade que ele estava querendo me proteger, né? Mas hoje depende da onde eu estou, né. É... hoje eu uso a minha guia, a minha guia de batismo, que ela tá até aqui, ó. Essa é a única linha que eu uso. E eu uso o meu contra-egum nos 2 braços, mas dependendo da onde eu estou, eu coloco ele nos pés, nos tornozelos. Aí você fala assim para mim, mas porquê? Por conta do preconceito mesmo. Então, assim, depende da do posicionamento. Qual é o posicionamento daquele lugar? Por exemplo, eu trabalho online, né. Eu sou tutora de uma faculdade e eu fico online, então ali, aqui, online, eu posso estar com os meus acessórios e isso não vai interferir em nada. Agora, na outra, na outra instituição aonde eu sou professora de sala e de laboratório, aí não tem jeito. Eu não posso deixar tão aparente, entende? Porque isso pode gerar conflitos dentro da minha, da minha conduta. As pessoas podem, é... duvidar, digamos assim, da minha capacidade como profissional por conta da minha religião. Então, para não passar por isso, eu já, assim, eu continuo usando a minha guia, mas eu sempre estou de jaleco branco lá, né, então é bem fechado, não aparece. O meu contra-egum, se eu tenho que ser, assim, se eu tenho certeza que eu não vou tirar a, o jaleco enquanto eu tiver com as alunas, ele está no braço. Se eu acho que por algum momento eu vou tirar, por exemplo né, para ficar mais fácil, eu sou professora de estética e Cosmetologia, então, nas terapias manuais, muitas vezes eu preciso demonstrar para elas. E com mais habilidade, eu devo tirar, então esse jaleco para eu ficar mais a vontade de fazer os movimentos. Então assim, eu já sei que eu vou tirar o jaleco que eu vou ficar mais exposta. Então aí eu coloco nos 2 tornozelos. E basicamente, é isso. É para evitar conflitos, porque porque se eu for confrontada, eu saio fora da casinha. Então, já para não passar por isso, né? Porque é, é, é de novo o, a personalidade, a personalidade é bem forte aqui, né. Então, eu já evito esse tipo de conflito. Mas eu já passei, é por, por preconceitos bem severos. Enquanto eu estava é mais nova, né? Eu trabalhei numa clínica de estética aonde a líder é uma vez queria colocar a mão na minha guia. Ou então me disse, você não pode usar e queria colocar a mão no meu contra-egum, né? O meu problema não é o fato de colocar a mão na guia nem no contra-egum, enfim, não é não é isso. Não ia bagunçar a minha energia, nada

disso. Mas assim é a invasão. É o colocar a mão sem sem a permissão. E eu já passei por várias situações onde ela disse olha, não é para você utilizar isso aqui dentro. Eu falei, você devia ter perguntado na entrevista. E ponto.

Entrevistador

Bom e durante a pandemia, eu não sei se você estava frequentando ou não os terceiros, mas você acha que teve algum impacto?

Entrevistado

Um... Foi muito difícil, eu não estava frequentando, é... de corpo presente, até mesmo porque é... eu estava na busca, né, pelo por um lugar, pelo aquele lugar aberto, né? E... curiosamente, agora eu lembrei que na verdade, eu vi esse, é... eu vi essa foto do meu amigo e eu fiquei na expectativa de voltar as giras presenciais. A não, não estou, estou confundindo, espera aí. Eu já tinha ido, e aí entrou a pandemia e eu queria retornar no terreno e aí eu procurei, é... fortalecer mesmo, sobre os ensinamentos que eu já tinha tido, então, continuei com as a... os banhos, as velas, enfim, mas eu sentia que não era suficiente, né? Aí teve as *lives*, né?

Entrevistador

Sim, tiveram muitas, né?

Entrevistado

É, mas aí eu, aí eu virei passeando nas coisas, né? Então assim, eu não ficava só no que eu tinha conhecido, como, digamos assim, eu não estava de corpo presente, eu me senti à vontade pra, pra poder acompanhar e as *lives* do Brasil, né? Então eu conheci muito terreiro de fora, sabe? Assim, por exemplo, do sul, do nordeste, né, e assim, eram coisas que eu jamais tinha pensado. Então assim, a pandemia assim, ela limitou um pouco. Foi bem difícil. Mas é, também abriu oportunidades, oportunidades para você conhecer o novo, para você conhecer o diferente, então foi bem legal, foi difícil, mas foi legal.

Entrevistador

E o que você viu de diferente nesses terreiros, nesses, nesses passeios online?

Entrevistado

É, eu vi muitas cantigas diferentes daqui eu, daqui eu já estava acostumada, assim diferentes, digamos assim, nem sei se é o termo correto, adaptadas. Então assim, no terreiro, eu conhecia um ponto e ele cantava de uma forma. E aí, no outro terreiro você entendia que era o mesmo ponto, mas ele era cantado de outra forma. Ou seja, ele foi adaptado. Alguém adaptou. Então assim, mas isso aconteceu também é de um terreiro para o outro, é. Não sei, é... enfim, e aí você fica naquela e agora eu canto, eu canto como como eu aprendi ou eu canto agora como está sendo, né? Então, mas é, foi o que eu vi de diferente.

Entrevistador

Legal. Tem alguma outra coisa que você acha muito importante falar sobre umbanda? Sobre sua vivência, sua percepção da umbanda?

Entrevistado

Ai, nossa eu... Quando eu falo na umbanda, eu não, eu não consigo nem, nem me expressar direito, porque na verdade ali realmente é um amor, sabe? É o amor sentido. Você realmente consegue é sentir todo o acalanto quando você é... frequenta ou quando você vai ali só para uma visitaçã, sabe? As pessoas, elas é estão ali por outras. Elas estão por elas, porque elas estão ali para desenvolver espiritualmente, enfim, tal. Mas quando os guias chegam é, é muito mais sobre o outro. É muito mais sobre aquele que vem buscar ajuda do que você mesmo. Muitos, muitos médiuns, eles é precisam de ajuda e eles se colocam em segundo plano. Porque quando o guia chega, ele está muito mais preocupado com aquele consulente. Sabe, então é muito mais sobre o outro do que sobre você mesmo. E...aí eu acho importante. É... Essa postura é... profissional que eu disse. Sabe? Eu acho que é legal você falar sobre o, sobre a sua, a sua crença, sobre o que você acredita, sobre a sua raiz. Eu acho importante levantar essa bandeira e explicar. Mas, tem que tomar um certo cuidado pelo pelo outro, sabe? Assim, como que as pessoas vão, vão demonstrar isso. E como que elas vão vão é... vão lidar com você depois que você falar que você é umbandista, que você frequenta um terreiro, entendeu? Então, assim, sim, hoje eu tenho 33 anos. Então, ontem eu tive na casa de um conhecido e a filha deles, que tem 18, tá começando agora, né? E aí ela está numa outra linha, e aí, lá nessa, nesse lugar onde ela foi falaram que ela deveria procurar umbanda. Curiosamente, eu fui lá ontem, por

acaso [risos] E aí eu disse a ela, falei, olha, é, se você quiser, eu te levo, né eu levo para você conhecer. Enfatizei para ela o quanto é importante ela ir com uma pessoa de confiança, uma pessoa que ela que ela conhece, porque esse foi ensinamento do meu pai. E... e eu vi que ela ficou bem satisfeita, né, com o convite. Então, é... Eu acho que ali, eu, eu me vi antes né, entendeu? Eu me vi alguns anos atrás. Deve ser por isso também que eu de prontidão eu já quis abraçá-la, né? Então, assim, não tive a oportunidade de dizer a isso a ela, mas o que eualaria para ela, né, eualaria exatamente isso: É legal você levantar essa bandeira e você contar para as pessoas aonde você está e o que você está fazendo. Porém, é... existe muito, existe lugar certo para isso. Então, dependendo d'aonde você está, não há necessidade. Você pode ser um pouco mais discreto.